



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGEL**

FRANCISCO HERBERT DA SILVA

**O JORNAL “O DIA” E OS DISCURSOS SOBRE A SAÚDE MENTAL NO PIAUÍ:
O PROTAGONISMO DO SANATÓRIO MEDUNA**

**TERESINA - PI
2025**

FRANCISCO HERBERT DA SILVA

O JORNAL “O DIA” E OS DISCURSOS SOBRE A SAÚDE MENTAL NO PIAUÍ:
O PROTAGONISMO DO SANATÓRIO MEDUNA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPGEL), área de concentração em Linguística, da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como requisito para a obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Linguística

Linha de pesquisa: Texto, discurso e gêneros como práticas sociais

Orientador: Prof. Dr. João Benvindo de Moura

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco
Divisão de Representação da Informação

S586j

Silva, Francisco Herbert da.

O jornal “O Dia” e os discursos sobre a saúde mental no Piauí : o protagonismo do sanatório meduna / Francisco Herbert da Silva. – 2025.

240 f.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Letras, Teresina, 2025.

“Orientador: Prof. Dr. João Benvindo de Moura”

1. Análise do discurso. 2. Semiologia. 3. Saúde Mental - Piauí. 4. Sanatório Meduna. 5. Linguística. I. Moura, João Benvindo de. II. Título.

CDD 401.41

FRANCISCO HERBERT DA SILVA

O JORNAL “O DIA” E OS DISCURSOS SOBRE A SAÚDE MENTAL NO PIAUÍ:
O PROTAGONISMO DO SANATÓRIO MEDUNA

Tese aprovada em: 12/05/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. João Benvindo de Moura (UFPI)
(Orientador/Presidente)

Profa. Dra. Maraisa Lopes (UFPI)
(Membro interno)

Prof. Dr. José Ribamar Lopes Batista Júnior (UFPI)
(Membro interno)

Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio (UFV)
(Membro externo)

Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo (UFAL)
(Membro externo)

Aos meus pais, meus amores, porque desde cedo me
incentivaram a estudar, acreditando, assim, no meu
crescimento profissional.

Aos meus irmãos, que sempre estiverem
acompanhando minha jornada.

Aos meus avós maternos (*in memoriam*), que sempre
sonharam com a minha formação.

À minha Tia Chiquinha (*in memoriam*), que sempre
sonhou e torceu pelo meu crescimento acadêmico.

A todos que sonharam juntos comigo, possibilitando
esse sonho se tornar realidade.

Muito obrigado!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da existência, por poder concluir mais uma etapa e por todas as bençãos que me foram e são concedidas.

Ao Prof. João Benvindo de Moura, meu orientador, pela sabedoria, compreensão e dedicação dispensadas ao meu trabalho. Agradeço a oportunidade de me colocar nas tramas da Análise Semiolinguística do Discurso, Argumentação e Retórica.

Aos professores avaliadores que sempre estiveram à disposição para contribuir com o meu trabalho, Profa. Dra. Maraisa Lopes, Prof. Dr. José Ribamar Lopes Batista Júnior, Prof. Dr. Deywid Wagner de Melo e Profa. Dra. Mariana Ramalho Procópio, muito obrigado pelos encaminhamentos enriquecedores.

À Universidade Federal do Piauí (UFPI) e ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGEL), por abrirem as portas para minha pesquisa de doutorado na área de Letras (Linguística).

À minha família, principalmente, aos meus pais, Antônia e José, pelo incentivo e apoio incondicional, ou seja, minha fonte de inspiração e perseverança.

Aos meus irmãos, Clenilton e Keliane, que sempre estiveram me apoiando em todos os sentidos.

Aos meus amigos, verdadeiros irmãos que consegui aqui em Teresina.

À minha amiga, Profa. Dra. Bárbara Olímpia Ramos de Melo, pela amizade, ajuda e apoio constante.

À minha amiga, Profa. Dra. Algemira de Macêdo Mendes, uma pessoa que me ajudou a continuar estudando, oferecendo uma bolsa de CNPq, em 2015, e hoje, estou aqui concluindo doutorado.

Ao meu amigo, Max Silva, pela irmandade, apoio e incentivo durante a pesquisa.

Aos meus amigos, Wêsley e Rita de Cássia, pela irmandade, sempre muito presentes durante a escrita da tese e se colocando à disposição para o que fosse preciso.

A todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para que este sonho se tornasse realidade. Meus sinceros agradecimentos e gratidão.

A sabedoria consiste em se fazer guiar pela razão, e a Loucura, em seguir a mobilidade das paixões. Para que a vida dos homens não fosse totalmente triste e enfadonha, Júpiter deu-lhes muito mais paixões do que razão.
(Erasmus de Rotterdam)

RESUMO

Esta tese tem como enfoque uma investigação sobre os discursos e os argumentos empreendidos pelo jornal “O Dia” ao informar e argumentar acerca de acontecimentos relacionados ao Sanatório Meduna. Assim, seguimos os pressupostos epistemológicos e metodológicos da Análise do Discurso Semiolinguística, apoiados pelos estudos no campo da Retórica e da Argumentação. Nosso objetivo é analisar a construção discursiva acerca da saúde mental no Piauí a partir de publicações do jornal *O Dia* sobre as quais se destacou o protagonismo do sanatório Meduna, a mais importante instituição manicomial do estado do Piauí, sediada em Teresina, que funcionou durante meio século (1954-2010). Para o estudo das circunstâncias de discurso, do ato de linguagem, do contrato de comunicação midiático e dos imaginários sociodiscursivos, a pesquisa tem como base a Teoria Semiolinguística, por intermédio das contribuições de Charaudeau (1995; 1996; 2001; 2005, 2016) e Moura (2010; 2015; 2020). Na perspectiva da Retórica e da Argumentação, o estudo segue as conjecturas epistemológicas de Aristóteles (2015, 2021); Meyer (2007; 2021); Ferreira (2021); Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), Figueiredo (2020) e Amossy (2017; 2018; 2019), entre outros. Trata-se de uma pesquisa documental quanto aos procedimentos técnicos, qualitativa em relação à abordagem do fenômeno investigado e descritiva-explicativa quanto aos objetivos. Dentre os resultados desta pesquisa, destacamos que os oradores dos textos analisados recorreram a argumentos racionais a fim de comprovar suas asserções, principalmente, por meio dos argumentos de autoridade, ilustração, comparação, definição e probabilidade. Além do mais, identificamos imagens projetadas pelo jornal, a exemplos do *ethos* institucional e do *ethos* de solidariedade. Os resultados também apontam que o jornal *O Dia* se utilizou de diversos recursos passionais, que se encontram no fio do discurso, com a tentativa de despertar as paixões e, assim, comover e mover os ânimos do auditório (leitor do jornal) quanto aos fatos noticiados. As tópicas mais recorrentes nos textos analisados foram: o temor (medo), a indignação, a tristeza, o ódio, a angústia, o amor e a compaixão (piedade). Por fim, apontamos como principal resultado desta tese a proposta de adaptação do quadro de representação do ato de linguagem de Charaudeau (2016) com a inclusão do esquema da Trajetória das paixões de Figueiredo (2020). Tal proposição é fruto dos resultados obtidos ao longo das análises considerando as categorias engendradas nesta pesquisa e que se encontram no arcabouço teórico da Semiolinguística, Retórica e Argumentação.

Palavras-chave: discurso; Semiolinguística; jornal O Dia; saúde mental; sanatório Meduna.

ABSTRACT

This doctoral thesis focuses on an investigation of the discourses and arguments employed by the newspaper *O Dia* in reporting and discussing events related to the Meduna Sanatorium. Thus, we follow the epistemological and methodological assumptions of Semiolinguistic Discourse Analysis, supported by studies in the fields of Rhetoric and Argumentation. Our objective is to analyze the discursive construction of mental health in Piauí based on publications from *O Dia* that highlighted the prominence of the Meduna Sanatorium, the most important psychiatric institution in the state of Piauí, located in Teresina, which operated for half of a century (1954-2010). To study the circumstances of discourse, the speech act, the media communication contract, and socio-discursive imaginaries, the research was grounded in Semiolinguistic Theory, through the contributions of Charaudeau (1995; 1996; 2001; 2005; 2016) and Moura (2010; 2015; 2020). From the perspective of Rhetoric and Argumentation, the study follows the epistemological conjectures of Aristotle (2015, 2021); Meyer (2007; 2021); Ferreira (2021); Perelman and Olbrechts-Tyteca (2014); Figueiredo (2020); and Amossy (2017; 2018; 2019), among others. In terms of technical procedures, this is documentary research; regarding the approach to the investigated phenomenon, it is qualitative; and concerning its objectives, it is descriptive-explanatory. Among the results of this research, we highlight that the speakers in the analyzed texts resorted to rational arguments to substantiate their assertions, primarily through arguments of authority, illustration, comparison, definition, and probability. Furthermore, we identified images projected by the newspaper, such as the institutional *ethos* and the *ethos* of solidarity. The results also indicate that *O Dia* employed various emotional strategies, which it is found in the end of the discourse, in an attempt to evoke passions and thus move and stir the audience (the newspaper's readers) regarding the reported events. The most recurring emotional themes in the analyzed texts were fear, indignation, sadness, hatred, anguish, love, and compassion (pity). Finally, we present as the main outcome of this thesis a proposed adaptation of Charaudeau's (2016) framework for representing the speech act, incorporating Figueiredo's (2020) schema of the trajectory of passions. This proposition stems from the results obtained throughout the analyses, considering the categories developed in this research, which are grounded in the theoretical framework of Semiolinguistics, Rhetoric, and Argumentation.

Keywords: discourse; Semiolinguistics; *O Dia* newspaper; mental health; Meduna sanatorium.

RESUMEN

Esta tesis tiene como enfoque una investigación sobre los discursos y argumentos emprendidos por el periódico “O Dia” al informar y argumentar acerca de los acontecimientos relacionados con el Sanatorio Meduna. De esta forma, seguimos los presupuestos epistemológicos y metodológicos del Análisis del Discurso Semiolingüístico, apoyados en estudios en el campo de la Retórica y la Argumentación. Nuestro objetivo es analizar la construcción discursiva sobre la salud mental en Piauí a partir de publicaciones en el periódico “O Dia”, que destacaron el papel del sanatorio Meduna, la institución mental más importante del estado de Piauí, con sede en Teresina, que funcionó durante medio siglo (1954-2010). Para el estudio de las circunstancias del discurso, del acto de lenguaje, del contrato de comunicación mediática y de los imaginarios sociodiscursivos, la investigación se basó en la Teoría Semiolingüística, a través de los aportes de Charaudeau (1995; 1996; 2001; 2005, 2016) y Moura (2010; 2015; 2020). Desde la perspectiva de la Retórica y la Argumentación, el estudio sigue las conjeturas epistemológicas de Aristóteles (2015, 2021); Meyer (2007; 2021); Ferreira (2021); Perelman y Olbrechts-Tyteca (2014), Figueiredo (2020) y Amossy (2017; 2018; 2019), entre otros. Se trata de una investigación documental en cuanto a procedimientos técnicos, cualitativa en relación al abordaje del fenómeno investigado y descriptivo-explicativa en cuanto a los objetivos. Entre los resultados de esta investigación, destacamos que los oradores de los textos analizados recurrieron a argumentos racionales para comprobar sus aserciones, principalmente a través de argumentos de autoridad, ilustración, comparación, definición y probabilidad. Además, identificamos imágenes proyectadas por el periódico, como el *ethos* institucional y el *ethos* de la solidaridad. Los resultados indican también que el periódico “O Dia” se utilizó de diversos recursos pasionales, que se encuentran en el hilo del discurso, en el intento de despertar pasiones y, así, conmover y mover los ánimos del auditorio (lector del periódico) respecto a los hechos relatados. Los temas más recurrentes en los textos analizados fueron: el temor, la indignación, la tristeza, el odio, la angustia, el amor y la compasión (piedad). Finalmente, señalamos como principal resultado de esta tesis la propuesta de adaptar el marco de representación del acto de lenguaje de Charaudeau (2016) con la inclusión del esquema de la trayectoria de las pasiones de Figueiredo (2020). Esta proposición es el fruto de los resultados obtenidos a lo largo de los análisis considerando las categorías generadas en esta investigación y que se encuentran en el marco teórico de la Semiolingüística, la Retórica y la Argumentación.

Palabras clave: discurso; Semiolingüística; periódico O Dia; salud mental; sanatorio Meduna.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Representação do ato de linguagem.....	32
Figura 02 – A Trajetória das paixões	79
Figura 03 – A Trajetória das paixões ampliada	82
Figura 04 – Sanatório Meduna, em Teresina, em imagem de 1954.....	123
Figura 05 – Uma vista de parte do espaço do sanatório Meduna, em Teresina-PI.....	124
Figura 06 – Crônica sobre a inauguração do Sanatório Meduna, 09 de maio de 1954, Jornal <i>O Dia</i>	127
Figura 07 – <i>O Dia</i> , 21 de abril de 1979.....	136
Figura 08 – Representação do ato de linguagem conforme análise da crônica e do editorial	143
Figura 09 – O procedimento de semiotização do mundo e os quatro processos de tomada de palavra.....	144
Figura 10 – <i>O Dia</i> , 23 de junho de 1981.....	147
Figura 11 – <i>O Dia</i> , página 09, 23 de junho de 1981.....	153
Figura 12 – <i>O Dia</i> , página justiça/segurança, em 17 de junho de 1994.....	159
Figura 13 – <i>O Dia</i> , página Geral, em 23 de maio de 2010.....	165
Figura 14 – Trecho editorial “Meduna”, <i>O Dia</i> , 21 de abril de 1979.....	171
Figura 15 – Artigo de opinião, <i>O Dia</i> , 18 de abril de 1954.....	177
Figura 16 – Trecho do artigo de opinião.....	179
Figura 17 – Trecho do artigo de opinião.....	180
Figura 18 – Notícia, <i>O Dia</i> , 14 de agosto de 1992.....	186
Figura 19 – Notícia, <i>O Dia</i> , 18/19 de junho de 1981, p.01.....	190
Figura 20 - Notícia, <i>O Dia</i> , 15 de agosto de 1992, capa, p.08.....	197
Figura 21 – Representação do ato de linguagem e a “visada transitória das paixões”	203
Figura 22 – <i>O Dia</i> , 3 de agosto de 1976.....	204
Figura 23 – Notícia, <i>O Dia</i> , 14 de agosto de 1992.....	206
Figura 24 – Trecho da reportagem “Médico agride mulher no Meduna”	210

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: As 14 paixões de Aristóteles e suas definições.....	76
Quadro 02: Delimitação do <i>corpus</i> da pesquisa.....	115

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DO DISCURSO.....	23
1.1 O ato de linguagem e as circunstâncias de discurso.....	29
1.2 O contrato de comunicação midiático	39
1.3 Os imaginários sociodiscursivos	51
2 ARGUMENTAÇÃO COMO CONSTITUTIVA DO DISCURSO.....	55
2. 1 Uma Análise Argumentativa do Discurso.....	55
2. 2 As provas retóricas na visão aristotélica	60
2.2.1 <i>Logos</i> : o uso da razão	65
2.2.2 <i>Ethos</i> : a construção da imagem de si.....	69
2.2.3 <i>Pathos</i> e “a Trajetória das paixões”: classificações e definições	75
3 OS DISCURSOS SOBRE A LOUCURA.....	87
3.1 A Loucura e a Reforma Psiquiátrica no Brasil e no Piauí.....	92
3.2 O Processo de higienização social: o que nos diz a Sociologia Urbana?	108
4 ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	111
4.1 Tipo de pesquisa.....	111
4.2 Quanto à abordagem e aos objetivos da pesquisa	112
4.3 Fonte e procedimento de constituição do <i>corpus</i>	113
4.4 Procedimento de análise do <i>corpus</i>	116
5 O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE O SANATÓRIO MEDUNA À LUZ DA TEORIA SEMIOLINGÜÍSTICA.....	120
5.1 Atos de linguagem em movimento: as circunstâncias de discurso em matérias jornalísticas	120
5.2 O Discurso Midiático: estratégias e restrições ao informar e argumentar.....	145
5.2.1 A credibilidade e a captação no âmago da finalidade comunicativa.....	151
6 A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE O SANATÓRIO MEDUNA	157
6.1 <i>Logos</i> : estratégias argumentativas no discurso da mídia impressa	157
6.2 As armadilhas do <i>ethos</i> ao informar e argumentar.....	169
6.3 A retórica da sedução: entre informar e persuadir	184
6.3.1 Da <i>Trajetória das paixões</i> a uma <i>visada transitória das paixões</i> : adaptação e aplicabilidade analítica	199
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	217
ANEXOS.....	230

INTRODUÇÃO

Os discursos sobre a saúde mental ocupam um espaço considerável na sociedade desde tempos remotos. O filósofo e teólogo holandês Erasmo de Roterdã, em 1511, em seu “Elogio da loucura”, de forma satírica, apresentou a Loucura como uma personagem, entidade viva que elogia a si mesma, demonstrando-se imperatriz da humanidade ou “mola oculta da vida”, já que ninguém lhe escapa. Já o filósofo francês Michel Foucault, um dos mais influentes do século XX, publicou em 1961 a sua “História da loucura”. Nessa obra clássica, o filósofo conduz uma reflexão em torno do que ele designou de “estrutura de exclusão” do fenômeno da loucura. Essa exclusão iniciou, segundo ele, na Idade Média, com o esvaziamento dos leprosários, uma vez que os lugares que os abrigavam, eram tidos como obscuros e de segregação. Desse modo, chama-se atenção também, nessa obra, para o fato de que a loucura foi vista por ele como uma construção social, sobretudo, porque aqueles que fogem da razão, são inseridos numa dimensão da desrazão, ou seja, socialmente construiu-se um perfil de homem com sanidade, visto que essa sanidade é resultante da ordem, da hierarquia e da supremacia organizativa da consciência individual, algo que subverte quando se trata da loucura/desrazão.

As discussões, estudos e pesquisas sobre essa temática, portanto, encontram reflexo na literatura, no cinema, nas artes plásticas, na economia, na mídia e em vários outros setores da sociedade. Importa-nos, neste trabalho, analisar a construção discursiva acerca da saúde mental no Piauí a partir de publicações do jornal *O Dia* sobre as quais se destacou o protagonismo do sanatório Meduna, o mais conhecido na sociedade piauiense.

Nosso trabalho se vincula aos postulados da Análise do Discurso (AD), mais especificamente, à chamada Análise do Discurso Semiolinguística, de Patrick Charaudeau que, associada a outros pressupostos teóricos de filósofos como Aristóteles e de pesquisadores modernos como Ferreira (2021), Figueiredo (2020), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) e Amossy (2017; 2018), nos permitiu enveredar por uma análise retórico-argumentativa do discurso.

Além disso, buscamos compreender, através dos discursos produzidos pelo jornal *O Dia*, os fatos e as opiniões que foram mobilizados em publicações sobre o sanatório Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos, seu idealizador, visto que esse jornal ao enunciar sobre essa instituição e/ou sobre o psiquiatra, torna possível depreender que tal instituição se diferencia de outras, a exemplo do *Asilo de Alienados* (atual Hospital Areolino de Abreu), na década de 1940, no que tange aos métodos adotados no tratamento psiquiátrico da época, assim como o médico Clidenor de Freitas Santos é apresentado nos textos de opinião desse jornal

como aquele que revolucionou a psiquiatria do estado do Piauí, com a inserção de novos métodos e práticas humanizadoras no tratamento psiquiátrico. No entanto, evidenciamos também no escopo de publicação do jornal *O Dia*, notícias e reportagens que tiveram como finalidade denunciar irregularidades ocorridas dentro dessa instituição. Identificamos, ainda, nas publicações desse jornal, discursos antagônicos que se encontram situados em contextos específicos de enunciação desse meio de comunicação.

Com base nessas constatações, esse trabalho se justifica pela necessidade de uma melhor compreensão da materialidade discursiva presente em notícias e reportagens impressas publicadas pela mídia piauiense relacionadas ao sanatório Meduna e, além disso, pretendemos entender como os jornais trataram os acontecimentos referentes a essa instituição. Nesse contexto, partimos do objetivo geral que é analisar a construção discursiva acerca da saúde mental no Piauí a partir de publicações do jornal *O Dia* sobre as quais se destacou o protagonismo do sanatório Meduna. Para cumprir tal desiderato, apresentamos os objetivos específicos:

- i. Compreender as notícias como atos de linguagem situados em circunstâncias discursivas próprias que possibilitam a apreensão do sanatório Meduna como uma referência para o sistema manicomial do estado do Piauí;
- ii. Descrever o contrato de informação midiático existente entre a mídia e a sociedade piauiense, identificando as restrições e as estratégias, bem como, as identidades, os propósitos, as intencionalidades e as circunstâncias materiais através das quais os discursos são produzidos;
- iii. Verificar a classificação dos saberes nos quais se assentam os imaginários sociodiscursivos mobilizados nos textos jornalísticos;
- iv. Desvelar o fenômeno da patemização, enquanto estratégia discursiva, na construção da finalidade comunicativa do jornal *O Dia* no que tange à credibilidade (informar) e à captação (afetar pela emoção).

Considerando tais objetivos, propomos uma investigação cuja base teórica está ancorada nos pressupostos da Análise Semiolinguística do Discurso, além dos postulados adotados pela Retórica Clássica e Moderna e pela Argumentação. Enfatizamos que a Retórica e a Argumentação contribuirão para o entendimento de categorias e de conceitos assumidos pela Semiolinguística em sua construção teórico-metodológica, a exemplo do ato de linguagem e de seus princípios, de forma mais específica, o princípio de influência. Ou seja, para se compreender esse princípio, na Teoria Semiolinguística, Patrick Charaudeau recorreu aos pressupostos teóricos relativos ao *ethos*, *pathos* e *logos*. Esse arcabouço teórico será de suma

importância para se compreender a construção da significação de textos produzidos pelo jornal *O Dia* acerca do sanatório Meduna. A seguir, apresentamos as conjecturas epistemológicas de autores, tais como: Charaudeau (1995;1996; 2001; 2005; 2007; 2010a; 2010b) e Moura (2010; 2015; 2020), entre outras pesquisas, que tiveram como ênfase as seguintes categorias: ato de linguagem, circunstâncias de discurso, contrato de comunicação midiático, imaginários sociodiscursivos e visada patêmica. Desse modo, compreendemos, com base nos postulados da Semiologia, que uma determinada maternidade discursiva se dispõe em dois componentes: *o linguístico* e *o situacional*.

Já em Aristóteles (2015; 2021), encontramos os estudos que versaram sobre as provas retóricas e sobre o sistema retórico de comunicação. Como forma de compreender melhor essa abordagem de estudo, recorremos a pesquisa de Ferreira (2021), Meyer (2007; 2021) e Figueiredo (2020). No âmbito da Argumentação, ancoramos nossa reflexão nos seguintes pesquisadores: Perelman (2004) e Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014) e Amossy (2017; 2018; 2019), dentre outros.

Nesse contexto, a escolha em pesquisar textos produzidos pelo jornal *O Dia* referentes ao sanatório Meduna se deu porque ele foi considerado referência no tratamento de pessoas com transtornos mentais no Estado do Piauí, tendo servido, também, a outros interesses públicos, como: a reclusão de pessoas em situação de rua (pobres, mendigos, andarilhos etc.).

Apesar de o hospital ter sido fechado, entendemos ser necessário investigar os discursos midiáticos produzidos sobre a saúde mental piauiense, considerando a possibilidade de que houve o processo de higienização social da cidade de Teresina mediado pelo sanatório Meduna, ao abrigar pessoas em situações de vulnerabilidade. Ademais, essa pesquisa teve como *locus* de constituição do *corpus*, o Arquivo Público do Estado Piauí e o arquivo do Jornal *O Dia*.

Essa escolha se justifica porque o primeiro órgão tem arquivados e escaneados textos de jornais que serviram de base para extrairmos as informações referentes à proposta. Já o jornal *O Dia* porque é um dos jornais mais antigos do Piauí e possui um arsenal de informações arquivadas através de textos jornalísticos relacionados à história do referido estado.

Apresentamos, inicialmente, como motivação central para esta pesquisa, as experiências que nos motivaram a desenvolver tal temática, dentre elas, a situação de uma parente próxima, atendida no sanatório Meduna e no Hospital Areolino de Abreu, cujos relatos apontavam agressões e maus tratos sofridos nessas instituições manicomiais, causando indignação à família. Tais acontecimentos nos motivaram a compreender melhor como se dava o tratamento dispensado aos pacientes com transtornos mentais no estado do Piauí. Numa pesquisa que

envereda pelo campo da linguagem, buscamos, portanto, investigar os discursos da mídia, dos pacientes e de outros atores sociais envolvidos com esta causa.

Como motivação acadêmica, destacamos dentre outros fatores de estímulo para se pesquisar os discursos midiáticos empreendidos sobre a saúde mental no Piauí e veiculados pela mídia local, com ênfase no protagonismo do sanatório Meduna, uma reportagem produzida e apresentada pela TV *Clube* – Piauí (afiliada na Rede Globo), em 28/10/2021, acerca da reforma da capela¹ do antigo sanatório Meduna. Na ocasião, a reportagem mencionou a pesquisa, em nível de mestrado, da jornalista Camila Fortes, defendida em 2020, que investigou matérias do jornal *O Dia* (Franklin, 2020).

Na época, a pesquisa da jornalista deixou em evidência que o sanatório Meduna atendeu não somente pessoas com transtornos mentais, mas também pessoas que causavam incômodo à sociedade ou à família. Assim, consideramos necessário observar e compreender os discursos mobilizados pela mídia piauiense sobre o Meduna. Ou seja, muitos dos pacientes internados nessa instituição, com sanidade mental, foram designados como loucos² e submetidos a tratamentos psiquiátricos. Isso nos remete a Machado (2021, p. 25), na escrita da introdução do livro *Microfísica do Poder*, de Michel Foucault, ao afirmar que “é o hospício que produz o louco como doente mental, personagem individualizado a partir da instauração de relações disciplinares de poder”. Em outras palavras, vários foram os indivíduos que passaram pelo sanatório Meduna e que foram classificados como loucos, mesmo com sanidade mental.

Quanto à proposta da pesquisa, até o momento, não encontramos outras investigações relacionadas especificamente à análise de discursos sobre o sanatório Meduna à luz da Semiologia. As investigações sobre as quais tomamos conhecimento na elaboração dessa pesquisa apontam para discussões em outras áreas do conhecimento, tais como: a Psiquiatria, a Comunicação Social, a História, dentre outras. Sobre essas pesquisas, passamos a dissertar a seguir.

Partimos do trabalho de Franklin e Rêgo (2018) e Franklin (2020), pois elas buscaram compreender a invisibilidade do louco em notícias publicadas pelo jornal *O Dia*. Essas

¹ De acordo com a reportagem do **G1 Piauí** divulgada em 28/01/2021, a capela foi construída para auxiliar no tratamento dos internos. A capela foi nomeada de “Capela Universitária São Paulo VI”. Fonte: <https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/01/28/capela-do-antigo-sanatorio-meduna-em-teresina-comeca-a-ser-reformada-e-ganha-novo-nome.ghtml>. Acesso em: 07 de janeiro de 2025.

² Ressaltamos que este pesquisador adotou, nesta pesquisa, a expressão “paciente psiquiátrico” conforme orientação do documento “Politicamente correto e direitos humanos” de Queiroz (2004). No entanto, o uso de expressões como “louco”, “loucura”, “alienados”, no decorrer deste texto, constituem-se em escolhas adotadas por outros pesquisadores, as quais recorremos para a construção do aporte teórico e para a análise desta investigação.

pesquisadoras adotaram como recorte temporal somente as notícias publicadas entre 1º de janeiro de 1970 e 31 de dezembro de 2019. As autoras discutiram a invisibilidade do louco em relação à visibilidade do Sanatório Meduna. Além da pesquisa anterior, recorreremos ao trabalho de Franklin e Teixeira (2021), tendo em vista que elas analisaram a “construção da figura do louco no Piauí a partir de matérias publicadas no jornal *O Dia* no período de 1970 a 2019”. A preocupação das autoras foi abordar sobre a loucura em notícias do jornal *O Dia*, destacando, principalmente, a questão da Reforma Psiquiátrica no contexto brasileiro e piauiense. Durante a pesquisa, elas tiveram como apoio teórico a discussão de “formação discursiva”, de Michel Foucault, com o objetivo de identificar as construções simbólicas presentes nos enunciados analisados.

Outros trabalhos, situados em campos de pesquisa distintos, também enfatizaram essa temática, como é o caso de Macedo e Dimenstein (2012), que abordaram a reforma psiquiátrica no Piauí. Em seus estudos, os autores buscaram compreender o processo reformista no contexto nacional e local a partir de um levantamento documental. Desse modo, a pesquisa dos autores tivera como apoio a área da Psicologia e da Psiquiatria.

Além do mais, Santana (2017), em sua tese, pesquisou sobre a importância do *Asilo dos Alienados* para o processo de urbanização e de higienização da cidade de Teresina. A autora defendeu que o Estado mudou de postura em relação àqueles ditos loucos que viviam nos espaços públicos da cidade de Teresina; chegando afirmar que “isso nos faz concluir que tais falas se conjugavam como expressões que vinham ao encontro das demandas de um processo de higienização que era proeminente na capital e que não se distanciava de uma política nacional presente em outras cidades” (Santana, 2017, p. 230). Nessa mesma direção, também defendemos que o sanatório Meduna, possivelmente, exerceu a função junto ao estado do Piauí como uma instituição que contribuiu com o processo higienista da cidade, principalmente, quando se observa, através de textos jornalísticos, que houve a ocorrência de internação de pacientes em tratamento de alcoolismo e de detentos transferidos das penitenciárias para o sanatório Meduna, sendo possível perceber o deslocamento de sujeitos da situação de alcólatra para a situação de detento ou de paciente psiquiátrico.

Por fim, recorreremos à pesquisa de Café (2017) que investigou o processo de higienização social associado à discussão da loucura ancorado na visão de Michel Foucault. Esses enfoques são necessários para se compreender possíveis contribuições do sanatório Meduna em relação às políticas de higienização abordadas em matérias de jornais piauienses. Nesse contexto, a loucura, numa configuração histórica, era vista como algo que manchava moralmente uma família, sendo necessária a reclusão dos pacientes em manicômios, asilos e sanatórios, ou seja, a pessoa com

transtorno mental precisava ser escondida da família, uma vez que era considerada um estigma para a sociedade e alguém com esse perfil poderia prejudicar o casamento dos demais na família, por exemplo.

Feito esse apanhado sobre as investigações anteriores, reiteramos, no entanto, que nossa pesquisa tem como escopo os estudos da linguagem, mais especificamente a Análise do Discurso Semiolinguística. Consideramos, portanto, como lacuna de pesquisa, o fato de que não há ainda investigações que tratem dessa temática a partir da especificidade do sanatório Meduna, com base no instrumental teórico mencionado, e tomando como ponto de partida o campo discursivo midiático. Essa pesquisa pretende, então, analisar a construção discursiva acerca da saúde mental no Piauí a partir de publicações do jornal *O Dia* sobre as quais se destacou o protagonismo do sanatório Meduna.

Nesse contexto, levantamos um questionamento central e que norteou a pesquisa: como a mídia piauiense construiu/reproduziu discursos sobre o sanatório Meduna como uma questão de ordem social e sobre as pessoas por ele afetadas? Nessa mesma direção, apresentamos questões secundárias que orientam o desenvolvimento da pesquisa: Quais as circunstâncias de discurso sobre as quais o jornal *O Dia* se apoiou para discursivizar sobre o sanatório Meduna em situações específicas de comunicação? De que modo o contrato de comunicação midiático se desvela em textos jornalísticos que versaram sobre o sanatório Meduna? Quais imaginários sociodiscursivos foram mobilizados sobre o sanatório Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos? Como o fenômeno da patemização se desvela em notícias e reportagens impressas, como estratégia de persuasão em discursos sobre o sanatório Meduna, considerando a finalidade comunicativa do jornal (informar) e a captação (afetar pela emoção)?

Com base nas perguntas norteadoras da pesquisa, faz-se necessário apresentar duas hipóteses. A primeira hipótese é: as notícias veiculadas no jornal *O Dia* sobre o sanatório Meduna se utilizaram de estratégias discursivas que se constituem como visadas patêmicas, ora para sensibilizar a sociedade sobre o importante papel da instituição psiquiátrica, ora para denunciar os maus tratos sofridos pelos pacientes. Enquanto a segunda hipótese é a de que existiu por parte do Estado, uma tentativa de produzir uma ação higienista, tendo o sanatório Meduna como “depósito” no qual tudo aquilo que não segue um padrão estabelecido como normal, necessitava ser extirpado, revisto e reorganizado para que o espaço urbano não explicitasse as mazelas sociais que o compõe.

Com base nas informações acima, apresentamos na sequência uma contextualização sobre o sanatório Meduna. Sua construção foi realizada a poucos metros da avenida Marechal Castelo Branco e do Rio Poty, com relevo bastante irregular, localizado na região do bairro

Cabral (zona norte de Teresina). Além disso, em meados de 1950, essa região era considerada violenta e, conseqüentemente, sem atrativo para se morar, à exceção de quem já morava no bairro. É importante salientar que sua instalação, na região, não gerou nenhum estímulo para o comércio imobiliário, cujo interesse desse tipo de mercado foi despertado mais ou menos no início de 2000.

Assim, o sanatório Meduna foi inaugurado em 21 de abril de 1954 e encerrou suas atividades em 23 de maio de 2010. O seu fechamento se deu, entre outros motivos, em decorrência da implementação de novas políticas de assistência à saúde mental, fruto de movimentos da Reforma Psiquiátrica, pois esse movimento reivindicava uma assistência aos pacientes Psiquiátricos a partir de uma visão humanizadora no cuidado com a saúde mental.

Ainda a respeito do sanatório Meduna, como era uma empresa privada, assistiu uma parte da população que tinha como pagar ou que possuía algum convênio, a exemplo da previdência da época e do HPAA³. A instituição dispunha de 517 leitos, algo grandioso para a segunda metade do século XX no Piauí. De acordo com a pesquisa de Franklin (2020, p. 55), destaca-se que “embora fosse um hospital particular, em pouco tempo, os 517 leitos já estavam ocupados com os considerados “desviantes”, que eram pessoas em situação de rua, pobres, ociosos, ou seja, pessoas consideradas “impróprias” para o convívio”. Em sua investigação, ela argumenta que durante 56 anos de funcionamento dessa instituição, ocorreram mais de 100 mil internações.

Já Oliveira (2011, p. 38) enfatiza que “são oito pavilhões, com arcos que ele deve ter visto em gravuras de fazendas espanholas, ligados por aleias cobertas, que deságuam em dois pátios arborizados e com bancos e mesinhas em concreto, tendo um coreto ao centro, constituindo um local acolhedor”. Conforme essa descrição, o sanatório Meduna representava um ambiente totalmente diferente daquele encontrado pelo médico no *Asylo de Alienados*, no qual ele se deparou com “[...] cerca de 28 homens e 37 mulheres internados, que se encontravam em situação desumana. Muitos acorrentados em troncos sob a sombra dos cajueiros, em um chão de terra batida[...]

” (Dantas, 2023, p. 73).

Apresentadas essas informações com relação ao delineamento da pesquisa, é considerável enfatizar a estrutura organizacional da tese, que assim se caracteriza:

Na primeira seção, intitulada: “Análise Semiolinguística do Discurso”, são abordados conceitos indispensáveis sobre a área, com base, principalmente, em Charaudeau (1995;1996; 2001; 2005; 2007; 2010a; 2010b) e Moura (2010; 2015; 2020), dentre outros pesquisadores que

³ De acordo com Dantas (2022), HPAA é a sigla referente ao Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu.

foram cruciais para a realização dessa reflexão, sejam para apresentar conceitos e categorias, sejam para apresentar relatos de pesquisas prévias, as quais foram alicerçadas epistemologicamente pela Teoria Semioliúística e voltadas para investigação de gêneros produzidos pela mídia piauiense.

Na segunda seção, nomeada de: “A argumentação como discurso”, apresentamos uma discussão sobre a argumentação, a fim de refletir sobre os processos persuasivos à luz da análise do discurso. Para tanto, abordamos sobre as provas retóricas desde a perspectiva aristotélica até a visão adotada pela Análise Semioliúística do Discurso.

Na terceira seção, designada como: “Os discursos sobre a loucura”, buscamos compreender, através de uma descrição epistemológica, os diferentes olhares dados ao fenômeno da loucura ao longo da história. Para esse fim, relacionamos esse fenômeno a fim de que se pudesse entendê-lo junto ao contexto da Reforma Psiquiátrica no Brasil e no Piauí e, posteriormente, as possíveis contribuições do sistema manicomial para o processo de higienização tomando como base os pressupostos teóricos da Sociologia Urbana.

Na quarta seção, denominada de: “Dos aspectos metodológicos”, buscamos apresentar o tipo de pesquisa adotada nesta investigação, se configurando, assim, como uma pesquisa documental, visto que se trata de um trabalho cujo *corpus* foi coletado no Arquivo Público do Estado Piauí e no Arquivo do Jornal *O Dia*. Descrevemos também a abordagem, os objetivos da pesquisa, a fonte e o procedimento de constituição do *corpus*, assim como o procedimento de análise dos dados.

Na sequência, as seções cinco e seis, foram dedicadas à análise dos dados. Na seção cinco, intitulada: “O discurso midiático sobre o sanatório Meduna à luz da Teoria Semioliúística”, analisamos o *corpus* da pesquisa conforme os conceitos discutidos na primeira seção, com destaque nas seguintes categorias: circunstâncias de discurso, ato de linguagem e contrato de comunicação midiático, esse último com ênfase nas estratégias e nas restrições no que tange à finalidade comunicativa do jornal entre a credibilidade (informar) e a captação (afetar pela emoção) ao noticiar acontecimentos relacionados ao Sanatório Meduna e ao médico Clidenor de Freitas Santos.

Na seção seis, designada como: “A construção da argumentação no discurso midiático sobre o sanatório Meduna”, analisamos as categorias de *logos*, de *ethos* e de *pathos*, visto que consideramos que todo discurso é, acima de tudo, uma construção retórica, pois o orador procura conduzir seu auditório para uma direção específica a partir do momento que lança sua tese e, conseqüentemente, tenta conquistá-lo com estratégias que se encontram no campo racional e das emoções. Nesse empreendimento persuasivo, há um orador simbolizado pelo

ethos, um auditório representado pelo *pathos* e um discurso simbolizado pelo *logos*, ou seja, o uso da palavra em situações específicos de comunicação. No contexto desta pesquisa, voltamos nosso olhar sobre as provas retóricas tomando como base o jornal *O Dia* ao noticiar sobre o Sanatório Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos.

Por último, apresentamos as considerações finais desta pesquisa, lugar de sumarização dos achados da investigação, bem como são retomados e discutidos os resultados principais alcançados no decorrer das análises empreendidas nesta tese. Da mesma forma, apontamos encaminhamentos para pesquisas futuras, cujos encaminhamentos podem apontar para resultados diferentes dos que obtivemos nesta investigação, assim como reforçamos a potencialidade do arcabouço teórico-metodológico da Análise Semiolinguística do Discurso, sobretudo, quando utilizada para análise de gêneros do campo jornalístico-midiático.

1 A ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO

A Teoria Semioliológica é uma vertente da Análise do Discurso difundida pelo linguista francês Patrick Charaudeau na década de 80. De acordo Rezende (2006) e Machado (2003), essa teoria surgiu na França, como uma vertente da Análise do Discurso, que teve como expoente o citado precursor e pesquisador da Universidade de Paris XIII. Além do mais, o marco inicial desta abordagem discursiva se deu com a publicação, em 1983, pela editora Hachette, da obra *Langage et discours – Eléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)*. Assim, é possível frisar que esta obra contribuiu para construção e publicação de outras obras que surgiram posteriormente, a saber: *Grammaire du sens et de l'expression* em 1992, *o Discurso político* em 2008, *Discurso das mídias* em 2006 e o *Dicionário de Análise do Discurso* publicado em 2004, em parceria com Dominique Maingueneau. Ressalta-se, também, que a maioria de suas obras já foram publicadas no Brasil pela editora Contexto. Para a discussão desta seção, inicialmente, recorreremos a pesquisadores, como: Charaudeau (1995; 1996; 2001; 2016; 2017), Machado; Mendes (2013), Moura (2023), Orlandi (2017), entre outros.

Desse modo, iniciamos com o artigo de Charaudeau (1996) que nos proporcionou uma compreensão da Teoria Semioliológica a partir de conceitos de outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, a Linguística, a Sociologia, a Psicologia Social, a Antropologia, a Pragmática e a Análise do Discurso Materialista.

Com isso, essa nova abordagem de investigação discursiva tem como ponto de partida dois componentes: *o linguístico* e *o situacional*, sendo que o componente linguístico desempenha o papel operacional com o material verbal (a língua), enquanto o componente situacional tem como função primordial o material psicossocial. Desse modo, isso nos possibilita observar o comportamento humano na esfera discursiva. Esses componentes contribuem também para a construção do quadro comunicacional na Teoria Semioliológica, destacando, principalmente, os papéis dos atores sociais e dos sujeitos comunicantes.

A escolha dos componentes linguístico (língua) e situacional (psicossocial) na abordagem Semioliológica nos faz retornar a Pêcheux na construção da Análise do Discurso Materialista (doravante ADM), ao criticar o Estruturalismo para a construção de seu arcabouço teórico-metodológico com o objetivo de compreender a materialidade discursiva. Patrick Charaudeau também recorreu ao componente linguístico, porém acrescenta a dimensão psicossocial do sujeito, considerando suas intencionalidades, sua capacidade de manipular,

enfim, ressignificando a noção de assujeitamento⁴ proposta por Pêcheux. Enquanto a ADM recorreu à Psicanálise de Lacan para discorrer sobre a construção do sujeito discursivo, a Semiologia se ancora na Psicologia Social.

Além dos postulados advindos da Psicologia Social, desenvolvida por Serge Moscovici, a Semiologia também se aproxima bastante das discussões acerca do uso da língua propostas pela Pragmática. Esses conceitos advindos de outras áreas nortearam o processo construtivo da noção de sujeito, um ponto crucial para a Semiologia. Patrick Charaudeau gravita sua discussão tomando como ponto de partida a dimensão situacional e a dimensão linguística.

A significação discursiva, pode-se afirmar, é uma resultante. Uma resultante de dois componentes dos quais um pode ser denominado *linguístico*, já que opera com material verbal (a língua), [...] e outro, *situacional*, já que opera um material psicossocial, testemunha dos comportamentos humanos [...] (Charaudeau, 1996, p. 6, grifos do autor).

O empreendimento advindo da Psicologia Social serviu de base para o componente situacional, principalmente, através da proposição da abordagem psicossocial que contribuiu para a compreensão do comportamento dos sujeitos discursivos nos circuitos interno e externo do quadro comunicacional.

É em meio a essa discussão da Semiologia, com enfoque na abordagem acerca do sujeito, que Charaudeau recorreu aos postulados de Benveniste, principalmente, no tocante à noção de subjetividade, chamando a atenção para as pessoas do discurso, a saber: “Eu” e “Tu”, tal como o “Ele” considerado como uma não pessoa.

Outra influência importante para a Semiologia é a Teoria dos Atos de Fala, proposta por Austin (1990), sobretudo no que diz respeito às forças relacionais, incluindo os atos locutórios, ilocutórios e perlocutórios, demonstrando, portanto, que os enunciados desempenham diferentes funções na interação verbal e partindo do princípio de que *dizer* pode significar *fazer*. Neste contexto, Charaudeau (2001) aponta que a Pragmática, quando comparada com outras áreas de investigação da linguagem, entre elas, o estruturalismo, o gerativismo e a teoria da comunicação, vai mais longe, mesmo sem levar em consideração uma teoria dos sujeitos, pois concebe o estatuto linguageiro do sujeito ao tratar da performatividade, a exemplo do enunciado “a porta está aberta”, usado por um professor, que pode significar um

⁴ Conforme Orlandi (2017, p. 22) “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história. [...] Não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento à língua. [...] O outro modo de dizer isso, e que decorre do vínculo radical do sujeito ao simbólico, é dizer que o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia.”

convite para o aluno entrar na sala, mas também pode representar um convite para o aluno se retirar do recinto, quando esse se comporta de forma inadequada na sala de aula. Ou seja, esse linguista reconheceu a inovação dos estudos pragmáticos perante outras teorias que não colocaram os sujeitos da linguagem como centro de seus postulados.

Ainda neste enfoque, conforme Charaudeau (2001, p. 34, grifo do autor), “para que haja performatividade, é necessário que os dois parceiros mantenham uma relação contratual na qual eles reconheçam, mutuamente, a existência desse *poder fazer*”. Desse modo, ressaltamos que o ato performativo depende da condição que determina o poder do sujeito falante perante a execução do ato descrito em sua enunciação e, para isto, deve-se considerar a relação contratual com vista no espaço externo, representado pelos parceiros EUC e TUi⁵. Acrescentamos ainda a necessidade de se observar que o EUC precisa levar em conta se o TUi tem aptidão para poder realizar o que lhe é proposto pelo ato de fala, caso contrário, não haverá a performatividade.

Ainda no bojo das contribuições de Austin (1990), há que se considerar a distinção feita por Charaudeau (2001) entre “ato de fala” e “ato de linguagem”. O primeiro, consiste na encenação do *dizer*, por intermédio de qualquer fórmula verbal, uma vez que ela sinaliza um ato enunciativo conferindo uma determinada função ao orador e ao auditório. Vale enfatizar que o ato de fala não representa todos os elementos que compõem o ato de linguagem. O segundo, simboliza a totalidade da encenação languageira com destaque para seus dois circuitos: o externo e o interno. O circuito externo representado pelos parceiros (espaço do fazer), e o circuito interno, representado pelos protagonistas (espaço do dizer). Além disso, destacamos também que o ato de linguagem presume outros conceitos, como de projeto de fala e de intencionalidades, não abordados na teoria dos atos de fala.

Diante disso, e considerando a abordagem filosófica da linguagem proposta por Austin, é possível depreender algumas categorias necessárias para a construção do empreendimento teórico-metodológico da Semiolinguística quando se recorre às noções de “condição”, “procedimento” e “força ilocutória”. Assim sendo, a pragmática linguística relacionada à discussão acerca do uso da linguagem faz compreender que “o sujeito falante é, assim, inicialmente, fundamentalmente *linguístico*” (Charaudeau, 1996, p. 11, grifo do autor).

Desse modo, é importante refletir que tudo o que é significado no mundo parte de uma intermediação da língua, levando em consideração os componentes linguístico e situacional no

⁵ Conforme Charaudeau (2016), essas abreviações representam os sujeitos que se encontram no espaço externo do ato de linguagem, ou seja, EUC (Sujeito comunicante) e TUi (Sujeito interpretante), assim como as abreviações que representam os sujeitos que se encontram no espaço interno do ato de linguagem, isto é, EUe (Sujeito enunciador) e TUD (Sujeito destinatário).

contexto de comunicação, como também se faz necessário retomar a visão de sentido além da frase. Tal abordagem surgiu nos estudos discursivos atravessados por questões históricas, sociais e ideológicas. A ideologia discutida por Pêcheux mesmo não sendo mencionada na abordagem Semiolinguística de forma explícita, implicitamente, é possível ativar essa discussão quando se trabalha com a concepção de imaginários sociodiscursivos e com a noção de circunstâncias de discurso que, respectivamente, nos direcionam para os postulados de ideologia e de condições de produção abordados na perspectiva pecheutiana. No entanto, reiteramos que não tomamos essas categorias como equivalentes, mas compreendemos que se aproximam no que tange aos seus aspectos conceituais.

Nesse contexto, Moura (2023) compreende que Patrick Charaudeau apresenta uma abordagem diferenciada para o termo ideologia que, possivelmente, pode se configurar no delineamento de uma nova perspectiva teórica junto aos estudos discursivos ou para escapar da problemática conceitual dessa categoria historicamente. Este pesquisador enfatiza também que Charaudeau pouco alude essa categoria em seus textos, e que o linguista “considera que há muita imprecisão e inconsistência teórica em torno da noção de ideologia”. (Moura, 2023, p. 132).

Desse modo, no lugar do termo ideologia, Charaudeau (2017) propõe a concepção de imaginários sociodiscursivos que, segundo ele, integram maneiras de apreensão do mundo e estão relacionados aos estudos das representações sociais, possibilitando, assim, a construção da significação sobre os objetos do mundo, os seres humanos e suas condutas. Moura (2023, p.133) argumenta que Charaudeau “ao preferir usar o termo “imaginário sociodiscursivo” no lugar de “estereótipo” ou “ideologia”, demonstra, mais uma vez, seu vínculo com a Psicologia Social e, conseqüentemente, com uma abordagem psicossocial acerca da linguagem”. Tal abordagem encontra-se ancorada nas representações sociais e vinculada aos estudos da linguagem com ênfase nos seguintes componentes: o linguístico e o situacional.

Com base nessa reflexão, compreendemos que a Teoria Semiolinguística está direcionada para uma abordagem de “projeto de fala” de responsabilidade do Sujeito Comunicante (EUC) e do Sujeito Interpretante (Tui) sob a regulação de um contrato de comunicação. Tal perspectiva pode ser evidenciada desde a publicação da obra de Patrick Charaudeau *Langage et discours – Éléments de sémiolinguistique (théorie et pratique)*, em 1983. Sumariamente, o projeto de fala é visto como o poder de usar as estratégias em um ato de linguagem. Diante desse jogo de linguagem, destacamos a capacidade de jogar com os enunciados e com a existência de uma identidade psicossocial dos sujeitos. Para isto, Charaudeau (1996) recorre às máximas conversacionais de Grice, principalmente, para a

construção do empreendimento do contrato de comunicação. Desse modo, Charaudeau (1996) ressalta que:

[...] Proporemos distinguir, de um lado, um *modelo sociocomunicativo* que seja suscetível de descrever os componentes do mecanismo linguageiro (não como regras ou máximas, mas como princípios gerais que fundamentam o *direito à fala*), e, de outro lado, uma *teoria dos gêneros* em torno da noção de *contrato* que permite descrever, não as condições de realização do contrato (já que o contrato se impõe sempre como estando lá por suas próprias condições), mas as diferentes estratégias que podem desenvolver-se a partir dele (Charaudeau, 1996, p. 16 grifos do autor).

Com isso, se evidencia que, no processo de construção do contrato de comunicação, na Teoria Semiolinguística, há recorrência explícita dos estudos pragmáticos, principalmente, quando se discute a noção de contrato não como um conjunto de regras ou máximas assim como estabelecido por Grice, mas sim, como um empreendimento discursivo que possibilita ao falante o direito à fala. Esse construto comunicativo se realiza mediante o uso de gêneros, tal qual amplamente defendido por Bakhtin. Assim, a perspectiva de contrato tem como objetivo a construção de um modelo sociocomunicativo, pois Charaudeau (1996) enfatiza, também, as contribuições das Teses de Bourdieu, destacando a relação entre sociedade e linguagem, bem como as condições sociais relacionadas aos usos dos vocábulos como práticas sociais. Desse modo, apresentamos essa discussão sobre sujeito, na Teoria Semiolinguística, como um sujeito carregado de intencionalidade, a fim de se refletir a noção de sujeito em Pêcheux. Em síntese, a concepção de sujeito em Charaudeau se materializa num compósito que se agrupa em torno dos parceiros e protagonistas, pertencentes aos circuitos interno e externo no ato de linguagem.

A abordagem do contrato de comunicação implica um diálogo com diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Pragmática de Austin e de Grice, do mesmo modo que as concepções de sociedade e de linguagem, advindas da Sociologia, constroem a possibilidade de dois movimentos importantes no bojo da Semiolinguística. O primeiro movimento é aquele que parte do psicossocial para a linguagem, ou seja, as contribuições da Psicologia Social para os estudos discursivos, de forma específica, para a formulação do ato de linguagem intermediado pelos estudos de gêneros. Enquanto o segundo movimento relaciona-se da língua ao discurso, denominando a materialidade textual como uma construção Semiolinguística em que se encontram signos-instruções.

Diante do surgimento da Análise Semiolinguística do Discurso, na década de 1980, na França, como uma abordagem discursiva que centraliza seu instrumental teórico e analítico em dois componentes, o linguístico e o situacional, nasce um novo olhar que compreende a

dimensão discursiva alinhada às questões psicossociais. Vale ressaltar a influência desse instrumental teórico em países da América Latina como Colômbia, México, Chile, Equador, Venezuela e Brasil. Neste último, ressaltamos a parceria entre o CAD (*Centre d'Analyse du Discours*), fundado por Charaudeau na Universidade de Paris XIII, e o NAD – Núcleo de Análise do Discurso, fundado na UFMG, em 1993.

Para a consolidação desta parceria, destacamos as contribuições da professora Ida Lucia Machado, docente da UFMG, como bem relata ela própria em artigo publicado em 2013 na revista da ALED – Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso:

Antes dos anos 1990, eu, Ida Lucia Machado. Fui apresentada, em um congresso Sedifrale, realizado em Belo Horizonte, no Brasil, ao Professor Patrick Charaudeau. Instigado por uma das mais audaciosas professoras de francês que a FALE/UFMG já teve, Professora Doutora Dutra Galéry, ele a convidou, assim como a mim mesma, para juntos prepararmos um acordo ou um convênio que pudesse dar lugar à formação de um grupo de estudiosos em análise do discurso, formado por brasileiros e franceses (Machado; Mendes, 2013, p. 2-3).

Neste artigo, a professora Ida Lucia Machado apresenta um relato do empreendimento da Teoria Semioliúística no Brasil, destacando os primeiros contatos com Charaudeau e a proposição da criação de um grupo de estudo que viesse contemplar as pesquisas desenvolvidas no Brasil e na França. Com isso, Machado e Mendes (2013) enfatizam que a Análise Semioliúística do Discurso apresenta algo de diferente da Análise do Discurso Materialista, principalmente, porque a noção de ideologia não é mencionada explicitamente, pois mediante uma leitura rápida daquela teoria é possível relacionar os seus conceitos à Sociologia, à Etnologia e a um referencial línguístico próximo da semântica, especificamente, da Semântica Enunciativa. Conforme Machado e Mendes (2013), a Semioliúística, inicialmente, direcionou para o pensamento de uma nova abordagem dos estudos discursivos porque discutia a dimensão discursiva de uma forma diferente daquela de Pêcheux.

Além do mais, fez-se necessário refletir que as pesquisas realizadas no CAD, dirigido por Charaudeau, têm como ênfase uma abordagem semiótica de discursos sociais, especificamente através dos suportes midiáticos, a partir da reunião de elementos oriundos das Ciências da Língua, da Psicologia Social, das Ciências da Informação e da Comunicação. O processo de construção da Semioliúística em torno de conceitos e de instrumentos de análise direciona para os processos de produção e de recepção do discurso, com ênfase na noção

de contratos, papéis, gêneros, comportamentos discursivos, considerando, assim, as diversas manifestações semiológicas, a exemplo das verbais, visuais e gestuais.

Assim, destacamos também que a construção do termo Semiolinguística remete à noção de semiótica. Charaudeau (1995) justifica a escolha do termo e esclarece que a parte inicial da palavra (*Semio*) advém de *Semiosis*, estabelecendo uma relação entre forma e sentido a partir de diferentes quadros epistemológicos, de modo que se faz depreender que:

[...] a Semiolinguística estuda ou analisa discursos sociais: sempre levamos em conta, ao praticá-los, as atitudes do sujeito-comunicativo face ao seu discurso, face ao mundo que o rodeia (o social) e face ao outro para quem a comunicação é dirigida (Machado; Mendes, 2013, p. 3).

Diante do exposto, identificam-se conceitos relacionados às Ciências da Linguagem, além de aspectos psicossociais e de abordagens advindas da Comunicação e da Sociologia, por exemplo. Aqui compreendemos também a discussão central da Teoria Semiolinguística acerca do ato de linguagem direcionado para uma perspectiva de contrato de comunicação em que os sujeitos do discurso se fazem presentes, constituindo assim os espaços interno e externo do circuito.

Diante de todo o instrumental teórico oferecido pela Teoria Semiolinguística, para fins de recorte teórico, lançaremos mão, nesta pesquisa, dos seguintes postulados: ato de linguagem, circunstâncias de discurso e contrato de comunicação. Essas discussões teóricas contribuirão para a análise e para a compreensão de discursos midiáticos sobre o Sanatório Meduna, uma instituição que exerceu relações de poder, consolidou-se como um marco divisório no tratamento da saúde mental do Piauí, apresentando-se com uma visão moderna e humanizadora para a época, mas que foi alvo de denúncias sobre maus tratos e mortes por negligência. Na introdução desta seção, propôs-se, de forma geral, uma reflexão sobre a Análise Semiolinguística do Discurso; já na seção seguinte, discorrer-se-á, de forma específica, sobre o ato de linguagem e sobre as circunstâncias de discurso.

1.1 O ato de linguagem e as circunstâncias de discurso

Para a discussão deste tópico partimos do princípio de que, na esfera jornalística existem, essencialmente, vários atores que contribuem para a troca languageira materializada nos seguintes gêneros discursivos: notícia, reportagem, charge, cartum, editorial, entre outros, ancorados em um suporte físico ou digital. Desse modo, tomamos como base para esta reflexão

os seguintes autores: Arbex (2019), Charaudeau (2001; 2005; 2016), Corrêa-Rosado (2014), Jodelet (2015), Machado (2019), Moura (2020), Santana (2017), entre outros.

Seguindo esta linha de pensamento, é importante destacar as contribuições de Charaudeau (2016, p. 68), ao afirmar que “comunicar é um fenômeno mais complexo do que propagam alguns trabalhos especializados em comunicação, pois não consiste apenas em transmitir uma informação”. Esta concepção, restrita somente à informação, se refere às ideias defendidas pelos gramáticos, visto que a comunicação, numa perspectiva discursiva, está condicionada a vários fatores: o editorial como um ato de linguagem situado em circunstâncias discursivas, sendo possível observar e compreender os possíveis interpretativos ancorados em saberes partilhados constitutivos das representações coletivas e individuais. Ainda corroborando esse debate, Charaudeau (2016) argumenta que:

“comunicar” é proceder a uma encenação. Assim como, na encenação teatral, o diretor de teatro utiliza o espaço cênico, os cenários, a luz, a sonorização, os comediantes, o texto, para produzir efeitos de sentido visando um público imaginado por ele, o locutor - seja ao falar ou ao escrever – utiliza componentes do dispositivo da comunicação em função dos efeitos que pretende produzir em seu interlocutor (Charaudeau, 2016, p. 68).

A partir desse conceito de “comunicar” proposto por Charaudeau, propomos uma análise do discurso midiático sobre o Sanatório Meduna materializado através de notícias, de reportagens e de editoriais publicados pelo jornal piauiense *O Dia*. Ressaltamos que apesar de o objetivo principal de uma notícia ser informar um acontecimento, na comunicação de um fato, o orador pode recorrer à estratégia da patemização como forma de sensibilizar o auditório (leitor de um jornal). Essa contextualização é uma forma de melhor compreender quando o autor compara a “comunicação” a uma encenação de um teatro, ou seja, quando se pensa numa peça de teatro, há vários recursos que compõem a encenação, não sendo diferente em qualquer outro tipo de comunicação em que o sujeito ao falar ou escrever, necessariamente, utiliza-se de elementos que contribuem para a produção de sentido.

Nessa direção, o ato de linguagem, no contexto de uma comunicação, não pode ser visto apenas como envio de uma mensagem do emissor ao receptor, sendo necessário considerar que um ato de linguagem se configura como um encontro dialético, o qual, Charaudeau (2016) sintetiza em dois processos, a saber: “processo de *produção*, criado por um EU comunicante e dirigido a um TU destinatário; processo de *interpretação*, criado por um ‘TU’ – interpretante, que constrói uma imagem do ‘EU’ do locutor” (Charaudeau, 2016, p. 44, grifos do autor). Dessa forma, é possível evidenciar a intercomunicação entre os quatros sujeitos, mesmo separados

nos circuitos interno e externo, constituindo-se numa totalidade, sendo indissociáveis, como argumenta o autor.

Nessa direção, Moura (2020) alerta acerca das expressões “interna” e “externa” com o objetivo de destacar que “dissociadas de um contexto geral podem levar o pesquisador a cair na armadilha de imaginar que existem duas realidades separadas (uma situacional e outra discursiva) e que a primeira estaria desprovida, portanto, de um caráter discursivo” (Moura, 2020, p. 33). Este autor corrobora a visão daquele ao tratar a estruturação do ato de linguagem, especificamente, ao discutir acerca dos circuitos que compõem o quadro comunicacional, destacando o aspecto intercomunicativo entre os quatro sujeitos. Assim sendo, “o ato de linguagem deve ser visto como um ato comunicativo, em que o “eu”, ser de fala ou de escrita, se dirige a um “tu”, em determinado local, hora e situação, ato esse carregado de intenções e motivado por uma visada de influência” (Machado, 2019, p. 05).

Além do mais, a Análise do Discurso Semiolinguística tem como enfoque de estudo o fenômeno linguageiro, conforme comenta Corrêa-Rosado (2014). É necessário mencionar que o ato de linguagem envolve uma configuração semiótica da linguagem, quer seja explícita, quer seja implícita, que pode ser vista através das relações sociais, considerando, assim, o contexto de produção do discurso. Ademais, compreendemos que “o ato de linguagem significa não somente pela sua configuração semiológica visível, mas também pelos saberes que são acionados pelos sujeitos durante os processos de produção e interpretação deste ato” (Corrêa-Rosado, 2014, p. 3). Ou seja, é possível entender que o discurso se realiza no entremeio da relação do sujeito com a linguagem, a historicidade e as questões sociais.

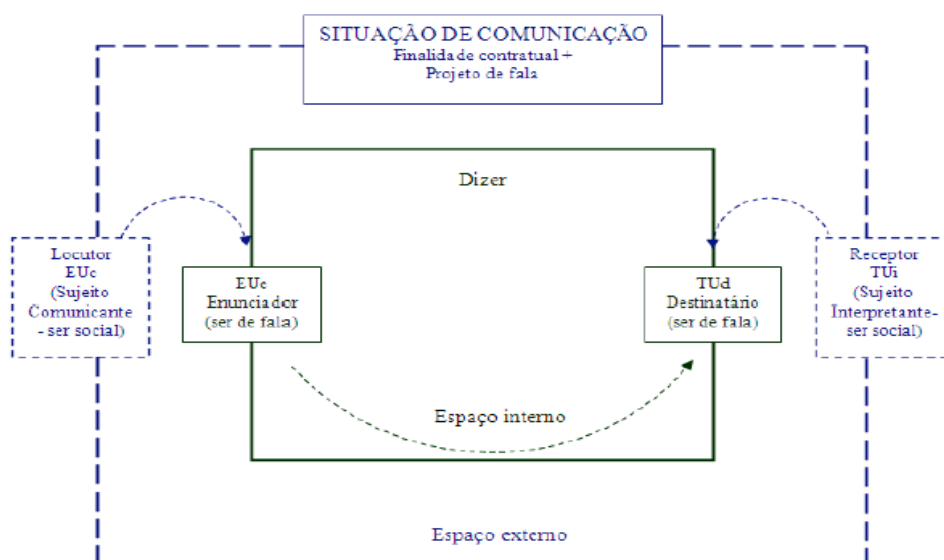
Nesse sentido, é importante mencionar que, no ato de linguagem, os sujeitos são considerados como aqueles que estão inseridos nos circuitos comunicativos, sendo sistematizados no contrato de comunicação da linguagem. Diante disso, Charaudeau (2001, p. 28) afirma que:

O ato de linguagem é um fenômeno que combina o dizer e o fazer. O fazer é o lugar da instância situacional que se autodefine pelo espaço que ocupam os responsáveis deste ato [...]. O dizer é o lugar da instância discursiva que se autodefine como uma encenação da qual participam seres de palavra [...]. Esta dupla realidade do dizer e do fazer nos leva a considerar que o ato de linguagem é uma totalidade que se compõe de um circuito externo (fazer) e de um circuito interno (dizer), indissociáveis um do outro (Charaudeau, 2001, p. 28).

Com base na perspectiva do autor, é possível perceber que o ato de linguagem se torna representativo das práticas sociais, pois os sujeitos são denominados como seres psicossociais.

Somado a essa informação, compreendemos que o contrato de comunicação engloba aqueles que contribuem tanto para a produção quanto para a interpretação dos enunciados. Esses sujeitos pertencem ao circuito externo (fazer), representado pelo Sujeito Comunicante (EUC) e o Sujeito Interpretante (TUi) e ao circuito interno (dizer), ou seja, o Sujeito Enunciador (EUe) e o Sujeito destinatário (TUD); esses últimos representam a encenação discursiva, centrados essencialmente nas estratégias discursivas. Com base nas discussões teóricas elencadas no decorrer deste tópico, apresentamos o quadro de Charaudeau (2016) que sintetiza as relações contratuais.

Figura 01- Representação do ato de linguagem



Fonte: Charaudeau (2016, p. 52).

O quadro acima busca sumarizar a relação contratual dos sujeitos no ato de linguagem, sendo possível afirmar que, nessa concepção teórica, a comunicação é constituída de um espaço externo e interno. O primeiro espaço é configurado pela instância de produção do discurso, sob a responsabilidade do EUC, e da instância de recepção, cuja representação se dá pelo TUi, ambos denominados de sujeito comunicante e sujeito interpretante respectivamente. Além do mais, o circuito externo situa-se no nível situacional, lugar em que há a manifestação de saberes partilhados, inscritos num contexto social e histórico determinado. O espaço interno no processo de comunicação se configura pelo nível discursivo, constituído pelos sujeitos protagonistas, sendo representados pelo EUe e TUD que participam da encenação discursiva, respectivamente denominados de sujeito enunciador e sujeito destinatário.

Em síntese, o contrato de comunicação está dividido em dois circuitos, a saber: o circuito externo, referente ao “fazer”, ao qual pertence o material psicossocial do ato de linguagem, bem como a situação de comunicação constituída por dois sujeitos, considerados psicossociais e vistos como parceiros da comunicação, ou seja, o EUc e o TUi. Também é válido enfatizar o circuito interno, no qual se encontra o material verbal do ato de linguagem. Aqui, há dois sujeitos, denominados de protagonistas do dizer, representados pelo EUe e pelo TUD. A participação dos sujeitos em qualquer encenação discursiva efetiva-se mediante normas necessárias para que eles possam exercer seus papéis de forma suficiente, tornando, assim, bem-sucedidas as estratégias delineadas nas trocas languageiras, bem como delimitar as práticas sociais.

Corroborando a discussão sobre ato de linguagem, apresentamos, também, uma reflexão sobre a semiotização do mundo e, posteriormente, uma abordagem sobre as circunstâncias do discurso. Assim, partimos do pressuposto de que a Teoria Semiolingüística tem como objeto de estudo o fenômeno da linguagem envolvendo uma dupla dimensão: a dimensão implícita e a dimensão explícita, conforme pontua Charaudeau (2016). Ambas as dimensões nos direcionam para a discussão de simbolização referencial e significação, visto que, a primeira se refere à parte estrutural da linguagem com fim na sua realização, considerando o jogo de reconhecimento dessa estrutura para construção do sentido, assim como por envolver a realidade dos sujeitos na troca languageira. A significação é um processo que se refere à linguagem enquanto condição de concretização do signo dentro de um contexto discursivo.

Além do mais, é importante observar, conforme Charaudeau (2005), o duplo processo de semiotização do mundo, a fim de se compreender que uma determinada situação de comunicação tem como ponto de partida “um mundo a significar”, transformando-se em “um mundo significado”. Este movimento do primeiro ao segundo processo se materializa sob a ação de um sujeito falante. Salienta-se que o processo de transação é constituído como um “mundo significado” e faz deste um objeto de troca com outro sujeito, denominado de destinatário.

De um lado, tem-se o *processo de transformação* que se constitui em quatro tipos de operação: a *identificação* (nomeia os seres do mundo); a *qualificação* (com a função de descrever, qualificar os seres do mundo); a *ação* responsável por demonstrar como os seres agem e/ou sofrem ação, ou seja, transformando-os em identidades narrativas e a *causação* ao enfatizar que os seres do mundo estão condicionados a agir e a sofrer ações determinadas por certos motivos.

Por outro lado, numa configuração dialógica como o processo anterior, tem-se o *processo de transação*, atravessado por intencionalidades, cujo enfoque centraliza em um projeto de fala. Neste sentido, esse processo se realiza a partir de quatro princípios, a saber: *princípio de alteridade*, ao compreender que todo ato de linguagem pressupõe uma troca entre dois parceiros, num processo recíproco e estes sujeitos são vistos como semelhantes e diferentes; *princípio de pertinência*, quando os parceiros reconhecem os universos de referência que compõem o objeto de transação linguageira, compartilhando, assim, os saberes implicados no ato de linguagem. Esses saberes estão ancorados em valores psicológicos e sociais, possibilitando-nos a compreensão de comportamentos e de julgamentos identificados numa situação de comunicação; *princípio de influência*, quando o sujeito responsável pelo ato de linguagem objetiva atingir seu parceiro, às vezes, para fazer agir, ou afetá-lo pela emoção e, por último, *princípio de regulação*, que está condicionado ao *princípio de influência*. Neste princípio, os sujeitos buscam regular a comunicação, no ato de linguagem, considerando as diversas estratégias implicadas na troca linguageira. Além do mais, é necessário considerar as identidades sociais e discursivas dos sujeitos, espaços e tempos em que se inscreve a situação de comunicação, assim como as formas pretendidas e utilizadas para influenciar seu auditório. Em suma, o *processo de transformação* e o *processo de transação*, apesar de solidários um ao outro, constituem-se em procedimentos diferentes.

Diante disso, dissertamos, também, sobre as circunstâncias de discurso com vistas à produção do discurso midiático por jornais piauienses ao noticiar sobre o Sanatório Meduna. Conforme Charaudeau (2016), existem os possíveis interpretativos situados em circunstâncias discursivas próprias que ilustram situações de comunicação específicas. Na sequência, recorreremos a Santana (2017), historiadora que se debruçou em entender a dinâmica dos hospícios, no contexto piauiense, com destaque para a história do Hospital Areolino de Abreu, que contribuiu para o projeto de construção do Sanatório Meduna. Já Jodelet (2015) traz uma investigação, no contexto francês, ancorada na discussão sobre representações sociais, destacando a forma como a loucura era tratada numa “Colônia Familiar”, na cidade *Ainay-le-Château*; e, por último, demos ênfase à pesquisa de Arbex (2019) por demonstrar a maneira como a loucura no Brasil era vista e ‘sanada’. Em sua pesquisa, a jornalista Daniela Arbex tomou como *locus* de investigação o hospital *Colônia*, na cidade de Barbacena, Minas Gerais.

Diante desta contextualização, recorreremos à concepção de que o ato de linguagem se organiza através de dimensões explícitas e implícitas, cujo postulado nos remete à ideia de que as circunstâncias de discurso se referem à dimensão implícita por se tratar de saberes supostamente vinculados entre os protagonistas. Nesse sentido, Charaudeau (2016) destaca a

importância das *representações coletivas* e do *conjunto de possíveis interpretativos*. Assim sendo, o autor toma como base vários exemplos a fim de esclarecer sobre as condições de produção e a interpretação do ato de linguagem. Dentre os exemplos apresentados por ele, destacamos a situação a seguir:

Digamos que Victor telefone para sua amante, Marta, e que esta lhe diga: “João está viajando” (João é o marido de Marta). As condições de saber que Marta e Victor partilham a respeito de João (casal de amantes versus marido da mulher) permitem compreender “João está viajando” como: Estamos livres, nesse momento (Charaudeau, 2016, p. 30).

Na sequência, o autor continua apresentando outras possibilidades de interpretação desta cena enunciativa, a saber: João pode fingir viajar para se hospedar em um hotel em frente à casa do casal a fim de vigiá-la, bem como a mensagem inicial pode indicar que não é um bom momento para o casal de amantes se encontrarem. Assim, ao pensar sobre as representações coletivas, é importante destacar que não se trata de saberes absolutos determinados num dicionário ou enciclopédia. No entanto, os saberes partilhados entre os sujeitos se materializam numa conjuntura social e, por vezes, esses saberes são resultados de experiências subdivididas em: intelectual e afetiva segundo Charaudeau (2016).

Nessa perspectiva, é necessário evidenciar que “o saber individual e o saber coletivo deslocam-se constantemente em função da mudança nas relações interindividuais e intercoletivas” (Charaudeau, 2016, p. 30), ou seja, a separação entre o saber individual e o coletivo não se constitui como algo estanque e fixo, sendo que o saber individual tem como critério a *diferença*, dentro de uma perspectiva fluida, pois a diferença de um determinado sujeito ou de um certo saber pode coincidir em semelhanças, em algum momento, com outro sujeito, que partilha da mesma experiência.

Com base nas informações apresentadas anteriormente e considerando a proposta desta pesquisa, destacam-se alguns termos relacionados aos sujeitos submetidos ao tratamento psiquiátrico, a saber: *louco*, *doido*, *doente mental*, *débil mental* etc. Essas expressões/palavras estão condicionadas a situações de comunicação específicas, sendo possível visualizar saberes partilhados entre os sujeitos quando esses termos são mobilizados sobre o discurso da saúde mental. No que tange às instituições responsáveis pelo tratamento, também, há vários referentes que simbolizam esses ambientes, como exemplo, “Colônia Familiar”, “Colônia”, “Sanatório”, “Hospital Psiquiátrico”, dentre outros. Essas expressões nos fazem repensar realidades distintas acerca do sistema manicomial e produzem sentidos diferentes sobre ele.

A partir disso, recorre-se ao trabalho de Jodelet (2015) a fim de compreender a discussão sobre loucura, partindo de situações que se encontram no contexto francês, para depois chegarmos à realidade brasileira e, posteriormente, ao discurso da saúde mental no Piauí. Assim, torna-se importante destacar o funcionamento e o perfil do hospital responsável por tratar pessoas tidas como loucas. Nesse sentido, o Colônia Familiar era visto como:

[...] um hospital psiquiátrico baseado na instalação “hétero-familiar”: os doentes que dela dependem, administrativa e terapeuticamente, gozam de um tipo de vida livre e familiar. São assumidos, no plano da moradia, da alimentação e da vigilância diária, por famílias que residem perto do estabelecimento hospitalar, mas que não pertencem propriamente ao pessoal deste (Jodelet, 2015, p. 65, grifo da autora).

Nessa direção, o tratamento psiquiátrico adotado na cidade *Ainay-le-Château*, na França, se diferencia da realidade brasileira, principalmente, porque os ambientes que se dedicaram à questão da psiquê no Brasil, segundo relatos de pesquisas desenvolvidas, dentre elas, o trabalho de Arbex (2019) apontam que o sistema manicomial no país se configurou em espaço fechado, pois os pacientes eram atendidos e tratados em hospitais, manicômios sem a liberdade de acesso ao espaço externo a esses ambientes. Com isso, destacamos os pontos que se cruzam quando se considera a pesquisa de Jodelet (2015) em relação à pesquisa de Arbex (2019) sobre a evidência de um holocausto brasileiro⁶, especificamente, na cidade de Barbacena, no Estado de Minas Gerais.

Jodelet (2015) chama atenção, na sua pesquisa, para a estrutura e o funcionamento de um hospital psiquiátrico tradicional, pautado numa visão hétero-familiar, bem como a proposta do Colônia de *Ainay-le-Château*, uma configuração mais contemporânea. Esta última abordagem de tratamento é pautada em um ambiente cuja recepção do local dá sentido para o desenvolvimento psíquico do paciente, buscando, assim, aproximar a vivência do manicômio com sua realidade familiar. Aqui, é possível observar uma ruptura de uma vida asilar para um ambiente em que os pacientes podiam circular em regiões próximas ao internato.

Já no Brasil, pesquisas como o documentário de Arbex (2019) e a tese de doutorado de Santana (2017) demonstram que os pacientes psiquiátricos eram submetidos a tratamento

⁶ Trata-se de um documentário produzido por Arbex (2019) que relata a história do Hospital Psiquiátrico Colônia, baseado em depoimentos de pacientes e funcionários. Nesse hospital, muitos pacientes foram internados, torturados e mortos, entre os anos de 1960 e 1970, em sua maioria, sem nenhum diagnóstico de doença mental. De acordo com esse documentário, o hospital funcionou como um campo de extermínio, tendo vitimado cerca de 60 mil pessoas. As mortes ocorriam por conta das péssimas condições sanitárias, ausência de atendimento médico de qualidade, alimentação inadequada e sessões de tortura. Os internos, em sua maioria, eram indivíduos “indesejados” na família e na sociedade: homossexuais, negros, prostitutas e pessoas com deficiências.

doloroso, tormentoso e desumano. Em vista disso, retornamos à investigação de Arbex (2019), com ênfase nos dados apresentados, em sua pesquisa, os quais relatam as situações de genocídios ocorridos no Colônia, em Barbacena, estado de Minas Gerais. Como forma de contextualizar essa discussão, ainda que de forma panorâmica, destacamos relatos de tristezas evidenciados na investigação da autora:

Fome e sede eram sensações permanentes no local onde o esgoto que cortava os pavilhões era fonte de água. Nem todos tinham estômago para se alimentarem de bichos, mas os anos no Colônia consumiam os últimos vestígios de humanidade. Além da alimentação racionada, no intervalo entre o almoço e o jantar, servidos ao meio-dia e às 5 horas da tarde, os pacientes não comiam nada. O dia começa com café, pão e manteiga distribuídos somente para os que estivessem na fila. A alimentação empobrecida não era a única a debilitar o organismo. Apesar de o café da manhã ser fornecido às 8 horas, três horas antes os pacientes já tinham que estar de pé. Eles seguiam para o pátio de madrugada, inclusive nos dias de chuva (Arbex, 2019, p. 49).

Nesse sentido, o Colônia, conhecido como o maior hospício do Brasil⁷, na cidade mineira, foi um ambiente que acolheu diversas pessoas, desde aquelas cujo diagnóstico apontava para questões psiquiátricas, como os indivíduos que fugiam de um padrão social e, consequentemente, encaminhados para a instituição com o objetivo de que fossem submetidos às mesmas técnicas de tratamento usadas com os pacientes psiquiátricos na época. Assim, Arbex (2019) demonstra, em seus relatos, situações desumanas desde a acolhida na instituição, um lugar não adequado para o funcionamento de atividades hospitalares, bem como a falta de higiene em relação à alimentação oferecida aos pacientes. Arbex (2019) nos apresentava com uma obra que traz relatos de sobreviventes do Colônia, visto por ela como um holocausto que atravessou o século XX no Brasil.

Nesse contexto, a pesquisa de Arbex (2019) aponta que o Colônia vendia corpos dos pacientes mortos para faculdades de medicina, como observado a seguir:

Além daqueles trinta cadáveres, outros 1.823 corpos foram vendidos pelo Colônia para dezessete faculdades de medicina do país entre 1969 e 1980. A subnutrição, as péssimas condições de higiene e de atendimento provocaram mortes em massa no hospital, onde registros da própria entidade apontam dezesseis falecimentos por dia, em média, no período de maior lotação. A

⁷ De acordo com Eliana Brum (2019, p. 13, grifo nosso), no prefácio intitulado “Os loucos somos nós”, do Livro “Holocausto brasileiro de Arbex (2019), atesta essa informação ao afirmar que “Neste livro, Daniela Arbex devolve nome, história e identidade àqueles que, até então, eram registrados como ‘Ignorados de tal’. Eram um não ser. Pela narrativa, eles retornam, como Maria de Jesus, internada porque se sentia triste, Antônio da Silva, porque era epilético. [...] São sobreviventes de um holocausto que atravessou a maior parte do século XX, vivido no Colônia, como é chamado o maior hospício do Brasil, na cidade mineira de Barbacena”

partir de 1960, a disponibilidade de cadáveres acabou alimentando uma macabra indústria de venda de corpos (Arbex, 2019, p. 81).

Essas informações são importantes para que se possa compreender o perfil dado aos doentes mentais, em meados do século XX, no Brasil. Tudo isso é necessário para se entender também o discurso psiquiátrico no estado do Piauí, pois são dados que também contribuem para a apreensão das circunstâncias do discurso quanto aos discursos produzidos pela mídia piauiense sobre o Meduna.

Nesse contexto, a referida instituição surgiu a partir de um projeto do médico psiquiátrico piauiense Clidenor de Freitas Santos. Sua inauguração aconteceu em 21 de abril de 1954. A princípio, a proposta do médico era oferecer um tratamento moderno em que o afeto deveria ser mais importante quando comparado com os tratamentos existentes e dolorosos na área da psiquiatria. O manicômio atendeu à sociedade piauiense por mais de meio século, até que os tratamentos mais modernos foram substituindo a necessidade de internação. O sanatório fechou suas portas em 23 de maio de 2010. Também é importante ressaltar que o projeto de Clidenor surgiu na década de 40, época em que ele retornou a Teresina e assumiu a direção do Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu.

Como forma de compreender a evolução da psiquiatria piauiense, tomamos como base a pesquisa de Santana (2017) com o objetivo de entender a historiografia do sistema manicomial no estado. De acordo com ela, a psiquiatria, no Piauí, segue dois períodos, a saber:

[...] um primeiro que vai de 1828 a 1907 marcado pelo proto-assistencialismo alienístico no Piauí e um segundo que começa em 1907, com a inauguração do Asilo de Alienados, nesse ano, e vai até 1954 com a fundação do Sanatório Meduna, pelo Dr. Clidenor de Freitas Santos”, e um dos pioneiros, na década de 1940, pela expressão mais forte de uma Psiquiatria piauiense (Santana, 2017, p. 73-74, grifo da autora).

Essas informações são importantes para se compreender o contexto de produção e de interpretação de discursos mobilizados pelos jornais sobre o Sanatório Meduna, assim como entender as etapas evolutivas da Psiquiatria no estado para que possamos entender as técnicas de tratamentos adotadas na década 1940, no Asilo de Alienados, e os métodos implementados com a inauguração do Sanatório Meduna em 1954. Nesse sentido, o Asilo de Alienados foi o primeiro nome atribuído ao atual Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu, sendo que, na década de 40, Clidenor de Freitas Santos assumiu a direção da referida instituição, insatisfeito com a situação em que se encontravam os pacientes em relação ao tratamento adotado na época,

propôs a inclusão de métodos inovadores e a construção de seu próprio hospital. Diante de tal insatisfação, o médico buscou oferecer um tratamento moderno em que o afeto seria mais importante.

A partir do exposto, é possível perceber que a condição de produção e de interpretação do discurso sobre o Meduna depende de uma contextualização histórica acerca da psiquiatria, partindo de uma perspectiva europeia, passando por uma observação nacional, com destaque na narrativa de Arbex (2019) e, finalmente, chegando a uma abordagem local. Tal contextualização contribui para o entendimento de que as circunstâncias de discurso são saberes supostos vinculados entre os protagonistas no ato de linguagem. Em suma, estes conhecimentos se caracterizam como “saberes supostos a respeito do mundo: as práticas sociais partilhadas; saberes supostos sobre os pontos de vista recíprocos dos protagonistas do ato de linguagem: os filtros construtores de sentido” (Charaudeau, 2016, 32).

Inicialmente, o linguista apresenta uma definição de condições de produção e de interpretação se referindo exclusivamente à dimensão implícita, no entanto, no decorrer de sua discussão, chama-se atenção para a importância da situação extralinguística como um elemento pertencente à circunstância do discurso. Dessa forma, tomamos como exemplo o Meduna como um local semiotizado inserido em saberes partilhados e utilizados por atores de linguagem. Neste tópico, apresentamos uma discussão sobre ato de linguagem e circunstâncias de discurso; no próximo discorrer-se-á sobre o contrato de comunicação.

1.2 O contrato de comunicação midiático

Para a discussão deste tópico, partimos do entendimento de que toda encenação discursiva se constitui *no e pelo* ato de linguagem entre os sujeitos; e só se efetiva, ou seja, ganha sentido, através do contrato de comunicação. Tal noção tem origem em Charaudeau (2005; 2016) e se reverbera, posteriormente, nas investigações de pesquisadores brasileiros como Corrêa-Rosado (2014), Moura (2020), Pauliukonis e Gouvêa (2012). Esses últimos investigadores da linguagem fazem uma releitura do contrato proposto por Charaudeau.

Neste contexto, o ato de linguagem, sua produção, pode ser denominado como uma aventura/expedição do ponto de vista de sua intencionalidade, pois, necessariamente, precisa-se considerar que um ato parte de um projeto global de comunicação planejado pelo sujeito comunicante (EUc). Com base na organização da comunicação, o EUc leva em consideração o que está disponível no conjunto de competências, com ênfase na liberdade, mas também nas restrições que se encontram na ordem relacional do ato de linguagem, sempre com o propósito

de que o ato tenha sucesso, uma vez que a garantia do êxito da comunicação está em consonância com as interpretações do sujeito interpretante (TUi) e do destinatário (TUD).

Nessa perspectiva, entendemos que “a noção de contrato pressupõe que os indivíduos pertencentes a um mesmo corpo de práticas sociais estejam suscetíveis de chegar a um acordo sobre as representações languageiras dessas práticas sociais”. (Charaudeau, 2016, p. 56). Diante disso, é possível compreender que o EUc, no ato de linguagem, considera que o TUi esteja em consonância com o que é projetado pelo EUc, reconhecendo-se dentro de uma prática social comunicativa. Assim sendo, o contrato de comunicação contribui para que os parceiros se reconheçam através de traços identitários e que efetivamente se realize o ato languageiro, visto que o contrato é considerado como um espaço de restrições, ou seja, um lugar constituído de regras que não devem ser descumpridas pelos sujeitos, sob pena de comprometer a comunicação.

No âmbito da discussão do contrato de comunicação, Charaudeau (2005; 2016) propõe um modelo de estruturação de contrato através de três níveis: o situacional, o comunicacional e o discursivo. O primeiro se constitui como um espaço externo, ou melhor, um lugar de espaço de restrições do ato de linguagem. Nesse nível é o lugar em que se determina a *finalidade* do ato, sendo necessário considerar o seguinte questionamento: “estamos aqui para dizer o quê?”. Também aqui está presente a *identidade* dos parceiros no que tange à troca languageira através da pergunta “quem fala a quem?”, bem como o *domínio do saber* (sobre o quê?) que se refere ao objeto de troca no ato de linguagem entre os parceiros e o *dispositivo* (os sujeitos estão presentes fisicamente ou não? Eles se constituem em quantos? Quais são os códigos utilizados na comunicação?). Em outros termos, o dispositivo está relacionado com as circunstâncias materiais que ocorrem na comunicação e no espaço físico.

O nível comunicacional refere-se ao lugar em que é determinado o modo de falar ou escrever com ênfase no contexto situacional, se constituindo, assim, como um ambiente que se define os papéis languageiros dos sujeitos. Nesse nível, temos como pergunta norteadora: de que modo se fala ou escreve? O último nível proposto por Charaudeau (2005; 2016) é o discursivo, sobre o qual daremos destaque nesta pesquisa porque enfatiza, especificamente, sobre as condições de legitimidade, credibilidade e captação. Essa última condição, particularmente, contribui para identificar e descrever os efeitos patêmicos presentes nas matérias de jornais sobre o sanatório Meduna, porque se trata de um princípio que se debruça em compreender a influência e a regulação no ato de linguagem.

Isso posto, os atos de comunicação são vistos como “encenações” porque leva em consideração o resultado da combinação de uma determinada situação de interação e da

organização discursiva, bem como o emprego de marcas linguísticas, mostrando a necessidade da competência tanto para a produção quanto para a interpretação do discurso que ultrapassa o conhecimento linguístico e as regras de combinação; em outras palavras, suscitando um saber mais global acerca das operações discursivas realizadas em contextos específicos de interação social.

Antes de adentrar na discussão de contrato de informação midiática, recorreremos, mais uma vez, ao entendimento de Charaudeau (2012a, p. 1, grifos do autor) porque ele sintetiza a noção de contrato de comunicação da seguinte forma: “falar sobre a comunicação humana significa inicialmente falar sobre o problema da *identidade* do sujeito falante, como ser comunicante, e, portanto, do seu *direito* a comunicar-se”. Ou seja, este linguista compreende que qualquer sujeito que deseje falar ou escrever, dispõe o questionamento de saber se há algum fundamento para sua realização, do contrário esse sujeito não existiria como tal.

Desse modo, acrescentamos que “o reconhecimento do ‘direito à palavra’ e o reconhecimento da ‘identidade’ do sujeito falante representam então as duas faces de uma mesma moeda, moeda de troca que circula entre os parceiros de um ato de comunicação”. (Charaudeau, 2012a, p. 2). Em outras palavras, discutir sobre a comunicação humana evidencia falar ao mesmo tempo de *sentido* que é construído quando comunicamos, visto que é preciso considerar que a linguagem produz sentido. No entanto, o sentido que se postula aqui, não é exclusivamente referencial, mas uma visão de sentido pautado numa comunicação que se fundamenta no “direito à palavra”. Tal discussão nos faz considerar os parceiros no ato de linguagem, pois o sentido instaura o modo de existência dos sujeitos falantes e escreventes, e é efetuando isso que, da mesma maneira, edifica-se as representações acerca do mundo.

Além disso, vale considerar que “o sentido é ao mesmo tempo nosso mito e nosso real. Constrói-se na confluência do *dito* e do *não dito* (do explícito e do implícito). Não é somente o *dito*, não é somente o *não dito*. Nasce da relação entre os dois” (Charaudeau, 2012a, p. 3). Acrescentamos que as significações se fazem presentes desde um simples cumprimento de “bom dia”, ou quando o jornalista escreve uma matéria, como a notícia, o editorial, por exemplo, à sombra de uma aparente transparência das palavras, mas que se encontram em uma abundância de significações. Com isso, ressaltamos, que se faz necessário elencar o preenchimento de certas condições para que os sujeitos falantes de uma determinada sociedade legitimem esse direito mútuo de falar e de produzir sentido, para que haja a realização do ato de comunicação. Diante disso, surge o seguinte questionamento: quais são os princípios que se assentam como pilar dessas condições de comunicação?

Como já discutido na seção 1.1, referente à concepção de ato de linguagem, retomamos a essa abordagem, com vista os quatro princípios que compõem esse ato e que contribuem também para o entendimento do contrato de comunicação, considerando, assim, o contexto desta pesquisa, com ênfase no contrato de comunicação midiática. Os quatro princípios são: *princípio de interação*, *princípio de pertinência*, *princípio de influência*, *princípio de regulação*.

Em síntese, o princípio da interação se constitui em uma troca entre dois parceiros, não assimétrica e ligados pelo reconhecimento mútuo de dois papéis de base que são: um sujeito que consiste em produzir e emitir asserções, outro, que consiste em receber e interpretar essas asserções. O princípio da pertinência é representado por dois fatores: encontra-se, de um lado, um auditório que reconhece a existência de um orador, de um projeto de fala, que dispõe a motivação do ato de linguagem e sua razão de ser; por outro lado, depreende-se a existência de dados em comum entre o orador e o auditório para a constituição do ato de linguagem, pois do contrário não efetuariam as trocas languageiras. Em outras palavras, esses sujeitos possam legitimar a existência de determinados saberes sobre o mundo, assim como valores que são outorgados a estes saberes e, por fim, as normas que legitimam os hábitos sociais instaurados em rituais languageiros.

Já o princípio da influência consiste, conforme Charaudeau (2012a; 2012b; 2016), na existência motivacional da intenção do sujeito falante que se debruça em buscar métodos necessários para agir sobre o outro. De acordo com esse princípio, qualquer ato de linguagem é um embate para o gerenciamento dos objetivos da comunicação. Considerando esse ponto de vista, na instância midiática, encontram-se gêneros com finalidades específicas, ou seja, a notícia e a reportagem desempenham uma função mais informativa, enquanto o editorial e o artigo de opinião representam papéis opinativos nessa esfera de comunicação. No entanto, essa influência pode ocorrer pela razão ou pela emoção. Por fim, temos o princípio da regulação, que define, ao mesmo tempo, as disposições entre os parceiros, mantendo-os contatos e reconhecendo-os como sujeitos legitimados na troca languageira. Além disso, esse princípio designa as premissas necessárias para que a troca comunicativa se instaure e se disponha, uma vez que o princípio da influência impõe entre os parceiros um embate discursivo permitindo o sujeito comunicante instituir certas estratégias de apoio com o intuito de assegurar a continuidade ou a ruptura da troca, a exemplo da *aceitação/rejeição* da palavra e do estatuto do outro e da *valorização/desvalorização* do parceiro concedendo-lhe o direito à palavra.

Diante dessa discussão, na sequência, apresentamos uma reflexão sobre o contrato de comunicação midiática. Para essa reflexão, partimos do entendimento de que “a situação de

comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico”. (Charaudeau, 2012b, p. 67). Isso se configura como um jogo de regulação das práticas sociais introduzidas pelos sujeitos parceiros que buscam viver em sociedade e pelos seus discursos de representação, concebidos para fundamentar essas *práxis* com a finalidade de valorizá-las.

Como já enfatizado anteriormente, qualquer situação de comunicação se realiza num quadro de *cointencionalidade*, ou seja, presume-se que uma dada situação de comunicação se faz necessário o reconhecimento mútuo das restrições da situação pelos indivíduos no ato de linguagem e que se encontram condicionados a um acordo prévio, sobretudo, os dados que se assentam nesse quadro de referência. Assim sendo, o contrato de comunicação é resultado de atributos próprios à situação de comunicação, que são os *dados externos*, de sua decorrente materialidade discursiva, que são dos *dados internos*.

Charaudeau (2012b), ao discutir sobre o contrato de comunicação midiática, destaca em sua reflexão, inicialmente, as contribuições dos dados externos para a troca linguageira. Desse modo, compreende-se que:

Os dados externos são aqueles que, no campo de uma prática social determinada, são constituídos pelas regularidades comportamentais dos indivíduos que aí efetuam trocas e pelas constantes que caracterizam essas trocas e que permaneceram estáveis por um determinado período (Charaudeau, 2012b, p. 68).

Aqui o linguista apresenta uma reflexão sobre os dados externos referentes a uma dada situação de comunicação e que se encontram relacionados às práticas sociais, contribuindo, assim, para a significação do discurso midiático, desde elementos que regulamentam os comportamentos dos indivíduos participantes da troca linguageira até questões vistas como constantes e representativas de estabilidade por um certo período. Para isto, os dados externos, para esse pesquisador, são reagrupados em quatro categorias: *condição de identidade*, *condição de finalidade*, *condição de propósito* e *condição de dispositivo*.

Já os dados internos consistem naqueles exclusivamente discursivos, ou seja, são aqueles que nos permitem responder ao questionamento do “como dizer?”. Aqui tratamos de conhecer como devem ser as condutas, os hábitos, os costumes dos parceiros da troca linguageira, seu modo de falar, assim como as funções linguageiras que necessitam assumir o emprego das formas verbais regulamentadas pelas instruções inclusas nas restrições situacionais. De acordo com Charaudeau (2012b), esses dados internos se configuram em: espaço de *locução*, espaço de *relação* e o espaço de *tematização*.

Nesse sentido, tomamos como base Charaudeau (2012b) para refletir sobre a classificação dos dados internos no contrato de comunicação midiática. Para isto, ele define que o espaço de *locução* consiste quando o sujeito falante necessita resolver o dilema do uso da palavra em situação específica de comunicação. De posse da palavra, justifica-se porque tomou a palavra, coloca-se como sujeito falante e identifica-se com seu auditório. Enquanto o espaço de *relação* se caracteriza como aquele em que o sujeito falante, ao conceber sua própria identidade de sujeito comunicante e a de seu sujeito interpretante, determina um vínculo de força ou de acordo, de dissensão ou de inserção, por exemplo, com o auditório. Por fim, o espaço de *tematização* se configura como o espaço responsável pela organização do domínio (ou domínios) do saber, o tema (ou temas) da situação de comunicação, quer sejam predeterminados pelas orientações inclusas nas restrições da troca quer sejam incluídos pelos integrantes da troca linguageira.

Além disso, é importante destacar a identidade das instâncias de informação e, para isto, entende-se que a comunicação midiática dispõe, assim como qualquer ato de linguagem, de duas instâncias: uma de *produção* e outra de *recepção*. Nessa conjuntura, de acordo Charaudeau (2012b), a instância da produção midiática tem uma dupla função: de um lado, como fornecedora de informação, demonstrando o *saber fazer*; de outro lado, impulsiona o desejo a um determinado público para consumir as informações, tendo em vista seu dever em captar seu auditório. Já a instância de recepção, por sua vez, consiste na manifestação de seu interesse ou de seu desejo em consumir essas informações.

Em relação à instância da circulação, Charaudeau (2012) enfatiza que “todo ato de comunicação se realiza num determinado ambiente físico que impõe restrições para a realização desse ato”. Para isto, ele destaca que uma informação, por exemplo, pode ser materializada através da rádio, enquanto um dispositivo sonoro; da televisão, como um dispositivo visual e da imprensa, vista como uma área especificamente escritural, ou seja, constituída de palavras, gráficos, de desenhos, dentre outros, sobre um suporte de papel.

Ainda no âmbito da instância de produção da esfera jornalística, cabe salientar que “o jornalista – quaisquer que sejam suas especificações: generalista/especialista, de escritório/de campo, correspondente, enviado especial etc. – não é o único ator, mas constitui a figura mais importante”. (Charaudeau, 2012b, p. 73). Para esse linguista, além dessas informações apontadas anteriormente, ele compreende também que a denominação “instância midiática” se refere a uma instância geral de produção com a integração de diferentes atores que colaboram para demarcar a instância de enunciação discursiva. Salientamos também que:

o jornalista tem por função transmitir informação. Mas essa informação se compõe de um conjunto de acontecimentos ou de saberes que aparentemente preexistem ao ato de transmissão, o que faz com que o jornalista se encontre numa posição que consiste em coletar os acontecimentos e os saberes, e não em cria-los, antes de tratá-los e transmiti-los (Charaudeau, 2012b, p. 74).

Desse modo, ainda que a instância midiática, na pessoa do jornalista, tenha como objetivo primário coletar os acontecimentos e os saberes, observamos também quanto à instância de enunciação discursiva de uma notícia, um certo grau de subjetividade, mesmo que a esfera jornalística tente ocultá-la, com a ideia de verificação da informação (credibilidade). Em relação à novidade da informação, ou seja, o *furo*, há dois tipos de armadilha em que a esfera jornalística pode cair, segundo esse pesquisador: a divulgação precoce de uma notícia que, posteriormente, não pode ser confirmada, a falsa revelação de uma informação ou simplesmente a revelação de um acontecimento que não merecia transformar-se em *uma querela*.

Também cabe destacar que o contrato de comunicação midiática se constitui em uma série de contradições a partir do momento em que se consideram os papéis desempenhados pelo jornalista e, por conseguinte, os papéis da instância midiática. A seguir, apresentamos algumas funções realizadas pelo jornalista, como: considerando o caráter de credibilidade, o jornalista é colocado apenas como um fornecedor de informação, ou seja, um mediador entre os fatos do mundo e sua disseminação. O jornalista, de um lado, se apresenta como um revelador de um fato desconhecido, assumindo, às vezes, o papel de oponente dos poderes constituídos, comportando-se e aspirando-se aos papéis de juiz a partir do momento que procede com um interrogatório e com um questionamento. Por outro lado, o jornalista se designa como *intérprete* dos fatos, examinando-os e situando-os. E, finalmente, o jornalista tenciona ser didático, almejando a função de mestre da opinião pública, conforme aponta Charaudeau (2012b).

Já a instância de recepção do discurso midiático, geralmente, os estudos referentes às mídias, concebe-se que é o público quem consome as informações produzidas pela instância de produção. Assim, é importante salientar que esse público, em primeiro lugar, se diferencia conforme o suporte de transmissão da informação, a saber: *leitores* da mídia impressa, *ouvintes* de rádio e *telespectadores* da televisão. Desse modo, compreendemos que os comportamentos intelectivos e afetivos do público não são equivalentes, considerando as diferentes mídias.

Em segundo lugar, a instância de produção encontra dificuldade para definir o público que compõe a instância de recepção no que tange seu *status* social, uma vez que os receptores não se encontram presentes fisicamente na situação de comunicação, além disso, a instância midiática não tem acesso a seus comportamentos, impossibilitando dialogar com eles, não pode

acessar com exatidão sua opinião para complementar a informação ou retificar a informação apresentada.

Considerando a classificação apontada por Charaudeau (2012b), em *alvo intelectual* e *alvo afetivo*, acerca da instância de recepção, em específico, o “destinatário-alvo”, entendemos que o primeiro é visto como aquele receptor que é capaz de julgar seu interesse com relação ao que lhe é apresentado, à confiabilidade que confere à instância midiática que informa, e sua capacidade de compreensão da notícia. Em suma, um *alvo intelectual* é um ponto em que se atribui a possibilidade de pensar.

Já o receptor na condição de alvo efetivo é diferentemente do anterior, ou seja, é o auditório que acredita não julgar nada de forma racional, mas inconscientemente mediante reações do campo emocional. Desse modo, a esfera jornalística constrói possibilidade sobre o que é mais adequado para atingir o emocional do sujeito alvo. Ela se fundamenta em características socialmente agrupadas em representação das emoções, como: o *inesperado*, o *repetitivo*, o *insólito*, o *inaudito*, o *enorme* e o *trágico*, conforme aponta Charaudeau (2012b). Portanto, ressaltamos que o público-alvo intelectual e o alvo efetivo se misturam no que se refere ao processo de construção da instância-alvo pela instância midiática.

Além do receptor “destinatário-alvo”, também destacamos o “receptor-público” como aquele que se posiciona a partir da exterioridade no que diz respeito à zona de influência sobre a qual se situa a instância-alvo. Com isso, enfatizamos que “não se trata mais de entidades construídas a partir de visadas, de hipóteses sobre o que as motiva e as emociona, em sua maneira de reportar o mundo, mas de entidades consideradas do ponto de vista de seus comportamentos como consumidoras de um produto comercial: a mídia” (Charaudeau, 2012b, p. 82). A instância midiática, considerando o “receptor-público”, não age somente como construtora da informação, mas como aquela que visa rentabilizar seu produto, com o objetivo de captar o maior número de usuários, tais como: *leitores*, *ouvintes* e *telespectadores*.

Endossamos essa reflexão destacando que demanda à comunicação midiática uma tensão entre duas visadas no que tange sua finalidade. Assim sendo, compreendemos enfatizar de que forma a esfera jornalística projeta sua finalidade comunicativa e, para isto, destacamos, cada uma delas, particularmente:

uma visada de *fazer saber*, ou visada de informação propriamente dita, que tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica: informar o cidadão; uma visada de *fazer sentir*, ou visada de captação, que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência (Charaudeau, 2012b, p. 86, grifos do autor).

Nesse sentido, no contrato de comunicação midiática, a primeira visada do domínio do *fazer saber* confere o valor de verdade da informação, pois se pressupõe que o mundo diante de sua existência em si seja retratado com austeridade em um acontecimento de significação cabível. Enquanto a segunda visada, é quando se joga com a sedução a fim de conquistar o máximo de pessoas a consumir a informação. Ou seja, toda visada de captação direciona sua orientação para o parceiro da troca, que é o destinatário, buscando persuadi-lo e seduzi-lo através de apelos emocionais que estão assentados em saberes de crenças compartilhados socialmente.

Apontamos, também, nesta reflexão, o *propósito* empreendido em um ato de comunicação de uma encenação midiática. Com ênfase nos discursos das mídias na esfera jornalística, toma-se como ponto de partida o seguinte questionamento: informamos sobre o quê? Para compreender essa questão, considerou-se que a informação parte de um *acontecimento* cuja designação refere-se a todo o fenômeno que é produzido no mundo. Além do mais, corroboramos que todo acontecimento é *sempre construído*, ou seja, “o acontecimento nunca é transmitido à instância de recepção em seu estado bruto; para sua significação, depende do olhar que se estende sobre ele, olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e, assim fazendo, o torna inteligível” (Charaudeau, 2012b, p. 95).

Isso confere o duplo processo de semiotização do mundo apontado por esse linguista, como: o processo de transformação e o de transação. Com base nessa relação dialética que se dispõe esses dois processos, comungamos do entendimento de que o “mundo a comentar” jamais é divulgado do mesmo modo à instância de recepção, visto que, antes de chegar a essa instância, ele percorre o processo de construção de sentido de um sujeito do discurso que o concebe em “mundo comentado”, referindo-se a um outro sujeito do qual assume, paralelamente, a identidade e a diferença.

Também compreendemos que qualquer informação se encontra em uma determinada circunstância de enunciação gerenciada por dispositivos de encenação. Dentre esses dispositivos, destacamos alguns: o rádio (dispositivo sonoro), a televisão (dispositivo visual) e a imprensa (um dispositivo de legibilidade). É sobre esse último que nos debruçamos a comentar, uma vez que corrobora o nosso universo de investigação. Para isto, precisamos compreender a *noção de imprensa* à luz da Teoria Semiolingüística que a define como:

[...] essencialmente uma área escritural, feita de palavras, de gráficos, de desenhos e, por vezes, de imagens fixas, sobre um suporte de papel. Esse conjunto inscreve essa mídia numa tradição escrita que se caracteriza

essencialmente por: uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê, a ausência física da instância de emissão para com a instância de recepção [...] (Charaudeau, 2012b, p. 113).

Diante disso, observamos que a instância de produção transmite uma informação à instância de recepção, tomando como base um conjunto de acontecimentos e de saberes que aparentemente antepõem o ato de transmissão. Ou seja, o processo de transformação corresponde, para a instância midiática, em transformar o acontecimento de um estado bruto, contudo, já interpretado, a um estado de mundo do discurso midiático construído, quer dizer, de “notícia”; pois isso decorre sob a dependência do processo de transação, que representa, para a esfera jornalística, em conceber a notícia em função de como ela idealiza a instância receptora, que, no que lhe concerne, reinterpreta a notícia ao seu modo.

Além do mais, Charaudeau (2012b, p. 131) reitera que “o acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso”. Em outras palavras, a construção do fato noticioso, no que tange sua significação, depende do olhar lançado sobre ele pelos diferentes atores sociais que partilham de conhecimentos e de saberes socialmente postos. Nesse sentido, a instância midiática sente a necessidade de “relatar o acontecimento”, considerando a problemática que é colocada a essa instância, sobretudo, em relação à *autenticidade* e à *verossimilhança* dos fatos descritos. É importante ressaltar que isso pode ser obtido através de diversos meios linguísticos que encaminham a três de procedimentos: *designação identificadora*, *analogia* e *visualização*.

Em relação à *designação identificadora*, é um procedimento que consiste no fenômeno de exibição de provas como forma de comprovar que o fato realmente existiu. Para isto, a instância midiática recorre à imagem (fixa ou animada) e/ou documentos que comprovem sua existência. Já a *analogia* corresponde ao procedimento quando não se pode apresentar o fato tal e qual, buscando, assim, reconstituí-lo da maneira mais fiel que possível, com a riqueza de detalhes na descrição, na comparação e na reconstituição do fato. Ao contrário, a mídia pode escolher fazer descrição subjetiva com nomeações enviesadas e com qualificações metafóricas. Por fim, a *visualização* consiste todo o esforço da instância midiática em tornar visível o que não é facilmente reconhecido, sendo necessário recorrer a mapas, maquetes, panoramas, esquemas, dentre outros, ou a utilização de aparelhos especiais que possibilitam a gravação, a fim de demonstrar a existência do acontecimento. Esse procedimento leva o leitor ou o ouvinte a penetrar em um universo desconhecido, sobretudo, sendo levado a imergir nas circunstâncias do fato.

Além dos procedimentos apontados por Charaudeau (2012b), ele também enfatiza as principais características da narrativa midiática, como: a *narrativa de simultaneidade* e a *narrativa reconstituída*. Para esta pesquisa, demos ênfase nessa última, tendo em vista nosso objeto de investigação. Essa, por sua vez, refere-se às reportagens da imprensa e algumas reportagens de televisão divulgadas posteriormente com comentário não concomitante. Considerando, desse modo, o papel do narrador do acontecimento e a posição em que ele se encontra, sente-se obrigado a apresentar as seguintes informações: introduzir uma *abertura*, tentar *reconstituir* os fatos, desenvolver um *comentário explicativo* e, finalmente, *fechar* a narrativa.

Com base nisso e considerando a tropicalização dos dados desta pesquisa, também destacamos o “discurso relatado” como um aspecto recorrente na composição narrativa de um acontecimento, levando em conta os diferentes gêneros que compõem a instância midiática. Assim sendo, argumenta-se que “o discurso relatado é o ato de enunciação pelo qual um locutor (Loc/r) relata (Dr) o que foi dito (Do) por um outro locutor (Loc/o), dirigindo-se a um interlocutor (Interloc/r) que, em princípio, não é o interlocutor de origem (Interlocu/o)”. (Charaudeau, 2012b, p. 161). Salientamos que o dito, considerando orador e o auditório de origem estão situados em um espaço e em um tempo de origem diferentes daquele espaço e daquele tempo do dito relatado, ou seja, do sujeito-relator e do auditório final.

Diante desse enfoque, recorremos a discussão de “representação do discurso outro” (doravante RDO) proposto por Authier-Revuz (1982; 2008) ao abordar essa reflexão no campo da *heterogeneidade enunciativa*. Desse modo, essa pesquisadora ao discutir a dialogicidade do discurso, destaca a importância da *heterogeneidade constitutiva*, pois compreende que essa heterogeneidade é uma condição que sem qual não existe discurso. Reitera ainda que esse tipo de construção discursiva não se manifesta por intermédio de marcas linguísticas explícitas; mas sim, encontra-se inscrita em pressupostos psicanalíticos atravessados pelo interdiscurso e pela orientação dialógica do discurso, sobretudo, porque esta noção funciona como base para outras formas de heterogeneidade enunciativa, como: *heterogeneidade mostrada* (marcada e não-marcada).

Nessa mesma direção, a linguista compreende que a *heterogeneidade mostrada marcada* se refere aquelas marcas linguísticas explícitas, enquanto *heterogeneidade mostrada não-marcada* consiste naquelas em que não há marcas linguísticas explicitamente. Assim sendo, esse tipo de heterogeneidade pode se manifestar no discurso, principalmente, em enunciados em que se fazem presente um discurso relatado, isto é, podendo se configurar em um discurso indireto ou um discurso direto. No primeiro, o enunciador se vale de suas próprias

palavras, utilizando-se de um discurso parafrástico como forma de transmitir o discurso do outro. Já no segundo, o enunciador recorta as palavras do outro e as cita, recorrendo, assim, ao recurso das aspas, da marcação em *itálico*, por exemplo.

Reiteramos ainda que Authier-Revuz (2008) enfatiza sua escolha pela designação de “representação do discurso outro” ao invés de “discurso citado” como forma de contemplar tanto o discurso direto (DD) quanto o discurso indireto (DI). Em função disso, recorremos a noção de *heterogeneidade constitutiva*, uma vez que ela considera como um princípio de sustentação de outras formas de *heterogeneidade enunciativa*, especialmente, quando é afirmado que “falar é entrar em relação dialógica com esses discursos outros que habitam as palavras e é, nesse processo – que escuta, acolhe, com ou sem reticência, cada palavra, em função daquilo que ressoa nela de vozes estrangeiras –, que o discurso toma corpo” (Authier-Revuz, 2008, p. 118). Ou seja, para a construção de um discurso, torna-se necessário compreender que “tudo é situacional”, sendo que nossas palavras e usos se configuram como empréstimos de palavras de outros.

Com base nessa reflexão, ressaltamos que o fenômeno do “discurso relatado” é bastante recorrente na instância midiática que funciona estrategicamente como um discurso de prova. Em relação ao outro, respaldando-se na manobra do empréstimo, o discurso relatado objetiva gerar diferentes comprovações, como: demonstrar *autenticidade* do dito de origem, atribuir *responsabilidade* àquele que disse, assegurar a *veracidade* do que foi dito, com a finalidade de sustentar, justificar ou fundamentar os *propósitos* do sujeito-relator.

Com relação ao sujeito-relator, ao apoiar-se na operação da demarcação, o discurso relatado objetiva gerar a prova para seu posicionamento, a saber: demonstrar um posicionamento de *autoridade*, ao passo que relatar é revelar seu conhecimento; um posicionamento de *poder*, uma vez que citar é, estrategicamente, uma maneira de demonstrar para o outro seu saber e; finalmente, o posicionamento de *engajamento*, visto que relatar desvela, através de escolhas de palavras, um acordo do sujeito-relator aos *objetivos* do orador de origem.

Para finalizar essa reflexão, apresentamos, de um lado, as diferentes maneiras de se relatar um dito, a exemplo de “citando”, “integrando” e “narrativizando”. Com relação à *citação*, confere, mais ou menos, a reprodução fidedigna do que foi enunciado, apresentando evidências de autonomia no discurso do orador-relator. Charaudeau (2012b) ressalta que as principais marcas são: os dois pontos e as aspas. Já a *integração* consiste em modificações no discurso de origem, no dizer daquele que relata, com o uso da terceira pessoa. Por fim, no discurso relatado pode se encontrar a operação da *narrativização*, ou seja, o dito de origem que

é relatado, é narrado de tal maneira que se albergue totalmente, ou mesmo se apague, no discurso de quem relata, a exemplo do seguinte dito: “‘Eu te amo’ poderá ser relatado como: ‘Ele lhe declarou seu amor’” (Charaudeau, 2012b, p. 165).

Por outro lado, apresentamos os efeitos valorativos do discurso relatado quando utilizados pela instância midiática. Os principais efeitos são: *efeito de decisão*, *efeito de saber*, *efeito de opinião* e *efeito de testemunho*. O *efeito de decisão* consiste numa declaração emanada por um orador que tem por objetivo demonstrar uma decisão, ou seja, um ato performativo que, ao mesmo tempo, no ato de declarar encontra-se a realização de uma ação. Já o *efeito de saber* corresponde a uma declaração proveniente de um orador que se encontra numa posição de autoridade pelo saber. No contexto da instância midiática, esse efeito é endossado pela instância que relata o dito, utilizando-se de um maior ou um menor distanciamento, a depender do fato. Enquanto o *efeito de opinião* refere-se a uma declaração emanada de um orador que externa seu julgamento em relação aos fatos. Por último, o *efeito de testemunho* que consiste na declaração de um orador que se satisfaz em relatar o que viu ou ouviu acerca de um determinado acontecimento.

Com o objetivo de concluir essa discussão, recorremos a Charaudeau (2012b, p. 170) em virtude de ele acrescentar que “o problema da seleção é saber se o organismo de informação quer produzir de si uma imagem institucional (efeito de decisão), democrática (efeito de opinião) ou populista (efeito de testemunho)”. Portanto, neste tópico, apontamos uma reflexão sobre o contrato de comunicação midiático à luz da Análise Semiolinguística do Discurso; na sequência, discorreremos sobre os imaginários sociodiscursivos.

1.3 Os imaginários sociodiscursivos

Os atos de linguagem são investidos de saberes, às vezes, pelo *pathos* (quando o EUE afeta o TUD pela emoção), pelo *ethos* (a imagem de si do orador) e pelo *logos* (razão). Diante disso, buscamos, neste tópico, ressaltar as contribuições dos estudos sobre os imaginários sociodiscursivos para depois compreender os efeitos patêmicos presentes em matérias publicadas pelo jornal *O Dia* sobre o sanatório Meduna. Assim, tomamos como base teórica para esta discussão Charaudeau (2017), porque ele aborda sobre os saberes de conhecimento e os saberes de crença, partindo de um conceito mais genérico, em que o termo “imaginário” deixa de ser considerado como uma existência apenas da imaginação, sem considerar a realidade. Na sequência, o autor traz uma definição que contempla os atos de linguagem, principalmente, quando afirma que os imaginários se constituem pela apreensão do mundo

através das práticas sociais, proporcionando, desse modo, a significação dos objetos no mundo, com ênfase na produção de determinados fenômenos sociais, tal como a constituição dos seres humanos e seus comportamentos.

Quanto à estruturação dos imaginários no que tange à mecânica das representações sociais, a produção dos discursos pode ser estruturada em saberes de conhecimento e em saberes de crença. Para isso, “os saberes de conhecimento tendem a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo. Uma verdade que existe fora da subjetividade do sujeito” (Charaudeau, 2017, p. 581). Sobre os discursos produzidos sob o olhar dos saberes de conhecimento não cabem julgamento, não sendo possível recorrer às impressões subjetivas por se tratar de uma verdade que está relacionada aos fatos do mundo, que possibilita apenas explicação objetiva dos fenômenos colocados frente ao homem, sendo, assim, desprovidos de toda subjetividade, já que o orador é visto como um ser que age com impessoalidade. Desse modo, os saberes de conhecimento se dividem em dois tipos: o saber científico e o saber de experiência.

O saber científico refere-se às explicações construídas sobre o mundo através das quais apreende o conhecimento sobre o mundo e a maneira como ele funciona, tendo em vista que esse conhecimento está na ordem dos critérios científicos, sendo baseado em observações, experimentos e dados quantitativos (cálculo); ou melhor dizendo, é um saber que se pauta em instrumentos que podem ser aplicados por qualquer pessoa que tenha o mesmo conhecimento. Em suma, esse conhecimento está na ordem do que é provado, ligado ao que se denomina teoria.

Já o saber de experiência é aplicado ao conhecimento no todo, visto que esse tipo de saber não se preocupa com a garantia da comprovação do conhecimento. Desse modo, [...] “todo indivíduo pode se valer de um saber de experiência desde que o tenha experimentado e que possa supor que qualquer outro indivíduo na mesma situação tenha experimentado a mesma coisa” [...] (Charaudeau, 2017, p. 582). Esse autor, como forma de explicar o saber de experiência, traz o seguinte conhecimento popular: “o sol nasce e se põe todos os dias” (um saber de experiência) quando se leva em consideração que “a terra gira em torno do sol” (saber científico). Assim, o saber de experiência é um conhecimento universalmente partilhado, não havendo a necessidade da comprovação para se compreender um determinado fenômeno.

Na sequência, abordamos sobre os saberes de crença, estando estes diretamente relacionados às avaliações e aos julgamentos que atribuímos ao mundo, aos comportamentos e aos pensamentos dos seres humanos a fim de que se possam descrever e explicar o conhecimento sobre os fenômenos do mundo, já que isso independe do posicionamento do sujeito, ou melhor, a crença parte do olhar dado pelo sujeito acerca da legitimidade dos eventos

e das ações humanas. O saber de crença se estrutura em dois tipos: o saber de revelação e o saber de opinião.

Nessa perspectiva, o saber de revelação se constrói na suposição da existência de verdade, porém, essa verdade é exterior ao sujeito. Assim, diferentemente do saber de conhecimento, o saber de revelação não se inclui na ordem da comprovação ou verificação do conhecimento, posto que esse tipo de discurso se constitui sob a modalidade de evidência. Com o objetivo de esclarecer esse tipo de saber, Charaudeau (2017) apresenta o conhecimento partilhado universalmente de que “Jesus é filho de Deus”, ou seja, um saber revelado que se sustenta pela evidência, recusando, assim, a crítica, uma verdade que, quando contrariada, se dá por meio da negação da fé.

Quanto ao saber de opinião, refere-se ao processo de avaliação pelo sujeito e seu julgamento em relação aos fenômenos do mundo. Nesse contexto, [...] “existem inúmeros julgamentos a respeito dos fatos do mundo, julgamentos dentre os quais o sujeito faz escolha segundo diversas lógicas: do necessário, do provável, do possível, do verossímil, e nos quais mais intervém a razão que a emoção” (Charaudeau, 2017, p. 584). Dentre os vários julgamentos possíveis envolvidos no ato de comunicação, destacam-se as operações discursivas e o princípio de captação (afetar pela emoção) através de situações sensíveis a fim de conquistar a adesão do TUD.

No âmbito da manifestação do saber de opinião como um conhecimento que se constitui através de inúmeros julgamentos dos saberes do mundo mediante diversas categorias de opinião, destacam-se as seguintes: opinião comum, opinião relativa e opinião coletiva. A opinião comum engloba de forma genérica os conhecimentos universais que são largamente partilhados, a exemplo dos provérbios, dos ditados populares e outros enunciados revestidos de um valor mais geral.

Já a opinião relativa tem um escopo mais limitado, pois envolve tanto um sujeito individual quanto um grupo, sendo possível nas operações discursivas a adesão ou a oposição do julgamento, já que esse tipo de opinião se inscreve em um espaço de discussão abrangendo outros grupos além daqueles em que surge a proposição de opinião, dado que se refere a um espaço de discussão democrática. Por outro lado, a opinião coletiva é um julgamento realizado por um grupo a respeito de outro grupo.

Como forma de exemplificar essa categoria, podemos pensar na afirmação de que o “Rio de Janeiro é uma cidade maravilhosa”; em outros termos, há um julgamento atribuído à cidade e que contribui para diferenciar das demais cidades brasileiras. Portanto, os saberes de conhecimento e os saberes de crença nos possibilitam compreender as operações discursivas

numa interrelação com a discussão de *pathos*, principalmente porque os discursos, por vezes, manifestam-se através de um princípio de captação, em que o orador influencia seu auditório pela emoção. Nesta seção, apresentamos uma reflexão sobre o ato de linguagem, as circunstâncias de discurso, o contrato de comunicação midiático e os imaginários sociodiscursivos à luz da Análise Semiolinguística do Discurso; e na segunda seção, discorreremos sobre os processos argumentativos como um fenômeno discursivo.

2 ARGUMENTAÇÃO COMO CONSTITUTIVA DO DISCURSO

Nesta seção, demos ênfase a discussão sobre a argumentação no discurso, tomando como base os seguintes autores: Aristóteles (2015), Abreu (2009), Amossy (2018; 2019), Charaudeau (2002; 2007; 2010; 2015; 2016), Figueiredo (2020; 2023), Moura (2020), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), dentre outros. Essas referências contribuíram para uma compreensão da evolução dos estudos argumentativos e, para isso, partimos da retórica; na sequência, recorreremos à nova retórica e, finalmente, à argumentação no discurso. Inicialmente, demos enfoque às concepções defendidas de que a argumentação se constitui como um recurso discursivo, visto que quem enuncia está munido de intencionalidade a fim de conquistar a adesão do seu auditório. Posteriormente, foi necessário revisitar os postulados aristotélicos, principalmente, dando centralidade às provas retóricas para que se possa estabelecer uma compreensão dessas estratégias argumentativas/discursivas adotadas por pesquisadores contemporâneos.

2. 1 Uma Análise Argumentativa do Discurso

Para a discussão desse tópico, partimos da premissa de que toda argumentação compreende a tentativa de o orador influenciar seu auditório, tendo como objetivo a busca pela adesão do outro e de fazê-lo mudar sua opinião, crenças e visões de mundo. O fenômeno argumentativo articula ações que estão a favor de “mobilizar justificativas convincentes para as próprias convicções acerca do mundo; é valer-se da língua, considerando a situação de interação; é dominar estratégias de caráter macro e microtextual” conforme aponta Moura (2020, p. 50). Esse jogo argumentativo visa atingir o auditório de tal forma que ele possa concordar com o ponto de vista do orador e provavelmente mudar seu próprio comportamento.

No processo argumentativo, a mudança de opinião é vista como um sinal patente da eficácia de uma argumentação. Assim sendo, a argumentação faz parte das nossas atividades diárias, ou melhor, está em todos os lugares e se constitui de diversas formas. Em nosso cotidiano ela se apresenta, por exemplo, quando buscamos convencer alguém de que não é correto descartar o lixo em qualquer lugar; no domínio discursivo da escola, quando o aluno procura justificar sua ausência, ou o contrário, quando o professor precisa se ausentar de suas atividades laborais; está na política, quando numa campanha eleitoral cada candidato procura convencer seus eleitores de que ele é a melhor opção para representar seu povo no legislativo, por exemplo; e na esfera jornalística, através do editorial, do artigo de opinião, buscando

construir a imagem de si na tentativa de influenciar na alteração de visões de mundo de seus leitores, bem como em seus comportamentos e afetos.

Dessa forma, Abreu (2009, p. 25) compreende que “argumentar é a arte de convencer e persuadir”. Para esse autor, convencer é uma construção relacionada com o campo das ideias, pois, quando se convence alguém, esse alguém passa a pensar de igual forma. No entanto, o fenômeno da persuasão é construído no terreno das emoções, com o objetivo de sensibilizar o outro a agir. Em síntese, quando persuadimos alguém, esse sujeito realiza algo que desejamos que ele realize, sendo que, às vezes, apenas se consegue convencer uma pessoa, sem levá-la à persuasão. A exemplo disso, pode-se destacar o caso de um fumante, que reconhece o perigo do cigarro, e, mesmo assim, continua fumando. Nesse caso, o indivíduo concorda e reconhece os riscos que o cigarro pode ocasionar, mas não o levou à ação de parar de fumar.

Nessa mesma direção, Abreu (2009) destaca quatro condições para que uma argumentação se efetive de fato, considerando, desse modo, a inserção do cidadão em diversos ambientes sociais e políticos. A primeira condição da argumentação refere-se à definição de uma tese, almejando relacionar quais perguntas estão em sua origem. Enquanto a segunda condição é a adequação da linguagem ao auditório presumido. Em outras palavras, se desejamos atingir o orador, há a necessidade de nos adaptarmos às condições quer sejam intelectuais quer sejam sociais daqueles que pretendemos influenciar, e nunca o contrário. A terceira condição da argumentação corresponde a um contato positivo com o auditório, pois é necessário gerenciar as relações, respeitar as hierarquias, bem como faz-se necessário desenvolver a capacidade de ouvir com empatia. Isso nos faz revisitar a discussão de *pathos*, que em grego, significa sentimento. Nesse sentido, “ouvir com empatia quer dizer, pois, ouvir *dentro do* sentimento do outro” (Abreu, 2009, p. 37, grifo do autor). Finalmente, a quarta condição, vista pelo autor como a mais importante, porque adverte a necessidade de se “agir de forma ética”. Portanto, deveríamos argumentar de forma que haja honestidade e transparência no jogo argumentativo, comportando-se de modo verdadeiro, sem receio de revelar nossas intencionalidades e emoções.

A defesa de uma argumentação ancorada em processos discursivos nos faz revisitar os postulados de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014). Esses pesquisadores compreendem que a argumentação suscita alguns efeitos, tais como:

O objetivo de toda argumentação [...] é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu assentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão, de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou obstenção) ou,

pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno (Perelman e Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 50).

Na Nova Retórica, é possível perceber uma preocupação mais incisiva sobre a utilização das técnicas argumentativas para a constituição do discurso persuasivo, visto que, no processo argumentativo, o orador recorre a uma tipologia argumentativa específica para impactar o seu auditório. Os argumentos, a legitimidade, a credibilidade, tudo isso provoca, de alguma maneira, a alteração no comportamento do outro, através da confiança despertada no auditório e, principalmente, quando o orador suscita uma imagem positiva ou quando atinge o auditório pelas emoções que geram dor ou prazer. É importante salientar que toda argumentação tem como ponto de partida, uma tese, quer dizer, um ponto de vista defendido pelo orador visando influenciar um auditório que pode se constituir como particular ou universal.

Com o objetivo de situar os estudos argumentativos no contexto retórico e discursivo, assim como contribuir com esta área de pesquisa, destacamos as contribuições de Moura (2020, p. 50) quando considera que “a partir do momento em que argumentamos acerca de um objeto do mundo, estamos tentando influenciar alguém, buscando inseri-lo em um quadro específico de crenças e convicções possíveis no interior de uma determinada comunidade de fala”. Nesse contexto, foi necessário revisitar a perspectiva teórica proposta por Amossy (2018), pois ela propõe orientações de uma Análise Argumentativa do Discurso, tomando como ponto de partida os fundamentos da teoria retórica, a saber: os estudos Retóricos de Aristóteles e a Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca. Assim sendo, vale destacar que

[...] o discurso procura sempre produzir um impacto sobre seu público. Esforça-se, frequentemente, para fazê-lo aderir a uma tese: ele possui, então, uma *visada* argumentativa. Mas o discurso também pode, mais modestamente, procurar modificar a orientação dos modos de ver e de sentir: nesse caso, ele possui uma *dimensão* argumentativa (Amossy, 2018, p. 7).

A autora chama atenção para, dependendo da situação de comunicação, alguns discursos que têm uma orientação argumentativa declarada. Por exemplo, quando se considera na esfera jornalística o editorial e o artigo de opinião, notamos uma visada argumentativa explícita, pois pretende persuadir a todo custo. Já os gêneros notícia e reportagem, por exemplo, são textos informativos sem uma orientação argumentativa declarada, ou seja, não apresentam uma intenção clara de persuasão, no entanto, é possível identificar recursos retórico-discursivos que reforçam a prova ou a comprovação de um determinado fato. No entanto, há uma intencionalidade argumentativa, já que as escolhas linguísticas feitas pelo orador podem contribuir para a alteração de comportamento do auditório, principalmente, quando se destaca

os efeitos apregoados pelas emoções. Ou seja, o ornamento do discurso, para os antigos, se constituía pela retórica como a teoria da fala, mas vale salientar que a vocação primeira é a capacidade da palavra de provocar a convicção. Sendo essa capacidade um dos principais objetivos que têm provocado a retomada das reflexões dos estudos argumentativos na era da democracia e da comunicação.

Os postulados de uma Análise Argumentativa do Discurso entendem que “o objetivo maior dos estudos sobre a argumentação é analisar, sob todas as suas facetas, o funcionamento da comunicação humana como fenômeno linguageiro, cognitivo e sociopolítico” (Amossy, 2018, p. 9). Nessa conjuntura, tem-se uma preocupação de descrever a realidade das trocas verbais com ênfase nas relações intersubjetivas e sociais. Também é importante destacar que o estudo da argumentação como parte integrante da Análise do Discurso se constitui na medida em que se almeja esclarecer os processos discursivos a partir de seus funcionamentos, pois trata-se de uma disciplina que busca relacionar a fala em situações reais de uso, dentro de quadros institucionais; procura ultrapassar a oposição texto/contexto, recusando-se, desse modo, a centralizar a origem do discurso em um orador individual dono absoluto de seu próprio dizer, uma vez que todo orador, assim como o auditório, são atravessados por outros dizeres, sendo assim, atualizados e condicionados as possibilidades de seu tempo. O sujeito é, na verdade, estrategista. Tem intencionalidade, mas também é coagido externamente.

No âmbito de uma Análise Argumentativa do Discurso, temos os fundamentos da retórica antiga e da nova. Levamos em consideração *a priori* a retórica clássica, ao abordar que a palavra é entendida, conforme Aristóteles (2015) e retomada por Amossy (2018), como aquela que se constitui de força argumentativa exercida nas trocas verbais, por meio das quais os sujeitos, munidos de razão, são capazes, através de uma via não autoritária, de conduzir seus semelhantes a compartilhar de seu ponto de vista e, às vezes, fundamentando-se no que aparenta acreditável e coerente de crer e de fazer.

Quanto à visão da nova retórica, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2015), é importante destacar que a teoria da argumentação perelmaniana busca oferecer, para a área, uma taxionomia das mais relevantes técnicas argumentativas denominadas como métodos que permitem uma fusão ou uma ruptura típica de um raciocínio aceitável. Em síntese, Amossy (2018) argumenta que os pesquisadores da nova retórica são fiéis à concepção de discurso, procurando demonstrar que através de estratégias verbais planejadas, é possível levar o auditório à adesão da tese.

De acordo com Charaudeau (2002; 2016), todo ato de linguagem origina-se de um sujeito que institui uma relação com outro sujeito (princípio da alteridade) a fim de influenciá-

lo (princípio da influência) e, coincidentemente, produz uma ligação com o auditório através do princípio da regulação. Assim como apresentado no início dessa discussão acerca da visada argumentativa (um discurso que sinaliza uma intenção clara de persuasão) e da dimensão argumentativa (um discurso que se comporta sem uma intenção clara de persuasão), entendemos que se faz necessário retomar a essa visão a fim de destacar a compreensão de Moura (2020) em uma análise com editoriais.

No caso da análise de editoriais realizada pelo citado autor, considerando que esse gênero faz parte de um veículo informativo, ele ressalta que há controvérsias nos estudos desenvolvidos sobre o editorial. Nessa perspectiva, Moura (2020, p. 52-53) adverte que “o editorialista de um jornal [...] se dirige, portanto, ao conjunto da sociedade piauiense, construindo uma argumentação que seja capaz de agradar aos que já compartilham com suas ideias e convencer aqueles que, porventura, lhes sejam contrários”. É desse modo que se constitui, de forma plena, uma visada argumentativa via gênero editorial.

A fim de corroborar nossa tese, destacamos o posicionamento de Galinari (2007, p. 222, grifo do autor), quando afirma que “pode-se associar o termo *argumento* aos mais variados enunciados sociais que, em determinada conjuntura, encontra-se carregados pelas propriedades de *fazer-crer* e/ou *fazer-fazer* e/ou *fazer-sentir*”. Então, para este autor, a carga argumentativa dos enunciados depende, essencialmente, da dinâmica em que se encontra a situação de comunicação e dos projetos de fala constitutivos da interação, pois estes são responsáveis, também, pelo controle da intensidade da adesão, selecionando e combinando, a seu desejo, teses, ações e emoções. O editorial, por exemplo, suporta esses aspectos.

Considerando-se que o *corpus* dessa pesquisa é constituído por notícia, editorial, reportagem, por exemplo, produzidos pela mídia piauiense sobre o Sanatório Meduna, observamos, também, a organização da lógica argumentativa com base em Charaudeau (2016). Conforme essa perspectiva teórica, toda argumentação é constituída de pelo menos três elementos: uma asserção de partida (A1), uma asserção de chegada (A2) e uma asserção de passagem no meio. Estes elementos são encadeados mediante conexões lógicas a fim de expressar uma relação de causalidade. Essas funções “encadeadas” se materializam através da conjunção, da disjunção, da restrição, da oposição, da causa, da consequência e da finalidade.

É importante ressaltar que a passagem de uma asserção à outra acontece conforme inferência estabelecida entre uma premissa e uma conclusão, produzindo uma conexão que pode se constituir no domínio do *possível*, do *necessário* ou do *provável*. Tais domínios organizam-se em dois eixos: o *eixo do possível* e o *eixo do obrigatório*. Finalmente, fez-se necessário destacar o valor de verdade, entre as asserções, presente nos vínculos modais, como

exemplo, “para todos os casos (generalização), para um caso específico (particularização), para um caso suposto (hipótese)” (Moura, 2020, p. 54). Assim sendo, não poderíamos deixar de mencionar, dentro do campo da lógica argumentativa, uma abordagem que atravessou séculos, sendo revisitada no século passado com o objetivo de fortalecer a discussão sobre argumentação: a retórica de Aristóteles. Na sequência, abordar-se-á as contribuições dessa base teórica para nossa pesquisa.

2. 2 As provas retóricas na visão aristotélica

Para a discussão deste tópico, partimos da visão de retórica adotada por Aristóteles, destacando sua definição e sua estrutura lógica. Magistralmente, a retórica é definida pelo mestre grego como “[...] a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (Aristóteles, 2015, p. 62). Como vemos, a retórica é um campo do saber que tem como ponto fulcral descortinar as estratégias argumentativas que objetivam persuadir o outro. Tais estratégias se manifestam por meio do discurso, ou seja, na construção linguageira que é enunciada por um orador, seja oral, escrita, imagética, entre outras modalidades.

Além disso, é necessário pontuar a compreensão de razão, de retórica e de argumentação abordada numa visão bastante lógica, em que o discurso se reduzia ao mero cálculo com o objetivo de conduzir ao espírito a posse dos verdadeiros e dos inigualáveis princípios fundamentados na matemática pura e universal numa perspectiva do método dedutivo. Essa visão se opõe à retórica, pois enquanto a perspectiva demonstrativa está para o campo do necessário, a retórica está para o campo do preferível, ou seja, daquilo que é possível.

Com a Nova Retórica, é posto em questão a concepção cartesiana e o legado da lógica moderna proveniente dos cientistas matemáticos do século XIX. Essa última perspectiva busca demonstrar através “[...] da retomada do conceito aristotélico de dialética, que eliminar os equívocos, as controvérsias, as incertezas, só é possível se se tratar de uma língua artificial, restrita ao cálculo mecânico com número limitado de elementos [...]” (Olímpio-Ferreira, 2023, p. 23). Essa corrente lógica desprendia dos entraves da subjetividade do raciocínio, do exercício verbal natural, de questões sociais e históricas, da situacionalidade objetivada, de fatores que contribuía para as realizações interdiscursivas e intersubjetivas, e a pluralidade de sentidos. Em síntese, era uma visão desvinculada do mundo sociológico da linguagem.

Ainda buscando situar os estudos retóricos na tradição aristotélica, notamos que a noção de persuasão se constitui nas provas levantadas pelo orador a fim de conquistar a adesão do auditório e buscar o assentimento das teses pelo auditório particular e/ou universal. Para

Aristóteles (2015, p. 63), “as provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar”. A prova referente ao orador é o *ethos*; a prova relacionada às paixões é o *pathos*; e a prova centrada no próprio discurso é o *logos*. Essa tríade não é vista de maneira separada, dissociada ou oposta, ao contrário, consideramos os três elementos como categorias indissociáveis.

Aqui a persuasão se estabelece pela credibilidade do orador, ou seja, a imagem que ele constrói proporciona uma ideia de um discurso verdadeiro ou que pareça sê-lo. Além do mais, “persuade-se pela disposição dos ouvintes, quando estes são levados a sentir emoção por meio do discurso, pois os juízos que emitimos variam conforme sentimos tristeza ou alegria, amor ou ódio” (Aristóteles, 2015, p. 63). A persuasão, nesse caso, constitui-se pela mobilização de sentimentos ativados num determinado discurso, cujo efeito de persuasão se assenta numa possibilidade, considerando que a passionalidade depende do estado de espírito, da cultura e da identidade do auditório, por exemplo.

Ressaltamos, também, que os termos “como *deliberação*, *adesão*, *assentimento* são palavras-chave na Nova Retórica, a presença do auditório é de importância fundamental” (Olimpio-Ferreira, 2023, p. 24, grifos do autor). Tal concepção está vinculada à dimensão pragmática, visto que a argumentação pode ser direcionada a qualquer indivíduo (espécie de espírito), necessariamente adaptada, considerando seus níveis, aos sujeitos que objetivam convencer ou persuadir, contrariando a visão antiga de que a Retórica é uma técnica, exclusivamente oral e restrita a discurso reservado e partilhado socialmente a um público incapaz de elaborar discursos mais sofisticados, ou, às vezes, vista como uma mera estratégia do bem falar.

Diante de tal discussão, compreendemos que “a Retórica é uma prática significativa e comunicativa que só se efetua na relação entre dois termos interdependentes: o orador e o auditório, o emissor e o receptor da mensagem” (Tringali, 1988, p. 31). Em Perelman, há uma revisitação a Aristóteles, principalmente, quando se destaca em suas investigações a noção de raciocínio, os meios de se provar uma tese, nas ciências humanas, em especial, no Direito; sentindo, assim, a necessidade de recuperar a distinção entre analítica e dialética. O proponente da Nova Retórica se rebelou contra o postulado adotado na obra de Descartes e Kant. Tal perspectiva não pode estar restrita somente ao campo dos conhecimentos científicos, sobretudo, porque faz parte da vida do homem que é um mundo de opiniões e de crenças que precisavam ser levadas em consideração no processo argumentativo. Nesse sentido, há o entendimento de que

No universo de uma abordagem discursiva da argumentação, entende-se que esta se desenvolve no objetivo de buscar a adesão de um auditório, geralmente particular, pois, em última análise, aquela tese que seria irrefutável para todo o ser humano racional, já não mais pertenceria ao seu âmbito, mas sim, ao da demonstração (Moura, 2020, p. 56).

Vale ressaltar que a Nova Retórica buscou integrar as subjetividades do orador e do auditório, distinguindo, desse modo, os auditórios universais, particulares, com vista a noção “de um único indivíduo” e “de deliberação íntima” conforme afirma Olímpio-Ferreira (2023). De um lado, temos o orador que se esforça para influenciar os ouvintes, através de diversas técnicas, com a finalidade de persuadir e de levar a aceitar sua opinião como aquela mais provável, pois exige do orador a necessidade de conhecer o contexto sociológico e psicológico do auditório para a eficácia da persuasão. Por outro lado, temos o auditório que se constitui, em um sentido restrito e padrão, pela presença dos ouvintes e em um sentido mais amplo incluindo os leitores, como é caso das matérias produzidas e divulgadas em jornais, considerando a variedade de colunas existentes na esfera jornalística.

Em síntese, “o auditório é o conjunto de pessoas que queremos convencer e persuadir” (Abreu, 2009, p. 39). Ou melhor, entendemos que a extensão do auditório pode variar, como, por exemplo, uma comunicação em uma rede nacional de rádio e de televisão, feita pelo Presidente da República, ou um pequeno grupo, quando se considera os funcionários de uma empresa, assim como uma única pessoa, a exemplo, de um amigo, cliente, dentre outros. Ressaltamos ainda que “o auditório são os leitores do jornal ou os telespectadores em suas casas” (Abreu, 2009, p. 39).

No contexto desta pesquisa, o auditório é representado pelos leitores dos jornais⁸ sobre os quais nos debruçamos em analisar algumas matérias com o enfoque no discurso midiático acerca do Sanatório Meduna publicadas pelo jornal *O Dia*. Conforme reitera Ribeiro (2000), o jornal *O Dia*, no contexto do estado do Rio de Janeiro e do Distrito Federal, inicialmente, estava direcionado para um público mais pobre, visto como um jornalismo popular de natureza sensacionalista, fator que elevou o sucesso do jornal e o declínio de outros jornais da época. Diante disso, e considerando a classificação de auditório em universal e particular postulado na Nova Retórica, que se recorreu a Abreu (2009, p. 40) ao afirmar que, por um lado, o “auditório

⁸ Ribeiro (2000, p. 97, grifo do autor) enfatiza que “Chagas Freitas resolveu fundar, em 5 de julho de 1951, o matutino *O Dia*. O seu lançamento constituiu um sucesso editorial sem precedentes. Em pouco tempo, era um dos jornais de maior circulação do Distrito Federal, com uma tiragem de quase 100 mil exemplares. *O Dia* não tinha muita importância como veículo de propaganda comercial, já que sua circulação, apesar de grande, era praticamente restrita às camadas mais baixas da população. [...] O sucesso de *O Dia*, com o seu jornalismo popular de estilo sensacionalista, marcou, o declínio dos pequenos jornais populares de cunho político, sobretudo da imprensa diária socialista, dirigida a um público operário”.

universal é um conjunto de pessoas sobre cujas variáveis não temos controle”. A exemplo disso, podemos citar os telespectadores de uma emissora de televisão e, por outro lado, o “auditório particular é um conjunto de pessoas cujas variáveis controlamos” (Abreu, 2009, p. 40), tal como, uma turma de alunos(as) matriculados (as) numa determinada disciplina em uma universidade.

Posto isso, também é importante ressaltar o que se entende por argumentação quando comparada com a Retórica Clássica. Tal perspectiva nos faz compreender que há uma continuidade da concepção antiga em relação à noção de acordos, provas e verdades, por exemplo, ao se tomar como base a visão dada à argumentação na Nova Retórica e, atualmente, na argumentação como discurso conforme postula Amossy (2018). Ainda de acordo com a visão adotada na Nova Retórica depreende-se que

[...] a argumentação está presente em todos os níveis de linguagem, a *escolha*, a *adaptação*, a *presença* e a *apresentação* dos dados terão ampla aceitabilidade, mas não serão agraciados com a *interpretação* única, já que, na situação argumentativa, o lugar é o confronto de ambiguidade, de pluralidade de sentidos, de abertura à multiplicidade das opiniões; é o de embate entre a distância entre os homens e o esforço para a sua redução (Olímpio-Ferreira, 2023, p. 47, grifo do autor).

A Retórica e a argumentação caminham de mãos dadas, uma vez que são dois campos da atividade humana. A Retórica, desde os sofistas, possui um método próprio de investigar o discurso argumentativo. A argumentação se constitui num arcabouço teórico-metodológico-analítico mais amplo, buscando contemplar questões subjetivas do discurso. Argumentar é um processo de escolha, adaptação, presença e apresentação da relação argumentativa, constituída de dados e de causalidade, com a possibilidade de acordos e de desacordos, visto que a argumentação produz situações em que os desacordos e o ponto de vista sejam postos em discussão a partir de valores variáveis e, além disso, considera-se também que há a possibilidade de inserção de novas situações nos argumentos mobilizados via discurso. Entendemos que a retórica é a mãe das teorias da argumentação e, entre elas, a argumentação no discurso.

Feito isso, vale destacar como é vista a Retórica, a Argumentação e o Discurso tomando como base os postulados adotados por Amossy (2018), dentre outras pesquisas de sua autoria, ela defende a “argumentação como componente discursivo” e retoma as perspectivas da Retórica Clássica e da Nova Retórica a fim de compreender sobre a dimensão argumentativa e

sobre a visada argumentativa⁹. Dessa forma, Piris (2023, p. 329) corrobora o pensamento de Ruth Amossy, visto que ele buscou [...] “definir a argumentação no discurso como um fato de linguagem que abrange o que é da ordem do uso da língua natural, da comunicação, do dialógico, do gênero discurso, das figuras de estilo e do texto [...]”.

Desse modo, a argumentação no discurso é vista como um ato de linguagem a partir do momento que se considera seu caráter intencional, os sujeitos envolvidos nas situações de comunicação, o projeto de fala do sujeito comunicante, os saberes partilhados, a situacionalidade do discurso, a interdiscursividade, dentre outros. A referida discussão nos faz recorrer a Amossy (2018, p. 109), pois ela afirma que “o discurso argumentativo se constrói sobre pontos de acordo, sobre premissas ratificadas pelo auditório”. Além do mais, ela adverte que “o saber compartilhado e as representações sociais constituem, então, o fundamento de toda argumentação” (Amossy, 2018, p. 109). Em suma, compreende-se, ainda, que

Amossy inscreve sua proposta teórica no paradigma da virada pragmática nos estudos da linguagem, de modo que seu olhar sobre a interação entre os participantes da troca argumentativa ressalta, além dos fatores linguístico-textuais, os fatores pragmático-discursivos associados aos lugares e rituais de fala e às regras de interação impostas pela dimensão institucional e social da comunicação argumentativa, afastando-se da concepção de argumentação como razão atemporal pertencente ao domínio dos universais (Piris, 2023, p. 329-330).

Assim sendo, essa visão de argumentação se afasta das categorias de análise que tinham como apoio a demonstração lógica e se aproxima dos elementos subjacentes à língua natural, sendo necessário levar em consideração tanto o silogismo, o entimema ou a correção de proposições lógicas, quanto à natureza linguística, tais como: os operadores linguísticos, os dêiticos, o implícito, a pluralidade de sentidos, dentre outros. Em síntese, Ruth Amossy entende a necessidade de se considerar as modalidades argumentativas, tendo em vista que, de um lado, existem as argumentações marcadas pelo embate de teses antagônicas e, por outro lado, encontram-se os discursos de natureza informativa ou narrativa e que se configuram em um plano persuasivo.

⁹ Corroborando Amossy (2018), Piris (2023, p. 332) afirma que “há visada argumentativa quando o discurso manifesta uma intencionalidade de argumentar por meio de um projeto declarado de construção da adesão a uma tese: o discurso eleitoral ou o anúncio publicitário constituem exemplos flagrantes disso. Por outro lado, o discurso comporta de forma inerente uma dimensão argumentativa no gênero notícia de jornal, por exemplo, que se pretende neutro, imparcial e objetivo, mas que, de fato, orienta o leitor a ver e sentir o mundo sob um dado ponto de vista. Desse modo, a dimensão argumentativa é constitutiva do discurso, uma vez que todo discurso é dotado de uma força orientativa capaz de influenciar o outro, independentemente de sua finalidade.

Nesse sentido, e tomando como parâmetro o objetivo principal do nosso trabalho e visando observar o fenômeno da patemização, apresentamos, a seguir, uma reflexão sobre as provas de persuasão conforme Aristóteles (2015). Diante disso, o filósofo argumenta que “as provas de persuasão fornecidas pelo discurso são de três espécies: umas residem no caráter moral do orador; outras, no modo como se dispõe o ouvinte; e outras, no próprio discurso, pelo que este demonstra ou parece demonstrar” (Aristóteles, 2015, p. 63).

Diante disso, é possível compreender que a prova referente ao orador se denomina de *ethos* (imagens de si), já a prova relacionada ao ouvinte tem como enfoque a adesão pela emoção (*pathos*) e a prova centrada no próprio discurso é entendida como *logos*. Assim sendo, partiu-se, inicialmente, de conceitos atribuídos ao *logos*; em seguida, abordar-se-á sobre o *ethos* e, por fim, uma discussão sobre o *pathos*.

Assim, no ato de linguagem pressupõe-se que o sujeito, quando faz uso das operações discursivas, está diante de quatro processos, a saber: 1) processo de regulação (conjunto de restrição do sistema), 2) processo de identificação (*ethos*), 3) processo de dramatização (*pathos*) e 4) processo de racionalização (*logos*). Para esta pesquisa, enfatizamos ao terceiro processo, a fim de analisar a materialização da emoção (fazer-sentir) no discurso midiático, produzido e divulgado por jornais piauienses, ao noticiar acontecimentos sobre o Sanatório Meduna. Feito isso, na sequência; abordaremos sobre a relação argumentativa com realce ao *logos* com o objetivo de compreender o processo persuasivo manifestado nos textos estudados.

2.2.1 Logos: o uso da razão

Anteriormente, apresentamos, ainda que de forma introdutória, uma discussão sobre a visão de Retórica e de Argumentação, destacando a importância do orador e do auditório em um discurso. Com base nisso, passaremos a uma reflexão do *logos* a fim de que se depreenda as perspectivas apontadas na Retórica Clássica e de que forma esse recurso é visto nos estudos discursivos da contemporaneidade, respeitando as inovações existentes.

Assim sendo, o *logos* é compreendido, na Retórica Clássica, como a prova de persuasão em que o orador busca demonstrar a verdade através do discurso, ou seja, “persuadimos, enfim, pelo discurso, quando mostramos a verdade ou o que parece verdade, a partir do que é persuasivo em cada caso particular” (Aristóteles, 2015, p. 63). Diante disso, é possível depreender que o orador impõe suas conclusões de forma racional, tomando como ponto de partida premissas tidas como verdadeiras pelo auditório através de raciocínios lógicos. Para Moura (2020, p. 54), o *logos* é considerado como uma dimensão técnica das provas de

persuasão, pois essa técnica se refere “ao domínio da palavra pelo orador, aos conteúdos transmitidos, às figuras de estilo, aos recursos oratórios, à argumentação propriamente dita do discurso”.

Além do mais, o *logos* refere a uma prova persuasiva materializada mediante a demonstração real através de duas formas: o entimema (silogismo) e o exemplo (indução). O sujeito falante (orador) apresenta sua tese de forma racional, apoiando-se em argumentos de ordem técnica fazendo com que o sujeito interpretante (auditório) entenda sua opinião, assim como as justificativas nas quais a tese se assenta.

Tal discussão é apontada na Nova Retórica ao se enfatizar sobre o acordo, com ênfase naquilo que se destaca como premissa numa argumentação e os aspectos valorativos referentes à tese através de fatos e de verdades. Com isso, entendemos que, “na argumentação, tudo o que se presume versar sobre o real se caracteriza por uma pretensão de validade para o auditório universal” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 74). Ao contrário disso, podemos encontrar ideias antagônicas, ou melhor, posicionamento litigioso quanto à proposição da tese.

Ainda tomando como base a visão aristotélica, considerando as provas retóricas, destacamos que o orador é simbolizado pelo *ethos*, já o auditório é simbolizado pelo *pathos* e o discurso é simbolizado pelo *logos*. Dada a importância do *logos* nos estudos retóricos e argumentativos julgamos, então, que essa prova retórica se constitui como integrativa de uma técnica argumentativa, sendo possível afirmar que algo equivalente a isso acontece quando se toma como base o domínio da palavra, a difusão de conteúdos, as figuras de estilo, os recursos da eloquência e da argumentação. Seguindo essa mesma linha de pensamento, recorreremos à pesquisa de Moura (2020), pois ele afirma que:

o *logos* constitui uma prova persuasiva que se concretiza através da demonstração real ou aparente tal como, por meio da indução (exemplo), ou do silogismo (entimema). O orador (sujeito falante) racionaliza sua tese, apoiando-se em preceitos de ordem técnica, tendo em vista fazer com que o auditório (sujeito interpretante) compreenda sua opinião e as justificativas nas quais ela se assenta (Moura, 2020, p. 58, grifo do autor).

Essa prova refere-se à argumentação propriamente dita do discurso, sendo possível depreender a seguinte tríade: uma proposta sobre o mundo, um orador, um público-alvo (auditório particular ou universal); e entre os sujeitos, encontra-se a persuasão mobilizada através de argumentos com um caráter de validação da tese. Essas provas estão ancoradas na razão persuasiva com a finalidade de justificar as propostas acerca do mundo e sobre as relações de causalidade com a função de unir as asserções umas às outras. Ressaltamos, também, que

não se refere somente ao conteúdo argumentativo, como também a forma como esses argumentos estão postos e, conseqüentemente, a possibilidade de se produzir uma conclusão aceitável. Além do mais, é necessário compreender que:

O raciocínio pelo exemplo é caracterizado através da demonstração de que algo é assim por conta da existência de muitos casos semelhantes. Já o entimema consiste na demonstração de certas premissas que podem levar a uma proposição nova e diferente considerando o fato de que elas podem ser sempre ou quase sempre verdadeiras (Moura, 2020, p.58).

Nessa mesma linha de raciocínio, Amossy (2018, p. 152) argumenta que “o exemplo ou a analogia, que estabelece ‘a relação da parte a parte e do semelhante ao semelhante’, é o segundo pilar sobre o qual a retórica de Aristóteles funda o *logos*”. Tal afirmação corrobora o entendimento de Moura (2020), pois ele distinguiu o papel do exemplo e do entimema na argumentação. Em vista disso, implica-se, também, que a argumentação pelo exemplo pressupõe certo desacordo quanto a uma regra particular, sendo necessário se recorrer a um exemplo como forma de fundamentar uma tese. Ademais, ressaltamos que “a rejeição do exemplo, seja porque é contrário à verdade histórica, seja porque é possível opor razões convincentes à generalização proposta, enfraquecerá consideravelmente a adesão à tese que se queria promover” (Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014, p. 74). Ainda conforme o autor, a escolha pelo exemplo, enquanto recurso de validação, em contrapartida compromete o orador, tendo em vista que corresponde a uma espécie de confissão.

Quanto ao entimema, é possível compreender como uma demonstração de determinadas premissas, visto que pode surgir uma nova proposição e, conseqüentemente, de forma diferente, tendo em vista que elas podem ser verdadeiras ou quase sempre verdadeiras. Dessa forma, entendemos que o raciocínio pelo exemplo com caráter demonstrativo, parte de algo particular para o geral, enquanto os entimemas fazem uma via contrária, partindo do geral para o particular, por conseguinte, uma dedução. Para Aristóteles (2015, p.155), “na falta de entimemas, convém usar exemplos como demonstração (prova depende deles); quando se têm entimemas, há que usar exemplos como testemunhos, tomando-os como epílogo dos entimemas”. Ou seja, se os exemplos são colocados primeiramente, equiparam-se a uma indução, visto que funcionam como raciocínios que servem de prova para se chegar a uma causa; quando postos em epílogo atuam como fundamentos e testemunhos, uma vez que um testemunho é normalmente persuasivo.

Para Perelman (2004, p. 245), “[...] somente as palavras não podem garantir uma compreensão, sem falhas, da mensagem, é preciso procurar fora da palavra, na frase, no

contexto, verbal ou não, naquilo que se sabe do orador e do seu auditório [...]”. Sua perspectiva adverte que os sentidos mobilizados não estão apenas nas palavras, às vezes, sendo necessário se recorrer às informações suplementares, com o objetivo de reduzir o mal-entendido e, principalmente, que a mensagem seja compreendida de maneira adequada ao desejo daquele que a profere.

Ainda conforme Perelman (2004), o processo argumentativo se realiza entre dois sujeitos (o orador e o auditório), ou seja, de maneira interacional; o sujeito interpretante (auditório) “[...] é estruturado em um discurso persuasivo, pautado no apelo às paixões e à emoção do auditório” (Moura, 2020, p. 60). O apelo às paixões age de modo a insuflar no auditório sensações que podem, de alguma maneira, emocioná-lo acerca de uma proposta que é apresentada ao assentimento. Acender a chama do *pathos* é uma das principais técnicas.

Em concordância a esse pensamento, Amossy (2018) ao discutir sobre as escolhas lexicais e sobre seu peso argumentativo no âmbito da argumentação, ela destaca a importância da interação para o processo de persuasão. Para isso, a autora adverte que “a palavra deve ser tomada tanto no quadro da interação – ela é orientada para o outro – quanto no quadro das relações consensuais ou polêmicas que ela produz com outras palavras do discurso em um espaço no qual as enunciações se cruzam e respondem umas às outras” (Amossy, 2018, p. 172).

Assim sendo, hipoteticamente a pesquisadora afirma que a escolha de uma palavra jamais é desprovida de uma carga argumentativa, ainda que esse vocábulo não se constitua como instrumento de cálculo. No entanto, ela chama atenção para o discurso argumentativo perelmaniano, pois esse campo de estudo observou o valor argumentativo como uma escolha objetiva a fim de responder um estado de fato, e não uma seleção premeditada.

Amossy (2018) apresenta uma reflexão, em um dos tópicos do livro intitulado “A argumentação no Discurso”, sobre a dicotomia *logos* e *pathos* e, diante disso, argumenta, com base em diversas pesquisas, que

[...] o fato de que as emoções são argumentáveis e podem ser argumentadas por locutores que procuram ora justificá-las, ora deslegitimá-las. Não basta, pois, afirmar que o *pathos* é adjuvante que contribui para o processo de persuasão ao afetar o auditório: é preciso também levar em conta o fato de que as emoções, que têm origem em crenças e julgamentos, estão, por sua vez, abertas à argumentação (Amossy, 2018, p. 205).

Tal posicionamento corrobora a perspectiva defendida por Patrick Charaudeau, visto que ele compreende que as emoções são dependentes de uma interpretação que se fundamenta em julgamento relativo aos bons costumes e aos deveres do homem (de ordem moral).

Substancialmente, há outras abordagens que recuperam a dicotomia *logos* e *pathos*, pois elas atravessam não somente as correntes contemporâneas dos estudos argumentativos, como também o magistral pensamento aristotélico que formulou a tríade *logos-ethos-pathos*.

Desse modo, ressaltamos que o *logos*, historicamente, foi priorizado através de análises exclusivamente lógicas, com um enfoque proposicional, em que os argumentos estavam aparados em dados numéricos, sem levar em consideração a estrutura social e cultural. Todas as perspectivas apresentadas são importantes para se observar e se compreender a historiografia do processo argumentativo desde a Retórica Clássica até os estudos contemporâneos que priorizam a conjuntura interacional da linguagem. Portanto, essa reflexão é resultado da confluência entre os postulados adotados pela Análise Semiolinguística do Discurso, Retórica e Argumentação que subsidiarão na apreensão conceitual do *logos*, cuja concepção é defendida por essas áreas como uma razão demonstrativa retórica do discurso que se organiza em modos de raciocínio e de encadeamento. Na sequência, abordaremos estudos referentes à construção do *ethos*.

2.2.2 *Ethos*: a construção da imagem de si

O *ethos* refere-se à construção da imagem de si com o objetivo de influenciar um determinado auditório (público), tal como o *pathos* (a emoção) é uma estratégia usada para despertar a sedução/emoção por meio do discurso. Conforme Aristóteles (2015), a persuasão quando tomada pelo prisma do orador corresponde ao proferimento do discurso de tal forma que nos dá a impressão de sê-lo digno de fé (acreditar); visto que o caráter do orador é um dos meios principais da persuasão, sua imagem é fomentada por um conjunto de normas éticas com o objetivo de regulamentar a conduta de um indivíduo em sociedade.

Nessa perspectiva, a noção de *ethos*, numa compreensão mais ampla, é vista como um recurso que se liga, diretamente, à concepção de comportamento (conduta), quer dizer, a construção da imagem do orador é determinada por regras que legitimam o comportamento do indivíduo socialmente. De acordo Moura (2020, p. 61), argumenta-se “[...] que, por muito tempo, o termo *ethos* ficou relegado a um segundo plano dentro das ciências humanas e sociais. Tal noção somente é retomada na França, nos anos de 1980, através dos trabalhos de Ducrot e Maingueneau”. Para esses pesquisadores, essa prova retórica reverberou veementemente nos estudos discursivos e argumentativos nos últimos tempos. Eles acreditam que o despertar por essa categoria no campo da linguagem talvez tenha relação com a crescente difusão dos meios de comunicação que, conseqüentemente, suscitou um maior interesse pelo estudo do *ethos*,

tendo em vista que esse fenômeno se opera com o avanço das condições do exercício da palavra enunciada publicamente.

Como forma de situar nossa investigação, traçamos alguns questionamentos com o objetivo de conduzir melhor essa discussão e, posteriormente, observar e compreender as acepções aqui pontuadas acerca do discurso midiático sobre o Sanatório Meduna e apreender que essas questões foram motivos de discussões por um longo período. (a) é possível afirmar que o *ethos* é uma estratégia que preexiste ao discurso ou se inscreve na situação de comunicação propriamente dita? (b) O *ethos* se constitui somente num ato de enunciação do sujeito, individualmente, ou essa construção da imagem pode ser atribuída a uma empresa (a exemplo do discurso midiático)? (c) Essa imagem se materializa somente em declaração sobre si ou essa construção se faz presente em qualquer discurso direto?

Tais questionamentos nos convidam a retomar e a compreender a divisão clássica do *ethos* em dois tipos: o *ethos* prévio e o *ethos* discursivo. Diante disso, aparentemente é impossível menosprezar que a materialidade discursiva e a forma como é enunciada pode proporcionar ao orador uma adesão ou não do auditório durante o processo discursivo e argumentativo. De um lado, a construção da imagem de si se constitui na instância da enunciação e, por outro lado, é inegável a existência de outra imagem, ou seja, essa configuração imagética é construída pelo auditório antes mesmo que ele enuncie justificando, assim, a presença de um *ethos* projetado antes e outro depois.

Essas duas acepções de *ethos* tiveram como inspiração a filosofia, principalmente, quando se toma como base a visão aristotélica. Essa visão filosófica compreende, de um lado, encontrar aqueles que defendem o *ethos* como uma técnica preexistente ao discurso e, por outro lado, situar essa perspectiva considerando a construção da imagem de si como uma inscrição no próprio ato de enunciação.

Moura (2020, p. 62), em sua pesquisa, defende que “ao recebê-lo como algo anterior ao discurso proferido pretende-se dizer que o sujeito parece mais virtuoso quando, de fato, essa imagem está respaldada numa Trajetória de existência pautada pelas “boas ações”, pela retidão de caráter e pela reputação inabalável”. Em outras palavras, essa imagem preexistente está relacionada com o comportamento do indivíduo e com seus valores e condutas que são representativos de uma reputação ilibada.

Corroborando essa abordagem, Amossy (2019) argumenta que o *ethos* prévio é quando há a necessidade de recuar e atentar-se para a história do orador. Dessa forma, “o orador, ao pronunciar seu discurso, deve construir uma imagem de si que seja análoga a seu objetivo argumentativo, levando em consideração a ideia que presumivelmente o auditório projeta dele”.

E para que o auditório construa essa imagem precisa recorrer ao passado do orador, visto que essa imagem pode ser negativa ou positiva. Assim, cabe ao orador potencializar sua credibilidade, remover a proporção de sentidos negativos referentes à imagem pública e reestruturar seu *ethos* conforme seu discurso.

Em relação à construção de um *ethos* discursivo, conforme Amossy (2019), fez-se necessário destacar a interação entre o orador e o auditório, dando ênfase às três partes do discurso e, conseqüentemente, os gêneros que o compõem. Na primeira parte, remete-se ao gênero *epidíctico* (o belo, o agradável), em que o orador enaltece os integrantes do auditório e, às vezes, com apelo emotivo. Nesse momento, há uma tentativa de se apagar o *ethos* prévio que lhe foi conferido. Já na segunda parte, trata-se de uma apresentação encadeada pelas semelhanças com o gênero *judiciário* (o justo), pois nesse momento, os dados mudam e em decorrência disso o discurso alcança uma forma polêmica, com debate e acusação através de partilha de valores. E, por último, encontra-se a terceira parte que é o discurso *deliberativo* (o útil). Aqui, “orador aconselha sua comunidade e apresenta propostas para o futuro [...]” (Amossy, 2019, p. 149). Em outros termos, o orador concede a si mesmo o direito de liderança e, especificamente, determina uma linha de comportamento aos seus pares, pois uma interação de posições antagônicas, pode também representar uma interação constituída por um pensamento solidário.

Para Charaudeau (2015), ao discutir sobre o *ethos* como imagem de si, relembra que essa categoria é proveniente da tradição aristotélica, uma vez que os meios discursivos foram divididos pelo filósofo em três provas: o *logos* referente ao domínio da razão a fim de convencer um determinado auditório; o *ethos* e o *pathos*, de outro lado, pertencentes ao domínio da emoção, cuja materialização se realiza a depender do estado de alma do auditório no processo de interlocução.

Diante disso, Patrick Charaudeau como linguista do discurso, com o objetivo de discutir e analisar o *ethos* no discurso político recorre, assim como Amossy, à noção de *ethos* como construído e/ou pré-construído. Para tanto, ele enfatiza que, de um lado, há a perspectiva de filiação de Isócrates, Cícero e dos demais pensadores retóricos da Idade Clássica que apreendiam o *ethos* como um dado que preexiste ao discurso, visto que compreendiam que se torna virtuoso, sincero e amável, por exemplo, quando, de fato, se é virtuoso, sincero e amável. Assim sendo, o orador precisava viver de acordo com o que enunciava para o auditório.

Contrário a esse posicionamento, encontramos a concepção adotada por Aristóteles ao defender que o orador tem a necessidade de mostrar seus traços de personalidade e de comportamento ao auditório, independentemente de sua sinceridade, a fim de causar boa

impressão. E, finalmente, há aqueles que defendem que o *ethos* se inscreve no ato de enunciação, ou seja, no próprio dizer do sujeito que fala ou escreve. Tal acepção é defendida pelos analistas do discurso, como um resultado que se materializa pela aparência da linguagem, em situações de comunicação, ou seja, naquilo que o sujeito comunicante proporciona a ver e a entender. É essa última filiação teórica que adotamos nesta pesquisa, pois objetivamos compreender o jogo de linguagem usado pelo jornal *O Dia* ao discursivizar sobre o Meduna.

Nesse sentido, Charaudeau (2015) defende que o *ethos* se constitui em um imbricamento com o imaginário social, dado que essa prova retórica alude à identidade de um sujeito determinado pelas representações sociais, bem como dentro dessa conjuntura é possível depreender o *ethos* coletivo, buscando uma configuração mais geral, que se diferencia do *ethos* singular, uma vez que, aquele é construído tomando como base uma visão emanada de uma opinião coletiva e atribuída a um outro grupo, segundo Charaudeau (2015).

Pelo viés da Teoria Semiolinguística, Charaudeau (2015, p. 118) esclarece que “o *ethos* é o resultado de uma encenação sociolinguageira que, depende dos julgamentos cruzados que os indivíduos de um grupo social fazem uns dos outros ao agirem e falarem”. Diante dessa definição e de outros conceitos que sumarizam a noção de *ethos*, que se enfatiza o seu funcionamento no discurso político com ênfase em duas grandes categorias, a saber: os *ethé de credibilidade* e os *ethé de identificação*. Os primeiros estão fundamentados no discurso da razão e os segundos centralizam no discurso do afeto. Para tanto, discutimos sobre essas categorias, apesar de fazerem partes do discurso político, pois acreditamos que elas serão de suma importância para uma análise centrada no discurso midiático.

Os *ethé de credibilidade*, conforme Charaudeau (2015), são tidos como resultado da construção identitária pelo orador, cuja realização discursiva se realiza de tal forma que o auditório julga como digno de crédito. Vale ressaltar que essa classificação se refere ao discurso político e, diante disso, o autor argumenta que o político pode construir para si o *ethos de sério, virtuoso e competente*.

A princípio, recorreremos à definição de *ethos* de sério que, conforme Charaudeau (2015), ao investigar essa categoria com ênfase no discurso político e, especificamente, ancorado na Análise Semiolinguística do Discurso, argumenta que essa imagem “depende, evidentemente, das representações que cada grupo social faz de quem é sério e de quem não é. Esse *ethos* é construído com a ajuda de diversos índices” (Charaudeau, 2015, p. 120). De acordo com o linguista, esses índices estão relacionados à postura do corpo, expressões geradas pelo sorriso, assim como os sinais comportamentais que apontam a aptidão de domínio perante as críticas, tranquilidade frente às adversidades e aos traços que revelam grande energia e a capacidade de

trabalhar, por exemplo. Em síntese, esse *ethos* se engendra de igual modo com o auxílio de enunciados sobre si e sobre as concepções que conduzem o político ou qualquer outro orador.

Já o *ethos* de “virtude” é quando se espera do orador que ele “demonstre sinceridade e fidelidade, a que se deve acrescentar uma imagem de honestidade pessoal” conforme propôs (Charaudeau, 2015, p. 122). Essa imagem de si remete à qualidade de tudo aquilo que é considerado correto e desejável, principalmente, porque parte-se do ponto de vista da moral, da religião e do comportamento tido como correto socialmente. Esse autor também destaca que a construção dessa imagem se materializa de fato levando em consideração o tempo. Nesse contexto, ele argumenta que há a necessidade de considerar no julgamento acerca da fidelidade de um político questões que se correlacionam com seu compromisso, pois é algo indispensável para a observação de que o político seguiu a mesma linha de pensamento e de ação.

Na sequência, abordamos sobre o *ethos* de “competência” no qual “exige de seu possuidor, ao mesmo tempo, saber e habilidade [...]” (Charaudeau, 2015, p. 125). Tal imagem se constrói quando o orador demonstra conhecer profundamente sua área em particular em que exerce sua atividade, sendo crucial para a comprovação dos meios, do seu poder e de sua capacidade de efetivar plenamente suas intenções a fim de obter resultados positivos no processo persuasivo. Para esse autor, mesmo que seu enfoque tenha sido o discurso político, cabe elencar que o político, em suas declarações, almeja demonstrar o *ethos* de “competência” ao invocar características inerentes ao seu percurso, como: bens, conhecimentos, funções desempenhadas e experiências adquiridas.

Em relação aos *ethé de identificação*, às vezes, os resultados são constitutivos de traços pessoais que estão relacionados ao caráter, à corporalidade, ao comportamento, dentre outros. Tudo isso, corresponde “às expectativas vagas do auditório por meio de imaginários que atribuem valores positivos e negativos a essas maneiras de ser”, segundo Moura (2020, p. 67). Apesar da multiplicidade de imagens, destacamos, conforme Charaudeau (2015), as mais recorrentes na caracterização do *ethos de identificação*, visto que algumas estão voltadas para si mesmas como forma de refletir os traços essenciais na definição dos políticos, como exemplo: o *ethos de potência*, o *ethos de caráter*, o *ethos de inteligência* e o *ethos de humanidade*. Ao passo que outros, como o *ethos de chefe*, constituem-se antes de tudo como orientadores para o auditório, de tal forma que se fundamentam em um imbricamento entre si e o outro.

Diante da classificação realizada com enfoque no discurso político, destacamos os “*ethé de identificação*”, com enfoque primeiramente para o *ethos* de potência, que é “visto como uma energia física que emerge das profundezas terrestres, anima e impulsiona os corpos na ação” (Charaudeau, 2015, p. 138). O autor ressalta que essa imagem se refere a uma “força da

natureza” metaforicamente considerada como uma força que advém da terra, por exemplo. Para tanto, ressaltamos que o *ethos de potência* não pode ser confundido com o imaginário de poder, pois este resulta de ação ordenada cuja finalidade se constitui numa coletividade. Em síntese, numa configuração mais moderada desse tipo de *ethos*, pode-se destacar seu potencial nas ações, dado que o sujeito não é somente aquele homem de palavras, como também de operacionalização de suas promessas.

Na configuração dos “*ethé* de identificação” também se destacou dentro desse imaginário de força, o *ethos* de “caráter”, porém, não deve ser confundido com o *ethos* anterior. Desse modo, “trata-se aqui mais da força do espírito que dá do corpo, como quando se diz que alguém “tem caráter”. Isso pode aparecer por meio de diversas figuras” (Charaudeau, 2015, p. 139). Ainda corroborando essa discussão, é importante compreender que a construção dessa imagem se constitui a exemplo das seguintes figuras: *provocação, polêmica, advertência, coragem, orgulho, firmeza, moderação*, dentre outras.

Em seguida, apresentamos o *ethos* de “inteligência” como aquele que “faz parte dos *ethé* de identificação na medida em que pode provocar a admiração e o respeito dos indivíduos por aquele que demonstra tê-lo e assim os faz aderir a ele” (Charaudeau, 2015, p. 145, grifo do autor). Trata-se da figura de “habilidade” na qual o sujeito demonstra em sua enunciação, assim como a inteligência que pode estar relacionada ao imaginário e que se materializa por meio da figura da astúcia e da malícia; estas podem ser percebidas tanto positivas ou negativamente no discurso.

No contexto do discurso político, o *ethos* de “humanidade” é visto como “um imaginário importante para a imagem do político” (Charaudeau, 2015, p. 148). Tal imaginário trata-se da demonstração de sentimentos, pois o ser humano é julgado como aquele que, com frequência, revela suas emoções e suas paixões com aqueles que sofrem, assim como constantemente confia com o outro seus problemas e suas fraquezas. Dentre as figuras desse imaginário, pode-se destacar: a figura do *sentimento*, da *confissão* e da *intimidade*.

Como fecho deste tópico, ressaltamos ainda com ênfase no discurso político, o *ethos* de *chefe*, antes de tudo, que é orientado “para o alocutário, na medida em que se fundam sobre uma relação necessária entre si e o outro” conforme Moura (2020, p. 67), pois esse autor se ancora na discussão de Charaudeau (2015). Esse imaginário pode se manifestar através das seguintes figuras: o guia, o soberano e o comandante. Neste tópico, propomos uma reflexão da construção da imagem de si pelo orador tomando como base os estudos de *ethos*; na próxima seção, discorreremos sobre a Trajetória das paixões desde uma perspectiva filosófica até os estudos discursivos.

2.2.3 *Pathos* e “a Trajetória das paixões”¹⁰: classificações e definições

Na obra seminal de Aristóteles, a *Retórica*, esse pensador estabelece as bases para o entendimento dos meios pelos quais as pessoas podem ser persuadidas. De acordo com esse filósofo, para se compreender o que leva uma pessoa à persuasão, enfatiza-se que todo ato comunicativo se constitui através do seguinte tripé: “aquele que profere um discurso”, “aquele a quem o discurso é dirigido” e o “próprio discurso”. Tais instâncias discursivas são denominadas de *ethos*, *pathos* e *logos*. Assim, para essa discussão, a ênfase recai sobre as estratégias utilizadas pelo orador com o objetivo de despertar paixões no auditório.

Dentre essas estratégias, destacamos “as paixões” que, segundo o filósofo Aristóteles, são técnicas discursivas que funcionam de modo efetivo, principalmente, porque as emoções humanas, quando despertadas, podem causar alterações no auditório, assim como podem introduzir mudanças em seu julgamento. Como forma de destacar o papel e a funcionalidade das emoções no ato comunicativo, como um recurso persuasivo, recorreu-se a Figueiredo (2020, p. 33-34), visto que ela adverte que “as emoções funcionam como pontes entre orador e auditório e permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação”. Nesse contexto, as paixões, por sua vez, podem ser vistas como conexões entre o orador e o auditório com o potencial de fomentar uma relação de assentimento. O orador pode obter a adesão via paixão suscitada.

Para o mestre estagirita, as paixões humanas “são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer” (Aristóteles, 2015, p. 116). E acrescenta, ainda, que tais emoções constitutivas de dor e de prazer são: a ira, a compaixão, o medo, dentre outras; bem como as suas contrárias paixões. Nessa direção, compreendemos que o modo de efetivação de uma emoção pode alterar crenças, opiniões, costumes, valores e conduzir ao assentimento de uma determinada proposta.

As paixões propriamente ditas são *estados transitórios* e, assim sendo, são possíveis de serem revertidas e subvertidas, pois se constituem como pontes que conectam as pessoas através do campo passional. Vejamos, na sequência, as 14 paixões descritas por Aristóteles, com uma breve descrição. Para isto, tomamos como base Aristóteles (2021), na obra *Retórica* das

¹⁰ Trata-se de uma teoria recente, elaborada pela pesquisadora Maria Flávia Figueiredo, professora Titular da Universidade de Franca/SP, fundadora e líder do grupo PARE (Pesquisa em Argumentação e Retórica) e membro do grupo ERA (Estudos de Retórica e Argumentação), ambos certificados pelo CNPq. Ela partiu da relevância e da eficácia do processo descrito inicialmente por Aristóteles, ampliando o escopo dos estudos retóricos. Tal pesquisadora aponta, hoje, como uma das principais referências para os estudos retóricos no Brasil.

Paixões, assim como os estudos de Meyer (2007) e, mais recentemente, a pesquisa de Figueiredo (2020) para a produção do quadro a seguir:

Quadro 01: As 14 paixões de Aristóteles e suas definições

Paixões (emoções)	Definições das paixões
Cólera (ira):	Corresponde a um impulso de vingança, ocasionado pela injustificada negligência em relação ao outro. Em suma, é quando se causa desgosto ao outro.
Calma:	Esse é o contrário e talvez o que combate a cólera, uma vez que consiste no estado de pacificação posterior a um momento tormentoso a fim de recriar uma simetria entre os sujeitos.
Amor (amizade):	Essa paixão é quando se deseja para o outro tudo aquilo que você considera bom, ou seja, consiste no desejo para alguém e não para si.
Ódio (inimizade):	É um sentimento que promove o afastamento do outro. Ou melhor, é o desejo de causar mal a alguém. É importante a diferença entre a cólera e o ódio. O ódio está relacionado à inimizade de forma geral, e não a alguém em particular. Quanto à cólera é quando você quer que alguém sinta, em seu lugar, todo mal causado a você.
Temor (medo):	Consiste numa dor ocasionada pela projeção de um mal de caráter destrutivo e penoso. Em suma, esse sentimento é acompanhado de uma expectativa, pois há um temor aos maus que podem nos prejudicar ou prejudicar as pessoas queridas.

Confiança (segurança):	É contrário ao medo. É necessário ressaltar que esse sentimento é acompanhado da esperança, ou seja, uma antecipação das coisas que proporcionam à segurança.
Vergonha:	Esse sentimento se refere à inferioridade sentida em relação a alguém. Assim, consiste numa dor ou perturbação que está condicionada ao presente, passado ou futuro, pois acha-se que trará descrédito para si de acordo com a visão do outrem.
Impudência (desvergonha):	Outro sentimento condicionado à imagem que criamos de nós, no entanto, essa visão não nos denota dor alguma, contrariamente, nutre indiferença que elimina qualquer possibilidade de desgosto. Em suma, demonstra um posicionamento superior em que nos colocamos quanto ao julgamento do outro.
Favor (obsequiosidade, amabilidade):	Consiste na devolução do bem ao outro, denotando, assim, uma assimetria porque ocupa um lugar que me permite fazer algo para alguém que, às vezes, se encontra numa posição de necessidade.
Compaixão (piedade, misericórdia):	É um sentimento despertado quando nos colocamos no lugar do outro, pois consiste quando imaginamos que nós ou alguém próximo a nós poderia sofrer um determinado mal, principalmente, quando esse mal parece real.
Indignação:	É um sentimento de descontentamento, ou melhor, compreende um desgosto por

	aqueles que parecem ser felizes sem nenhum merecimento que, por sua vez, gozam de sucesso sem que haja merecimento.
Inveja:	É uma angústia perturbadora que, por vezes, está relacionada ao desejo de algo de alguém, e, às vezes, simplesmente é uma dor sentida por saber que alguém tem algo constituindo, assim, na vontade de tirar ou destruir o que é do outrem.
Emulação:	Refere-se a um movimento de imitação a alguém, ao contrário da inveja, é uma paixão associadora. Em síntese, os bens ou as conquistas de outrem nos afetam porque se consideram desejáveis e porque se encontram ao nosso alcance.
Desprezo:	É o contrário da emulação. Essa paixão consiste na pressuposição de que o outro não merece o que tem pelo motivo de ser considerado inferior ao seu destino.

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base em Aristóteles (2021).

A exposição desta lista nos permite compreender a composição das paixões dentro do arcabouço teórico no qual se inscrevem as variantes dos estados da alma humana. Com isso, o orador, conforme seu objetivo discursivo e tomando como ponto de partida a tese defendida, pode imergir e explorar esse aporte com a finalidade de provocar a paixão conveniente ao seu propósito. Uma vez representados tais estados inconstantes, ocorrerá a transformação do julgamento, assim como sua consequente ação, desencadeando, desse modo, o arremate do processo persuasivo.

Então, conforme Aristóteles (2015) e Figueiredo (2020), existem três estágios que se encontram na obra aristotélica, a saber: a paixão, a mudança de julgamento e a ação. Esses seriam efeitos da paixão *a priori*. A partir do reconhecimento da importância e da eficiência desse processo discursivo, magistralmente realizado e descrito por Aristóteles que, na

sequência, nos dedicaremos aos fatores que antecedem o despertar das emoções de acordo a visão adotada por Figueiredo (2020), pois ela propõe uma nova classificação dos estágios referentes aos estados da alma humana.

Desse modo, Figueiredo (2020) propõe uma organização da Trajetória das paixões, considerando os elementos que compõem o processo persuasivo. Para isto, sugere dois estágios iniciais – *a disponibilidade* e *a identificação* - que servirão de gatilhos para os estágios subsequentes, como: *o despertar da paixão*, *a mudança de julgamento* e *a ação*. Estes últimos estágios descritos por ela também são fruto de reflexão aristotélica. Como forma de visualizarmos o diálogo existente entre os estágios, reproduzimos, inicialmente, a figura elaborada por Figueiredo (2018; 2019); sobretudo, com o objetivo de resumir o encadeamento dos estágios no processo persuasivo e, posteriormente, observarmos os desdobramentos de ampliação desta proposta formulada por Figueiredo (2020).

Figura 02 - A Trajetória das paixões



Fonte: Figueiredo (2020, p. 40).

Diante do organograma proposto pela autora acerca dos estágios que compõem a Trajetória das paixões, cuja proposta buscou ampliar a classificação adotada por Aristóteles na retórica, a citada pesquisadora teve como objetivo proporcionar uma reflexão sobre o processo persuasivo tomando como base o estado da alma humana. Com base nisso, passamos à caracterização de cada um dos estágios de acordo com Figueiredo (2020).

Inicialmente, abordamos o estágio da “disponibilidade” e, para isto, foi necessário retomar a ideia de *pathos* adotada pela Retórica. Com base nesse arcabouço teórico, essa instância discursiva consiste em uma referência dada ao auditório e ao conjunto de emoções

que a constituem. Esse propósito só se concretiza a partir do momento em que as emoções do auditório se encontram acessíveis para o agir do orador. Assim sendo, compreendemos que a disponibilidade consiste na organização mental na qual está disposta as emoções, conforme assevera Figueiredo (2020) ao argumentar que:

Para que possamos entender como se organiza a disponibilidade do auditório proponho que imaginemos que, em algum espaço de nossa organização mental, encontram-se as emoções que somos capazes de sentir. Elas, porém, estariam dispostas em uma prateleira imaginária, como mantimentos organizados em uma despensa (Figueiredo, 2020, p. 41).

Metaforicamente, a organização mental é comparada pela autora a uma prateleira imaginária em que os alimentos/emoções são organizados (as) em uma despensa (nossa mente), uma vez que é possível compreender como um compartimento, ou melhor, uma determinada situação de comunicação, coloca-se à frente os alimentos (as emoções) utilizados (as) com frequências e escondem-se aquelas emoções usadas esporadicamente. Em suma, entendemos que as emoções se encontram disponíveis no auditório para a exploração do orador, algumas mais visíveis e outras mais escondidas. Ainda corroborando essa discussão, há o argumento de que “a disponibilidade das emoções presentes em nós. Também de acordo com nosso conjunto de hábitos, nossas propensões psíquicas, estarão mais disponíveis, e mais facilmente afloráveis, certas emoções e não outras” (Figueiredo, 2020, p. 41). Em outras palavras, algumas emoções estão mais distantes das nossas práticas. Além do mais, o orador para alcançar seu auditório através das emoções precisa conhecê-lo ainda que de forma superficial, como: a idade, a classe social, a orientação sexual, por exemplo; mas, também, intimamente, a fim de acessar suas escalas de valores, preferências, hábitos e, posteriormente, ser capaz de obter a sua disponibilidade emocional.

Na sequência, temos o segundo estágio, constituído pela “identificação”. Figueiredo (2020, p. 44) argumenta que “podemos dizer que a identificação ocorre quando o ser humano se sente interpelado na alma, seja por uma percepção sensível (*aisthesis*), uma memória (*mneme*) ou uma imaginação (*phantasia*)”. Ela defende que na etapa da identificação são acionados processos cognitivos, a exemplo das “sensações ou percepções e impressões sensíveis e/ou impressões racionais” (*idem*). Tudo isso se resume no entendimento de que esse estágio se constitui como um gatilho para ativar as paixões. Em síntese, há a compreensão, também, de que a Trajetória das paixões jamais se concretiza sem esta etapa, “isso porque só me sensibilizo, se antes conseguir me identificar” (Figueiredo, 2020, p. 44).

Diante dos estágios iniciais discutidos sobre as paixões, abordaremos, na sequência, o estágio considerado como ponto crucial do processo de persuasão: “o despertar da paixão”. Para isto, partimos do seguinte questionamento: por que toda essa reflexão repousa sobre este estágio? Como forma de responder a essa indagação, convocamos o entendimento de Figueiredo (2020, p. 45), visto que ela afirma “[...] que só há persuasão, se houver paixão”, pois conforme o esquema elaborado por ela, tem-se, de um lado, a “disposição” e a “identificação”, por outro lado, encontram-se a “mudança de julgamento” e a “ação”, e ao meio, como ponto de equilíbrio, o “despertar da paixão”.

Desse modo, observamos que as emoções atingem não apenas a alma, como também, o corpo de quem as sente. Por consequência, esse conjunto de experiência será importante para o desfecho dos estágios subsequentes, bem como descreveu o próprio estagirita ao argumentar que as emoções, ao passo que comportam dor e prazer, “são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos” (Aristóteles, 2015, p. 116). No estágio subsequente, a paixão além de exercer uma função intelectual, também se constitui como aquela que atinge o corpo, interpelando e conduzindo junto com a mente uma alteração de julgamento.

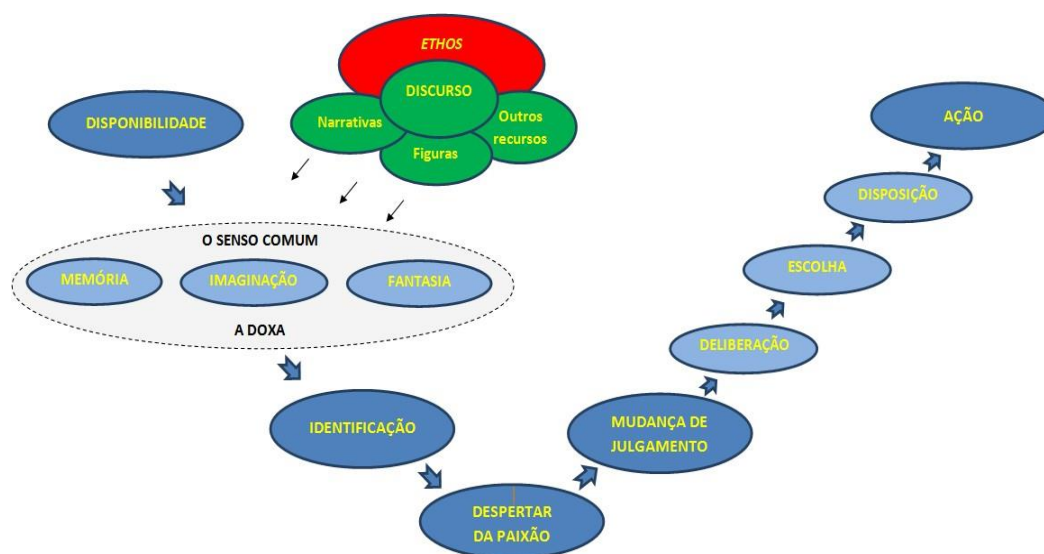
Dessa forma, chegamos ao quarto estágio da Trajetória, denominado de “mudança de julgamento”. Para Figueiredo (2020, p. 46), ela compreende que “nesta fase, em função da experiência de dor e/ou de prazer oriundas da paixão, observamos um impacto nos estados ou processos cognitivos relacionados às crenças (*doxai*) ou aos julgamentos (*hypolepsis*) do auditório”. Nesse estado, é possível compreender uma importante diferenciação nos julgamentos enunciados conforme Aristóteles (2015). Por conseguinte, observamos uma fusão do corpo e da mente voltados a um mesmo propósito. Além do mais, a “mudança de julgamento”, elaborada neste estágio, determinará as noções para a tomada de posição no processo de persuasão num determinado discurso. Com efeito, o auditório se sente interpelado para a “ação”, cujo estágio se constitui como o desfecho da Trajetória das paixões.

Finalmente, a “ação” corresponde ao último estágio do processo persuasivo quando se toma como base a Trajetória passional no discurso. Assim sendo, esse estágio consiste no “[...] espetáculo das atitudes ou disposições do auditório para com o mundo” conforme Figueiredo (2020, p. 47), pois o auditório pode, ao final e imprescindivelmente, atender seus anseios, visto que uma paixão quando incontornável reivindica uma ação. Diante do arcabouço aristotélico e de seu indiscutível impacto para o desenvolvimento intelectual humano, que se destacou a importância de revisitar um dos seus mais importantes legados, a saber: *a retórica das paixões*; para posteriormente se apresentar a ampliação da Trajetória das paixões desenvolvida por Figueiredo (2020). Desse modo, foi possível visualizar o percurso persuasivo mediante o

acréscimo de mais dois estágios preliminares, os quais proporcionaram um terreno fundamental para o despertar das paixões.

A partir da descrição de todas as etapas vinculadas à Trajetória das paixões, apresentamos, na sequência, os desdobramentos dessa teoria de forma ampliada que se encontra representada pela seguinte ilustração:

Figura 03 - A Trajetória das paixões ampliada



Fonte: Figueiredo (2020, p. 47)

De acordo Figueiredo (2020), o intuito de inserir novas etapas para a Trajetória das paixões referentes à proposta inicial, conforme a ilustração acima, foi detalhar alguns processos subentendidos à persuasão e que certamente poderão auxiliar o analista em seu trabalho investigativo. Dessa maneira, a pesquisadora apresenta a ampliação de sua proposta, desdobrando o percurso persuasivo das paixões através de cores representativas a cada etapa. Com a ilustração da figura 3, observamos que o azul escuro, no diagrama, refere-se à Trajetória das paixões em seu formato inicial, em azul claro encontram-se os elementos apontados como intermediários das etapas em azul escuro. A exemplo disso, encontramos a *doxa* entre a disponibilidade e identificação e, nela, localizamos a memória, a imaginação e a fantasia. Para Figueiredo (2023, p. 169), “é justamente nesse lugar que o orador tem seu palco de ação”.

Identificamos, ainda no diagrama, que o orador, simbolizado pelo *ethos* (em vermelho na ilustração), em seu discurso (representado em verde), pode se apropriar de três estratégias fundamentais: primeiro, são as narrativas; segundo, são as figuras de linguagem, sobretudo, as metáforas, pois essas figuras sempre apontam para um outro lugar e representam construções

psíquicas que emanam a partir da construção de uma figura de linguagem, consoante Figueiredo (2020; 2023). E, por último, encontramos os outros recursos possíveis de serem utilizados no processo persuasivo.

A partir do estágio “mudança de julgamento”, encontra-se a etapa da “deliberação”, vista como uma atividade da razão, pois o indivíduo se vê diante de um problema que precisa ser resolvido e toma uma decisão para o planejamento de uma ação durante o processo persuasivo. Nesse momento, observamos a influência do *ethos* do orador, tendo em vista que para a tomada de decisão, devemos recorrer a outras pessoas para deliberar sobre questões relevantes. Superado essa importante etapa, o auditório se encontra em posição de autoridade para fazer uma “escolha” e, nesse momento, é necessário frisar que “razão e emoção podem andar de mãos dadas no desenlace do processo persuasivo” (Figueiredo, 2020, p. 52). Por fim, o elemento “disposição”, como uma etapa possível de acontecer entre a “mudança de julgamento” e a “ação”, opera como um estímulo para a atitude e, conseqüentemente, para o que dispõe à ação.

Tal discussão nos encaminha, na sequência, para uma reflexão acerca do discurso sobre a loucura, pois através da produção linguageira, é possível imergir no processo persuasivo sobre o qual se encontram os estágios referentes à Trajetória das paixões. Entendemos que o teor das matérias produzidas pela mídia piauiense sobre o Sanatório Meduna, com destaque no propósito de quem as escreveu, e nas condições de produção do discurso, podem proporcionar ao orador meios para mobilizar seu auditório sobre uma possível adesão a um ponto de vista específico, levando esse mesmo auditório a submergir no discurso pelas emoções.

Já no âmbito dos estudos da Semiologia, quer seja quando se considera o princípio da influência no ato de linguagem, quer seja quando se aborda sobre as emoções, ambos estão na ordem do intencional, ou melhor, visam atingir seu parceiro. Nesse contexto, é importante destacar que as emoções, identificadas em um determinado ato de linguagem, estão ligadas aos saberes de crença, conforme aponta Charaudeau (2007; 2010). Nesse sentido, os sujeitos partilham de conhecimentos que, às vezes, de forma global ou restrita, fazem com que se reconheçam da seguinte forma: “estes conhecimentos são relativos ao sujeito, às informações que ele recebeu, às experiências que ele teve e aos valores que lhes são atribuídos, pode-se dizer que as emoções, ou os sentimentos, estão ligados às crenças” (Charaudeau, 2007, p. 241). Nesse viés, essas crenças encontram-se ancoradas na observação empírica das trocas linguageiras e contribuem para a produção do discurso, sobretudo, porque essas crenças estão ligadas a sistemas de valores apoiadas em normas de referências.

Nesse entendimento, Charaudeau (2010, p. 34) advoga que “a análise do discurso não pode se interessar pela emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito”. Diante disso, compreendemos que o *pathos* deve ser visto como um efeito visado (suposto), já que não há nenhuma garantia sobre o efeito produzido, pois a emoção no discurso não está diretamente relacionada com o que é vivenciado, constituindo-se, desse modo, como um possível surgimento de efeitos patêmicos em um sujeito específico, que se encontra sensível, a depender de seu estado de espírito, para a ativação de uma determinada emoção.

Assim, foi necessário considerar também que os [...] “efeitos patêmicos, mais que em outro lugar, se apoiam em crenças: tensão na finalidade comunicativa entre credibilidade e captação” (Charaudeau, 2010, p. 45). Ou seja, é importante refletir sobre a organização do universo patêmico, a maneira como essas emoções são classificadas no discurso. Para Charaudeau (2007; 2010), há diferentes formas de classificar o *pathos*, pois, para ele, é necessário levar em consideração o interesse, as normas sociais e o grau de generalidade (o caráter mais geral em detrimento do caráter mais específico). Quanto ao grau de racionalidade, a patemização pode ser tratada discursivamente por meio de oposição de efeitos, quer seja cognitivo, pragmático ou axiológico, por exemplo. Em suma, Charaudeau (2007, p. 243) apresenta a seguinte classificação: “tópica da dor e seu oposto, o prazer; tópica da angústia e seu oposto, a esperança; tópica da antipatia e seu oposto, a simpatia”.

Com isso, passamos a refletir sobre o princípio da influência e sobre a finalidade comunicativa pela captação (afetar pela emoção), que se encontram incluídas num campo temático sobre o qual se apoia o dispositivo de comunicação, assim como a organização das tópicas, as quais se materializam em um imbricamento com os imaginários sociodiscursivos ancorados em saberes partilhados socialmente entre os sujeitos.

Nessa direção, enfatizamos que os jogos de linguagens são representados por uma diversidade de discursos com ênfase em práticas sociais sobre as quais encontra-se uma intencionalidade explícita ou implicitamente. Compreendemos, também, que quando se faz o uso das práticas languageiras, há várias formas de manifestações dos sujeitos, visto que essas representações são condicionadas por sentimentos ou emoções consideradas como estratégias que geralmente proporcionam aos sujeitos a adesão de uma tese.

Assim, entendemos também que um acontecimento se constitui como tal através de práticas languageiras condicionadas às práticas sociais, as quais contribuem para a identificação e para a compreensão do *pathos*, sendo que “é pelo fato das emoções se manifestarem em um sujeito em função de alguma coisa que esse sujeito se faz representar enquanto tal. Digamos

que seja por isso que essas emoções podem ser ditas representacionais” (Charaudeau, 2008, p. 241).

Diante do exposto, é possível observar que o *pathos* está condicionado aos sentimentos e às emoções, e que sua manifestação se materializa através de práticas de linguagem. Os efeitos de patemização estão ligados às crenças, às quais podem ser representadas em argumentos, ou melhor, a visada patêmica é vista como uma estratégia usada pelo orador com o objetivo de captar a adesão do auditório em relação à tese ou à opinião defendida. Nesse sentido, o *pathos* é uma estratégia que procura persuadir o auditório, através de engrenagens passionais, para a adesão de uma determinada tese. Com isso, o orador busca transformar a opinião de um grupo ou de um indivíduo, em particular, a partir do momento que há a imersão do auditório em situações sensíveis e que pode movê-lo e comovê-lo.

É possível afirmar também que “um discurso que visa a produzir uma emoção é, por si, refutável: por exemplo, podemos replicar a alguém que tenta nos sensibilizar dizendo que ele pode se fazer de vítima, mas não conseguirá nos comover” (Charaudeau, 2007, p. 242). Sendo assim, o linguista argumenta que o *pathos*, às vezes, pode não levar o auditório a aceitar o que se defende, visto que a visada patêmica, através do despertar de sentimentos, nem sempre é suficiente para ter a persuasão do que se revela para os outros, havendo, assim, a possibilidade de refutação e de contestação daquilo que é dito. Nessa perspectiva, as manifestações do *pathos* estão relacionadas ao propósito dos sujeitos durante as trocas interacionais. É possível afirmar:

O sujeito falante então recorre a estratégias discursivas que tendem a tocar a emoção e os sentimentos do interlocutor – ou do público – de maneira a seduzir ou, ao contrário, lhe fazer medo. Trata-se de um processo de dramatização que consiste em provocar a adesão passional do autor atingindo suas pulsões emocionais (Charaudeau, 2007, p. 245).

É importante compreender que o *pathos* é determinado em práticas sociais, sendo que nessas trocas linguageiras podem ser suscitados sentimentos e emoções capazes de seduzir ou não o auditório. A patemização é vista, também, como uma dramatização de uma determinada situação, visando, às vezes, a simulação com a finalidade de levar ao outro à adesão de uma opinião. Nesse sentido, o efeito patêmico faz referência à prática subjetiva do sujeito, com o objetivo de tornar possível a adesão de uma tese com a utilização do *pathos*.

Por fim, Moura (2010, p. 1014) argumenta que “as emoções suscitadas não acontecem por acaso, não consiste apenas em simples sensações. Elas são da ordem do intencional, tendo em vista que remetem a uma base cognitiva, estão a serviço de um agir para alcançar um objetivo” [...]. Assim, compreendemos que o orador, de forma proposital, age em relação ao

auditório, sendo necessário levar em consideração os conhecimentos dos sujeitos envolvidos, bem como a intenção do orador. Portanto, acreditamos que o auditório pode vivenciar possíveis emoções, resultando na adesão ao que está sendo proposto. Nesta seção, propusemos uma discussão sobre o *pathos* como uma prova retórica e como uma estratégia discursiva/argumentativa; na próxima seção, discorreremos acerca do discurso sobre a loucura.

3 OS DISCURSOS SOBRE A LOUCURA

A loucura tem sido, historicamente, um tema de debate em diversas áreas do conhecimento, como exemplo, uma preocupação da Psiquiatria, da Psicologia, da Filosofia (de forma bem mais tímida) e da Análise do Discurso. Nesta seção, partimos da abordagem de Foucault em seus diversos textos através dos quais encontra-se uma reflexão sobre a loucura. Assim sendo, tomamos esse filósofo e analista do discurso porque ele defende que a loucura deve ser considerada como uma construção social, bem como porque ele traça uma historiografia dessa doença, ou melhor, apresenta seu apogeu e seu declínio no que tange à centralidade dada às doenças historicamente. Assim, tanto a história quanto a cultura, especificamente a cultura popular, por sua vez, nos proporciona com referências positivas e negativas uma pauta acerca da loucura. Em razão disso, essa questão nos direciona para uma reflexão sobre uma linha tênue que afasta a saúde da doença.

Batista (2014) aponta que, de um lado, havia expressões do cotidiano, como, por exemplo, “sou louco por você”, “a multidão foi à loucura”, “fulano é louco de pedra”, dentre outras. Tais expressões nos fazem pensar numa acepção quase romântica da loucura, assim como quando se associa a loucura à produção artística e/ou intelectual. Para isso, podemos citar a produção de Vincent Van Gogh, com destaque em seus dons artísticos, bem como a produção do filósofo Friedrich Nietzsche, entre tantos outros. Por outro lado, temos a figura do louco como alguém descontrolado e perigoso, possível de cometer atitudes violentas e “insanas”. Tal ideia deu origem à psiquiatria, em meados do século XIX, como ciência. Diante disso, desencadeia-se alguns questionamentos: em que momento da história a loucura passou a ser uma doença, uma questão social? Que transformações aconteceram na sociedade que determinaram a transmutação do termo loucura em alienação, posteriormente em doença mental, até chegar na noção de transtorno e de sofrimento psíquico? Essas mudanças foram suficientes para acabar ou diminuir o preconceito, o estigma e a exclusão?

Para buscar responder a esses questionamentos, retornou-se a perspectiva de Foucault com o objetivo de se estabelecer o percurso histórico da loucura e o desenvolvimento da psiquiatria no Brasil, considerando suas especificidades, para, em seguida, abordar, mesmo que sumariamente, os movimentos de sua refutação e da reforma psiquiátrica no Piauí.

Quanto à história da loucura, Michel Foucault nos guia para um deslocamento do que ele denomina de *estrutura de exclusão* com vista ao fenômeno da loucura. Tal exclusão, conforme o filósofo, inicia com o esvaziamento dos ambientes, nos quais eram tratadas as pessoas com a lepra, no final da Idade Média. Diante do controle da lepra, esses ambientes

serviram de base para o tratamento de doenças venéreas, no fim do século XV, pois esses espaços passaram a ser usados para qualquer tipo de enfermidade, principalmente, os pacientes psiquiátricos. Desse modo, argumenta-se que “antes de a loucura ser dominada, por volta da metade do século XVII, antes que se ressuscitem, em seu favor, velhos ritos, ela tinha estado ligada obstinadamente, a todas as experiências maiores da Renascença” (Foucault, 2019, p. 8).

Naquela época, os pacientes psiquiátricos circulavam livremente pelas ruas e o tema loucura era comumente utilizado nas diversas manifestações artísticas, principalmente, em romances e peças de teatro. Vale ressaltar também que os loucos “populares” eram aceitos, no entanto, os “estranhos”, com condutas digressivas, englobando os bêbados e os devassos, eram presos em navios como forma de cumprir um retiro ritualístico. Para o filósofo, a representação da figura da Nau dos Loucos do século XV personificava a procura da razão e da purificação pela água.

Ademais, vale destacar, conforme observa Foucault (2019), que várias casas de internamento surgiram no continente europeu, principalmente, na França, na Alemanha e na Inglaterra que, por vez, muitas dessas casas foram estabelecidas dentro das muralhas dos antigos leprosários, e suas despesas custeadas com dinheiro público. Nesse sentido, é importante salientar que:

Desaparecida a lepra, apagado (ou quase) o leproso da memória, essas estruturas permanecerão. Frequentemente nos mesmos locais, os jogos da exclusão serão retomados, estranhamente semelhantes aos primeiros, dois ou três séculos mais tarde. Pobres, vagabundos, presidiários e “cabeças alienadas” assumirão o papel abandonado pelo lazarento (Foucault, 2019, p. 6).

Desse modo, para Foucault (2019), “os loucos têm lugar reservado, o que lhes assegura uma condição quase médica, a maior parte deles reside em casas de internamento, nelas levando praticamente uma existência de correccionais”. (Foucault, 2019, p. 114). Em outras palavras, muitos passavam boa parte de sua vida dentro de hospitais sob tratamentos médicos e efeitos de medicamentos. Também é importante salientar que a grande internação se configura como “o momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade” (Foucault, 2010, p. 78).

Diante dessa afirmação, compreendemos que a loucura passa a se diferenciar de outras categorias, como, por exemplo, a pobreza. Nesse sentido, chegamos a um momento em que não há mais a necessidade de a pobreza ser encarcerada, sendo ocupado pela loucura esse lugar de

encarceramento. Além do mais, no final do século XVIII e no início do século XIX, há a manifestação dos asilos com valor terapêutico, passando, assim, a loucura a ser determinada como “alienação mental”. Ainda em relação ao nascimento do asilo, destacamos os relatos de libertação de “alienados” que, muitas das vezes, esses internos eram “[...] pessoas sem muitos recursos que caía doente longe de sua casa; a lei quer que seja mandada para lá. Mas seu estado, e talvez o custo do transporte, obrigam a que seja conservada onde está”. (Foucault, 2010, p. 478). Naquela época, um pobre que viesse a ficar gravemente doente distante de sua comunidade ficaria exposto à arbitrariedade de uma internação que ninguém a controlava. No âmbito do surgimento dos asilos destaca-se que:

a loucura representa alternadamente dois papeis alienantes: aliena aquele que é considerado louco sem ser louco, mas também pode alienar aquele que acredita estar protegido da loucura; ela tiraniza ou engana – elemento intermediário perigoso entre o homem razoável e o louco, que pode alienar tanto um como o outro e que ameaça a ambos no exercício de suas liberdades (Foucault, 2010, p. 481-482).

O autor chama a atenção para o poder da loucura, com o potencial de causar perturbação ainda mais em quem era considerado louco sem ser, porém, era levado a acreditar em sua insanidade mental; bem como alienava aquele que se considerava blindado da loucura. Diante do poder da loucura, o filósofo argumenta que ela era capaz de escravizar tanto o homem com sanidade quanto aquele desprovido de sanidade; sendo assim, uma ameaça para ambos em relação ao exercício de suas liberdades.

Nessa direção, recorreremos à noção de loucura e de desrazão defendida por Foucault (2019) e por Pelbart (1993). Como forma de demonstrar a configuração da loucura na história, chama-se a atenção para o [...] “relacionamento entre a *desrazão*, como sentido último da loucura, e a *racionalidade*, como forma de sua verdade. Que a loucura, sempre situada nas regiões originárias do erro, sempre em segundo plano em relação à razão” (Foucault, 2019, p. 261 grifo do autor). É possível compreender que a figura da loucura se encontrava situada no prisma do erro, por exemplo; sendo possível depreender também que todos aqueles que fugiam de um padrão preestabelecido socialmente, que se distanciava do caráter racional, tornava-se constitutivo da não verdade. Em outras palavras, o sujeito que se enquadrava na não racionalidade automaticamente se situava no escopo da desrazão.

Pelbart (1993), ao discutir sobre loucura e sobre a desrazão, argumenta, *a priori*, que a disciplina filosofia ousou abordar sobre os mais diversos temas, ficando em silêncio com relação à loucura. Desse modo, esse autor postula que:

a estranheza deveria recair sobre a constatação de que uma disciplina como a filosofia, que na sua onipotência ilimitada ousou refletir e legislar ao longo da história sobre os domínios mais diversos e limítrofes, desde a natureza do desejo até o sentido da morte, tenha guardado um silêncio tão obstinado a respeito da loucura (Pelbart, 1993, p. 75).

Diante disso, ele reafirma que esse esquecimento bimilenar da filosofia em relação à discussão da loucura é mais do que um esquecimento, mas sim, uma escolha, sendo possível evidenciar que a não escolha tornou-se bem-sucedida, principalmente, pela dificuldade de se estudar esse tema e pelo seu caráter intrigante e problemático. Quanto à visão dada à desrazão, “trata-se apenas de delimitar na demência todas as formas de “desrazão” que o sistema nervoso pode manifestar” conforme Foucault (2019, p. 265). Para ele, há uma estreita relação entre demência e desrazão. A demência pode estar relacionada à noção de “estupidez”, “imbecilidade”, “idiotice” etc. Enquanto a desrazão refere-se às diversas máscaras atribuídas aos indivíduos com doença mental. Nesse sentido, Pelbart (1993) argumenta que:

a desrazão, entenda-se, não era esse Exterior confinado a um personagem social recluso, como o foi à loucura a partir da Idade Clássica, mas simplesmente o Exterior, isto é, o exterior ao homem, e isto sob as mais diversas formas que a história lhe emprestou, seja como Caos do Mundo, Aventura da Linguagem, Estranheza da Natureza, Transcendência do Divino, Fúria da Morte, Sagrado dos Elementos, Bestialidade do Humano etc (Pelbart, 1993, p. 78-79).

De acordo com Pelbart (1993), a desrazão não está relacionada ao exterior do sujeito recluso, mas sim, refere-se ao exterior do homem através de uma construção historicamente atribuída a ele, sendo instituídas diversas máscaras que caracterizam as diferentes formas em que o indivíduo se relacionou, ao longo da história, com aquilo que não é ele, mas com aquilo que a história lhe emprestou.

Com isso, a loucura, ao longo da história, se configurou de diversas maneiras, sendo possível depreender a singularidade entre os pensadores que buscaram refletir sobre esse tema. Silveira (2009) nos proporciona uma síntese histórica do percurso da loucura. Para ela, a construção da figura da loucura se constitui no imbricamento entre a loucura e a desrazão. Nessa conjuntura, é possível observar, de forma sistemática, as configurações atribuídas aos sujeitos com doença mental ao longo do tempo.

No primeiro momento, chamamos a atenção para a acepção dada à loucura pela Grécia Antiga, uma vez que, naquele período, a exclusão não tinha relação com a loucura. Assim,

Sócrates, por exemplo, não a compreendia como um mal, mas como a origem de maiores bens, cuja caracterização atribuída por ele se estendia ao entrelaçamento com a divindade, pois para ele a loucura humana era compreendida pelo desequilíbrio do corpo motivado pelas inquietações do espírito. Desse modo, próxima da perspectiva grega também se situava a abordagem de Platão, sobretudo, porque esse filósofo concebia algumas modalidades da loucura como legítimas, principalmente, porque ele destacou a loucura como algo divino. Pelbart (1989) corrobora essa concepção a partir do momento em que afirma:

A perturbação não deve ser totalmente eliminada, assim como o deus não deve ser expulso; cabe a ela integrar-se ao culto e realimentá-lo. É assim que um possuído "curado" é um forte candidato a coribanto: é um íntimo do deus, apto a reconciliá-lo com outros "possuídos". O alívio então passa por uma intensificação do mal e pela ritualização da *mania*, em que o louco, "curado", vira "curandeiro" (Pelbart, 1989, p. 35).

Na época, a pessoa com deficiência mental era aquela que era possuída por uma força divina. Para isso, necessitava de que houvesse o cumprimento da promessa, pois, se o Deus fosse ofendido, teria como consequência a ira divina. Diante disso, era possível compreender que a proposta de cura se materializa através da reconciliação do sujeito com a divindade. De fato, “a loucura passa a ser confinada a saberes e instituições psiquiátricas nos séculos XIX e XX” (Silveira, 2009, p. 24). Uma doença negativizada enquanto modo de existência, permaneceu emudecida com o desenvolvimento da psicopatologia, especificamente na Alemanha e na França, mediante o surgimento de mecanismo de normatização e de normalização do sujeito com deficiência mental. Nessa mesma linha de pensamento, Deleuze (2010), ao tomar como base Michel Foucault, enfatiza que:

é neste sentido que Foucault anunciava uma era em que a loucura desapareceria, não apenas porque seria vertida no espaço controlado das doenças mentais (“grandes aquários mornos”), mas, ao contrário, porque o limite exterior que ela designa seria transposto por outros fluxos que escapariam por todos os lados ao controle, arrastando-nos com eles (Deleuze, 2010, p. 426).

Com base nessa afirmação, é possível compreender que a loucura, assim como outras doenças, ao longo da história, se constituiu em relação a outras doenças; como exemplo, temos a lepra que foi sendo apagada, ou seja, caindo no esquecimento, enquanto a loucura ganhava notoriedade na sociedade. A lepra, por um longo período, foi considerada como a maior encarnação do mal, cujo tratamento se realizava com a exclusão do sujeito leproso, que ficava às margens da sociedade. A discussão acerca do discurso sobre a loucura nos permite observar

que a mídia piauiense, ao noticiar fatos relacionados ao sanatório Meduna, aborda diversas situações que corroboram esta reflexão. Diante dessa contextualização, no próximo tópico, abordaremos sobre a história da loucura e o movimento da reforma psiquiátrica, destacando esse fenômeno no Brasil e, especificamente, no estado Piauí.

3.1 A Loucura e a Reforma Psiquiátrica no Brasil e no Piauí

Para a construção deste subtópico, partimos da perspectiva de que a loucura não é uma construção natural, mas sim uma construção concernente à civilização humana, conforme argumenta Michel Foucault em sua obra, *a História da Loucura* (2019). Tal discussão nos direciona para a visão dada à loucura, ao louco e ao hospício no contexto brasileiro. Desse modo, é importante ressaltar que, no Brasil, a concepção de razoabilidade do homem em detrimento da desrazão, enquanto convívio social, vai desde o século XVI e início do século XIX. Nesse período, também passou a ser caracterizada como desordem da paz social, bem como houve sua apropriação pelo discurso religioso de acordo com a pesquisa de Batista (2014).

Quanto aos loucos, gradativamente, eles foram sendo privados do convívio social e, conseqüentemente, excluídos com suas internações em nosocômios, como exemplo, destacamos os porões das Santas Casas de Misericórdia e das cadeias públicas brasileiras. No entanto, para os especialistas da época, tal situação não resolvia o transtorno ocasionado pela loucura, pois o afastamento deles da convivência em sociedade, a falta de higienização e o tratamento físico e moral desumanos impossibilitavam a cura. Tal situação provocou um movimento entre os especialistas e as casas de internação em que “os médicos, articulados com o então provedor da Santa Casa, José Clemente Pereira, começam a reivindicar a criação de um instrumento terapêutico específico para os loucos, o hospício” (Batista, 2014, p. 6). Com isso, sente-se a necessidade de instrumentos científicos que pudessem contribuir com o tratamento dos pacientes psiquiátricos naquela época. Ademais, acrescentamos a essa reflexão a propagação da configuração do louco, visto, às vezes, como um sujeito que poderia causar transtorno e perigo a sociedade. A seguir, destacamos também que:

o Hospício de Pedro II é criado por decreto imperial em 1841, inspirado no modelo francês elaborado por Pinel e Esquirol. Fundado, de fato, em 1852, sua construção e administração, no Rio de Janeiro, ficaram a cargo da Santa Casa. Por isso mesmo, Vechi (2004) observa que, apesar da existência de médicos nesse local, seu controle ainda permanecia objeto do discurso religioso (Batista, 2014, p. 7).

Desse modo, ele enfatiza que o discurso religioso prevalecia, naquele período, sobretudo, porque era comparado ao discurso científico. Apesar disso, “somente na República é que a loucura é retirada do discurso religioso e encampada pelo discurso científico médico-psiquiátrico, propondo substituir o tratamento desumano e primitivo por valores humanitários” (Batista, 2014, p. 7). Diante do deslocamento do discurso sobre a loucura, há a implementação de programa de medicalização e sua real alteração para doenças mentais, assim como sua ampliação no sistema público de saúde para assistência à saúde mental.

O isolamento dos pacientes psiquiátricos, nas instituições, passou a ser justificado, como: “em primeiro lugar, pela separação do louco em relação às causas da doença (principalmente a família), e, em segundo, pela possibilidade de intervenção terapêutica” (Batista, 2014, p. 7). Esse pesquisador destaca dois momentos da loucura: o primeiro momento foi o período em que a loucura foi denominada como uma “mancha” para a família e o segundo momento foi o período de segregação dos doentes mentais e de sua submissão à intervenção terapêutica, que, em sua maioria, ocasionava sofrimento e dor aos pacientes. Essa discussão corrobora àquela apresentada por Foucault, no contexto francês, principalmente, quando ele enfatiza que:

a prática do internamento, no começo do século XIX, coincide com o momento no qual a loucura é percebida menos em relação ao erro do que em relação à conduta regular e normal; no qual ela aparece não mais como julgamento perturbado, mas como perturbação na maneira de agir, de querer, de ter paixões, de tomar decisões e de ser livre (Foucault, 1997, p. 48).

Compreendemos, diante desse argumento, que o “asilo de alienados mentais” como uma instituição de reclusão e de afastamento do indivíduo da sociedade tem como ponto de partida “o ‘ato libertador’ de Pinel ao determinar o fim do “Grande Enclausuramento”, instituição dos *anciens regimes* monárquicos que servia ao recolhimento de todo tipo de indivíduo marginal até a Revolução Francesa” (Torre; Amarante, 2011, p. 11). Eles ressaltam, também, que o novo e o revolucionário na história da loucura perpassam pela compreensão de que não há relevação em sua completude, principalmente, no que tange ao olhar científico. Para a ciência, ela defendia, em sua maioria, o uso do asilo e do isolamento terapêutico associado ao tratamento moral, com um instrumento de tratamento e como uma forma de relevar a veracidade da doença mental. Caso contrário, os responsáveis pelo conhecimento científico, designados como um sujeito dotado de razão, apresentavam um novo objeto para a medicina (a loucura), assim como uma forma nova de atuação e de medicalização para a sociedade contemporânea.

A partir dessa contextualização, passamos a discorrer acerca dos Movimentos de contestação e da Reforma Psiquiátrica no país e, posteriormente, compreendermos de que forma a defesa dessas concepções se fez presente no território piauiense. Nesse contexto, Figueirêdo, Delevati e Tavares (2014) apresentaram uma cronologia dos primeiros passos dados, na área da psiquiatria, em relação aos movimentos contrários sobre os procedimentos usados no tratamento da loucura. Para efeito de uma melhor compreensão, eles destacaram que

após a 2ª Guerra Mundial, surgiram na Europa e Estados Unidos, movimentos contrários a então tradicional forma de tratamento da loucura. Citamos como exemplo, o Movimento Institucional na França e as Comunidades Terapêuticas na Inglaterra, que culminaram em movimento mais amplo de antipsiquiatria (Figueiredo; Delevati; Tavares, 2014, p. 7).

Esses movimentos contrários aos procedimentos terapêuticos utilizados pelo sistema manicomial brasileiro se deram, principalmente, porque as instituições psiquiátricas, na década de 50, do século XX, eram espaços superlotados e, diante dessa situação, os funcionários tornavam-se insuficientes e essas instituições começaram a ser acusadas de maus tratos. Esses movimentos de contestação tinham como enfoque as críticas ao modelo adotado, até então, na implementação da identificação, na observação e na medicalização dos pacientes psiquiátricos anteriores ao século XX. Dessa forma, temos como destaque dois grupos que alavancaram na defesa dessas reformas, tais como:

a) os que defendiam a psiquiatria reformada, implicando a reformulação interna das instituições para que se tornassem, de fato, terapêuticas (a comunidade terapêutica, na Inglaterra, e a psicoterapia institucional, na França) e outros que propunham estender a psiquiatria ao espaço público (psiquiatria comunitária); e b) os que defendiam uma ruptura radical com a psiquiatria tal como se conhecia, dividindo-se entre a antipsiquiatria (Inglaterra, década de 1960) [...] (Batista, 2014, p. 8).

Os movimentos contrários ao antigo sistema terapêutico adotado nos asilos, manicômios, dentre outras instituições que serviram de base para o tratamento de pacientes psiquiátricos, se posicionavam através de perspectivas específicas, sendo que alguns defendiam a reforma apenas dentro dos hospitais, pois compreendiam como espaço digno para o tratamento psiquiátrico, outros defendiam a necessidade de uma extensão da terapia para o espaço público, possibilitando ao paciente a socialização para fora da instituição responsável pelo tratamento. Contudo, existiam aqueles que propagavam a ideia de extinção do sistema manicomial, a exemplo da Inglaterra, nos anos 60. Tudo isso contribuiu para a ruptura de um

sistema que vigorou por um longo período, na psiquiatria, assim como para o surgimento e para o aprimoramento de novas concepções dentro da área. Assim, observamos que o deslocamento do sujeito no bojo da desrazão foi controlado, inicialmente, pelo discurso religioso e, posteriormente, pelo discurso científico. Vale ressaltar que dentro do próprio discurso científico, o louco foi configurado sob a ótica de diversas nomenclaturas, tais como: doente mental, débil mental, louco, doido, deficiente mental e paciente psiquiátrico.

Nessa direção, compreendemos que a emergência e o fortalecimento do movimento reformista da psiquiatria no Brasil atingiram uma maior envergadura no final da década de 1970, através do “o Movimento de Trabalhadores em Saúde Mental, ligado ao movimento de Reforma Sanitária, provocaria a derrocada da denominada “indústria da loucura”, numa época em que os hospitais privados se multiplicavam pelo país e, com eles, a precariedade nos serviços prestados à população” (Batista, 2014, p. 11).

Esse movimento se fortaleceu com o surgimento de inúmeras denúncias relacionadas às violências existentes nos asilos e às precariedades nas condições de trabalho dentro das instituições psiquiátricas. Diante disso, frisamos que mesmo não havendo uma influência direta de Michel Foucault durante o processo de reforma psiquiátrica, não se pode negar a importância das ideias desse pensador para a defesa de novas concepções contrárias ao antigo sistema.

As redes assistenciais, no Brasil, desde 1960 até a década de 1980, eram oferecidas massivamente. Essas redes de atenção à saúde mental eram sustentadas por recursos oriundos da Previdência Social. No entanto, na época, essas redes operavam como abordagem terapêutica bastante precária, com o uso arbitrário de medicamentos psicofármacos, além do isolamento dos doentes mentais em manicômios, conforme argumentam Figueirêdo, Delevati e Tavares, (2014).

Ainda objetivando compreender a cronologia da psiquiatria brasileira, Batista (2014) destaca a década 1960 como um período de consolidação da reforma no sistema de saúde mental, ao tomar como base a pesquisa de Fonte (2011). Diante disso, ele enfatiza que “a década de 1990 vem para consolidar todo esse movimento através de mudanças promovidas nas áreas legislativa, jurídica e administrativa” (Batista, 2014, p. 11). Tal discussão nos possibilita compreender que foi nesse período que surgiram as primeiras normas federais com a finalidade de regulamentar a implementação de atendimento clínico em regime de atenção diária, orientadas pelos experimentos dos primeiros CAPS, assim como a criação das primeiras diretrizes que tinham como objetivo fiscalizar e classificar os hospitais.

Na década de 90, a Reforma Psiquiátrica definitivamente começou a se materializar através de serviços fora dos hospitais, quer sejam como intermediários quer sejam como

substitutivos ao manicômio (Fonte, 2011). Ainda segundo Batista (2014), em diálogo com a visão adotado por Fonte (2011), salienta que é possível identificar dois movimentos no Brasil, desde o início da década de 2000: “a construção de uma rede de saúde mental substitutiva ao modelo centrado na internação hospitalar e a fiscalização e redução progressiva dos leitos psiquiátricos existentes” (Fonte, 2011, s/p). Tal reforma se consolidou “como política oficial do Sistema Único de Saúde (SUS) na III Conferência Nacional de Saúde Mental, realizada em 2001, em Brasília” (Batista, 2014, p. 11). Desse modo, essa política atribui ao CAPS a responsabilidade da implementação de função estratégica para a transformação desse modelo.

Na visão das autoras, essa alteração mostraria uma atenuação na soberania institucional do hospital psiquiátrico, sendo que os manicômios em condições vulneráveis foram submetidos a encerrar suas atividades. É importante salientar, também, que em 2010 houve a expansão dos CAPS, passando a contabilizar mais de mais de 1,5 mil distribuídos pelo país, conforme informação do Ministério da Saúde; também se destaca, nesse período, “a abertura de residências terapêuticas, ambulatorios, centros de convivência e hospitais de semi-internação” segundo (Batista, 2014, p. 11). Com isso, Fonte (2011) julga “positiva e bem-sucedida” a reforma psiquiátrica, no Brasil, porém reconhece a existência de desigualdades regionais.

Diante disso, no âmbito do discurso sobre a loucura é possível perceber avanços e retrocessos. Para isto, tomou-se como base as pesquisas de Fonte (2011) e Batista (2014), pois elas apontam números e dados que demonstram uma redução no montante de recursos do SUS designados aos hospitais psiquiátricos e ao investimento de recursos destinados para os serviços extra-hospitalares. Isso, de certa forma, nos dá indício de uma consolidação da reforma psiquiátrica brasileira. Assim sendo, vale destacar que:

dados mais recentes da Coordenação de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas revelam que a proporção dos gastos do SUS com hospitais psiquiátricos caiu de 75,24%, em 2002, para 29,44% em 2010 (Brasil, 2011). No mesmo período, os gastos com o Programa de Saúde Mental praticamente triplicaram, saltando de R\$ 619,29 milhões para R\$ 1,81 bilhão (Batista, 2014, p. 12).

A partir dos números apresentados, levantamos o seguinte questionamento: diante da suposta consolidação, podemos afirmar que a “estrutura de exclusão” enunciada por Foucault findou? Há pesquisadores, como Vechi (2004) e Batista (2014) que defendem que essa estrutura de exclusão não acabou. Nessa direção, eles compreendem que o fenômeno da desinstitucionalização da loucura não poderia se consubstanciar simplesmente ao processo de desospitalização. Nesse contexto, essa noção indicaria apenas para uma alteração do lugar de

tratamento, ou seja, dos renomados hospitais psiquiátricos para a prestação de serviços comunitários. Além do mais, é importante ressaltar que “a reforma, portanto, não pode ser entendida apenas como a melhora e a humanização dos serviços, mas sobretudo como uma mudança no discurso científico, em especial na noção do que é a doença mental” (Batista, 2014, p. 12). Essa percepção tornaria inválida o posicionamento de sujeito autônomo amplamente defendido durante a reforma.

Desse modo, houve o entendimento de que a Reforma Psiquiátrica, no decorrer desse processo, revelou um certo nível de “reinstitutionalização”. Mas, o que seria essa reinstitutionalização? No território brasileiro, o fenômeno da “CAPScização” foi um novo modelo de assistência aos pacientes psiquiátricos, e esse órgão passou a ser um ambiente central para as políticas públicas de saúde, determinando, assim, novas formas de institucionalizações. Em suma, foi possível compreender que a estratificação da loucura saltou dos muros dos hospitais para os muros dos CAPS que, de certa forma, pode ser compreendida também como uma nova forma de prisão.

Essa discussão, até então apresentada sobre a Reforma Psiquiátrica, nos direciona para uma compreensão desse fenômeno em contexto piauiense. Para essa abordagem, tomamos como base a pesquisa de Macedo e Dimenstein (2012), principalmente, porque eles trouxeram uma reflexão do deslocamento da loucura, dos progressos, das lutas antimanicomiais, dentre outras. No primeiro momento, destacaram-se a influência da reforma no aspecto epistemológico, considerando, assim, a necessidade de criação de novos referentes com o objetivo de qualificar a loucura como um acontecimento da condição humana. Assim sendo, foi importante compreender quais os deslocamentos que foram surgindo durante esse processo.

Trabalhou-se no deslocamento: da centralidade do saber médico-psiquiátrico (ou do poder do especialista) para a interdisciplinaridade de saberes; da noção de doença para a de produção da saúde; da ideia de isolamento como tratamento para circulação na cidade; do conceito de doença mental para existência-sofrimento; do julgamento de incapaz e tutelado para o de cidadão com foco na produção do cuidado e aumento do coeficiente de autonomia e participação comunitária (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 2).

Esse deslocamento possibilitou o surgimento de novas compreensões no plano teórico e conceitual, assim como serviram de base para que, no contexto político-jurídico, houvesse uma atualização no tradicional instrumento normativo que determinou os fundamentos para um vínculo de exclusão entre a loucura e a sociedade. Depois disso, surgiram diversas manifestações que resultaram no fortalecimento da luta antimanicomial na sociedade, assim

como a “criação de leis e portarias ministeriais que figuram como instrumentos de indução para a transformação do parque manicomial brasileiro numa rede de serviços de base comunitária e territorial”. (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 2). É importante frisar que outros instrumentos foram criados com a finalidade de ampliar ações concernentes ao plano técnico-assistencial, como, por exemplo, “espaços de sociabilidade, convivência, moradia, trabalho e/ou ocupação laboral”, consoante apregoam Macedo e Dimenstein (2012, p. 2).

Todo esse movimento intenciona transformar, de certa forma, o imaginário social culturalmente estabilizado no Brasil em relação à loucura, através de articulações entre os setores da sociedade, a fim de que fosse construída uma cultura pautada na solidariedade, uma vez que se trata de uma conduta que pode ser efetuada por qualquer cidadão e por instituições públicas e privadas, e não apenas por especialistas em saúde mental. Tal abordagem provocou a desarticulação dos manicômios que representaram não somente os inúmeros estabelecimentos responsáveis pela saúde, mas, sobretudo, os liames que organizaram nossa sociedade, estruturando, assim, as cidades e os influenciando, principalmente, nossas passionalidades.

Com isso, entendemos o movimento da Reforma Psiquiátrica como um fenômeno complexo; primeiro, porque foi um processo constituído de forma ampla, quanto ao campo epistemológico, e devido sua pluralidade de questões. Segundo, porque caracteriza-se como um procedimento contraditório e conflituoso quanto à pluralidade de interesses, propósitos e princípios que atravessam a conjuntura da saúde mental no Brasil, conforme Amarante (2007).

Ainda de acordo com Macedo e Dimenstein (2012, p. 8), “o Piauí reúne um misto de questões no tocante à saúde mental, que ora se aproxima dos desafios dos principais Estados e capitais do país, ora dos chamados municípios “minúsculos”. Diante disso, os autores enumeram vários desafios enfrentados pelo Piauí no tocante à reforma. Quanto aos primeiros desafios, estão relacionados à baixa capacidade técnico-assistencial, aos problemas com financiamento e à gestão de políticas públicas de assistência à saúde mental, à forte presença do poder psiquiátrico na configuração da política de saúde mental no estado e à sólida cultura manicomial fixada na construção social, em razão da robustez da estrutura asilar no Piauí. Os referidos pesquisadores tomaram como base os estudos de Yasui e Costa-Rosa (2008) e Vasconcelos (2010). Já em relação aos segundos desafios, eles destacaram os seguintes:

Quanto ao outro grupo de desafios, há aqueles que são específicos da realidade local em função do Piauí constar como um dos Estados de menor capacidade financeira da federação, como, por exemplo, dificuldades quanto à captação de recursos, além de apresentar baixa capacidade gerencial e níveis incipientes de desempenho institucional, inclusive para a execução dos projetos e programas do governo federal (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 8).

Essa situação foi a causa pela instabilidade da rede de serviços essenciais e especializados na estruturação da saúde pública que, associadas aos problemas institucionais, ocasionaram expressivos atrasos no deslocamento do sistema manicomial para o psicossocial no contexto piauiense. Como forma de visualizar uma cronologia da organização da rede de assistência à saúde mental no estado, há o entendimento entre os estudiosos, que a Reforma Psiquiátrica piauiense é dividida em dois grandes momentos: **antes e depois de 2001**. Diante disso, alberga-se que “entre os anos 1940 e 1970, o debate sobre a assistência psiquiátrica no Piauí ficou centrado basicamente na estruturação e aperfeiçoamento administrativo-assistencial dos dois pilares da estrutura manicomial do Estado: HAA e o SM¹¹”. (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 8).

Além do mais, esse debate se configurou num caráter individualista, visto que sua condução foi à sombra das instituições dominantes, na época, pois essas instituições exerciam poder influenciador no tocante à psiquiatria local. Na década de 80, as ações também estiveram centradas na melhoria de espaço físico, administrativo e financeiro das redes de assistência à saúde mental, ampliando seu potencial de internação e de seu atendimento clínico.

O primeiro momento da psiquiatria piauiense teve como centralidade questões relacionadas à estrutura hospitalar e ao administrativo-financeiro. Enquanto “o segundo momento iniciou com o surgimento da força antimanicomial no Estado, que promoveu a entrada do debate da Luta Antimanicomial nos principais espaços de discussão e demais arenas políticas em torno do “movimento de reforma psiquiátrica” local” (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 11).

Nesse período, o referido acontecimento intensificou conflitos entre os sujeitos envolvidos e apesar das dificuldades enfrentadas pelo Estado quanto à abertura de novos serviços, aconteceram importantes progressos relacionados ao deslocamento do sistema manicomial para a psicossocial. Ainda na década de 80, vale destacar o “Programa de Saúde Mental Comunitária (PSMC-PI)” visto como a primeira política de saúde mental do Estado. Tal implantação somente foi possível durante os anos 1980 porque desde 1940 os especialistas (psiquiatras) alcançaram gradativamente seu espaço junto ao sistema político e à sociedade piauiense de forma genérica, através de ações que impactaram à hegemonia do poder

¹¹ Conforme Macedo e Dimenstein (2012, p. 10), “Ao longo desses 60 anos, a reforma piauiense foi entremeada de idas e vindas, cujo principal objetivo foi o aperfeiçoamento da estrutura asilar do Estado, notadamente centrado nos dois hospitais psiquiátricos da capital, um público - Hospital Areolino de Abreu (HAA) e o outro privado - Sanatório Meduna (SM), consequentemente o fortalecimento da cultura manicomial local”.

psiquiátrico e no gerenciamento da reforma psiquiátrica local. À vista disso, é possível perceber efeitos ocasionados com essa política. Como primeiro efeito, destacam-se:

o referido programa descentralizou a assistência psiquiátrica localizada exclusivamente na capital e ampliou o acesso à população com a estruturação de núcleos regionais situado nas principais cidades do Estado (Parnaíba, Campo Maior, Floriano e Picos), além de viabilizar a contratação de mais profissionais, especialmente psiquiatras e psicólogos (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 12).

De um lado, o programa tornou mais acessível os serviços de assistência à psiquiatria, pois os pacientes não precisaram mais se deslocar até a capital a partir de sua implantação, pois os usuários passaram a ter acesso a esse serviço em cidades polos, além disso, houve também o aumento da contratação de profissionais especializados. Por outro lado, enfatizamos que “a experiência piauiense repetiu as mesmas imprecisões ocorridas pela psiquiatria americana” (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 12). Embora criados serviços e a expansão da quantidade de pessoas assistidas, ampliou-se o deslocamento do campo de atuação hospitalar da psiquiatria para a comunidade, e expandiu a concepção da doença para a noção de desvio (desrazão) e, conseqüentemente, seu desajustamento. Essa ação possibilitou a inclusão de novas demandas para o hospital, a exemplo da patologização e da medicalização dos pacientes.

No âmbito local, houve a implantação do “Plano de Saúde Mental de Teresina” que perdurou durante a década de 1990. Tal plano remonta à disputa entre dois grupos, com visões antagônicas, contudo, esses grupos surgiram no interior do Hospital Areolino de Abreu (antigo Asilo de Alienados), cujas finalidades se assemelhavam ao gerenciamento das manifestações políticas no tocante à liderança da rede de assistência à saúde mental na capital. Diante disso, os pesquisadores destacaram que:

O primeiro grupo, ligado ao Governo do Estado, defendia unicamente o fortalecimento dos hospitais psiquiátricos com a ampliação da sua capacidade de internação e atendimento; enquanto o segundo, ligado aos representantes do antigo PSMC que, sem espaço político na gestão estadual, abrigaram-se na gestão municipal defendendo o fortalecimento dos hospitais e o projeto de ampliar os raios de ação da categoria com a ambulatorização da psiquiatria, pelo menos, na capital (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 12).

No contexto local, identificamos uma dissimetria em relação ao posicionamento adotado pelo Governo do Estado, na época, quando comparado com as acepções adotadas pelos representantes do Programa de Saúde Mental Comunitária. Ou seja, esses últimos, sem muito apoio na esfera estadual, buscaram abrigo na esfera municipal de Teresina, buscando defender

e fortalecer o sistema hospitalar, em específico, e o sistema psiquiátrico com a proposta de ampliação do atendimento ambulatorial na capital e nas cidades vizinhas.

Ademais, na segunda metade da década de 1990, houve um movimento que buscou reduzir os leitos, através de ações encabeçadas pelo Ministério da Saúde, que propõe a reclassificação da rede hospitalar, com a especialidade da psiquiatria, cuja redução sai de 817 para 580 no total de leitos na capital. Ainda nos anos 1990, tomamos como base o plano jurídico e político, em que houve a presença de dois eventos importantes que marcam a saúde mental piauiense, como: “um na esfera do legislativo estadual; outro na esfera municipal”. (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 13). A partir desse momento, surgiram novos protagonistas, mesmo com o conhecimento dos defensores do sistema hospitalar que torciam para a manutenção do monopólio do poder psiquiátrico com vista à liderança da política local.

Tais movimentos foram encabeçados por intensos debates e movimentos de cunho sociopolítico, no plano nacional e, para isto, destaca-se a proposta de Lei Paulo Delgado, que influenciou para a aprovação de projetos semelhantes nas esferas estaduais e municipais. No Piauí, essa discussão surgiu em meados de 1997 com uma proposta similar ao deputado estadual Olavo Rebelo, na época filiado ao (PT). Contudo, sua discussão foi retirada de pauta pelo seu relator, na época, pelo médico e deputado Kleber Eulálio (PMDB), com o entendimento de que seria necessário a elaboração de uma nova proposta feita pelos representantes da Associação Piauiense de Psiquiatria. No âmbito municipal, os pesquisadores destacaram a proposta do vereador Anselmo Dias (PCdoB).

No ano de 1999, surge uma nova cena no plano legislativo local, porém no âmbito municipal. O vereador Anselmo Dias (PCdoB) propõe um projeto de Lei para Teresina, sob os moldes do projeto do Dep. Paulo Delgado, em que postulava a expansão dos serviços ambulatoriais, bem como a abertura de serviços substitutivos ao hospital na capital (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 14).

Inspirado no projeto de lei proposto pelo do Dep. Paulo Delgado, no cenário estadual, no mesmo período, surge, na esfera legislativa municipal de Teresina, a proposta do vereador Anselmo Dias. Seu projeto requisitava a ampliação de serviços de atendimento ambulatorial e a abertura de atividades equivalentes aos serviços prestados pelos hospitais da capital. Nessa conjuntura, os defensores da luta antimanicomial no Estado se mobilizaram para fiscalizar o funcionamento dos CAPS.

Como forma de resistir ao jogo de forças instaurado no plano jurídico-político, os defensores da luta antimanicomial no Estado buscaram conhecer de perto

a realidade dos CAPS no Ceará, para um maior aprofundamento sobre as propostas da Reforma Psiquiátrica e sobre o funcionamento do modelo psicossocial (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 15).

De um lado, compreendemos uma movimentação dentro do próprio estado, através da fiscalização empreendida pelos defensores da luta antimanicomial. Por outro lado, percebemos, também, uma preocupação do movimento dos psiquiatras piauienses em expandir a luta, chegando no plano nacional, principalmente, quando “o Senador Lucídio Portella (PPB-PI), irmão de Eustáquio Portella - respeitado psiquiatra e professor livre-docente do IPUB/UFRJ, propôs matéria substitutiva abrandando a radicalidade da proposta do Dep. Paulo Delgado (PT-MG)” (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 15). Tal proposta teve sua aprovação final como a Lei 10.216/2001 (Brasil, 2002).

Ainda de acordo com os pesquisadores, destacamos a capacidade de articulação e a perspicácia dos defensores da rede hospitalar psiquiátrica no tocante aos eventos ocorridos tanto no legislativo estadual quanto no municipal, relativos à antecipação dos acontecimentos com o objetivo de que houvesse o processo reformista e que esse processo se configurasse de acordo com seus interesses. Essas articulações são percebidas quando se destacam, na década de 80, as primeiras reivindicações para a realização do PSMC-PI, e na década de 1990, a “reforma da assistência psiquiátrica” e a manutenção do hospital psiquiátrico e, conseqüentemente, a hegemonia do poder do médico.

Até o ano de 2003, considerando o cenário nacional, e com vista à política de diminuição dos leitos pelo Ministério da Saúde, o Piauí conservou seu sistema manicomial praticamente inalterável com a oferta de 438 leitos. No tocante ao movimento reformista na capital, salienta-se também que só foi exequível devido às inúmeras negociações entre a gestão municipal e o Ministério Público, sobretudo, em relação à abertura de serviços psicossociais. Essas negociações tiveram como ponto de partida a assinatura de um Pacto de gestão em 2005 e, posteriormente, a assinatura do Termo de Ajuste de Conduta (TAC), depois de várias negociações. Esse termo teve como objetivo a reivindicação do funcionamento de dois CAPS conforme apontam Macedo e Dimenstein (2012).

A partir dessa historiografia, ainda que de forma sumária, sobre a psiquiatria piauiense, destaca-se, na sequência, o fenômeno da inauguração e do encerramento das atividades do Sanatório Meduna. De início, vale mencionar que durante os 56 anos de funcionamento desse Sanatório, mais de 100 mil internações fizeram parte da rotina desse hospital. Reincidentes ou não, as internações partiam dos familiares ou de qualquer pessoa que se sentisse incomodada com aquele que tinha o “perfil de um louco” (Franklin, 2020, p. 55). Essa instituição foi

referência em assistência à saúde mental do Brasil e, especificamente, no Piauí, principalmente, no período em que esteve sob a direção do psiquiatra Clidenor de Freitas, cujo protagonismo se reverberou com os métodos utilizados e desenvolvidos pelo médico.

Ainda com o objetivo de enfatizar sobre a grandiosidade dessa instituição para o sistema manicomial do Piauí, compreendemos que “o Sanatório Meduna não chamava atenção apenas na inovação dos métodos médico-hospitalares da época, mas também, na grandiosidade e na ousadia da edificação e no estilo da obra presente” (Franklin, 2020, p. 56). À vista disso, sua estrutura se assemelhava à estética Greco-neoclássica, sendo considerado por personalidades locais, a exemplo dos jornalistas, como um dos maiores patrimônios de Teresina.

A inauguração do Meduna se tornou um marco político e social, principalmente, no tocante a um certo grau de alívio e de segurança, pois essa instituição serviu de apoio para internação de pessoas consideradas loucas. Para Franklin (2020), esse manicômio beneficiou a sociedade piauiense não somente como uma instituição que subsidiou o sistema manicomial do estado no tocante ao tratamento psiquiátrico, mas, também é possível compreender que “a presença dessas pessoas nos espaços públicos comprometia a beleza, a tranquilidade e segurança da cidade, então a criação de um hospital psiquiátrico particular seria sinônimo de proteção social” (Franklin, 2020, p. 56).

O posicionamento dessa pesquisadora, da área do jornalismo, se equivale à hipótese que se traçou nesta pesquisa de que o Meduna contribuiu para o processo de higienização da cidade de Teresina, retirando, principalmente, dos espaços públicos aqueles que podiam comprometer a imagem da cidade. Essa situação corrobora aquilo que Foucault (2019) enfatizou na História da Loucura, uma vez que esse filósofo apresentou uma oposição entre a razão (sujeitos com sanidade mental) e a desrazão, ou seja, aqueles que fugiam de um padrão preestabelecido socialmente.

No estado do Piauí, duas instituições ganharam notoriedade durante o século XX: o “Asilo de Alienados”, instalado em 1940, e o Meduna, inaugurado em 1954. Os avanços são notórios quando se compara com os relatos divulgados nos noticiários da época, sendo possível observar o modelo adotado na década de 40, cujo tratamento era muito doloroso e pouco eficiente, além disso, os pacientes eram tratados de forma desumana, muitos deles acorrentados em troncos de árvores.

A partir do Sanatório Meduna, houve a proposição de inclusão de métodos modernos e eficazes quando se compara com o modelo adotado na década de 40, no Asilo de Alienados. Ambas as instituições foram referências no tratamento de doentes mentais no Piauí, sendo objeto de inúmeras notícias, reportagens, artigos de opinião e editoriais na mídia local. Essa

instituição se destacou porque “a atenção à saúde mental do Estado se concentrava no Sanatório Meduna por receber com mais facilidade e menos burocracias os internos. Ao Hospital Areolino de Abreu, cabia receber os pacientes conveniados ao Sistema Único de Saúde (SUS)” (Franklin, 2020, p. 58). Diante disso, esse último vivia superlotado, com escassez de medicamentos e profissionais especializados na área.

Nesse sentido, ativamos a discussão do movimento da Reforma Psiquiátrica conforme Basaglia (2005), pois, para ele, a psiquiatria italiana compreendia que o sujeito “louco” sofria de inúmeros preconceitos, assim como aquele que se encontrava em estado de “pobreza” era vítima não somente de um sistema psiquiátrico, como também era vítima do sistema social que o excluía e, conseqüentemente, dificultava seu acesso à sociedade, resultando em sua inserção cada vez mais nas instituições psiquiátricas. Para aquele psiquiatra, entendemos que “quando o psiquiatra entra no manicômio, encontra uma sociedade bem definida: de um lado, os loucos pobres; de outro, os ricos, a classe dominante com os meios para tratar os pobres doentes loucos”¹². Evidenciamos, desse modo, a estratificação social existente no sistema de assistência à saúde mental, pois tal divisão se configurou pela fusão da “doença” e da condição social desfavorável, a exemplo da pobreza.

De acordo com Franklin (2020), tanto o Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu quanto o Sanatório Meduna buscaram uniformizar seus atendimentos, considerando aos convênios público e particular, visto que, de forma proporcional, os pacientes foram divididos de acordo com a quantidade leitos e de alas. Ademais, “o Sanatório e o Hospital se mantinham responsáveis por atender a toda a demanda de assistência à saúde mental do Estado e de regiões próximas, se tornando referência no Nordeste” (Franklin, 2020, p. 59). Esses hospitais foram referências na assistência à saúde mental no estado do Piauí, se destacando local e regionalmente no tocante ao papel exercido junto à sociedade piauiense.

É importante ressaltar que o Meduna teve um longo período de ascensão, com uma vasta contribuição à saúde mental do Piauí, visto que seu funcionamento durou 56 anos, no entanto, [...] “em 2010, apresentou sinais de que passava por dificuldades de manutenção de sua capacidade financeira, administrativa e gerencial, afetando diretamente os internos” (Franklin, 2020, p. 59). Ainda com vista às dificuldades enfrentadas pela instituição no que tange ao desenvolvimento de suas atividades, compreendemos que “desde o início dos anos 2000, o Meduna passava por dificuldades na manutenção de sua capacidade financeira, administrativa

¹² BASAGLIA, Franco. A psiquiatria alternativa: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática: conferências no Brasil. São Paulo: Brasil Debates, 1982. p. 14.

e gerencial, consequentemente, na oferta mínima de uma assistência de qualidade à população” (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 19).

Tais dificuldades estão relacionadas, na época, à política de redução de leitos pelo Ministério da Saúde, acarretando, desse modo, a subtração de 517 leitos para 200 leitos no Meduna. De um lado, esse foi um dos motivos que gerou a crise na eficácia do funcionamento da instituição; de outro lado, houve “o interesse do setor imobiliário na compra, se não total, pelo menos parcial dos 20 hectares do terreno que o Meduna ocupava em área privilegiada da capital” (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 20). Além do mais, Franklin (2020) enfatizou, em sua pesquisa, questões referentes às péssimas condições físicas do hospital e a instauração da Reforma Psiquiátrica no Brasil.

Ainda considerando o colapso na capacidade do funcionamento da instituição, em 2009, houve uma denúncia feita ao Ministério Público referente às péssimas condições das atividades exercidas por esse hospital, conforme aponta Franklin (2020) em sua pesquisa.

Em 2009, uma denúncia foi feita ao Ministério Público do Estado do Piauí referente aos maus-tratos cometidos dentro do sanatório, se tornando o primeiro passo para uma audiência pública em que representantes do Sanatório Meduna, do Areolino de Abreu, autoridades, diretores, psicólogos, enfermeiros, assistentes sociais e sociedade pudessem discutir as consequências do fechamento desses leitos (Franklin, 2020, p. 60).

Não bastasse a redução dos leitos no hospital e outras dificuldades enfrentadas pela instituição, sugeriram também denúncias de maus-tratos, um dos motivos para audiência pública envolvendo o Ministério Público, os representantes do Sanatório Meduna, do Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu e os profissionais da área da saúde com o objetivo de discutir as consequências do fechamento dos leitos. Diante de tal situação, Macedo e Dimenstein (2012) destacaram, inicialmente, o seguinte posicionamento do Ministério Público:

A saída encontrada pelo Ministério Público foi firmar o primeiro Termo de Ajuste de Conduta em 2009, entre o Estado e município, no sentido de garantir o fornecimento de gêneros alimentícios, medicamentos, materiais médico-hospitalar e de limpeza, colchões, roupas de cama e para os pacientes; e realizar avaliação situacional e diagnóstica de cada paciente, identificando sua história e necessidades para a condução de cada caso (Macedo; Dimenstein 2012, p. 20).

Ainda de acordo com os autores, esse Termo de Ajuste de Conduta previa o fechamento dentro do prazo legal de 120 dias, mas também garantia a operacionalização diária dos cuidados

indispensáveis aos pacientes do hospital. Além disso, foram necessárias audiências públicas para que houvesse a discussão, ainda que de forma ampla, com a participação dos interessados, tais como:

Gestores municipal e estadual de Saúde, Ministério Público, Legislativo municipal, proprietários do Sanatório Meduna, diretores do Hospital Areolino de Abreu, representantes da Associação Piauiense de Psiquiatria, trabalhadores da saúde mental, representantes da associação de usuários, imprensa, etc (Macedo; Dimenstein 2012, p. 20).

Diante disso, eles ressaltam um empreendimento colaborativo entre a direção do hospital, do Ministério Público e dos representantes das gestões municipais e estaduais, na época, pela garantia do funcionamento da instituição. No entanto, ainda em 2009, houve a oficialização, por parte da direção, do fechamento do hospital ao Ministério Público. Essa situação trouxe à tona inúmeras “reuniões e audiências que foram realizadas com gestores municipais e estaduais para que houvesse assistência à saúde psiquiátrica dos 200 internos ainda residentes do hospital”. (Franklin, 2020, p. 60). Desse modo, o atendimento psicossocial já vinha sendo desenvolvido com precariedade, sem condição de garantir a assistência necessária aos internos.

Em decorrência do fenômeno “fechamento do Meduna”, houve uma mobilização por parte dos psiquiatras que defendiam o modelo hospitalocêntrico, e essa defesa também se estendia a outros profissionais, principalmente, amparados pelo discurso do desemprego, consequência do fechamento da instituição. Também vale salientar “o argumento que se conviveria na cidade com pacientes abandonados nas ruas, entregues à própria sorte em seu adoecimento, podendo fazer algum mal a si ou aos outros, também foi utilizado” (Macedo; Dimenstein 2012, p. 20).

Alguns não contavam com o encerramento das atividades do Meduna, uma vez que havia psiquiatras antirreformistas e o gestor municipal que travava os avanços no tocante à inserção de modelos inovadores para que pudessem auxiliar com os serviços de assistência à saúde mental, mesmo com a pressão do Ministério Público. Diante dessa situação,

a comissão composta pelo MPE-PI – também sintonizada com o argumento de não gerar desassistência aos internos do Meduna, porém sobre outros princípios éticos e políticos -, propôs como alternativa a abertura de mais serviços substitutivos, fortalecendo a rede psicossocial da capital (Macedo; Dimenstein 2012, p. 20).

Essa discussão corrobora a reflexão de Franklin (2020) que enfatizou a necessidade de métodos alternativos para as pessoas que precisavam de atendimento à saúde mental. Essa

situação culminou na criação de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), das Residências Terapêuticas (RT's), dentre outros órgãos que passaram a ser responsáveis pela rede de assistência à saúde mental do estado. Para tal feito, o Ministério Público firmou, em 2009, o primeiro Termo de Ajuste de Conduta, entre estado e município a fim de garantir o atendimento aos internos com [...] “o fornecimento de gêneros alimentícios, material médico-hospitalar, de higiene, limpeza, medicamentos e roupas de cama para os usuários do sistema de saúde mental, além de uma avaliação diagnóstica de cada interno” (Franklin, 2020, p. 61).

De acordo com Franklin (2020), Macedo e Dimenstein (2012), eles enfatizam, em suas pesquisas, alternativas apresentadas pelo Ministério Público, com a abertura de serviços substantivos, dentre eles, os CAPS, que tinham como objetivo fortalecer a rede de assistência à saúde mental da capital. Dessa maneira, foram fixados, através de um segundo Termo de Ajuste de Conduta em 2010, as seguintes imposições:

tais como a manutenção dos subsídios ao Sanatório Meduna pelo Estado e município; a implantação de um CAPS ad (Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas), um CAPS i (infantil), um CAPS III e duas SRT (Serviço Residencial Terapêutica), além da instituição da Gerência Municipal de Saúde Mental (Franklin, 2010, p. 62).

Vale salientar, conforme Oliveira (2011), que todo o processo ocorreu sem que os pacientes ficassem desassistidos, mesmo com a ausência do Sanatório Meduna, não se fez necessário a construção de uma rede de assistência à saúde mental na capital e no estado. Além do mais, a instituição ficou limitada a 28 leitos, com seu descredenciamento do SUS, em meados de 2010 e, conseqüentemente, com seu cancelamento no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde como hospital psiquiátrico. Diante disso, ressaltamos que o espaço em que se localizava o hospital, atualmente, é base de um forte empreendimento comercial que é o Shopping Rio Poty.

Apesar disso, compreendemos que tais processos de transformação na rede psiquiátrica se constituíram como necessários, resultando em transformação na assistência psicossocial, antes improváveis de acontecer, albergando a cultura de valor social e refletindo sobre o usuário do sistema manicomial, com o objetivo de que esse cidadão fosse integrado ao atendimento, à saúde mental, usufruindo de seus direitos e suas proteções. Nesse aspecto, os acontecimentos que determinaram a Reforma Psiquiátrica Piauiense comprovam a necessidade de “desinstitucionalizar dos espaços “privatizantes” de gestão e seus modos de proceder em proveito do interesse de alguns poucos” (Macedo; Dimenstein, 2012, p. 23). À vista disso, surge o entendimento de reinvenção da gestão no espaço público, levando em conta as negociações,

assegurando a experimentação e não a testagem de modelos prontos e convergentes de relações de poder. Nesta seção, abordamos as acepções apontadas por Foucault, em relação à loucura, a fim de se chegar na configuração da loucura no contexto brasileiro e piauiense com ênfase no movimento da reforma psiquiátrica. Na próxima seção, dissertaremos sobre o processo de higienização social com enfoque na Sociologia Urbana com o objetivo de compreender o papel exercido socialmente pelo Meduna.

3.2 O Processo de higienização social: o que nos diz a Sociologia Urbana?

Para a construção deste tópico, partimos da discussão de cidade e de urbanização à luz da Sociologia Urbana para depois verticalizar essa reflexão para uma dimensão discursiva, principalmente, com enfoque nas contribuições do sistema manicomial piauiense para essa abordagem. Desse modo, é com vista nas contribuições do Meduna para a psiquiatria, como uma instituição que contribuiu para o contexto político e social do estado, que se buscou compreender as várias implicações dessa instituição para a imagem urbana da cidade. Em primeiro momento, apoiamos-nos em Lefebvre (2001, p. 8), porque ele proporciona uma reflexão sobre a urbanização e a industrialização, enfatizando que “a própria cidade é uma obra, e esta característica contrasta com a orientação irreversível na direção do dinheiro, na direção do comércio, na direção das trocas, na direção dos produtos”.

É importante entender o processo higienista através da discussão de cidade, de urbanização e de industrialização, tendo em visto que estamos diante de uma instituição (o Meduna) que serviu, por mais de meio século, ao sistema psiquiátrico piauiense através de convênio particular e do SUS. Assim como, é imprescindível compreender que esse espaço do hospital antes era um ambiente que atendia ao sistema manicomial do estado e atualmente é um lugar de consumo, empreendido pelo Shopping Rio Poty, ou seja, um espaço de alto padrão, que engoliu a maior parte da estrutura física desse hospital.

Com isso, apoiamos essa discussão em Le Goff (1998), porque ele promove uma teorização sobre a cidade com ênfase nos aspectos evolutivos urbanos. Para isso, esse pesquisador destaca que:

O estádio não tem mais sua razão de ser: o esporte toma formas completamente diferentes. Reservado à classe nobre, ele torna essencialmente exercício militar. As termas desaparecem, já que estabelece uma nova relação com o corpo, assim como novas formas de **higiene** e de **sociabilidade**. A Idade Média não foi um período de imundície. A **higiene corporal**, em particular, é objeto de cuidados, seja no âmbito privado, seja mais tarde em estabelecimento especiais, as saunas [...] (Le Goff, 1998, p. 10, grifo nosso).

Diante dessa afirmação, evidenciamos as práticas culturais e sociais referentes à cidade, destacando, principalmente, o período da Idade Média como uma época de preocupação com a limpeza corporal, mas também, com a higienização de ambiente, como as saunas. Assim, compreendemos que o processo de higienização parte de uma preocupação com a limpeza corporal; no entanto, esse enfoque se estendeu para o meio social, como exemplo, as ruas, os ambientes socializáveis que precisavam transparecer uma boa imagem e, para isso, havia a necessidade de se retirar tudo aquilo que as tornavam “feias”. Como forma de verticalizar essa discussão para uma perspectiva discursiva, recorreremos a Foucault (2005), pois ele afirma:

Peguemos como referência a sociedade que começava a se industrializar e elevar o volume de informações. Sendo que isso se intensificou, e muito foi aprimorado, marcado pela rapidez das informações, das tecnologias e a globalização. Sendo assim a própria ordem social, formada por seus representantes públicos, apresenta um meio mais livre, ao mesmo tempo que desperta um controle, que no mais, é visto como um instrumento de administração e contenção daqueles que representam algum dano à ordem geral social. Assim, temos uma sociedade estruturada em formas de poder, com direitos oriundos das antigas gerações, mas sobrepostas a privilégios de uma determinada classe, ou seja: parece-me que existem, na sociedade, ou pelo menos, em nossas sociedades, vários outros lugares onde a verdade se forma, onde um certo número de regras de jogo são definidas - regras de jogo a partir das quais vemos nascer certas formas de subjetividade, certos domínios de objeto, certos tipos de saber - e por conseguinte podemos, a partir daí, fazer uma história externa, exterior, da verdade (Foucault, 2005, p. 11).

O movimento disciplinador higienista se inicia no século XIX, trazendo à tona o modo de vida e de padrões existentes do século XV e XVIII. Esse é um movimento que começara na Europa, exigindo da população um padrão particular de cunho disciplinador, social e, principalmente, higiênico, no que tange ao discurso médico em relação ao doente mental. Esse aspecto disciplinador demonstra o que Foucault discute sobre a relação de saber e de verdade associados à discussão de relação de poder. Ademais, visualizamos posteriormente o predomínio dos costumes e dos hábitos que eram coerentes ao discurso dos médicos dentro de um espaço moral de exclusão.

Calvino (1990), por sua vez, descreve algumas características possíveis de serem atribuídas a uma cidade, como: os degraus que compõem uma escada e os materiais que cobrem os tetos constituintes das moradias as quais compõem uma cidade. No entanto, ele ressalta que “a cidade não é feita disso, mas das relações entre medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”. (Calvino, 1990, p. 7). Diante disso, fez-se necessário entender a materialidade significativa do espaço urbano de Teresina, especificamente, os sentidos atribuídos ou

descartados ao Meduna como um ambiente de dizeres implicados à “loucura”, mas também, um espaço de relações de poder e de segregação, que determinava os sujeitos com sanidades daqueles ditos loucos. Nessa direção, Rolnik (1995) argumenta que:

A esta altura o leitor certamente deve estar lembrando de coisas conhecidas – dos asilos e penitenciárias, do eixo monumental de Brasília e sua Praça dos Três Poderes, [...] ou das grandes operações de demolição de áreas decadentes e sua substituição por vias expressas ou shopping centers (Rolnik, 1995, p. 62).

Essa afirmação corrobora o espaço ocupado atualmente pelo Shopping Rio Poty, ou seja, um espaço que significou/significa - atualizado pelo empreendimento do Shopping – e que engoliu a estrutura física do sistema manicomial. Vale ressaltar que, no espaço onde funcionou o hospital, encontra-se ainda a capela (sobra do sistema manicomial), que nos atualiza sobre um longo período em que esse espaço serviu de apoio para a assistência à saúde mental do estado Piauí. Assim sendo, os discursos higienistas, com forte centralidade para a área médica, estão relacionados à saúde e à limpeza, quer sejam corporais quer sejam de ambientes físicos, por exemplo. Para isto, Gondra (2003) compreende que:

[...] Com esse esforço, a educação é convertida em caminho privilegiado para fazer disseminar a perspectiva higienista e higienizadora. Por seu intermédio, guiada pela matriz médico-higiênica, a humanidade poderia ser reinventada, dando origem a uma nova espécie: o Homo hygienicus. Utopia cunhada sob o signo da razão que, até hoje, contrariando os iluministas mais otimistas e radicais – das grandes verdades e dos valiosos conselhos –, tem demonstrado ser insuficiente para promover de modo igualitário o tão perseguido e tão sonhado projeto higienista (Gondra, 2003, p. 35).

Observamos, nesse trecho, o discurso de cidade limpa, bem como de uma sociedade polida. Tudo isso, relacionava-se, também, com a utopia das cidades isentas de epidemias ou de endemias. Junto a isso, encontramos o caráter disciplinador e segregador presente na agenda política das cidades, cujo fenômeno teve como destaque inicial no século XIX e se intensificou no século XX com o processo de industrialização e de urbanização. A partir das reflexões teóricas empreendidas nas seções anteriores, apresentaremos, na sequência, os procedimentos metodológicos adotados nesta pesquisa.

4 ASPECTOS METODOLÓGICOS

“Pesquisar tem muito de desafio e de aventura. É uma luta por saber e para demonstrar o que se sabe. É sempre uma decisão árdua desentranhar o conhecimento para, com a descrição e o equilíbrio devido, pô-lo em circulação e torná-lo acessível aos demais” (Serrano, 2011, p. 13).

Nesta seção, descrevemos os aspectos teórico-metodológicos utilizados na pesquisa, tipificando-a em seus fundamentos conceituais e caracterizando-a quanto ao tipo de pesquisa, às formas de abordagem, à fonte, aos procedimentos de constituição do *corpus* e aos procedimentos de análise, com ênfase nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise Semiociolinguística do Discurso, da Retórica e da Argumentação.

A natureza do objeto e do objetivo de nossa pesquisa é analisar a construção discursiva acerca da saúde mental no Piauí a partir de publicações do jornal *O Dia* sobre as quais se destacou o protagonismo do sanatório Meduna. Esse objetivo geral nos encaminha para uma pesquisa documental de abordagem qualitativa. Assim, nosso propósito foi analisar e interpretar a materialidade discursiva/argumentativa do discurso midiático piauiense ao tratar da instituição psiquiátrica Meduna e/ou sobre o médico Clidenor de Freitas Santos como protagonista dessa unidade de assistência à saúde mental que funcionou de 1954 a 2010, no estado do Piauí.

Nesse sentido, nos ancoramos nos estudos da Análise Semiociolinguística do Discurso, bem como, nos postulados da Retórica e da Argumentação para compreender e interpretar os dados referentes à produção do jornal *O Dia* ao tencionar a finalidade comunicativa entre credibilidade (informar) e captação (afetar o leitor pela emoção) ao noticiar e opinar sobre o Meduna. Diante desse propósito e de nossas inquietações acerca do objeto desta investigação, optamos por uma pesquisa documental com abordagem qualitativa cuja caracterização será apresentada nas subseções seguintes.

4.1 Tipo de pesquisa

Nesta seção, apresentamos o *modus operandi* do estudo, destacando o método adotado para a constituição do *corpus*. Dessa forma, quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa documental que, conforme Gil (2002, p. 45): “[...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa”. Diante disso, nosso estudo teve como propósito analisar matérias

jornalísticas disponibilizadas no Arquivo Público do Estado do Piauí e no arquivo do jornal *O Dia*, sobre o Sanatório Meduna e/ou sobre o médico Clidenor de Freitas Santos.

Para isso, seguimos uma tradição de pesquisa qualitativa também conhecida como pesquisa interpretativa, conforme Paiva (2019), e que nos remete ao entendimento de que a realidade projetada leva em conta as experiências humanas que, consequentemente, resultam na interatividade do homem com o mundo em que vive. Em nosso estudo, fizemos o uso apenas do instrumento técnico de cunho documental como forma de coletar os dados e topicalizar conforme as categorias de análises. Nessa mesma direção, compreendemos que uma pesquisa documental se refere também a materiais encontrados em arquivos de órgão públicos e de entidades privadas, como em jornais, igrejas, sindicatos, por exemplo. Através desse procedimento, podemos encontrar documentos, como: jornais, cartas, diários, fotos, ofícios, boletins, dentre outros.

Diante de tal procedimento, foi possível compreender o tratamento dado pela mídia piauiense no que tange aos discursos produzidos e divulgados pelo jornal *O Dia* ao noticiar e opinar sobre a instituição psiquiátrica Sanatório Meduna e sobre o protagonista desse hospital, o médico Clidenor de Freitas Santos. Muitas das matérias jornalísticas objetivaram denunciar situações inadequadas dentro da instituição, no entanto, há, também, matérias que buscaram enaltecer o trabalho do médico no período em que esteve à frente da direção do hospital e os possíveis métodos inovadores adotados por ele para o tratamento de pacientes psiquiátricos no estado Piauí. Portanto, a caracterização do método da pesquisa nos direciona para a compreensão de um estudo visto como uma abordagem qualitativa de cunho interpretativo e descritivo.

4.2 Quanto à abordagem e aos objetivos da pesquisa

Nossa inserção na área da Análise de Discurso, como uma disciplina que dialoga com outras áreas do conhecimento, tem nos possibilitado desenvolver observações importantes acerca de acontecimentos políticos e sociais sobre os quais optamos por investigar, considerando a materialidade discursiva e argumentativa a partir do discurso midiático, com ênfase na capacidade que os jornais têm de articular a tensionalidade informativa e persuasiva quer seja em gêneros com caráter de credibilidade (informar um acontecimento através da notícia e reportagem, por exemplo) quer seja em gêneros com caráter opinativo, o caso do editorial e do artigo de opinião.

Dessa forma, ressaltamos que esta pesquisa, conforme (Paiva, 2019), quanto à natureza é dominada de básica, principalmente, porque tem como finalidade acrescentar conhecimento juntos aos estudos discursivos e argumentativos, visto que busca analisar o *corpus* à luz de categorias da Análise Semiolinguística do Discurso em uma interface com os estudos argumentativos, com ênfase nos discursos produzidos pela mídia piauiense acerca do sistema manicomial do estado, mais especificamente, os sentidos emanados em matérias jornalísticas que versaram sobre o Sanatório Meduna.

Em relação à abordagem da pesquisa, constituímos como uma investigação qualitativa, pois esta proposta tem como enfoque compreender e descrever fenômenos sociais e discursivos relacionados aos sentidos produzidos pela mídia dando destaque aos fatos enunciados sobre essa instituição. Além do mais, de acordo com Gil (2002), esta pesquisa pode ser classificada quanto aos objetivos como descritiva porque, através dela, buscamos descrever, com foco na Análise do Discurso Semiolinguística, na retórica e na argumentação, os discursos mobilizados sobre a assistência à saúde mental do Piauí, com vista na materialidade discursiva e argumentativa ao enunciar fatos e opinar sobre o hospital psiquiátrico.

Ainda em relação aos objetivos, a investigação também se enquadra como explicativa, visto que temos como aspectos centrais identificar os elementos que determinaram ou que contribuíram para a construção discursiva e argumentativa em textos que tensionam a “credibilidade” (informar) e a “captação” (patemização), ou melhor, compreender de que forma o jornal *O Dia* abordou fatos relacionados ao Meduna e ao médico Clidenor de Freitas Santos com ênfase nos processos discursivos e argumentativos.

4.3 Fonte e procedimento de constituição do *corpus*

Conforme a seção 4.1, esta pesquisa se caracteriza como documental, quanto aos procedimentos técnicos. Tais procedimentos nos direcionam para uma compreensão da fonte (origem) dos dados coletados e para o objeto de análise deste estudo. Nesse sentido, a seleção dos dados aconteceu mediante visitas realizadas ao Arquivo Público do Estado do Piauí e ao Arquivo do jornal *O Dia*. A escolha pelo Arquivo Público do Estado do Piauí se deu porque essa instituição conserva boa parte da memória e da história do povo piauiense, considerando sua Trajetória no tempo, com a preservação de sua história e que, posteriormente, pode ser utilizada como instrumento de pesquisa em investigação contemporânea. Quanto à escolha do jornal *O Dia*, justificamos por se tratar de um meio de comunicação que preserva, em seu arquivo particular, boa parte da história do nosso estado, pois sua fundação se deu em 1951,

três anos antes da inauguração do Sanatório Meduna, ou seja, são instituições cujo nascedouro se deu na mesma década, permeadas por um mesmo contexto histórico. Além disso, esse jornal é o único que se manteve durante todo o recorte temporal da pesquisa. Somado a isso, acrescentamos também a importância quantitativa dos textos publicados sobre a temática da pesquisa nesse jornal, conforme descrição abaixo, quando comparado com os demais jornais piauienses, ou melhor, aqueles jornais que tivemos acesso durante a constituição do *corpus*.

Além do mais, optamos em analisar mais de um gênero nesta pesquisa, a exemplo da notícia, reportagem, editorial, artigo de opinião e crônica, porque levamos em consideração as categorias referentes à Análise Semiolinguística do Discurso, mas também a Retórica e a Argumentação. Conforme o objetivo da pesquisa, compreendemos a necessidade da inserção, na análise, de gêneros com caráter informativo e argumentativo, sendo assim, possível de observar e de analisar o discurso retórico dos gêneros jornalísticos, bem como os aspectos retóricos e argumentativos de gêneros como o editorial, o artigo de opinião e a crônica.

Quanto ao recorte do *corpus*, ressaltamos que durante sua constituição, obtivemos também notícias e reportagens referentes ao Sanatório Meduna que foram produzidas e divulgadas por outros jornais piauienses, a exemplo do jornal “Diário do Povo” e “O Estado”. No entanto, considerando a temática desta pesquisa, reiteramos que nos cadernos desses jornais foram encontradas matérias jornalísticas em número bem menor, sendo 4 (quatro) reportagens e 3 (três) notícias no jornal “Diário do Povo”; já no jornal “O Estado”, conseguimos 1 (uma) reportagem e 2 (duas) notícias.

Contrariamente, o jornal “O Dia”, configura-se como a mídia que mais enunciou sobre o sanatório Meduna e sobre o médico psiquiatra Clidenor de Freitas Santos, pois durante a constituição do *corpus*, identificamos em média 17 (dezessete) notícias, 2 (duas) reportagens, 1 (um) editorial, 1 (um) artigo de opinião e 3 (duas) crônicas, assim como 1 (um) telegrama e 1 (uma) carta que foram publicados também nesse jornal¹³. Como forma de delimitação do *corpus* analisado, apresentamos, a seguir, um quadro com um total de 12 textos, distribuídos nos seguintes gêneros: crônica, editorial, notícia, reportagem e artigo de opinião. As escolhas

¹³ Optamos por analisar o *corpus* da pesquisa partindo das categorias teóricas ao invés de partirmos das noções dos gêneros em função da assimetria entre a quantidade de gêneros encontrados. Reiteramos que a constituição do nosso *corpus* é bastante diversificada, ou seja, o quantitativo de textos obtidos no Arquivo Público do Estado do Piauí e no Arquivo do jornal *O Dia* encontra-se distribuído entre os gêneros com caráter informativo (notícia e reportagem) e gêneros com caráter argumentativo (editorial, artigo de opinião e crônica). Como exemplo, conseguimos somente um editorial cuja temática refere-se ao Meduna publicado pelo jornal *O Dia*. Esse quantitativo de textos inviabiliza uma análise a partir do gênero.

desses textos se justificam porque abordam de maneira direta o Sanatório Meduna ou a saúde mental no Piauí.

Quadro 02: delimitação do *corpus* da pesquisa

Ordem	Jornal <i>O Dia</i>		
	Gêneros	Título dos textos analisados ¹⁴	Dia, mês e ano de publicação dos textos
1º	Crônica	O Doido	09 de maio de 1954
2º	Editorial	Meduna	21 de abril de 1979
3º	Notícia	Cama pega fogo e débil mental morre queimada	23 de junho de 1981
4º	Notícia	Louca dorme fumando e morre em incêndio	23 de junho de 1981
5º	Reportagem	Prisão de doentes mentais é ilegal em penitenciária	17 de junho de 1994
6º	Reportagem	Sanatório Meduna: O sonho de um “Dom Quixote”	23 de maio de 2010
7º	Artigo de opinião	O vitorioso do Meduna	18 de abril de 1954
8º	Notícia	Mãe diz que filho foi assassinado no Meduna	14 de agosto de 1992
9º	Notícia	Louco morre de fome após fugir do Meduna	19 de junho de 1981
10º	Notícia	Médico esclarece denúncia	15 de agosto de 1992
11º	Reportagem	Médico agride mulher no Meduna	03 de agosto de 1976
12º	Notícia	Doente mental é morto dentro do hospital Meduna	14 de agosto de 1992

Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Diante da delimitação do *corpus* da pesquisa e com o intuito de responder às indagações que orientaram esta pesquisa, foram delineados os seguintes critérios de seleção dos dados: a) selecionamos apenas as matérias do jornal *O Dia* que trataram sobre o Sanatório Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos e b) matérias que tenham sido publicadas entre 1954 e 2010 (período de funcionamento do Meduna). Ou seja, os critérios de escolha dos textos não estão relacionados aos gêneros, mas pelo tema abordado na notícia, reportagem, editorial, por

¹⁴ Reiteramos que todos os textos analisados tiveram como temática o sanatório Meduna e/ou o médico Clidenor de Freitas Santos.

exemplo. Esse espaço de tempo se justifica devido à escassez de encontrar matérias jornalísticas que tratassem sobre a delimitação de nosso objeto de investigação tanto no Arquivo Público do Estado do Piauí quanto no Arquivo do jornal *O Dia*.

A escolha em pesquisar os discursos produzidos pela mídia piauiense sobre a saúde mental no Piauí se justifica pela necessidade de uma melhor compreensão da construção do discurso e da argumentação em textos jornalísticos que tiveram como objetivo informar e opinar acerca do Sanatório Meduna e sobre o médico psiquiatra Clidenor de Freitas Santos. Feito isso, na sequência, abordaremos os procedimentos adotados na investigação destacando os postulados teóricos e as categorias que subsidiaram a análise do *corpus*.

4.4 Procedimento de análise do *corpus*

Para observarmos os dados da pesquisa, foi necessário um retorno constante aos nossos objetivos, geral e específicos, visto que o pesquisador deve ter clareza de sua investigação e, consequentemente, tomar decisões satisfatórias durante a pesquisa. Tais decisões devem levar em consideração os critérios de seleção dos dados apontados na seção anterior. Além do mais, realizamos uma leitura atenta das matérias jornalísticas a fim de selecionar quais notícias, reportagens, editoriais, artigos de opinião ou crônicas, por exemplo, poderiam compor o *corpus* da pesquisa.

Inicialmente, nossa análise teve como propósito discutir sobre a categoria de circunstâncias de discurso e de ato de linguagem, conceitos cruciais na Teoria Semiolinguística, principalmente para se entender as condições de produção do discurso midiático sobre o Sanatório Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos. Além do mais, as circunstâncias de discurso andam de mãos dadas com a visão adotada por Patrick Charaudeau sobre o empreendimento conceitual e classificatório acerca do ato de linguagem com vista nos princípios que o compõe e que nos possibilitam compreender uma notícia, uma reportagem ou um editorial como um ato de linguagem, por exemplo.

Como ponto de partida para a nossa análise, nos debruçaremos sobre uma crônica jornalística que versou sobre a inauguração do Sanatório Meduna e sobre um editorial que exaltou/elogiou o trabalho do médico Clidenor de Freitas Santos. Esses textos buscaram destacar as contribuições da instituição e do psiquiatra para o sistema psiquiátrico piauiense.

Em seguida, discutiremos sobre as circunstâncias históricas que contribuíram para a produção de discursos pela mídia piauiense acerca dessa instituição, buscando compreender a relação desses discursos com questões de cunho político, cultural e social entre 1954 e 2010,

assim como destacar as contribuições da luta antimanicomial e as principais leis aprovadas, nesse período, em relação à assistência à saúde mental no Brasil e Piauí. Com esse procedimento, revelaremos a historicidade desses discursos.

Na sequência, analisaremos o ato de linguagem partindo da noção de “semiotização do mundo”, com ênfase nas operações que compõem os processos de **transformação** e de **transação**. Considerando a proposta da pesquisa, propomos uma ampliação desta categoria, com a inserção de algumas categorias da Retórica no quadro de representação do ato de linguagem, a saber: 1) incluir, a categoria de *ethos* junto do EUE (*ethos*) – lugar de construção da imagem de si através do proferimento do discurso pelo orador, 2) incluir no referido ato, a categoria de *pathos* junto de TUD (*pathos*) – pois o auditório pode ser persuadido (influenciado) pelas emoções e 3) no espaço interno, considerando que é o espaço do DIZER, compreendemos a necessidade de acrescentar a categoria “visada e/ou dimensão argumentativa”, lugar em que as estratégias discursivas e argumentativas são empreendidas pelo orador visando um auditório. Além do mais, é na interação entre os sujeitos protagonistas que se visualizam os argumentos usados pelo orador com o objetivo de atingir seu público.

Continuando a análise a respeito do discurso midiático, destacaremos as estratégias e as restrições que conduzem o contrato de comunicação ao informar e ao argumentar sobre o Meduna. Nesta seção, analisamos os dados da pesquisa com ênfase na categoria de contrato de comunicação. Para esse empreendimento analítico, consideramos os três níveis que compõem o contrato de comunicação segundo Charaudeau (2016): o situacional, o comunicacional e o discursivo. Diante de tal destaque conceitual, demos enfoque ao nível discursivo, apesar de entendermos que os demais níveis estão presentes nesse último. No que tange ao nível situacional, abordamos a finalidade do ato, a identidade dos sujeitos parceiros e o domínio do saber; quanto ao nível comunicacional, daremos ênfase à compreensão do lugar em que é determinado o modo de falar e escrever. Por fim, no nível discursivo, foco principal, daremos destaque às condições de *legitimidade*, de *credibilidade* e de *captação*. Ou seja, buscamos observar e compreender como o jornal *O Dia* se apropriou dessas estratégias como um espaço de restrição ao enunciar sobre o Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos.

Ainda com ênfase no discurso midiático, buscaremos compreender o contexto de produção das notícias sobre o Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos a partir da finalidade comunicativa entre “credibilidade” e “captação”. Para isso, no decorrer a análise, enfatizamos que “a finalidade global da comunicação midiática é de informação” (Charaudeau, 2010, p. 41) e que se constitui em três polos: 1) o polo de informação, 2) o polo instância de mediação-transmissão, e 3) a instância de recepção. Quanto à discussão sobre os efeitos

passionais presentes nas matérias jornalísticas, partimos da concepção de que a visada patêmica é da ordem do intencional e que as emoções estão ligadas aos saberes de crença. Também levamos em consideração, na análise, que o efeito patêmico depende de três tipos de condição, segundo Charaudeau (2010): a) que o discurso esteja inscrito num dispositivo comunicativo, b) que se preveja uma certa organização das tópicas através dos imaginários sociodiscursivos, e c) que o espaço de estratégia também seja considerado como um espaço de restrição do dispositivo comunicativo.

Ao tratarmos sobre os tipos de argumentos, refletiremos acerca dos argumentos racionais a fim de observarmos e compreendermos quais estratégias foram mobilizadas no âmbito da prova e da comprovação pelos oradores das matérias jornalísticas. Nesse sentido, ao dissertarmos sobre o *logos*, serão destacadas as contribuições conceituais adotadas pela Retórica e sua retomada pela Nova Retórica, além dos estudos retóricos contemporâneos que tiveram como ênfase os gêneros retóricos¹⁵: o deliberativo, o judicial e o epidítico. Além do mais, abordaremos os pilares de um discurso retórico para identificar e compreender os argumentos utilizados no discurso midiático: o *inventio*, o *dispositivo*, o *elocutio* e o *actio*.

No tratamento dado ao *ethos*, ainda que não seja o foco principal desta pesquisa, pretendemos demonstrar a necessidade de abordar a tríade aristotélica de forma conjunta, sem isolar nenhum dos três componentes. Entendemos que a imagem de si (*ethos*) só pode ser projetada através da organização lógica dos argumentos (*logos*) num contexto em que, em maior ou menor escala, sempre objetiva sensibilizar um auditório através do fator emocional (*pathos*). Assim sendo, neste tópico, promovemos uma análise do *ethos* alinhada à discussão a respeito do *pathos* e do *logos*. Optamos, portanto, por uma análise do *ethos* integrada às demais provas retóricas. Além disso, no decorrer da análise, recorreremos aos conceitos de gêneros retóricos e dos pilares subjacentes a um discurso retórico.

Ao tratarmos da patemização, buscaremos compreender de que forma os oradores das matérias analisadas se utilizaram da visada patêmica com a finalidade de despertar no auditório os efeitos passionais. Com base nessa premissa, o empreendimento analítico partiu dos postulados teóricos e das classificações adotadas na retórica das paixões adotada por Aristóteles (2021) e revisitada, posteriormente, por Meyer (2007; 2021) e Figueiredo (2020). A retomada desses estudos tem como finalidade um amálgama com a concepção defendida por Charaudeau

¹⁵ Essa nomeação foi proposta por Aristóteles (2015), na Retórica, ao abordar sobre os seguintes gêneros: epidítico, judiciário e deliberativo.

(2010), visto que esse linguista compreende que o *pathos* é definido como um efeito visado/preendido pelo auditório.

Esse empreendimento analítico, nos possibilitou repensar a classificação adotada por Figueiredo (2020), pois esta autora defende, em seu estudo, que a retórica das paixões se constitui seguindo uma Trajetória, ou seja, um percurso de efetivação da passionalidade. Propomos, portanto, uma ampliação do quadro elaborado por Figueiredo (2020) conforme a noção defendida pela Retórica e pela concepção de *pathos* adotada pelos estudos discursivos/argumentativos de abordagem Semiolinguística.

Assim sendo, defendemos, nesta pesquisa, que a terminologia que contempla melhor esse fenômeno discursivamente é uma “visada transitória das paixões” ao invés da terminologia “Trajetória das paixões”, pois sentimos a necessidade da inserção, no quadro da autora, da discussão acerca do ato de linguagem e de sua classificação a fim de que se possa compreender que os efeitos passionais são mobilizados pelo orador em situações de comunicação específicas. Além do mais, para que o *pathos* influencie o auditório, pressupõe-se a necessidade de correlacionar a discussão acerca dos imaginários sociodiscursivos às circunstâncias de discurso. Esses conceitos, típicos da Análise Semiolinguística do Discurso, não foram abordados por Figueiredo (2020) ao reelaborar a sua Trajetória das paixões. Na seção seguinte, passamos a apresentar os resultados da pesquisa, obtidos pela análise e pela discussão dos dados através dos instrumentos e dos procedimentos utilizados na investigação.

5 O DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE O SANATÓRIO MEDUNA À LUZ DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA

Nesta seção, analisaremos os discursos midiáticos sobre o Sanatório Meduna à luz dos postulados da Semiologia, observando e compreendendo os sentidos possíveis em contextos intrínsecos à produção e à circulação das matérias jornalísticas piauienses, especificamente, as matérias em que a mídia local se debruçou sobre a encenação das informações sobre o Sanatório Meduna.

Além do mais, enfatizamos a importância de considerar essas matérias como atos de linguagem, ancorados em circunstâncias de discurso específicas, com ênfase na discussão acerca do projeto de fala sobre o qual é determinada uma intencionalidade. Abordaremos, ainda, o duplo processo de “semiotização do mundo” que é dividido em: *processo de transformação*, que consiste nas operações de uso da língua, e *processo de transação*, que trata da interação entre os sujeitos, configurando-se em quatro princípios presentes em uma determinada situação de comunicação.

5.1 Atos de linguagem em movimento: as circunstâncias de discurso em matérias jornalísticas

Nesta seção, inicialmente, enfatizaremos o contexto histórico-político-social em que se passava o Brasil e o Piauí no século XX e XXI, especificamente, entre 1954 e 2010, período de existência do Sanatório Meduna, um hospital psiquiátrico, que funcionou por mais de meio século no estado do Piauí. Esse empreendimento foi útil para a compreensão das condições de produção de discursos veiculados pela mídia piauiense sobre esta instituição e/ou o médico Clidenor de Freitas Santos.

Nessa direção, o protagonista do Meduna, o psiquiatra Clidenor de Freitas Santos, vem de família pobre, cujos pais são: Raimundo Rodrigues dos Santos e Maria de Freitas Santos. Ele nasceu em 16 de fevereiro de 1913, no município piauiense de Miguel Alves, a cerca de 112 quilômetros de Teresina. Passou a infância em sua cidade de origem, onde concluiu, em escola pública, o estudo primário. Em seguida, viajou para a capital a fim de cursar o ginásio no Liceu Piauiense, tendo concluído essa etapa em 1929. No ano seguinte, foi aprovado no vestibular para o curso de medicina, em Belém do Pará. Após 3 anos, pediu transferência para a Faculdade de Medicina de Recife, onde concluiu o curso em dezembro de 1936.

Quanto à sua atuação na faculdade, Oliveira, Rego e Nunes (2012, p. 12) destacam o seguinte relato do médico: “entrei na revolução contra Getúlio, aí a faculdade me expulsou logo

depois da revolução paulista... eu era líder no meio estudantil na faculdade”. Tal situação provocou sua transferência, em 1934, para Recife – PE, onde concluiu o curso de medicina, em 1936. Essa contextualização se fez necessária para se compreender quem foi esse médico que deixou um legado para a psiquiatria piauiense no século XX e XXI, especificamente, desde a década de 40. Assim sendo, é importante destacar outros dados históricos acerca do médico:

De volta a Teresina, assume a direção do Asilo de Alienados em 1940. Dr. Clidenor revela que, em 16 de agosto de 1940 (aniversário da cidade de Teresina), como primeiro ato administrativo seu, mandou retirar as correntes que prendiam as pernas dos pacientes, e juntamente com alguns deles montou o que viria a chamar de “pirâmide metálica”, na Praça da Liberdade. Afirma também que mais de cem correntes fizeram parte da “pirâmide”, sendo esse material doado para “esforço de guerra” (Oliveira, Rego e Nunes, 2012, p. 12).

Esse marco histórico, na vida do médico, é o ponto de partida para o projeto de construção do hospital psiquiátrico Sanatório Meduna. Uma de suas primeiras ações, ao assumir a direção do Asilo, foi a substituição do antigo nome pelo nome de seu fundador, Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu. Essa mudança estava relacionada à nova concepção dos conhecimentos psiquiátricos, cujos pacientes não eram mais vistos como sujeitos alienados, em que o tratamento não reverberava somente sobre seu caráter moral; mas sim, a noção de “loucura” começou a ser observada à luz de princípios humanizadores bastante defendidos pelo psiquiatra.

Ao tratar dessa questão, Dantas (2023, p. 72) ressalta que “também, em 1940, o médico foi nomeado chefe de Clínica das Doenças Mentais da Santa Casa de Misericórdia”. Para esse pesquisador, essa nomeação consolidou o nome do psiquiatra para a História da psiquiatria piauiense, visto que, no mesmo ano, ele assumiu a direção do *Asylo de Alienados*, sendo a primeira e a única instituição de assistência à saúde mental, na época. Destaca-se como uma de suas primeiras ações enquanto diretor, a alteração do nome *Asylo de Alienados* para Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu, com homenagem ao seu fundador.

Como forma de destacar o empreendimento do médico Clidenor de Freitas Santos para a psiquiatria piauiense, torna-se importante considerar que:

O médico, com uma atitude considerada revolucionária pela imprensa daquele contexto, libertou os pacientes desse hospital, que passaram a andar livremente dentro do prédio, e arrancou cerca de 1.450 quilos de correntes e grades, que serviam mais de medida de aprisionamento do que terapêutica, e passou oferecer um tratamento adequado aos pacientes (Dantas, 2022, p. 73).

De acordo com este pesquisador, a atitude do médico pode ter contribuído para a mudança de paradigma da população em relação ao sujeito “louco” (paciente psiquiátrico), pois conforme consta em sua pesquisa, nas praças, houve uma interação entre os pacientes e a população. Ressaltamos, também, que a conduta do médico possivelmente ajudou para a quebra dos estereótipos construídos sobre a imagem desses pacientes.

Ainda conforme a pesquisa de Dantas (2022), as motivações de Clidenor de Freitas Santos para a construção do Santário Meduna são mencionadas por ele em uma entrevista concedida ao Jornal *O Piauí*, em abril de 1954. Na ocasião, foi realizada a seguinte pergunta ao médico: “porque construiu o Meduna?” A resposta do psiquiatra, segundo a pesquisa mencionada, parte de uma justificativa sobre a situação psiquiátrica de Teresina e de suas experiências como diretor no Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu. Também vale frisar um outro fato interessante sobre o Meduna: “[...] a instituição era uma sociedade civil, ou seja, Clidenor de Freitas Santos, pelo menos no papel, não era seu único dono e responsável, apesar de aparecer sempre como porta-voz da instituição. Além dele, a empresa Sanatório Meduna S/A pertencia a seus familiares”, conforme apura Dantas, (2022, p. 82). Destaca-se, também, que em 1967, o hospital transformou-se em uma sociedade anônima com implicações em novas regras e cláusulas contratuais.

É importante compreender que, apesar da narrativa do médico sobre a construção do Meduna, ele ficou à frente da instituição somente 5 anos e, em 1958, afastou-se completamente da psiquiatria a fim de se empenhar na política. Nessa nova investida, ele foi elevado ao cargo de deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro, sendo que em 1958 passou o cargo de diretor do Meduna para seu irmão Wilson Freitas. Ressalta-se aqui um costume existente no Brasil todo, porém mais arraigado na sociedade piauiense, de que a maioria dos políticos bem-sucedidos nas eleições historicamente são médicos ou advogados, ou seja, percebe-se uma grande influência dos “doutores” na sociedade. Dantas (2022, p. 86) adverte que “antes da candidatura a deputado federal, Clidenor concorreu nas eleições de 1954 pelo PTB, perdendo a disputa à prefeitura de Teresina para Agenor Barbosa de Almeida, do PSP”.

Ainda nesse empreendimento de destacar os acontecimentos importantes referentes ao médico Clidenor de Freitas Santos e ao Meduna, Dantas (2022, p. 88) reforça que “em 1964, em decorrência do golpe militar, ele teve seus direitos políticos cassados e foi obrigado a procurar asilo fora do país. Primeiramente, o médico conseguiu asilo na embaixada do Peru e, em maio do mesmo ano, conseguiu viajar para Lima”, retornando ao Brasil somente em 1967, depois de uma viagem que fez à Europa. Ou seja, um fato bastante importante para se

compreender os discursos mobilizados sobre o médico e sobre a instituição. Na sequência, observa-se, através da imagem, o isolamento do hospital no que tange à arquitetura local.

Figura 04 - Sanatório Meduna, em Teresina, em imagem de 1954.



Fonte: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/02/03/mp-recomenda-que-antigo-sanatorio-meduna-nao-seja-demolido-ex-pacientes-pedem-destruicao.ghtml>>. Acesso em: 29 de maio de 2024.

De acordo com a imagem, podemos observar que o prédio que abrigava o Meduna era um lugar amplo, aberto e com grandes pátios na parte central da instituição. A estrutura do hospital contava com uma arquitetura neocolonial, certamente, uma imitação de algum modelo estrangeiro visto por Clidenor em algum livro. Esse modelo de hospital psiquiátrico se diferenciava de outras construções de século anteriores, no Brasil, pois, a maioria das instituições dessa natureza tinha como *modus operandi* a exclusão dos internos que, costumeiramente, eram alojados em ambientes fechados, cercados por grades e muros altos, aproximando-os mais das características de um espaço prisional do que de um espaço clínico. Na sequência, apresentamos uma imagem mais recente que mostra o espaço, antes ocupado pelo Meduna, atualmente abrigando o Shopping Rio Poty. Nessa imagem, também é possível perceber resquícios da antiga construção, a exemplo da capela.

Figura 05 - Uma vista de parte do espaço do sanatório Meduna, em Teresina-PI



Fonte: <<https://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2021/01/28/capela-do-antigo-sanatorio-meduna-em-teresina-comeca-a-ser-reformada-e-ganha-novo-nome.ghtml>>. Acesso em: 07 de janeiro de 2025.

Diante disso, o Meduna foi considerado, inicialmente, como uma instituição que transformara a psiquiatria piauiense, a começar pelo seu espaço físico. Para a elite teresinense, sua implantação foi vista como um acontecimento revolucionário, principalmente, porque veio com a finalidade de romper com um sistema manicomial insatisfatório de assistência à saúde mental do estado. Com a análise desta pesquisa, é possível perceber e demonstrar através de notícias divulgadas sobre acontecimentos ocorridos dentro dessa instituição que, contrariamente, esse discurso de transformação não se sustenta, considerando os relatos de descasos e mortes publicados pelo jornal *O Dia* dentro do Meduna. De acordo com Franklin (2020, p. 56), “o Sanatório Meduna não chamava a atenção apenas pela inovação dos métodos médico-hospitalares da época, mas, também, pela grandiosidade e ousadia da edificação e pelo estilo presente na obra”. Ainda conforme a pesquisadora, a instituição era um dos maiores patrimônios de Teresina. Nesse sentido, argumenta-se que:

A inauguração do Sanatório Meduna se tornou um marco social e político, provocando grande entusiasmo na sociedade teresinense, especialmente nas figuras públicas, pois é possível identificar determinado grau de alívio e segurança pela criação dessa nova instituição para a internação dos considerados loucos (Franklin, 2020, p. 56).

Essa instituição trouxe, na época, um alívio tanto para a população quanto para os representantes políticos, visto ter proporcionado a retirada de pessoas dos espaços públicos que, como ressaltou a autora, eram vistos como aqueles que comprometiam a beleza da cidade. O

sanatório Meduna operou durante 56 anos e, em 2010, apresentou indícios de que enfrentava dificuldades financeiras e administrativas, comprometendo justamente a assistência aos internos. Nesse mesmo período, o hospital se encontrava em más condições físicas, ocasionando o abandono de pacientes.

Nessa época, já havia sido instaurada no Brasil a Reforma Psiquiátrica que questionava o sistema vigente e defendia uma política de assistência à saúde mental integradora e humanizadora. Diante da realidade pela qual passava o Meduna, “em 2009, uma denúncia foi feita ao Ministério Público do Estado do Piauí referente aos maus-tratos cometidos dentro do sanatório” (Franklin, 2020, p. 60). Tal fato motivou a realização de uma audiência pública que reuniu vários representantes do Meduna, autoridades, psicólogos, assistentes sociais, dentre outros, a fim de discutir os possíveis efeitos do fechamento da instituição. Em consequência disso, o Ministério da Saúde reduziu de 517 para 200 a quantidade de leitos disponibilizada no sanatório.

Também vale a pena frisar que, no mesmo período, surgia um novo modelo de assistência à saúde mental no país, resultando na criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), as Residências Terapêuticas (RT's) e demais órgãos que passaram a ser responsáveis pelos pacientes psiquiátricos. Diante dessa contextualização, com o objetivo de se compreender as circunstâncias de discurso referentes às matérias jornalísticas publicadas sobre o Sanatório e sobre o médico Clidenor de Freitas, recorremos à obra “Holocausto brasileiro – Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil”, publicada pela jornalista brasileira e ativista dos direitos humanos Daniela Arbex, em 2019. A obra relata os horrores ocorridos dentro do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, em Minas Gerais, conhecido apenas por Colônia, local onde, segundo a autora, ocorreu uma das maiores barbáries da história do Brasil.

De acordo com Arbex (2019), o Centro recebia diariamente, além de pacientes com diagnóstico de doença mental, homossexuais, prostitutas, epiléticos, mães solteiras, meninas problemáticas, mulheres engravidadas pelos patrões, moças que haviam perdido a virgindade antes do casamento, mendigos, alcoólatras, melancólicos, tímidos e todo tipo de gente considerada fora dos padrões sociais. Uma das denúncias contidas no livro refere-se à quantidade absurda de mortes diárias e o surgimento de um comércio macabro de corpos:

Além daqueles trinta cadáveres, outros 1.823 corpos foram vendidos pelo Colônia para dezessete faculdades de medicina do entre 1969 e 1980. A subnutrição, as péssimas condições de higiene e de atendimento provocaram mortes em massa no hospital, onde registros da própria entidade apontam dezesseis falecimentos por dia, em média, no período de maior lotação. A

partir de 1960, a disponibilidade de cadáveres acabou alimentando uma macabra indústria de venda de corpos (Arbex, 2019, p. 81).

Esse relato de Arbex (2019) aproxima-se da realidade encontrada pelo médico Clidenor de Freitas Santos, na década de 40, no antigo *Asylo de Alienados* e, posteriormente, essa situação se instala no próprio Sanatório Meduna. Tal semelhança se percebe quando se destaca os tratamentos de crueldade e os descasos com os pacientes psiquiátricos dentro destas instituições. A autora também nos apresenta a seguinte informação: “sessenta mil pessoas perderam a vida no Colônia. As cinco décadas mais dramáticas do país fazem parte do período em que a loucura dos chamados normais dizimou, pelo menos, duas gerações de inocentes em 18.250 dias de horror”. Diante disso, ela lembra ainda que “somente em 1980, quando os primeiros ventos da reforma psiquiátrica no Brasil começaram a soprar por lá, é que os gemidos do desengano foram sendo substituídos por alguma esperança” (Arbex, 2019, p. 25).

Dentro dessa mesma temática, destacamos, também, o trabalho pioneiro de Nise da Silveira, psiquiatra revolucionária, vista com uma médica rebelde em sua época. Originária de Alagoas, formou-se pela Faculdade de Medicina, na Bahia, em 1926, e dedicou-se à área da psiquiatria. Seu trabalho tomou uma proporção no âmbito nacional pela sua luta incessante pela libertação dos pacientes psiquiátricos, traçando embates dentro da própria área em relação ao tratamento com eletrochoque, insulina (usada como sedativo) e lobotomia (prática da psicocirurgia).

De acordo com a pesquisa de Melo (2009), Nise da Silveira assumiu, em 1946, no Rio de Janeiro, a coordenação da Seção Terapêutica Ocupacional do Centro Psiquiátrico Pedro I. Naquela época, empolgada com os primeiros resultados, estabeleceu juntamente com sua equipe de trabalho, quatro vertentes:

estudar as bases teóricas para um tratamento que leve em consideração as atividades ocupacionais; estabelecer critérios básicos de funcionamento; implementar diversos setores de atividades de acordo com a finalidade; e catalogar a produção de cada cliente em série (Melo, 2009, p. 16).

Conforme a pesquisa de Melo (2009), a psiquiatra traçou metas que proporcionaram aos pacientes atividades de socialização, com tratamento mais humano, diferentemente dos métodos anteriormente utilizados. Esse arsenal de informações tem como objetivo direcionar nossa análise, partindo de informações que auxiliarão na compreensão de discursos produzidos pela instância midiática piauiense.

Para melhor demonstrar as circunstâncias discursivas do nosso objeto de estudo, passamos a analisar uma crônica escrita pelo jornalista Odylo Costa Filho, e publicada no jornal *O Dia*, em 9 de maio de 1954. Esse texto trata da inauguração do hospital.

Figura 06 – Crônica sobre a inauguração do Sanatório Meduna, 09 de maio de 1954, Jornal O

Dia

Encontro Matinal DOIDO ODYLO COSTA, filho Por meu desejo não estaria hoje no Rio, mas a muitas léguas daqui, no vale da minha infância, revendo as águas barrentas do Parnaíba. Adjetivo barrentas um pouco por amor à verdade geográfica, porque é essa a visão que me ficou desde menino, visão de enchente, carnalabeira descendo, boi morto, embora o poeta Da Costa e Silva, em versos que toda a gente sabe de cór, falasse no Rio como velho monje as barbas brancas alongando. Talvez na sua cidade de S. Gonçalo do Amarante, antes de receber muita água viva, fértil e suja. Tenho, em Teresina, hoje, um doido a abraçar, um doido muito especial. Anda sóto, chama-se Clidenor de Freitas Santos, e é esplêndido. Basta dizer que neste dia 21 de abril — enquanto Juscelino abriga no sol frio de Ouro Preto intrigas novas entre as velhas casas — Clidenor de Freitas Santos inaugura, na capital piauiense, a cavaleiro do rio Poti, o mais moderno sanatório para doentes mentais de todo o Nordeste: três mil, duzentos e cinquenta e seis metros quadrados de arquitetura, distribuídos em oito pavilhões ligados por terraços cobertos que separam homens e mulheres. A capacidade inicial é de cento e vinte leitos, mas pode ser elevada a cento e cinquenta. E não há um só tijolo que não reflita uma cogitação, uma experiência, uma lição aprendida na vida e nos livros pelo moço doutor. Tudo obedece às regras mais novas e sólidas na arte de curar, inclusive a ausência completa de grades: as varandas laterais (com rédes de embira de buriti) fecham os enormes pátios (onde haverá jardins) sem dar ao asilado a visão material do cativo. Escrevi moço, talvez fôsse um impulso do subconsciente para me consolar dos primeiros cabelos brancos. Somos ambos da geração nascida com a Primeira Guerra, ele nas vésperas dela, eu nos seus primeiros meses. Fomos contemporâneos de liceu, (em liceu, com y, e não ginásio, mas foi bom que tivesse mudado: ginásio tem mais cheiro das coisas do corpo que do espírito). Dos quarenta anos que Clidenor já viveu, pelo menos dez foram dedicados ao sonho que agora vê imobilizado em pedra, tijolo, cimento, cal, e a que deu horas de sofrimento, de luta, de audácia, enquanto a vida ia se povoando de filhos, e na velha casa (baixa e pobre mas ampla) da rua da Glória as estantes se curvavam sob o saber das nações e os discos da “Faixão segundo São Mateus” lhe transfundiam uma coragem estranha: o contacto com os mistérios do homem que nenhuma ciência pode alcançar.	Diz-se muito em Teresina que dos doidos que por lá apareceram até agora nenhum mais doído do que ele, e que seria o caso de tratá-lo em primeiro lugar na sua casa de doidos. Mas eu sustento que de muitos como este precisamos país a dentro e não só lá naquelas brenhas, que ele muito ama. Foi mesmo por amor à terra que ele e outros companheiros de geração fundaram o “Clube dos Telúricos”, em cujo programa se alternam a propaganda da criação do bode e do plantio da mandioca, complexo material que forma a sub-estrutura de um “caráter”, de um jeito de ser que desejariam conservar, e o debate sobre cenas controversas de Shakespeare (em sessões secretas: os profanos somente são admitidos a furiosos chamaris que festejam a serenidade comum recuperada em torno de soluções majoritárias, aceitas pela minoria). Dizem-lhe que não haverá por lá, tirante ele e uns mais, doído que baste para casa tão grande, com o largo terraço sobre o rio e o salão nobre de belos e finos lustres, onde os recuperados ouvirão música. Mas ele responde com uma ironia nascida das suas leituras de Machado de Assis que é infinito o número de doidos, e os que ainda não são resta manifestar-se. E recorda a tradição da terra, que nos velhos e honrados tempos da província, em Oeiras, não havia casa que se respeitasse que não tivesse anunciado, na enumeração das vantagens, o quarto dos doidos: “E tem também um quarto de doído muito bom...” De qualquer sorte, a casa está feita: a sorte dos doentes mentais por aquelas bandas já não será aquela desesperada e inumana que meninos, subindo no atêrro da estrada de ferro, atrás do asilo viamos angustiar-se nas faces congestionadas que gritavam entre grades. Foi Clidenor quem jogou fora as correntes dos loucos, quando vai para vinte anos deram-lhe a dirigir o Hospital Psiquiátrico do Estado. Agora lhes dá, na ardente noite, um lar. *** P. S. — Devo acrescentar que considero just que o ministro da Saúde não tenha ido a Teresina para a inauguração do Sanatório Meduna: o excelentíssimo senhor tem muito o que fazer descarsando dos trabalhos de hospedagem do sr. Getúlio Vargas na sua fazenda de Cabo Frio. E aquilo pe lá é um fim de mundo. (Do “Diário de Notícias”, de 21/4/54)
---	--

Fonte: Arquivo Público do Piauí.

A crônica, de acordo com Santos (2018, p. 81), “é híbrida por se bifurcar em literária e jornalística (argumentativa)”. Compreende-se como literária porque é publicada geralmente na esfera jornalística e em revistas. Os fatos conseguidos no noticiário jornalístico, por exemplo, são relatados, de modo artístico e pessoal, sendo que, às vezes, há a presença de narrador-observador ou narrador-personagem. A crônica jornalística (argumentativa) apresenta características relacionadas a um gênero de natureza argumentativa, sendo que se encontra o posicionamento do cronista acerca de uma temática em questão, apresentação de argumentos que embasam o ponto de vista do autor, conclusão criativa, tratamento subjetivo do tema e linguagem figurada.

A partir dessas informações e antes de partirmos para uma análise textual-discursiva da crônica acima, convém apresentar as circunstâncias nas quais esses discursos surgiram. Nesse sentido, vale a pena ressaltar que entre as décadas de 1950 e 1970, a cidade de Teresina, capital do Piauí, passava por uma série de mudanças, principalmente com a implementação de políticas que visavam a modernização de seu espaço urbano. Essas transformações estruturais, econômicas e sociais estavam ligadas ao paradigma econômico apresentado pelos governos populistas e militares, especificamente, ao então governador do Piauí, Helvídio Nunes de Barros. De acordo com Nascimento (2010), Teresina, a primeira capital planejada do Brasil, elevada à categoria de cidade e de capital do Piauí em 1852, sofreu um processo de redimensionamento do seu espaço urbano a partir do início do século XX até o final da década de 1950, quando houve um intenso deslocamento populacional do centro da cidade para regiões periféricas. A especulação imobiliária foi a responsável por esse fenômeno, expulsando moradores mais pobres, que ocupavam espaços considerados nobres, para terrenos mais distantes, localizados ao sul ou norte do aglomerado urbano. O escritor piauiense Fontes Ibiapina bem retrata esse fenômeno na obra *Palha de arroz*. Vejamos o que diz Nascimento (2010):

até o final da década de 1950, a cidade se expandiu para o norte e para o sul, mas seguindo a toada de expansão espacial, segue para a região leste quando atravessa o rio Poti, muito especialmente depois da construção da primeira ponte de concreto armado sobre este rio (Nascimento, 2010, p. 08).

Foi no rol dessas transformações sofridas em seu solo urbano que Teresina ganhou uma edificação imponente no início de 1954: o pomposo e estiloso sanatório Meduna, construído no bairro *Porenquanto*, numa parte elevada cujo declive sequencial desembocava no rio Poty, limite do espaço urbano naquela época. De acordo com Silva Neto (2018), a década de 1950 também ficou marcada pela criação de muitos municípios piauienses, sendo 19 ao todo.

Dentro da década de 1950, o ano em que foram criadas mais unidades municipais foi 1954, sendo instituídos sete (07), de um total de dezenove (19) municípios. São eles: Conceição do Piauí, Água Branca do Piauí, Elesbão Veloso, Inhuma, Pimenteiras, Simões e Angical do Piauí (Silva Neto, 2018, p. 2).

Percebe-se que foi um período promissor para o crescimento do estado do Piauí, alavancado por outros acontecimentos importantes ocorridos na mesma época, no Brasil, a exemplo da inauguração, em 1950, da TV Tupi, em São Paulo, o primeiro canal de televisão da

América Latina, e da criação da Petrobras, por Getúlio Vargas, em 1953. Tudo isso reverberava em Teresina, uma capital que se modernizava, incluindo-se nesse rol de conquistas, a promessa de novas formas de tratamento psiquiátrico.

Todas essas circunstâncias contribuíram para a existência dos discursos que ora analisamos. Conforme Charaudeau (2016, p. 30), “circunstâncias de discurso intervêm na partilha do saber dos protagonistas da linguagem, no que diz respeito a suas práticas sociais, na condição de sujeitos coletivos”. A partir da discussão acerca do contexto político, econômico e social da época da publicação dos textos que compõem o nosso corpus, empreende-se uma compreensão mais abalizada acerca dos *possíveis interpretativos*, tomando como base os sentidos partilhados socialmente. Tratando da crônica, enquanto materialidade discursiva, atentamos para o seu título que evidencia mais de um sentido para a palavra “doido”.

O jornalista jogou com as palavras. Começou seu discurso chamando o médico de “doido”, não no sentido em que esse vocábulo é apresentado no dicionário, como sinônimo de “louco” e “maluco” ou “desprovido de sanidade”, por exemplo, mas como alguém que adota práticas incomuns, arrojadas, inesperadas para a época. Dessa forma, é importante considerar o sentido atribuído ao termo no contexto da crônica, visto que a recategorização do médico como um “doido” se refere à sua ousadia ao empreender algo tão grandioso e inusitado na área da psiquiatria. Compreendemos, portanto, que o sentido da palavra não se restringiu à definição do termo no dicionário, mas sim, a um sentido relacionado às representações coletivas e partilhadas socialmente. Ou seja, na crônica observa-se um valor positivo do sentido atribuído ao léxico “doido” como uma referência ao perfil audacioso do médico.

Para elucidar a compreensão da palavra “doido”, usamos um conjunto de representações coletivas que não se esgota totalmente. As circunstâncias de discurso nos direcionam, portanto, à compreensão de que as condições para que o jornalista e seu público-alvo possam compreender-se mutuamente reside na informação partilhada de que o psiquiatra não foi um “doido”, do ponto de vista literal do termo, mas sim, alguém que se apresentou como inovador num contexto em que o doente mental vivia acorrentado.

Ressaltamos que o termo “doido”, na maioria das vezes, é usado como um estereótipo, empregado “como xingamento, e, de maneira genérica, para desqualificar as pessoas portadoras de qualquer deficiência mental, mas que não são, necessariamente, portadoras de loucura ou de doença mental”, conforme Queiroz (2004, p. 14). Na contemporaneidade, o uso dessa palavra seria inadequado e pejorativo, podendo atribuir ao seu possível usuário a característica de

preconceituoso. De acordo com a *Terminologia sobre deficiência na era da inclusão*¹⁶, escrita pelo consultor de inclusão social Romeu Kazumi Sassaki e publicado no site da Câmara dos Deputados, os termos *doido* ou *deficiente mental* devem ser substituídos por *pessoa com transtorno mental* ou *paciente psiquiátrico*.

Para uma melhor compreensão das circunstâncias de discurso, com destaque no discurso midiático sobre o médico Clidenor de Freitas Santos, recorremos a Charaudeau (2016), especificamente quando ele nos apresenta dois aspectos das condições de produção e de interpretação de uma crônica como um ato de linguagem: a) a interatividade entre sujeito enunciador e sujeito interpretante com ênfase no propósito linguageiro e b) a relação existente entre esses dois sujeitos, um diante do outro.

Além do mais, as interpretações possíveis referentes à palavra “doido”, por exemplo, se constituem como um conjunto de saberes que circulam entre os sujeitos protagonistas da linguagem. Esses saberes dividem-se em: saberes possíveis acerca do mundo; especificamente, no contexto da crônica, o compartilhamento de práticas sociais sobre o uso da palavra “doido”, com a possibilidade de mais de um sentido; e saberes possíveis a respeito dos pontos de vista recíprocos dos protagonistas nesse ato de linguagem, considerando que o orador joga com a linguagem intencionalmente a fim de prender a atenção do leitor do jornal *O Dia* e/ou levá-lo a uma reflexão crítica sobre a inauguração do Meduna, um assunto relativamente importante para a sociedade naquele período.

No contexto da discussão sobre as circunstâncias de discurso, deu-se ênfase aos sentidos possíveis atribuídos à palavra “doido” na crônica. Diante de tal encenação linguageira, defendemos, apoiados em Charaudeau (2016), que a crônica é um ato de linguagem, visto que se presume, no mínimo, quatro sujeitos. Além do mais, Machado (2019) argumenta que o indivíduo, quando toma a palavra com a simples intenção de se dirigir ao outro com um “bom dia”, torna-se um sujeito da linguagem ou, mais propriamente, um sujeito da comunicação.

Para a compreensão da crônica como um ato de linguagem, faz-se necessário retomar, portanto, a noção de *duplo processo de semiotização do mundo*, com o objetivo de compreender a visão adotada sobre os processos de *transformação* e de *transação*, destacando os conceitos e as classificações dos respectivos processos. No contexto da crônica, a palavra *doido* faz parte do sistema linguístico da língua portuguesa, possibilitando-nos a nomeação de um ser no

¹⁶ Fonte: <https://www2.camara.leg.br/a-camara/estruturaadm/gestao-na-camara-dos-deputados/responsabilidade-social-e-ambiental/acessibilidade/glossarios/terminologia-sobre-deficiencia-na-era-da-inclusao#:~:text=TERMOS%20CORRETOS%3A%20pessoa%20com%20transtorno%20mental%2C%20paciente%20psiqui%C3%A1trico.>

mundo. Trata-se de um vocábulo ao qual um usuário da língua recorre e seleciona a partir de suas intencionalidades.

Desse modo, é imprescindível uma retomada da concepção de um *mundo a significar*, entendendo que nessa encenação linguageira, a palavra *doido* não é empregada para nomear aquele que se encontra internado na instituição psiquiátrica, mas sim, aquele que se apresenta como o redentor de todas as situações desumanas até então utilizadas para tratamento da pessoa com transtorno mental.

Ainda no tocante ao *processo de transformação* de um *mundo a significar* em um *mundo significado*, procuramos exemplificar com dados da crônica, as categorias do referido processo. No âmbito da discussão acerca da *identificação*, destacamos os seres materiais ideais e imaginários ou reais empregados no texto jornalístico. A exemplo disso, percebe-se uma operação de identificação no uso do substantivo *doido*, no próprio título da crônica e, no decorrer do texto, em várias expressões, tais como: *meu desejo*, *Rio, léguas, minha infância, as águas*, dentre outras que se constituem dentro dessa operação, uma vez que nomeiam lugares, sentimentos, épocas, enfim, fazem com que tais signos passem a identificar produtos e processos.

Em relação à operação de *qualificação*, tomamos como base, ainda, o mesmo vocábulo *doido* operando, no entanto, como adjetivo, a partir do qual o jornalista apresentou atributos, ou seja, qualificadores para descrever esse ser no mundo significado do texto. No processo de recategorização do médico Clidenor de Freitas Santos, Odylo Costa afirma que esse “doido” é “muito especial” e “esplêndido”, características essas que o diferencia dos demais “doidos” da cidade.

No campo da *operação de ação*, entendida como a situação em que os seres agem ou sofrem a ação, sendo, pois, transformados em identidades narrativas, destacamos os seguintes trechos: “**tenho**, em Teresina, hoje, um doido a abraçar [...], **basta dizer** que neste dia 21 de abril [...], Clidenor de Freitas Santos **inaugura** [...], tudo **obedece** às regras mais novas e sólidas na arte de curar [...], dentre outros. Os termos grifados representam ações dos seres no mundo, cujas representações lhes conferem as identidades narrativas previstas por Charaudeau. No contexto da crônica, há ações do próprio orador, quando afirma que “tenho [...]” e ações de um terceiro, ao mencionar o ato de “inaugurar”, realizado pelo médico.

Ainda nesse contexto do processo de transformação, chega-se à *operação de causação*. Essa categoria nos encaminha para a compreensão da inscrição do sujeito numa “relação de causalidade”; conceito este empreendido, também, por Charaudeau (2016), na discussão sobre o modo de organização argumentativo. Com base na crônica, selecionamos os fragmentos

abaixo para refletirmos acerca da relação existente entre a causa e o efeito perceptíveis na narrativa, através de uma sucessão de fatos que demarcam a intencionalidade do orador na demonstração do trabalho realizado pelo psiquiatra.

Fragmento 1: “e não há um só tijolo que não reflita uma cogitação, uma experiência, uma lição aprendida na vida e nos livros pelo moço doutor”. (Costa Filho, 1954, p.6).

Fragmento 2: “dos quarenta anos que Clidenor já viveu, pelo menos dez foram dedicados ao sonho que agora vê **imobilizado** em pedra, tijolo, cimento, cal, e a que deu horas de sofrimento, de luta, de audácia [...]”. (Costa Filho, 1954, p.6, grifo nosso).

Fragmento 3: “diz-se muito em Teresina que dos doidos que por lá apareceram até agora nenhum mais doido do que ele, e que seria o caso de tratá-lo em primeiro lugar na sua casa de doidos” (Costa Filho, 1954, p.6).

Nos trechos selecionados, é possível perceber a relação de causalidade narrativa na crônica. No primeiro fragmento, o efeito das vivências do médico e suas leituras resultaram na construção do Meduna, ou seja, um manicômio que refletia um modelo neoclássico típico daquilo que vinha defendendo desde 1940, período em que esteve como diretor do Asylo de Alienados e, diante de tal experiência, despertou para a implementação de novos métodos de tratamento na área da psiquiatria.

Já no fragmento 2, evidenciamos uma explicação dos fatos através de uma sucessão de ações que resultaram no projeto de construção do Meduna. Nessa direção, destacamos o termo “imobilizado” usado, por Odylo Costa, remetendo à seara da contabilidade¹⁷ para nomear o patrimônio material, no caso, o prédio do novo hospital e sua extraordinária arquitetura. Finalmente, o fragmento 3 nos possibilita depreender que se o médico Clidenor Freitas Santos era considerado um doido pela sua ousadia e pela sua coragem, necessariamente deveria ser o primeiro a ser tratado no seu próprio hospital. Ou seja, identifica-se na narrativa causa e efeito, uma vez que, na época, todo aquele que era considerado “doido” deveria ser internado e tratado em hospitais psiquiátricos.

Quanto ao processo de transação, no contexto da crônica, podemos afirmar que um ato de linguagem pressupõe sempre uma intencionalidade – a dos sujeitos falantes, cooperantes de

¹⁷ O ativo imobilizado é composto por bens duráveis e essenciais para as operações da empresa, como terrenos, edifícios, máquinas, equipamentos e veículos. Esses ativos são utilizados no processo produtivo, na prestação de serviços ou no suporte às atividades da empresa. Fonte: Site do Conselho Federal de Contabilidade. Disponível em: <https://cfc.org.br/>

uma troca languageira. Com efeito, esse ato resulta da *identidade dos parceiros*, tenciona uma influência e é portador de *uma proposta sobre o mundo*, assim como uma situação de comunicação se realiza num tempo e num espaço definidos, aos quais se denomina de *situação*. (Charaudeau, 2005).

A crônica jornalística produzida por Odylo Costa, de acordo com Charaudeau (2005) e Machado (2019), se constitui como um ato de linguagem, na medida em que está inserida numa situação de comunicação, composta pelos circuitos interno e externo que abrigam os quatro sujeitos da linguagem. No tocante à semiotização do mundo, diferentemente do processo de transformação, o processo de transação está mais destinado ao leitor, ou seja, à interação entre os sujeitos, representando, assim, a gênese do contrato comunicativo (restrições e estratégias) acordado entre os sujeitos. Esse processo é alicerçado a partir de quatro princípios: *alteridade*, *pertinência*, *influência* e *regulação*.

O *princípio de alteridade*, na crônica, se efetiva a partir do momento em que são identificados dois parceiros, os quais se reconhecem mutuamente para que haja uma interação. No entanto, apesar de ser um conhecimento mútuo entre os parceiros, é visto como assimétrico. No âmbito da crônica, tem-se como orador, o jornalista Odylo Costa Filho, e como público-alvo, os leitores do jornal *O Dia*, sobretudo, os leitores que apreciam as crônicas jornalísticas.

Nas palavras de Charaudeau (2005, p. 02), “todo ato de linguagem é um fenômeno de troca entre dois parceiros (quer estejam diante um do outro ou não) que devem reconhecer-se como semelhantes e diferentes”. Ele argumenta que os parceiros são semelhantes na medida que compartilham de um mesmo universo de referência e objetivos comuns, e são diferentes porque a percepção e a identificação ocorrem na diversidade; além do mais, cada um desempenha uma função em particular no ato de linguagem: o jornalista, o papel de sujeito comunicante e o leitor real (sujeito interpretante), é representado pelos leitores do jornal *O Dia*, geralmente pessoas cultas e com maior poder aquisitivo.

Conforme Charaudeau (2005), esse princípio é o parâmetro do aspecto contratual de qualquer ato de comunicação, visto que envolve *uma identificação* e *uma legitimação* mutuamente entre os parceiros. Já o *princípio da pertinência*, na crônica, corresponde à adequação do discurso ao contexto de produção e de sua circulação na esfera jornalística, visto que essa crônica se configura como uma homenagem feita pelo jornalista Odylo Costa ao médico Clidenor de Freitas Santos, este último sócio majoritário do Sanatório Meduna, cuja inauguração coincide com o período de publicação do texto. Em síntese, “os parceiros do ato de linguagem devem poder reconhecer os universos de referência que constituem o objeto da transação languageira” (Charaudeau, 2005, p. 02).

Quanto ao *princípio da influência*, é importante ressaltar que qualquer sujeito que produz um ato de linguagem visa persuadir o parceiro à adesão de uma tese ou afetá-lo emocionalmente. No caso da crônica, o jornalista joga com o emocional do leitor logo no título quando recategoriza o psiquiatra como um “doido”. Dessa maneira, os sujeitos parceiros, representados pelo jornalista Odylo Costa, enquanto ser de existência real, (sujeito comunicante) e um sujeito interpretante, os leitores reais do jornal *O Dia*, que são alvos do projeto de influência. Tal situação proporciona a este último a oportunidade de interagir, no entanto, impõe aos parceiros levarem em consideração as restrições e as estratégias com uma operação da influência.

Acerca do *princípio da influência*, mais uma vez, evocamos os conceitos empreendidos por Patrick Charaudeau para compreender que todo ato de linguagem se encontra inscrito em um dispositivo sociolinguageiro com vista à intencionalidade de quem enuncia. Com base nisso, os parceiros são obrigados a levar em consideração a existência de restrições e de estratégias durante o exercício da persuasão. Dessa forma, ao produzir um ato de linguagem, o sujeito comunicante tem a convicção de procurar e de seduzir seu parceiro com a intenção de que ele se mobilize a agir, a fim de que possa persuadi-lo sob o ponto de vista emocional ou racional.

Na crônica, o sujeito enunciador (EUE), representado pelo jornalista, enquanto ser de fala, inicia sua narrativa apresentando uma sucessão de acontecimentos, que relembram seu passado e o passado de Clidenor de Freitas Santos. Essa sucessão de fatos está ligada à imagem de si que o orador projeta em seu discurso, buscando demonstrar que goza de um *ethos* de homem culto, tendo em vista a linguagem rebuscada utilizada no texto. Além do mais, demonstra credibilidade, competência para falar do médico porque eram conterrâneos e contemporâneos, motivos pelos quais o autoriza a homenagear seu colega pela ousadia de seu projeto. Ao mesmo tempo em que o jornalista constrói sua imagem, também busca influenciar seu parceiro com argumentos que estão no campo da racionalidade, principalmente, com o uso de argumentos de autoridade, ao citar o poeta “Da Costa e Silva”, “Paixão segundo São Mateus”, “Shakespeare” e “Machado de Assis” como forma de comprovar seu vasto conhecimento e erudição.

No âmbito da visada patêmica, o jornalista joga com a linguagem desde o título da crônica, mas também, tenciona influenciar recorrendo à tópica da dor quando relembra que tanto Odylo Costa quanto Clidenor de Freitas Santos são da geração nascida na “primeira guerra”, expressão que pretende situar o leitor historicamente, podendo despertar no leitor a tópica da dor e do sofrimento provocado pela guerra. Já a tópica da alegria é possível de ser

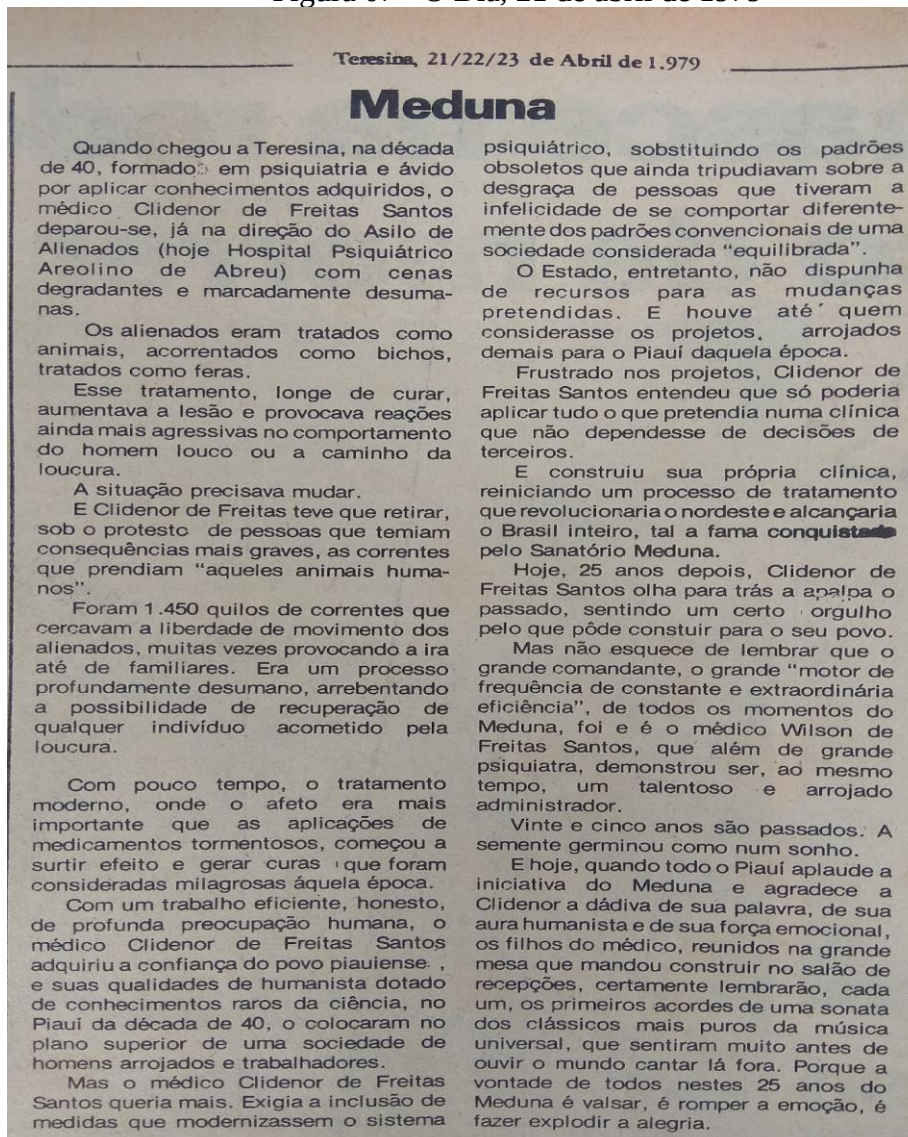
despertada no leitor mediante o seguinte trecho: “foi Clidenor quem **jogou fora as correntes dos loucos**, quando vai para vinte anos deram-lhe a dirigir o Hospital Psiquiátrico do Estado”. (Costa Filho, 1954, p.6, grifo nosso). Essa passagem refere-se à década de 1940, ano em que o médico assumiu a direção do *Asylo de Alienados*, passando a lutar pela libertação dos pacientes que viviam em situação desumana. Além do mais, ficou conhecido pela sua preocupação em implementar, na área da psiquiatria, tratamentos mais modernos.

Por fim, apresentamos o *princípio da regulação* que corresponde ao jogo de influências, sem nos esquecermos de que toda influência pode contribuir para o surgimento de uma contra influência. Por esse motivo, houve a mobilização de estratégias no contrato de comunicação midiático, como forma de regulamentar discursivamente o orador e o auditório, especificamente na crônica jornalística, ao empregar a estratégia de singularização – apoiada pela memorização, ou seja, a recordação dos tempos de infância – para homenagear o médico Clidenor de Freitas Santos, chamando a atenção do leitor para a altivez do psiquiatra diante de sua coragem à frente do projeto de construção e de inauguração do Meduna. Esse tipo de texto possibilita ao orador o uso de estratégias discursivas, recorrendo às tipologias narrativa e argumentativa, utilizando-se do recurso metafórico quando compara o médico a um *doido*. Nesse jogo de restrições e de estratégias, o orador se utiliza de um sentimento nostálgico para escrever, com leveza, sua crônica.

Passamos, agora, à análise de outro gênero discursivo presente no jornal *O Dia*: o editorial. Nesse texto, o veículo se posiciona sobre o discurso da saúde mental no Piauí, buscando confrontar a forma como a psiquiatria era vista na década de 1940 e o modelo de tratamento implementado com a construção do Meduna. No texto de opinião, o sujeito comunicante (jornal *O Dia*) destaca as contribuições do médico Clidenor de Freitas Santos e do Sanatório Meduna para a psiquiatria piauiense. Vejamos, a seguir, o editorial¹⁸ publicado em 1979.

¹⁸ Moura (2020, p. 100), em sua pesquisa, destaca com base em Beltrão (1989) que o editorial envolve quatro aspectos fundamentais que o definem: “a *impessoalidade*, a *topicalidade*, a *condensabilidade* e a *plasticidade*”. No geral, o editorial se distingue dos demais gêneros da esfera jornalística, ainda que seja uma definição reducionista, [...] “como um texto sem autoria explícita, sendo esse, o principal traço [...]” (Moura, 2020, p. 103).

Figura 07 - O Dia, 21 de abril de 1979



Fonte: Jornal *O Dia*.

Assim como Moura (2020), citado anteriormente, em nota de rodapé, Santos (2018) também destaca alguns aspectos relacionados ao editorial que coadunam com as características apresentadas por Moura (2020). Para isto, ela enfatiza que esse gênero

caracteriza-se pela *impessoalidade*, por não se tratar de matéria assinada¹⁹, o que permite o uso da terceira pessoa do singular ou do plural; pela *tropicalidade*, por exhibir tema bem delimitado; pela *condensabilidade*, por se tratar de material bem claro e breve; e, enfim, pela *plasticidade*, por acompanhar a natureza fluida do fenômeno linguístico (Santos, 2018, p. 80, grifo da autora).

¹⁹ Santos (2018, p. 82), ao elaborar um esquema de características dos gêneros crônica, artigo e editorial, conforme seu quadro 7, destaca como primeira característica do editorial, a seguinte: "reflete a opinião apócrifa do veículo de imprensa (não deve ser assinado por nenhum profissional individualmente)".

Ela também destaca que esse gênero discursivo pode ser analisado em relação ao seu conteúdo, equivalendo-se, nesse caso, como *informativo*, buscando, assim, elucidar esclarecimento; *normativo*, quando tem como objetivo incitar; *ilustrativo*, cuja função é educativa. No tocante ao estilo, esse gênero pode ser visto como *intelectual*, com a presença de argumentos que levam a fundamentação de uma ideia, e *emocional*, a partir do momento que se busca sensibilizar um auditório. Finalmente, quanto à natureza, o editorial é considerado como: *promocional*, *circunstancial* e *polêmico*. O primeiro, é quando o gênero se encontra harmônico ao pensamento da empresa; o segundo, refere-se a uma abordagem de caráter imediatista, ou seja, a primeira e a segunda característica encontram-se no editorial acima, principalmente, porque se observa o discurso epidítico do jornal *O Dia* em relação ao Meduna, algo coerente com seu pensamento, assim como trata-se de um fato de cunho imediatista, apenas para exaltar o trabalho do médico Clidenor de Freitas Santos. Por fim, a terceira característica que é sua natureza polêmica. Nesse caso, o editorial se comporta como contestador de uma ideia.

Diante dessas informações sobre o gênero editorial, passaremos a uma reflexão sobre o contexto sociopolítico do Brasil e do Piauí em 1979, algo bastante elucidativo para se compreender a materialidade discursiva desse texto opinativo e os possíveis interpretativos contidos em expressões e palavras carregadas de uma tópica axiológica negativa, a exemplos das palavras “alienados”, “louco” e “loucura” bastante utilizadas não somente pela mídia, mas também em outras esferas de comunicação. Ou seja, depreendemos que a conjuntura política e social da época contribuiu direta ou indiretamente para as técnicas adotadas com pacientes psiquiátricos internados em hospitais e manicômios, assim como, naquele período, era muito comum o uso das palavras “doido” e “louco” para se referir à pessoa sem sanidade mental. Ressaltamos ainda que o sentido dessas palavras não se restringiu à definição dos termos no dicionário, mas sim, a um sentido relacionado às representações coletivas e partilhadas socialmente naquele período.

Assim sendo, é importante destacar o posicionamento do jornal *O Dia* em relação ao Meduna, construindo, desse modo, uma imagem positiva do médico Clidenor de Freitas Santos com o propósito de homenageá-lo, utilizando-se de argumentos que exaltam o psiquiatra. Esses argumentos buscaram influenciar os leitores da coluna de opinião do jornal, interessados na discussão sobre a saúde mental, cujo enfoque dado no texto de opinião foi sobre a forma como a psiquiatria era vista antes e depois da atuação do médico.

Para efeito de análise do editorial, partiu-se da defesa de que esse texto de opinião se configura como um ato de linguagem, sendo possível perceber uma intencionalidade (um projeto de fala), ou seja, um espaço através do qual o jornal se posicionou sobre um fato noticioso. Nesse contexto, em relação ao sistema manicomial piauiense, observa-se a existência dos quatro sujeitos da linguagem, interagindo nesta situação de comunicação, atuando como parceiros e protagonistas no planejamento e execução da empreitada enunciativa.

Ao desvelar o contrato comunicativo do editorial, observamos, no circuito externo, a presença dos parceiros, Eu-comunicante (jornal *O Dia*), que elabora o seu projeto de fala e um Tu-interpretante (leitores reais) que reagem positivamente ao texto ou que o rechaçam. Já no circuito interno, localizamos os protagonistas, seres de fala que funcionam apenas como projeção do Eu-comunicante. São eles, o Eu-enunciador (o jornalista responsável pelo editorial), que executa o projeto de fala, e o Tu-destinatário (leitores idealizados). Ressalta-se a ausência da assinatura do jornalista no editorial, visto que o texto representa a posição de um grupo empresarial.

Assim sendo, compreende-se a “semiotização do mundo” com ênfase na dinâmica da situação linguageira, cujos sujeitos se impõem em um ato de linguagem, principalmente, quando se toma como base as intencionalidades e as interações comunicativas. Nessa direção, buscou-se compreender esse editorial, como um gênero que mobiliza argumentos, cujo enfoque dado, nesta pesquisa, está relacionado às operações que compõem o processo de transformação e os quatro princípios do processo de transação.

Observamos, desse modo, que um texto verbal, como o editorial, possibilita-nos compreender a articulação entre a língua e o discurso, tomando como base a realização da semiotização do mundo, cujo destaque, na análise, deu-se, primeiramente, ao processo de transformação, ou seja, sendo possível compreender a existência de um médico que contribuiu significativamente (na visão do jornal) para o tratamento da saúde mental no Piauí. Diante disso, há algo no “mundo a significar” (o médico, o Meduna, por exemplo) que é transformado num “mundo significado”, quando o jornalista se utiliza desse fato e o transforma em um editorial (um texto opinativo) com o objetivo de se posicionar a respeito de um fato/acontecimento. Com isso, buscou-se identificar e classificar as operações com ênfase na significação que esses elementos trazem para o posicionamento do jornal sobre o fato abordado no texto. Assim, na matéria analisada, que tem como título “Meduna”, a “identificação” se constitui logo no próprio título. No entanto, outras identificações são elencadas no editorial, como, por exemplo, “Teresina”, “médico”, “Asilos de Alienados”, “alienados (pacientes psiquiátricos)”, “homem”, “Clidenor de Freitas”, dentre outros. Essas palavras e/ou expressões que nomeiam seres do

mundo se encontram dispostas no sistema linguístico e, diante da passagem de “um mundo a significar” a um “mundo significado”, através do contrato comunicacional desse gênero, compreende-se a existência de uma diversidade de sentidos que podem ser ativados através das identificações destacadas na matéria jornalística, cuja significação também está atrelada às circunstâncias de discurso.

Alinhada a esta discussão, torna-se necessário destacar, também, as circunstâncias de discurso para que possamos melhor compreender os sentidos mobilizados através das palavras/expressões que exercem a função de nomear ou qualificar, por exemplo, nesse texto de opinião. No editorial, são apresentados discursos antagônicos, quando o editorialista confronta os métodos adotados pela psiquiatria piauiense, na década de 1940, época de funcionamento do “Asilo de Alienados”, como um ambiente que abrigou diversos sujeitos, pois seu surgimento, *a priori*, tinha também como prioridade contribuir com a política de urbanização e de higienização conforme argumenta Santana (2017) em sua pesquisa.

O orador buscou demonstrar o sentimento de indignação apreendido pelo psiquiatra diante da situação em que encontrou os pacientes no asilo. Com base nisso, essa indignação possivelmente foi sentida pelo médico e, ao mesmo tempo, pode funcionar como uma mola propulsora para o surgimento da emoção, do ódio e do medo pelos leitores. Ou seja, uma suposta indignação do médico, possível de ser observada no editorial, pode funcionar, dependendo do estado em que se encontrava o leitor, como uma estratégia que impulsiona para o despertar da raiva ou do medo.

Assim sendo, essa mesma instituição, com enfoque dado pelo editorial aos seus 25 anos de existência, revela sentidos que se diferenciam e se transformam ao longo dos tempos, diferentes, por exemplo, dos sentidos que circulam na atualidade sobre a saúde mental. O referente “Asilo de Alienados” quando comparado ao referente “Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu” significa distintamente. O primeiro referente, centraliza, semanticamente, a ideia de um lugar que abrigou sujeitos que ofereciam perigo à sociedade, devendo ser mantidos acorrentados. Já o segundo referente, a partir dos relatos da mídia, simboliza uma ideia de lugar humanizado, moderno, embora saibamos que mantinha muitas práticas já descartadas atualmente.

Quanto à operação de qualificação, através de um jogo metafórico, os alienados foram qualificados como animais, bichos, feras, a fim de relacionar a atitude dos pacientes à de seres sem racionalidade conforme o trecho do editorial: “os alienados eram tratados como animais, acorrentados como bichos, tratados como feras”. No que tange ao médico Clidenor de Freitas Santos, há atributos relacionados a ele com o objetivo de demonstrar sua experiência no “Asilo

de Alienados”, e diante de sua vivência, propôs tratamentos inovadores para a área da psiquiatria.

Estes atributos podem ser identificados, no editorial, quando se conferem os qualificadores de eficiente e de honesto ao médico Clidenor. A operação de qualificação, no texto, fica mais clara no seguinte trecho: “mas não esquece de lembrar que o **grande comandante**, o **grande ‘motor** de frequência de constante e extraordinária eficiência’, de todos os momentos do Meduna, foi e é o médico Wilson de Freitas Santos, que além de **grande psiquiatra**, demonstrou ser, ao mesmo tempo, **um talentoso e arrojado administrador**”. Estes atributos estão relacionados ao médico Wilson de Freitas Santos. É importante enfatizar que o jornalista concebeu essa fala ao psiquiatra Clidenor, no entanto, não foi ele quem falou direta ou indiretamente quando destacou os qualificadores atribuídos àquele médico.

A operação de ação é identificada e conferida quando os seres no mundo demonstram ações que fazem ou sofrem. No contexto do editorial, destacam-se os trechos a seguir: “quando **chegou** a Teresina[...]”, “[...] **aplicar** conhecimentos adquiridos”, “os alienados **eram tratados** como animais”, “esse tratamento [...] **provocava** reações ainda mais agressivas” e “o tratamento moderno [...] **começou** a surtir efeito e gerar curas, que foram consideradas milagrosas àquela época”. De um lado, têm-se os elementos linguísticos que, em contextos reais de uso da língua, como a situação de comunicação desse texto de opinião, nos proporcionam observar e compreender ações realizadas com a finalidade de transformar uma realidade na qual se encontravam os pacientes do *Asilo de Alienados*, na época; e de outro lado, identificam-se ações sofridas pelos seres do mundo, como exemplo, “os alienados **eram tratados** como animais”. Em suma, esses elementos linguísticos estão dispostos na língua, e em situações de comunicação passam a significar, dependendo da intencionalidade do orador.

Já a operação de causação é quando se observa a “relação de causalidade” em um ato de linguagem, identificando, assim, causa e efeito. Diante do texto analisado, compreende-se que essa operação se realiza de forma explícita, mas também, de forma implícita. Exemplificando a operação de causação, toma-se como base o trecho do editorial ao afirmar que “e hoje, quando todo o Piauí aplaude a iniciativa do Meduna [...]. **Porque** a vontade de todos nestes anos [...]”.

No exemplo, é possível identificar uma asserção de partida, uma asserção de passagem, constituída por argumentos que justificam o surgimento e a importância do Meduna e, por fim, uma asserção de chegada, que nos possibilita compreender a relação de causa e efeito, ou seja, a comemoração dos 25 anos da instituição, um efeito de uma causa que foi a construção e o empenho do médico Clidenor de Freitas Santos. Implicitamente, identifica-se também a relação

de causalidade na passagem ao afirmar, no texto, que “os alienados eram tratados como animais, acorrentados como bichos, tratados como feras”. Diante dessa afirmação, surge o questionamento: por que eles eram tratados dessa forma naquela época? Aqui, se compreende que o efeito dessa causalidade se encontra implicitamente, visto que esses sujeitos foram tratados como animais, por exemplo, porque fugiam do padrão de normalidade determinado socialmente. Então, aqueles que fugiam da normalidade eram equiparados a animais irracionais e, conseqüentemente, eram submetidos a tratamentos desumanos.

Anteriormente, abordamos, na análise, o processo de transformação destacando as operações que o constituem, sendo responsável pela passagem de um mundo a significar a um significado. Nesse contexto, compreendemos o processo de transação como um mundo significado com ênfase em seus princípios. Desse modo, demos ênfase ao *princípio de alteridade*, cujo papel é a troca linguageira entre parceiros, ou seja, um orador e um auditório, os quais compartilham saberes e conhecimentos, visto que o orador escreveu (um editorial) para um público-alvo *in absentia*, que se configura, no circuito do DIZER, em Tu-destinatário, pois quem enunciou, encontrava-se em tempo e espaço diferente dos leitores do jornal *O Dia*.

Quanto ao *princípio da pertinência*, tomamos o editorial como um ato de linguagem que se realiza obedecendo as regras e as estratégias próprias de seu contrato comunicativo. Assim, o texto foi produzido e divulgado no formato impresso, um suporte pertinente ao contexto de realização da situação comunicativa. Ressaltamos, também, que o orador teve como objetivo divulgar para a comunidade piauiense a situação do sistema manicomial do estado, destacando a realidade em que se encontravam os pacientes do *Asilo de Alienados*, na época, e enaltecendo o trabalho do médico Clidenor de Freitas Santos. É importante enfatizar que através do processo de transformação e do processo de transação foi possível compreender as circunstâncias de discurso da saúde mental no contexto piauiense na década de 40.

A situação de comunicação desse editorial traz, em sua construção, argumentos que almejaram a persuasão dos leitores, descrevendo as situações em que se encontravam os pacientes psiquiátricos internados em 1940 no *Asilo de Alienados*. Os dados levantados no texto opinativo demonstram a necessidade e a importância da inclusão de medidas que viessem modernizar o sistema manicomial piauiense. Essas informações representam o *princípio de influência* no processo de transação. No entanto, é importante que o editorial é mais laudatório do que explicativo, pois percebe-se que o enfoque principal do texto é homenagear o médico que se sensibilizou com a situação da época e agiu para mudá-la. Em síntese, a ênfase dada nesse texto não era especificamente sobre a questão psiquiátrica, mas sobre a boa vontade do

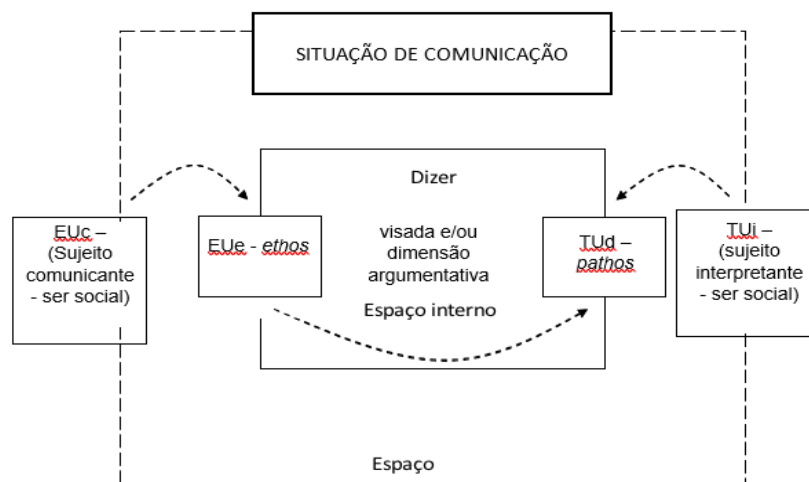
médico em transformar a realidade do sistema manicomial com a implementação de novas técnicas.

Quanto ao *princípio da regulação* no jogo de influências, compreendemos que esse princípio tem uma relação de proximidade com o princípio anterior, principalmente, porque no contrato de comunicação do editorial, a linha editorial utiliza-se de estratégias através das quais esse sujeito informa e argumenta, obedecendo às normas desse contrato, através da descrição de fatos e de situações em que os pacientes do *Asilo de Alienados* se encontravam na época de seu funcionamento, bem como buscou divulgar e enaltecer as vantagens com a construção do Meduna.

Portanto, para análise do editorial “Meduna”, tomou-se como base a concepção de semiotização do mundo, a partir do processo de transformação e do processo de transação como mecanismos discursivos que nos possibilitam compreender o editorial como ato de linguagem. Com isso, foi possível compreender as circunstâncias de discurso da saúde mental do Piauí, na década de 40, destacando através da língua, os possíveis interpretativos acerca do sistema psiquiátrico e as ações tomadas; na época, pelo médico Clidenor, a fim de melhorar e de modernizar a psiquiatria do estado.

Com base na análise empreendida, e considerando que os textos se constituem em atos de linguagem diferentes, com finalidades distintas, propomos uma alteração no quadro de ato de linguagem proposto por Charaudeau (2016). Para tanto, compreendemos, conforme os achados no decorrer da análise, que se faz necessário ajustes de informações aos elementos que compõem o espaço externo e interno em uma determinada situação de comunicação. Considerando o ato de linguagem como uma situação de comunicação em que se fazem onipresentes sujeitos, no espaço externo e interno, que entendemos a necessidade de uma adaptação das informações do ato de linguagem, tomando como base o contexto de nossa pesquisa, conforme figura a seguir.

Figura 08 - representação do ato de linguagem conforme análise da crônica e do editorial



Fonte: Quadro elaborado pelo autor, com base em Charaudeau (2016, p.52).

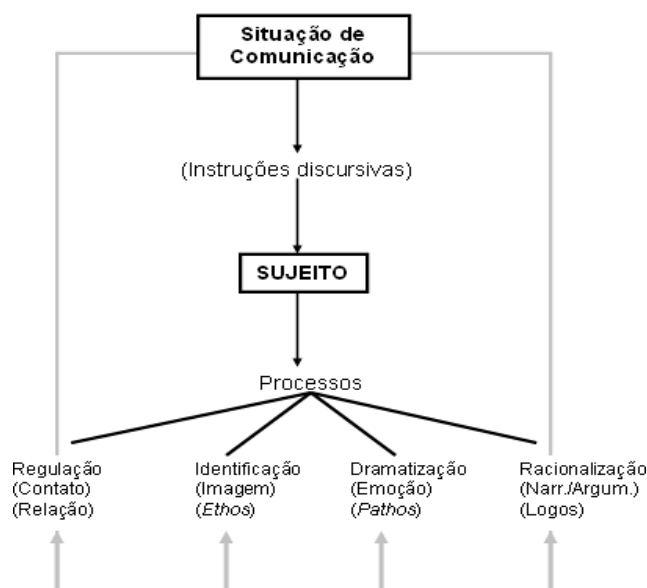
Como forma de argumentar sobre a proposição de alteração do quadro, tomamos como base Charaudeau (2007; 2010) e Corrêa-Rosado (2014). Desse modo, entendemos que o princípio da influência do ato de linguagem corresponde, para a Análise Semiolinguística do Discurso, em pelo menos três aspectos. Primeiramente, refere-se a um princípio mais genérico que percorre a qualquer ato de linguagem, seja qual for sua configuração discursiva, e que tem a ver não somente com a persuasão (fazer-crer), como também com o fazer-sentir (emocionar) e o fazer-agir (fazer-fazer). Em segundo lugar, o princípio da influência é organizado em quatro processo que o fortalecem. Para isto, recorremos a pesquisa de Corrêa-Rosado (2014) quando ele afirma que:

[...] o *ethos* (processo de identificação), o *pathos* (processo de dramatização) e o *logos* (processo de racionalização), no âmbito dessa problemática, são processos independentes uns dos outros, porém complementares do ato de linguagem; em terceiro e último lugar, esse princípio não corresponde somente à argumentação, visto que esta é considerada como um dos *modos de organizar o discurso* (Corrêa-Rosado, 2014, p. 07, grifo do autor).

Em seu posicionamento, ele compreende, em terceiro lugar, que o princípio da influência não corresponde simplesmente à argumentação, uma vez que esta é vista como um

dos modos de organização do discurso. Desse modo, é possível influenciar através de um processo de racionalidade argumentativa, equivalente à persuasão, ou então, com a intervenção de um processo de racionalidade narrativo e descritivo, equivalente à sedução. Como forma de justificar a adaptação feita no quadro do ato de linguagem, anteriormente, apresentamos a figura abaixo, pois representa a posição do sujeito falante frente às restrições da situação de comunicação em que se encontra e seu processo de operacionalização.

Figura 09 - O procedimento de semiotização do mundo e os quatro processos de tomada de palavra



Fonte: Charaudeau (2007, p. 246).

Conforme a organização do quadro acima, uma situação de comunicação, com ênfase no dispositivo situacional e, mais especificamente, o posicionamento do sujeito frente a um ato de linguagem que se fez necessário recorrer aos processos de instruções discursivas pertencentes ao princípio da influência em um ato de fala. O esquema elaborado por Charaudeau (2007) nos orienta que os sujeitos agem de acordo com as restrições acordadas (relação contratual) entre eles. O princípio da regulação possibilita a operacionalização do processo de identificação que impõe ao orador a construção de sua imagem e que se configure como um certo poder de atração em relação ao auditório, de maneira que este disponha ao orador a sua aceitação de modo quase irracional. Em suma, trata-se das estratégias de credibilidade mobilizadas ao passo que o sujeito falante quer que acreditem nele.

Na sequência, tratamos do processo de dramatização que representa a tentativa de se provocar a adesão do outro pelas paixões alcançando suas pulsões emocionais. “Para fazer isso, ele pode usar uma manipulação discursiva que atinge o componente afetivo de seu interlocutor ao criar nele moções emocionais (efeitos de *pathos*) que o coloquem à sua mercê” (Charaudeau, 2010b, p. 10). As estratégias de captação são uma forma do sujeito falante mobilizar, quando não está em posição de autoridade diante de seu auditório, a fim de assegurar seu interesse pelo que diz e a adesão ilógica desse auditório aos seus próprios sentimentos. E, por fim, enfatizamos sobre o processo de racionalização que consiste na relação de causalidade, ou seja, quando mobilizamos argumentos com a finalidade de conquistar adesão do auditório a uma tese pela razão lógica.

Feito isso, compreendemos que a disposição dos elementos do ato de linguagem se constitui, considerando a situação comunicativa da crônica e do editorial, nesta pesquisa, com a inserção da categoria de *ethos* junto do EUE, tendo em vista que este é quem tem o poder de enunciar no ato de fala, ou seja, é através dele que conseguimos identificar a construção de sua imagem com visto no proferimento de seu discurso. Nesta pesquisa, observamos que o orador, na crônica, enuncia a partir de um *ethos* de memorável (recordação ao passado) para opinar e argumentar sobre a inauguração do Meduna. Enquanto no editorial, há a presença de um *ethos* de exaltação do jornal *O Dia*, através da figura do reconhecimento, no que tange ao trabalho desenvolvido pelo médico Clidenor de Freitas Santos.

Além do mais, propomos a inclusão da categoria de *pathos* junto de TUD (*pathos*), pois pode despertar, no público-alvo do jornal *O Dia*, através de fatos narrados e descritivos na crônica e no editorial, o interesse do leitor pelo que o jornalista escreveu e o compartilhamento de sua opinião ou a adesão irracional daquele aos seus próprios sentimentos. Por fim, acrescentamos a categoria “visada e/ou dimensão argumentativa” dentro do espaço do DIZER, tendo em vista que é na interação entre os sujeitos protagonistas que os argumentos se fazem presentes, usados no espaço do DIZER, pelo enunciador, com o objetivo de atingir seu público (TUD) ancorados na racionalidade da lógica argumentativa. A seguir, analisaremos o discurso midiático considerando as restrições e as estratégias da relação contratual.

5.2 O Discurso Midiático: estratégias e restrições ao informar e argumentar

Começamos a discussão deste tópico afirmando que todo discurso depende, considerando seu interesse social, das condições particulares da disposição da troca linguageira sobre as quais instituem o surgimento de um determinado discurso. Falar de comunicação

humana é significativo, *a priori*, mencionar a problemática da *identidade* do sujeito falante/escrevente (reconhecimento dos parceiros numa troca), como um ser que se comunica, e que se constitui como aquele que é carregado do *direito* a comunicar-se. Para esta discussão, ancoramos nas pesquisas de Charaudeau (2012a; 2012b; 2016).

Tomando como base o contrato de comunicação no discurso midiático, tornou-se necessário a seguinte questão: como poderíamos interagir, persuadir e seduzir, se não houvesse um parâmetro de referência? Como os sentidos se constituem no contrato de comunicação midiático como um espaço de restrições e de estratégias? E para empreender essa discussão, corroboramos a ideia de que “a situação de comunicação é como um palco, com suas restrições de espaço, de tempo, de relações, de palavras, no qual se encenam as trocas sociais e aquilo que constitui o seu valor simbólico” (Charaudeau, 2012b, p. 67).

Para esse pesquisador, as normas que regulam nossa comunicação provêm do fato de que as restrições nas trocas comunicacionais se instituem desde as trocas rotineiras com o objetivo de controlar nossa comunicação e acabam introduzidas em nossas práticas sobre as quais os membros se reconhecem numa mesma sociedade. Com base nisso, enfatizamos que a compreensão do “direito à palavra” e do reconhecimento da identidade do sujeito falante caracterizam, portanto, duas faces de uma mesma moeda; moeda essa que se constitui entre os parceiros de um ato de linguagem. No tópico anterior, analisamos os princípios que instauram o processo de transação, como: princípio da interação, princípio da pertinência, princípio da influência e princípio da regulação.

Em outras palavras, o contrato de comunicação conecta os parceiros para um tipo de acordo com vista à intencionalidade da situação de comunicação e com o objetivo de lhes permitir uma *coconstrução* do sentido e de sua *autolegitimação*. Tal contrato representa, quando não reconhecido, que o ato de linguagem não demonstra pertinência e os parceiros não dispõem do direito à palavra. Para melhor compreender essa discussão, tomamos como base, a crônica “doido” de Odylo Costa analisada na seção 5.1.

Pensar a crônica como um ato de linguagem, é compreender a instauração de interação entre os parceiros, a pertinência comunicativa, o jogo de influência e os aspectos de regulação da situação de comunicação a fim de se depreender as restrições referentes ao espaço, ao tempo, às relações, às palavras em que se encenam nas trocas sociais com vista naquilo que constitui seu valor simbólico. Na crônica jornalística produzida por Odylo Costa, tomamos como parâmetro os objetivos desse tipo de texto e, para isto, levando em consideração os termos do contrato que preestabelecem seus parceiros (o cronista e os leitores em gerais do jornal *O Dia*),

na perspectiva da *identidade* destes, de suas respectivas *finalidades* e das *funções* que lhes são atribuídos.

Antes de proceder com essa análise, necessitamos saber como prosseguir para compreender tal contrato, investigando, em primeiro momento, as trocas estabelecidas entre os parceiros a fim de caracterizar as especificidades dessas relações de troca; e em segundo momento, analisar os discursos representativos e que reproduzem a cultura da época sobre a situação de comunicação da crônica, na figura 06; e da notícia, na figura 10, cujas restrições nos possibilitam observar e entender que o contrato de comunicação midiática se constitui primeiramente com a finalidade comunicativa de informar (por meio da notícia, da reportagem, dentre outros), mas, em sua maioria, os gêneros dessa esfera se valem da sedução, com a tentativa de persuadir o leitor pela emoção.

Para a reflexão e a análise da relação contratual do discurso midiático, consideramos os discursos empreendidos pela mídia piauiense acerca do Sanatório Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos. Diante dessa delimitação, faremos retomada à crônica analisada à luz das categorias de ato de linguagem e das circunstâncias de discurso, no tópico precedente a este, como também, debruçaremos nosso olhar analítico para a notícia que se encontra, a seguir, na figura 10.

Figura 10 – O Dia, 23 de junho de 1981



Fonte: Acervo do jornal O Dia.

Para compreender o jornal *O Dia* como um espaço de restrições e de estratégias, destacamos que este contrato provém de peculiaridades próprias à situação de comunicação, que são os dados externos, e das especificidades discursivas resultantes, que são os dados internos. Em relação aos dados externos, Charaudeau (2012b, p. 68) argumenta que uma dada situação de enunciação se constitui no reagrupamento de quatro categorias: “condição de identidade, condição de finalidade, condição de propósito e condição de dispositivo”. Já os dados internos consistem a aqueles propriamente discursivos, ou seja, corresponde o agrupamento dos comportamentos languageiros prováveis quando os dados externos da troca são percebidos, compreendidos e reconhecidos. Desse modo, os dados internos agrupam-se em: espaço de locução, espaço de relação e espaço de tematização.

Compreendendo que o contrato de comunicação é predeterminado pelo aspecto da *identidade* dos parceiros, pelas suas *finalidades* e pelos *papéis* que lhes são atribuídos, nos possibilitando analisar cada um na sequência. Das “identidades” dos parceiros, o jornalista independente da coluna para o qual escreve, quer seja para a coluna de economia, política, esporte, opinião, dentre outras; ele tem um estatuto socioprofissional (público ou privado) que o dispõe em relação à sua submissão perante a instituição que ele representa.

No contexto da crônica (figura 06), o jornalista e cronista Odylo Costa Filho amparado pela finalidade comunicativa do gênero, representa de certa forma a instituição (jornal *O Dia*), visto que, em princípio, possui uma competência de saber e de habilidade no que tange à finalidade do contrato a fim de promover uma reflexão através de fragmentos narrativos, recorrendo a fatos cotidianos, para em seguida, instaurar uma reflexão sobre eles. Há um jogo de identidades, tanto na crônica quanto na notícia da figura 08; pois, respectivamente, o cronista/jornalista e o jornalista jogam com a linguagem para enunciar.

O orador (cronista/jornalista) Odylo Costa se comporta no texto a partir de uma modalidade elocutiva, manifestando sua posição/opinião em relação à inauguração do Meduna, ou seja, revelando sua subjetividade através da figura do reconhecimento no tocante ao trabalho e à dedicação do médico Clidenor de Freitas Santos junto à psiquiatria piauiense. Já o orador da notícia utiliza-se da modalidade delocutiva, pois recorre a um discurso relatado do primo da vítima, autor da denúncia ao jornal.

Também compreendemos ser necessário uma reflexão sobre o uso de determinadas expressões, como “doido” e “débil mental”, na crônica e na notícia. O contrato de comunicação midiático, naquele período, ao enunciar sobre os manicômios, os sanatórios, os hospícios e os pacientes psiquiátricos; por exemplo, recorria a essas expressões como recursos linguísticos da troca languageiras para informar e opinar, tendo em vista que “doido” e “débil mental”, na

época, era uma designação aceita socialmente, sendo que essas expressões passaram a ser questionadas, principalmente, a partir do movimento da luta antimanicomial e da reforma psiquiátrica. Ou seja, na época, essas expressões correspondiam ao compartilhamento de conhecimento de imaginários sociais ancorados em saberes de crenças largamente legitimados pela sociedade, representando, assim, uma construção válida, mas com uma carga axiológica bastante negativa que esses termos apresentavam.

Diferentemente daquele período, o uso dessas expressões atualmente seria recriminado, considerando que a forma mais adequada na contemporaneidade que é o uso da expressão “paciente psiquiátrico”, por exemplo. Em suma, expressões como estas eram utilizadas na esfera jornalística porque elas não causavam nenhuma estranheza aos leitores do jornal *O Dia*, porque correspondiam a uma convenção social legitimada, cuja configuração de seu uso era prevista na troca linguageira entre parceiros. Esses parceiros são representados, de um lado, pelo EUC, ou seja, os jornalistas das matérias ora analisadas; e, por outro lado, o TUi, é representado pelos leitores do jornal. Portanto, as escolhas linguísticas legitimam um reconhecimento de identidades entre os sujeitos a partir de comportamentos e de saberes pertencentes àquela conjuntura social e cultural.

Das “finalidades” dos parceiros, o cronista nos apresenta uma análise crítica da situação da assistência à saúde mental, na década de 1954. Em síntese, o texto buscou destacar positivamente o projeto empreendido pelo médico Clidenor de Freitas Santos em detrimento do modelo adotado antes da inauguração do Meduna. Nesse sentido, observamos uma tripla finalidade do jornalista: *informar, opinar e captar*.

A instância de produção é uma entidade que se compõe com a participação de vários tipos de atores conforme argumenta Charaudeau (2012b). Ou seja, há aqueles que são responsáveis por cuidar da saúde econômica do jornal e de sua organização competitiva; os da programação, com funções operacionais e que estão ligados aos precedentes de modo que a informação tenha sucesso junto ao leitor (público do jornal) e os responsáveis pela redação das notícias e os operadores técnicos, que decidem na operacionalização de tratar as informações segundo sua linha editorial.

A partir do reconhecimento que o jornalista pode desempenhar uma tripla finalidade no contrato de comunicação midiática, que reafirmamos que “o jornalista – quaisquer que sejam suas especificidades: generalista/especialista, de escritório/de campo, correspondente, enviado especial etc. – não é o único ator, mas constitui a figura mais importante” (Charaudeau, 2012b, p. 73).

Ressaltamos, conforme a notícia da figura 10 e os conceitos que subjazem a configuração do discurso nas mídias, que o jornalista revertido de sua especialidade buscou apresentar a informação com objetividade ao seu leitor. Além da finalidade de transmitir a informação, o jornalista da notícia intitulada “cama pega fogo e débil mental morre queimada” também recorreu a visada de captação, perceptível logo no título da matéria, com ênfase na tópica da dor ao destacar a forma como o paciente morreu. Tal estratégia é uma forma do jornal satisfazer o princípio da influência. Essa instância, representada pelo jornal *O Dia*, opera uma encenação de forma nada sutil no discurso de informação do paciente que se encontrava internado no Meduna e que tragicamente foi queimado. Desse modo, o jornalista baseia-se, ao mesmo tempo, em um discurso dramatizante (com apelos emocionais), que prevaleceu no decorrer da matéria. Esse discurso é representativo da comunidade sociocultural e dos conhecimentos que se encontravam ancorados em saberes de crença compartilhados socialmente na época.

Na instância midiática do jornal *O Dia*, de um lado, encontramos o jornalista, um ator especialista em fornecer a informação, priorizando as fontes da informação ao destacar que a denúncia foi realizada pelo primo da vítima, o Sr. Marcos Raquel. Por outro lado, o sujeito comunicante (jornalista da notícia) ao fazer as escolhas estratégias apropriadas à encenação da informação, recorreu ao princípio da emoção a fim de despertar no leitor do jornal a tópica da dor, do ódio e da angústia através dos efeitos de dramatização instaurados logo no título da matéria.

Dos “papéis” dos parceiros do contrato midiático, cabe ao jornalista apresentar a informação, amparado pelo caráter de credibilidade e confiabilidade, pois a função primária dele é informar, e esta informação se baseia na legitimação do “fazer crer que o que é dito é verdadeiro” segundo Charaudeau (2012b, p. 90). Além do mais, as mídias estão engajadas em um jogo de verdade sobre o qual se encontra os diferentes imaginários sociais que as interpelam. Do papel do leitor, certamente esse atribui a credibilidade ao jornal, apoiado em imaginários que circulam socialmente acerca do jornal e, para isto, permite-lhe julgar o que é verdadeiro, transparente e legítimo. O leitor também compreende, conforme Charaudeau (2012b), que a instância midiática, ao produzir uma informação, está revestida de um *desempenho*, capaz de ser a primeira a transmitir a informação; da *confiabilidade*, ser capaz de verificar a informação; e da *relevação*, que se refere ao caráter investigativo descobrindo o que está oculto.

Em contrapartida, foi necessário refletir como os *dados internos* do contrato de comunicação se reverberam no discurso midiático, com ênfase na notícia da figura 10. O espaço de *locução*, no discurso midiático, justifica-se porque o jornalista toma a palavra se impondo

como sujeito falante/escrevente capaz de fazer escolhas linguísticas que se encontram numa tensão entre informar, a fim de apresentar a informação com qualidades, e seduzir, com o objetivo de incitar o máximo de pessoas a leitura da matéria.

Na sequência, destacamos o funcionamento do espaço de *relação* na notícia. Aqui, é o momento em que o jornal buscou construir sua própria identidade enquanto orador, especificamente, a identidade do jornal *O Dia*, assim como prever seu auditório (leitor), aquele que gosta de ler matéria polêmica, como é caso da notícia da figura 10, cuja finalidade é informar, mas também denunciar situação de irregularidade dentro do Meduna.

Já o espaço de *tematização* consiste na organização do domínio (ou domínios) do saber, visto que o orador – o jornalista - demonstra a credibilidade e a confiabilidade em sua encenação, assim como o tema da notícia que não se encontra predeterminado, mas sim, é introduzido ao leitor pelo jornalista responsável pela produção e pela divulgação da informação. Este sujeito se vale do modo de organização narrativo, uma característica contida no espaço de restrição da produção de uma notícia.

Desse modo, o mecanismo operacional do modo de organização narrativo, é possível de se verificar quando se busca responder, logo no primeiro parágrafo da notícia, as seguintes perguntas: com a demonstração de que “a débil mental Joana Maria Teodoro de Sousa (Quem?) morreu tragicamente (o quê?) por ter sofrido queimaduras graves (como?) quando estava internada (quando?) no Hospital Meduna (onde?). Ela tinha tomado uma dose de tranquilizante e dormiu fumando cachimbo (por quê?). Diante de tudo isso, retomamos ao Charaudeau (2012b, p. 71) para finalizar essa discussão, com sua afirmação de que o “contrato de comunicação e projeto de fala se completam, trazendo, um, seu quadro de restrições situacionais e discursivas, outro, desdobrando-se num espaço de estratégias [...]”. Em síntese, todo ato de linguagem, incluindo a notícia, a reportagem, a crônica, por exemplo, são vistas como um ato de liberdade vigiado. Desse modo, na seção seguinte, analisaremos matérias jornalísticas, observando-as à luz da tensão comunicativa entre informar (princípio de credibilidade do jornal) e seduzir (princípio de emoção).

5.2.1 A credibilidade e a captação no âmago da finalidade comunicativa

“[...] o contrato de informação midiática é, em seu fundamento, marcado pela contradição: finalidade de fazer saber, que deve buscar um grau zero de espetacularização da informação, para satisfazer o princípio de seriedade ao produzir efeitos de credibilidade; finalidade de fazer sentir, que deve

fazer escolhas estratégicas apropriadas à encenação da informação para satisfazer o princípio de emoção ao produzir efeitos de dramatização” (Charaudeau, 2012b, p. 92).

Primeiramente, para esta discussão, precisamos retomar o *contrato de comunicação* como aquele que se configura e que se define, considerando sua identidade discursiva, a partir de duas instâncias: a instância de produção, que tem como representante o Sujeito comunicante, e a instância de recepção, cujo representante é o Sujeito interpretante. Além do mais, sua materialidade discursiva se efetiva em função de uma questão social e de um dispositivo. Ressaltamos também que o espaço de restrição e de estratégia da instância midiática nos remete às seguintes indagações referentes ao sujeito falante ou aquele que escreve: por que o jornal *O Dia* diz algo sobre o Meduna e sobre o médico Clidenor de Freitas Santos utilizando-se de uma tensão comunicativa de informar e de seduzir?) e, por outro lado, há o sujeito interpretante, que nos faz considerar a pergunta: “por que compreender?”. Ou seja, quando se considera o princípio da alteridade, no ato de linguagem, presumimos que toda situação de comunicação é instaurada uma interação entre sujeitos, encontrando aquele que enuncia e aquele que interpreta.

De forma geral, a finalidade comunicativa da *instância midiática* é informar um acontecimento, quando se toma como base, uma notícia e uma reportagem, por exemplo. Com base nisso, recorremos ao Charaudeau (2010, p. 41) para que possamos compreender os três polos que caracterizam a comunicação midiática, como: “um polo fonte de informação, um polo instância de mediação-transmissão, um polo instância de recepção [...]”. Conforme a epígrafe que introduz esta seção, evidenciamos que a produção midiática oscila entre *informar* e *seduzir*. A primeira buscando apresentar os fatos com credibilidade e confiabilidade e, esta última, vista como uma estratégia em que o orador recorreu para fazer da encenação informativa, um espaço de *fazer-sentir*, através de escolhas que buscam atender o princípio da emoção e que pode ser apresentada com sutileza ou não. Para uma melhor compreensão dessa discussão, apresentamos a notícia intitulada “Louca dorme fumando e morre em incêndio”, publicada em 23 de junho de 1981, na página 09, do jornal *O Dia*.

Figura 11 – *O Dia*, página 09, 23 de junho de 1981

Fonte: Acervo do jornal *O Dia*.

Desse modo, retomamos a concepção de que a comunicação midiática é constituída em três polos. O primeiro polo consiste na fonte de informação e é visto como aquele que representa a realidade daquilo que se passa no mundo, numa sociedade em específico, como é caso da notícia da figura 11, que se instancia sob o aspecto de uma “verdade de autenticidade” (Charaudeau, 2010, p. 41). Ou seja, o jornalista tem a incumbência de transmitir a informação de que houve a morte de uma paciente psiquiátrica (Joana Maria Teodoro de Sousa) dentro do Meduna em decorrência de um incêndio provocado pelo cachimbo que se encontrava aceso e, consequentemente, repassando o fogo para o lençol durante seu sono.

No polo fonte de informação, apesar do jornalista da matéria se constituir como “o responsável pela informação” e amparado pelo imaginário de que a mídia reproduz o fato tal qual, apresentou o fato utilizando-se de fontes como forma de demonstrar a veracidade daquilo que enunciava. Para isto, foi necessário elencar que esta notícia se constitui a partir de um conjunto de acontecimentos ou saberes que aparentemente antepõem o ato de produção da matéria, fazendo com que o orador da notícia se reconheça numa função de relação, mas também de investigação dos fatos, sendo necessário seu comprometimento com a coleta dos acontecimentos que se encontram ancorados em saberes, e não em cria-los, ou seja, são ações

que preexistem o tratamento e a transmissão da notícia. Desse modo, o jornalista destacou o denunciante do acontecimento junto ao jornal, designado como Marcos Raquel, primo da vítima e que efetivou a denúncia através de uma carta encaminhada à redação do jornal *O Dia*.

Quanto ao polo da instância midiática, responsável pela mediação e pela transmissão da informação, nota-se que se deu ênfase ao papel dessa instância como encenadora do espetáculo de sofrimento. No contexto da notícia, houve a encenação de acontecimentos que retratam as irregularidades dentro do Sanatório Meduna, demonstrando, assim, a falta de compromisso da instituição com seus internos. A forma como a notícia é produzida e transmitida pelo jornal suscita um equilíbrio entre o “envolvimento” e o “distanciamento” por parte da instância de produção. Para isso, entendemos que

envolver-se demasiadamente é tomar partido e tornar-se suspeito em relação aos motivos que fazem você se anular diante do espetáculo do sofrimento ou da alegria (ele/ela faz de tudo para que seja sincero). Marcar demasiadamente a distância, é correr o risco de ser taxado de frieza (ele/ela não tem coração) (Charaudeau, 2010, p. 44).

Na notícia publicada pelo jornal *O Dia*, figura 11, o jornalista toma como ponto de partida para enunciar uma tópica axiológica e social bastante negativa ao utilizar o termo “louca” para se referir a vítima, personagem da encenação. Na época, o uso dessa expressão era amplamente partilhado socialmente e esse uso autorizava o jornalista, como aquele provido de razão (raciocínio), a desqualificar os indivíduos que se enquadravam numa conjuntura da desrazão (a paciente psiquiátrica que morreu).

Desse modo, todos aqueles que não atendiam a uma construção social de equivalência a sanidade, eram denominados de “louco/a”, “doido/a”, “débil mental”, dentre outras expressões que referenciavam esses sujeitos socialmente, conforme observou Foucault (2019), na obra *História da Loucura*. O tempo de enunciação autoriza o jornalista para a utilização da palavra “louca” durante a narrativa da matéria, algo que desautoriza qualquer jornalista ao enunciar dessa forma na contemporaneidade.

Geralmente, os estudos relacionados às mídias reconhecem que a instância da recepção é representada pelos leitores e ouvintes de um determinado jornal. Para Charaudeau (2012b), ele observa que essa instância se configura numa entidade compósita, não sendo possível observá-la de maneira geral. Para ele, em primeiro lugar, devemos considerar o suporte de transmissão da informação, sendo que os leitores fazem parte da mídia impressa/online, e os ouvintes, para o rádio, e os telespectadores, para a televisão. Tal composição, nos faz

compreender que as reações intelectivas e afetivas dos públicos se constituem de forma diferentes.

Em segundo lugar, a identidade social dessa instância é um enigma para a instância de produção. De um lado, os leitores do jornal *O Dia*, por exemplo, não estão presentes fisicamente na relação de troca, impossibilitando o jornal ao acesso imediato a suas reações, sem poder interagir com eles, não pode apreender, com exatidão, seu ponto de vista para acrescentar e para refazer a apresentação da informação. Por outro lado, observamos a dificuldade de determinar o público que compõe a instância midiática no que tange seu *status* social, pois é muito diversificado.

Desse modo, tomamos como base a categoria o “destinatário-alvo” proposto por Charaudeau (2012b). Segundo ele, “a instância de recepção é portadora de um conjunto ‘impreciso’ de valores ético-sociais e, acrescentemos, afetivo-sociais, os quais devem ser levados em conta pela instância midiática [...]”. A observação desses valores possibilita a mídia apresentar uma informação que atenda as expectativas dos leitores. No contexto da notícia publicada pelo jornal *O Dia*, em 23 de junho de 1981, precisa levar em consideração, no âmbito da instância de recepção, a dupla finalidade do contrato de comunicação midiática, se configurando de duas formas: como *alvo intelectual* ou como *alvo afetivo*.

Considerando essa notícia do jornal *O Dia*, o *alvo intelectual* é aquele auditório que seria capaz de avaliar seu interesse no tocante àquilo que lhe é proposto, à credibilidade que confere a esse jornal quanto à encenação informativa, à aptidão dos leitores em buscar compreender a matéria, ou seja, acessá-la. Em suma, esse tipo de leitor é aquele público do jornal que se atribui a capacidade de pensar, refletir e questionar a notícia, sendo que esse público-alvo que confere a credibilidade, pois pressupõe que ele dispõe de critérios de avaliação que lhe autorize a julgar e a separar o que é verdadeiro, confiável e autêntico em relação aos textos divulgados pela instância de produção. Cabe, também, ao *alvo intelectual* do jornal conferir o aspecto de acessibilidade da informação, observando e julgando se o discurso da matéria cumpre o princípio da simplicidade, da clareza com a qual o discurso é produzido.

Em relação ao *alvo afetivo*, o enfoque dado nesta pesquisa, é aquele que se supõe não avaliar a notícia de maneira racional, agindo, em sua maioria, pelo emocional. Considerando a existência desse leitor, o jornal *O Dia* recorreu a estratégias apropriadas com a finalidade de tocar a afetividade do sujeito alvo ao relatar o motivo da morte da paciente Joana Maria Teodoro de Sousa, destacando que ela morreu de forma trágica ao sofrer queimaduras graves, algo possível de despertar a tópica da angústia, do ódio em relação à aparente omissão do hospital.

No âmbito da instância midiática, Charaudeau (2012b, p. 82) classifica o leitor “alvo afetivo” em categorias que são socialmente compiladas por emoções, tais como: *inesperado* (rompe as rotinas), *repetitivo* (os males do mundo), *insólito* (desobedece às normas sociais de comportamento), *inaudito* (“entrar em comunhão com a dimensão do sagrado”), *enorme* (“que nos transforma em demiurgos”) e o *trágico* (“estratégias discursivas de dramatização”). Na notícia ora analisada, observamos que o jornal enuncia através da categoria do trágico, e dependendo dos imaginários dos leitores, foi possível o despertar da paixão pela indignação, pelo ódio; sentimentos esses atribuídos à aparente omissão do Sanatório Meduna.

A discussão empreendida nesta seção se configura como um passo para a análise que realizaremos na seção subsequente. Nesta pesquisa, defendemos que falar de *logos*, *ethos* e *pathos*, necessariamente, precisa situar essas categorias e conceitos a partir da concepção de circunstâncias de discurso, ato de linguagem e contrato de comunicação midiática. Ou seja, as estratégias retóricas, como o *logos*, o *ethos* e o *pathos*, se efetivam de fato quando se leva em consideração que todo discurso se constitui numa condição de produção específica, e que autoriza o estabelecimento da troca languageira entre os parceiros, sob a regulação de um contrato de comunicação.

6 A CONSTRUÇÃO DA ARGUMENTAÇÃO NO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE O SANATÓRIO MEDUNA

Nesta seção, demos ênfase a análise de matérias jornalísticas, produzidas pela mídia piauiense, a exemplo de textos, como: crônica, editorial, notícia e reportagem. Essa análise confere um empreendimento acerca das provas retóricas discutidas desde a Retórica Clássica e ainda bastante presentes nas pesquisas atuais de abordagens discursivas. Desse modo, essa investigação compreende uma interface entre os estudos desenvolvidos na retórica, sua retomada nos estudos argumentativos e as pesquisas desenvolvidas à luz da Análise Semiolinguística do Discurso.

Com isso, ancoramos nossa análise tomando como base os seguintes autores: Aristóteles (2015), Abreu (2009), Amossy (2017; 2018; 2019), Charaudeau (2005; 2010; 2016), Emediato (2022), Figueiredo (2020), Meyer (2007; 2021), Moura (2020), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), e, dentre outros. Essas referências foram necessárias para que pudéssemos compreender o modo como o jornal mobilizou os argumentos em suas matérias, através do *logos* (a palavra, a razão); a imagem construída pelo orador, com a materialização de seu *ethos* e; um auditório que pode ser afetado pelas emoções, sob a responsabilidade do *pathos*.

Tudo isso, nos possibilita, finalmente, observar e compreender as estratégias utilizadas pelos jornalistas quer sejam em gêneros com caráter informativo, como a notícia e a reportagem, quer sejam em gêneros com caráter opinativo, como é o caso do editorial, da crônica jornalística e do artigo de opinião. Portanto, esta pesquisa corrobora a constatação de Charaudeau (2010, p. 45), considerando que ele afirma que o dispositivo da comunicação televisiva se constitui em duas tensões: a “[...] finalidade comunicativa entre ‘credibilidade’ e ‘captação’”. Ressaltamos ainda que essa tensão se efetiva não somente na comunicação televisiva, mas também na mídia impressa.

6.1 *Logos*: estratégias argumentativas no discurso da mídia impressa

Neste tópico, temos como base teórica usada em nossa análise uma interface entre os estudos desenvolvidos na retórica e sua retomada nos estudos da Análise Semiolinguística do Discurso pelo linguista Patrick Charaudeau, na década de 1980. Tal abordagem se deu porque na mencionada teoria, esse pesquisador, abordou, especificamente, em seu livro “Linguagem e

discurso: modos de organização”, o *modo de organização argumentativo*²⁰, com ênfase em sua discussão sobre a organização da lógica argumentativa e sobre a encenação argumentativa.

Compreendemos também que o *logos* se faz presente nessa teoria quando o linguista discute acerca do processo de semiotização do mundo, com a finalidade de abordar o processo de transformação e as operações que a compõem, e o processo de transação e os princípios que o constitui. Com base nisso, o processo de transação está organizado em quatro princípios linguageiros, a saber: *princípio de alteridade*, *princípio de pertinência*, *princípio de influência* e *princípio de regulação* conforme postula Charaudeau (2005). No *princípio de influência*, reiteramos, com base na teoria Semiolinguística, que esse princípio do ato de linguagem consiste em pelo menos três aspectos: a persuasão (fazer crer), fazer-sentir (emocionar) e o fazer-agir (fazer-fazer). Além do mais, nessa abordagem teórica, entendemos que o princípio de influência é constituído por quatro processos²¹ que o robustece, motivo pelo qual defendemos, no tópico 5.1, a inclusão da categoria do *ethos*, *pathos* e *logos* no circuito interno do ato de linguagem.

Desse modo, recorreremos também à Nova Retórica de Perelman e Olbrechts-Tyteca, à retórica de Michel Meyer, ao Fiorin (2015) e à pesquisa empreendida por Ferreira (2021). Tais pesquisas nos auxiliaram na compreensão do nosso *corpus* tomando como base a discussão dos gêneros retóricos (*gênero epidíctico*, *gênero judiciário* e *gênero deliberativo*)²², os passos esperados em uma análise retórica (*inventio*, *dispositivo*, *elocutio* e *actio*) e os argumentos identificados nas reportagens publicadas sobre o Sanatório Meduna. Essas categorias são perscrutadas durante a análise dos dados. Além do mais, esse empreendimento analítico se justifica pela necessidade de analisar a materialidade discursiva em textos com caráter informativo, como a notícia e/ou reportagem, verificando-se sua natureza argumentativa consubstanciada através da prova, da inferência ou de argumento utilizados com o objetivo de provar as informações noticiadas. Para iniciar a análise, recorreremos a uma reportagem publicada pelo jornal piauiense *O Dia*, em 17 de junho de 1994, que tratou da ilegalidade da

²⁰ Charaudeau (2016, p. 201, grifo do autor) compreende que “A argumentação, entretanto, é um setor de atividade da linguagem que sempre exerceu fascínio, desde a *retórica* dos antigos que dela fizeram o próprio fundamento das relações sociais (*a arte de persuadir*) até hoje, quando voltou à moda”.

²¹ “O *ethos* (processo de identificação), o *pathos* (processo de dramatização) e o *logos* (processo de racionalização), no âmbito dessa problemática, são processos independentes uns dos outros, porém complementares do ato de linguagem”. (Corrêa-Rosado, 2014, p. 07, grifo do autor).

²² Para Meyer (2007, p. 28-29), “em retórica, trata-se do gênero epidíctico, centrado no estilo atraente e agradável, em que o auditório desempenha um papel preciso, pelo fato de comandar o louvor ou a aclamação ou a censura. Tem-se o gênero judiciário, em que se determina se uma ação é justa ou não; e o gênero deliberativo, em que se deve decidir agir em função do útil ou do prejudicial”.

prisão de doentes mentais na Penitenciária Major César de Oliveira, no estado do Piauí. Essa reportagem não versou diretamente acerca do Meduna, no entanto, achamos interessante analisá-la por que essa instituição foi citada no decorrer do texto como um dos ambientes em que os pacientes psiquiátricos deveriam estar, ao invés de sua prisão na penitenciária.

Figura 12 – *O Dia*, página justiça/segurança, em 17 de junho de 1994

JUSTIÇA/SEGURANÇA

Prisão de doentes mentais é ilegal em penitenciária

São 16 deficientes que permanecem confinados na Major César ilegalmente

■ A permanência ilegal de 16 doentes mentais presos na Penitenciária Major César de Oliveira, em Altos (25 km de Teresina) está provocando transtornos na instituição. Os doentes mentais, em sua maioria não condenados pela Justiça, estão queimando colchões, quebrando celas, paredes, cadeados e abrindo túneis nos banheiros da prisão para tentarem fugir. Eles tomaram conta de quatro alojamentos com capacidade para 20 detentos, cada, abandonados na penitenciária.

O diretor interino da Penitenciária Major César de Oliveira, Edmar Sales de Oliveira, disse que os doentes mentais colocam suas vidas e dos agentes penitenciários em risco. Ele falou que os doentes mentais são manipulados pelos detentos comuns para que simulem tentativa de fuga para acobertar os presos que realmente querem fugir. "O doente mental corre o risco de ser atingido por uma bala disparada pela segurança porque pode ser confundido com um detento comum em fuga", declarou.

"A permanência dos presos na Penitenciária Major César de Oliveira é totalmente ilegal tendo em vista que é uma colônia agrícola penal destinada a abrigar presidiários com penas leves e condenados a regime semi-aberto, o que não é o caso. Inclusive, esses detentos que têm problemas psicológicos sequer foram julgados. Eles nunca deveriam ter ido para a penitenciária. Deveriam estar no hospital Areolino de Abreu ou no Sanatório Meduna para receber o tratamento adequado", diz o presidente do Sindicato dos Policiais Civis Penitenciários e Servidores da Justiça.

Segundo ele, em decorrência do comportamento dos internos doentes mentais foram queimados colchões, e danificadas paredes, portas, cadeados, que devem ser "reparados o quanto antes".

A situação da Penitenciária Major César de Oliveira é dramática. Há grades de celas caídas, paredes grandes rachaduras, o pavilhão para artesanato está abandonado, os banheiros



Doente mental ocupa alojamento com capacidade para 20 presos

quebrados e as lâmpadas dos corredores estão sendo furtadas pelos próprios detentos. A Penitenciária tem capacidade para 290 detentos, mas só tem 123 presos. A Major César de Oliveira tem em seus quadros 200 funcionários, a maioria cedida para Prefeituras Municipais e outros órgãos públicos.

Os prejudicados mentalmente dormem em camas de cimentos sem colchões e alguns ficam isolados. A penitenciária não possui ambulatório, enfermeiro e psiquiatra para o tratamento dos detentos com problemas mentais. "A Secretaria de Justiça teria que colocar um psiquiatra de plantão aqui, diretamente, todos os dias. Aqui o chefe de grupo é chefe de segurança, enfermeiro, médico, cozinheiro, é tudo. Todos nós corremos o risco de ser atingidos por uma pedrada, um estilete porque além de trabalharmos com detentos de alta periculosidade, ainda convivemos com 16 loucos", afirma o chefe da Segurança da Penitenciária Major César de Oliveira, Deusdeth Soares Araújo.

Há caso na penitenciária como o de Expedito José Gomes que está no local há seis anos acusado de ter assassinado o padastro, mas nunca foi sentenciado. O detento José Maria da Costa Arevedo, 24 anos, disse que foi transferido da Penitenciária de Parnaíba para a Major César para tratamento psiquiátrico no hospital Areolino de Abreu, recebeu alta e agora permanece na prisão sem nenhuma previsão para voltar à sua cidade. Ele está preso há três anos acusado de ter assassinado um homem em Parnaíba.

Edson Pereira da Silva estava ontem agitado e preso sozinho em um alojamento com capacidade para 20 pessoas. Ele já tinha queimado colchões e tentado derrubar uma parede. Ele está preso acusado de agressão contra a família.

"Quando eles (doentes mentais) estão com problemas mais graves a gente procura internar no hospital Areolino de Abreu. Eles passam cinco, oito dias internados e voltam dopados com medicamentos até acabar o efeito.

Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí.

Ressaltamos, inicialmente, os gêneros retóricos empregados pelo jornalista. O assunto tematizado foi de natureza social e política, pois reiteramos que todo discurso, de algum modo, é político, uma vez que, de uma maneira ou de outra, tem-se como objetivo um bem comum. Desse modo, o jornalista apresenta um fato que está ligado à coletividade, e considerando seu interesse social, a matéria se constitui como um gênero deliberativo. No contexto da reportagem, o fato noticiado requer do leitor que ele manifeste em concordância ou em discordância em relação ao que foi divulgado pelo jornal, e esta tenta influenciar seu auditório

(o leitor do jornal *O Dia*) utilizando-se, desse modo, de um discurso de censura (crítica). Dessa forma, explora-se, assim, as características do gênero epidítico, que segundo Ferreira (2021, p. 62) “compreende tanto o discurso que louva, exalta, glorifica, como também o que vilipendia, censura, injúria, menospreza [...]”. Essa crítica (censura a situação dos presos) se estabelece logo no início da matéria quando o jornalista afirma que “a permanência ilegal de 16 doentes mentais presos na Penitenciária Major César de Oliveira [...] está provocando transtornos na instituição”. Ao mesmo tempo, identificamos as características expressivas do gênero judiciário, uma vez que, apesar de que o leitor do jornal, na época, não estava em posição de executar uma deliberação formal (julgar justo ou injusto), a posição do jornalista (orador) é de quem apresenta um fato se posicionando, com argumentos, em relação à injustiça da prisão dos pacientes psiquiátricos.

Diante dessa apresentação introdutória, ancoramos a análise dessa reportagem tomando também como base os seguintes questionamentos: por que a prisão dos doentes mentais na penitenciária foi considerada ilegal e a internação nos hospitais se constituía como legal? Quais argumentos fundamentam a tese de que a prisão dos doentes mentais foi ilegal? Com base nisso, recorreremos à pesquisa Ferreira (2021), pois ele nos apresenta os passos de uma análise retórica, passos esses de suma importância para identificar e compreender o *ethos*, o *pathos* e *logos* em uma determinada situação de comunicação.

Desse modo, partimos da ideia de que toda “[...] argumentação define-se, portanto, numa relação triangular entre um sujeito argumentante, uma proposta sobre o mundo e um sujeito-alvo” (Charaudeau, 2016, p. 205). Além do mais, com base na razão persuasiva que consiste na busca de mecanismo para se estabelecer uma prova com a ajuda de argumentos a fim de justificar uma proposta a respeito do mundo ou através das relações de causalidade que ligam as asserções, que destacamos o ponto de vista da matéria que se encontra no seguinte fragmento: “A permanência ilegal de 16 doentes mentais presos na Penitenciária Major César de Oliveira, em Altos (25 km de Teresina) está provocando transtornos na instituição”.

No início da reportagem, o jornalista destacou, através de uma afirmação, o problema que é discutido durante o texto da matéria. O orador (o jornalista) estava preocupado em noticiar um fato que incidiu a questão daquilo que possivelmente foi julgado como justo ou injusto em relação à prisão de pacientes psiquiátricos na penitenciária. Desse modo, a introdução do ponto de vista na reportagem leva o jornalista a buscar provas com o objetivo de sustentar seu discurso. Esse passo retórico é denominado de invenção, ou seja, é quando o orador se lança a descobrir, a achar e a encontrar argumentos demonstrando seu conhecimento sobre a

problemática e, com isso, conseguiu agrupar todos os argumentos possíveis para a interpretação e para a compreensão de seu discurso.

Antes de apresentarmos alguns argumentos identificados na reportagem, compreendemos ser necessários enfatizar sobre a disposição, com uma etapa da análise retórica, pois conforme Ferreira (2021, p. 109) “é a parte da retórica que hoje chamamos de macroestrutura textual”. Para a análise da reportagem, apresentamos as quatro partes da disposição: exórdio, narração, confirmação e peroração. Desse modo, iniciamos pela exortação, que é a introdução de um discurso retórico, momento pelo qual há a identificação do orador (o jornalista) com seu auditório (o leitor do jornal) através de um discurso de censura em relação à prisão dos pacientes psiquiátricos. Na reportagem, como se trata de um texto jornalístico, o exórdio é resumido excepcionalmente no título e no primeiro parágrafo.

Já a *narração*, na *disposição* do discurso da reportagem, encontramos o ponto de vista do jornalista e, através desse, ressalta-se o *logos*, pois, nesse momento, as provas são colocadas mediante enunciados que demonstram as causas e as consequências e que reforçam um discurso de justo ou injusto), utilizando-se de exemplos que ilustram uma situação de injustiça. O jornalista, como forma de estabelecer a prova, recorreu ao *argumento de autoridade*²³ que, de acordo com Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014), pertence “aos argumentos baseados na estrutura do real”. Esse tipo de argumento foi identificado no discurso relato da reportagem conforme o fragmento a seguir:

Fragmento da reportagem: “A permanência dos presos na Penitenciária Major César de Oliveira é totalmente ilegal tendo em vista que é uma colônia agrícola penal destinada a abrigar presidiários com penas leves e condenados a regime semiaberto, o que não é o caso. Inclusive, esses detentos que têm problemas psicológicos sequer foram julgados. Eles nunca deveriam ter ido para a Penitenciária. Deveriam estar no Hospital Areolino de Abreu ou no Sanatório Meduna para receber o tratamento adequado” diz o presidente do Sindicato dos Policiais Civis Penitenciários e Servidores da Justiça.

Diante do trecho, percebemos que o jornalista apelou para um especialista na área, o presidente do Sindicato dos Policiais Civis Penitenciários e Servidores da Justiça, a fim de demonstrar e sustentar seu ponto de vista valendo-se da chancela de uma autoridade insigne. É importante ressaltar, conforme Fiorin (2015, p.176)), que “há dois tipos de autoridade a que se pode recorrer: a da ordem do saber (o perito ou especialista) e a do domínio do poder (aquele que exerce comando sobre outros)”. Consideramos que o papel desempenhado pelo presidente

²³ Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 348) afirma que “o argumento de prestígio mais nitidamente caracterizado é o argumento de autoridade, o qual utiliza atos ou juízos de uma pessoa ou de um grupo de pessoas como meio de prova a favor de uma tese”.

do sindicato se configura como da ordem do saber, ou seja, um indivíduo com autoridade para afirmar que a prisão dos pacientes psiquiátricos foi ilegal e, para isto, advertiu que “esses detentos que têm problemas psicológicos sequer foram julgados”.

O presidente reforça, na sequência, que eles “deveriam estar no Hospital Areolino de Abreu ou no Sanatório Meduna para receber o tratamento adequado”. Fiorin (2015) reforça que um argumento de autoridade desde que seja acompanhado de outras provas é reconhecido como um argumento aceitável, porém não é necessariamente verdadeiro. Esse argumento é reforçado a partir do momento que o presidente do sindicato acrescenta que “em decorrência do comportamento dos internos doentes mentais foram queimados colchões, e danificadas paredes, portas, cadeados [...]”. O acréscimo dessas informações além de substanciar o ponto de vista defendido por essa autoridade, também nos encaminha para a compreensão de um argumento por ilustração, pois o jornalista também recorre ao um argumento de autoridade, através do discurso relato de Deusdeth Soares Araújo, conforme o trecho a seguir:

Fragmento da reportagem: “A Secretaria de Justiça teria que colocar um psiquiatra de plantão aqui, diretamente, todos os dias. Aqui o chefe de grupo é chefe de segurança, enfermeiro, médico, cozinheiro, é tudo. **Todos nós corremos o risco de ser atingidos por uma pedrada, um estilete porque além de trabalhamos com detentos de alta periculosidade, ainda convivemos com 16 loucos**” afirma o chefe da Segurança da Penitenciária Major César de Oliveira, Deusdeth Soares Araújo.

Além do argumento de autoridade, o jornalista se vale também do *argumento por ilustração*²⁴, segundo o trecho a seguir da reportagem: “a situação da Penitenciária Major César de Oliveira é dramática. Há grades de celas caídas, paredes grandes rachaduras, o pavilhão para artesanato está abandonado, os banheiros quebrados e as lâmpadas dos corredores estão sendo furtadas pelos próprios detentos”. Nesse sentido, o jornalista apela para esse tipo de argumento com o objetivo de reforçar seu ponto de vista em relação à ilegalidade da prisão dos pacientes psiquiátricos, destacando, no decorrer da reportagem, a situação crítica na qual a penitenciária se enfrentava naquele período.

No discurso de Deusdeth Soares Araújo, encontramos também evidências de efeitos passionais, principalmente, quando ele enfatizou sobre o perigo enfrentado pelos funcionários da penitenciária e, para isto, afirmou que “**todos nós corremos o risco de ser atingidos por uma pedrada, um estilete porque além de trabalhamos com detentos de alta periculosidade, ainda convivemos com 16 loucos**”. Diante desse trecho, o orador (o jornalista)

²⁴ Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 407) argumenta que “[...]a ilustração tem a função de reforçar a adesão a uma regra conhecida e aceita, fornecendo casos particulares que esclarecem o enunciado geral, mostram o interesse deste através da variedade das aplicações possíveis[...]”.

tentou mover ou comover o auditório (leitor do jornal) utilizando-se de um discurso relatado, sendo que o entrevistado, em seu discurso, apela às emoções do outro. O relato do chefe de Segurança da Penitenciária Major César de Oliveira destacou que os funcionários corriam riscos de serem atingidos por uma pedra ou estilete, assim como enfatizou que os detentos daquela unidade eram de alto periculosidade, sem contar que a situação dos 16 pacientes psiquiátricos presos, por si próprio, envolve crenças e paixões. Nesse relato, o discurso é revestido pelo *argumento por ilustração*, mas também, percebemos uma tentativa de comover o auditório através da *tópica do temor* (medo), visto que o leitor, dependendo do seu estado de espírito, poderia se sentir comovido pela exposição de perigo que os funcionários da penitenciária enfrentaram naquela época. Além dessa tópica, foi possível identificar o sentimento de indignação, possível de ser mobilizado pelo leitor do jornal, quando se considera toda a situação de ilegalidade dos presos na penitenciária.

Na sequência, enfatizamos o fenômeno da causa como um recurso possível na argumentação. No texto analisado, destacamos o seguinte trecho para se observar esse fenômeno: “segundo ele, em decorrência do comportamento dos internos doentes mentais foram queimados colchões, e danificadas paredes, portas, cadeados, [...]”. Esse fragmento nos possibilita compreender que o *efeito de causalidade* se constitui na passagem “em decorrência do comportamento dos internos doentes mentais” e como *consequência* pode ser identificada ao afirmar que “foram queimados colchões, e danificadas paredes, portas, cadeados, [...]”. Desse modo, Fiorin (2015, p. 151) compreende que “a causalidade supõe um encadeamento dos fatos, em que um acontecimento antecedente produz um dado efeito”. Ou seja, o comportamento dos pacientes psiquiátricos presos, de forma ilegal, na penitenciária culminou em colchões queimados, paredes, portas e cadeados danificados.

Em relação à *confirmação* do discurso retórico, compreendemos como a sedimentação do *logos* que se materializa a partir do momento que o orador (o jornalista) organiza os argumentos. Ou seja, na matéria analisada, é quando o orador recorre ao argumento de autoridade, por exemplo, como forma de comprovar sua tese. Já a *peroração*, na matéria, consiste no momento final do discurso. Para isto, o dito a seguir recapitula a ideia enfatizada no início do texto e se constitui como a peroração: “Eles passam cinco, oito dias internados e voltam dopados com medicamentos até acabar o efeito”. Assim sendo, o orador finalizou o discurso reafirmando e chamando atenção do leitor para a ilegalidade da prisão dos pacientes psiquiátricos na penitenciária.

No âmbito da *elocução*, o jornalista une dois argumentos, utilizando-se do argumento de autoridade e de ilustração, para informar uma situação de ilegalidade no sistema carcerário,

no Piauí, naquele período. O léxico, em contrapartida, nos remete para o *movere* (comover, buscando atingir os sentimentos do leitor), a exemplo do fragmento a seguir: “**Todos nós corremos o risco de ser atingidos por uma pedrada, um estilete[...]**”. Desse modo, o leitor poderia ser persuadido pela tópica do medo (temor) dependendo de seu estado de espírito.

Por fim, a ação no sistema retórico da reportagem se evidencia quando o jornalista chamou atenção do leitor, no último parágrafo, através de um vínculo pragmático, ao reafirmar seu ponto de vista. Para isto, o jornalista apresentou, no início da reportagem, a seguinte informação: “quando eles (doentes mentais) estão com **problemas mais graves** a gente procura internar no hospital Areolino de Abreu. Eles passam cinco, oito dias internados e voltam **dopados** com medicamentos até acabar o efeito”. Essas expressões poderiam provocar, no auditório, efeitos passionais através da tópica da compaixão e da indignação, visto que são expressões susceptíveis de despertar as emoções no leitor do jornal.

Na sequência, passaremos a análise de uma reportagem publicada pelo jornal *O Dia*, no dia 23 de maio de 2010, intitulada de *Sanatório Meduna: o sonho de Dom Quixote*. Nessa direção, a referida reportagem se constitui como uma homenagem feita pelo jornal *O Dia* ao Meduna e ao psiquiatra Clidenor de Freitas Santos, destacando seus feitos, como um marco para a história da saúde mental no Piauí, principalmente, quando se leva em consideração a discussão da reforma psiquiátrica no estado. Metaforicamente, a reportagem logo no título destaca os sonhos do médico comparando-o a “Dom Quixote”, visto como um visionário que deixou como marca a vontade de ajudar os desvalidos, principalmente, aqueles que necessitavam de acompanhamento psiquiátrico.

Figura 13 – O Dia, página Geral, em 23 de maio de 2010

JORNAL O DIA
Domingo, 23/maio/2010

GERAL 3

HISTÓRIA

Sanatório Meduna: o sonho de um “Dom Quixote”

O sonho do psiquiatra Clidenor de Freitas Santos é um marco na história da saúde mental no Piauí

Marco Vilarinho
REPORTER

Encravado numa área criticamente arborizada de 20 hectares, o Sanatório Meduna não terá suas portas fechadas, como muitos apregoaram – segundo o diretor administrativo e financeiro da instituição, Raimundo Rodrigues dos Santos Neto. Localizado no bairro Porrenquento, zona Norte da cidade, o hospital psiquiátrico passa por uma situação difícil, em razão das dívidas com o fisco. Para tentar sanar o problema, a direção da casa colocou à venda metade da propriedade. Hoje, o número de pacientes chega a 36; 20 internos pelo SUS – Sistema Único de Saúde – e 16 por outros convênios.

Em decorrência da iniciativa do Ministério da Saúde de desospitalizar os doentes mentais, o Meduna passará a receber apenas pacientes particulares e com outros convênios, já que o SUS, a partir deste domingo, 23, põe fim ao contrato de internações. Imponente – como que resguardado pelo Dom Quixote, em bronze, que recepciona os visitantes – o prédio parece adormecido em algum livro do passado; uma longa história que teve início com o espírito humanitário do jovem médico psiquiatra Clidenor de Freitas Santos.

Entretanto, para se ter real



Arquivo

IMPONENTE O casarão remete ao passado; o ar de tranquilidade esconde o sofrimento de quem viveu e morreu lá

compreensão dessa história, é necessário retroceder no tempo, para a Teresina do início do século XX, com seus encantos e mazelas: ao assumir o mandato de Governador do Estado, em 5 de dezembro de 1907, em razão do falecimento de Alvaro Mendes, o médico e jornalista Areolino Antonio de Abreu – que era vice – tem como principal meta a construção de um asilo para doentes mentais, como um gesto de caridade para acolher esses desvalidos, muitas vezes abandonados pelas famílias – que os deixavam vagando pelas ruas, sob sol e chuva. Batizado de “Asilo de Alienados”, o prédio foi inaugurado em 24 de janeiro de 1907, passando a ser chamado de “Asilo de Alienados Areolino de Abreu”, sob a direção de Marcos Pereira de Araújo.

Com o passar dos anos, as condições higiênicas dos cômodos do asilo foram se agravando, notadamente, em virtude do pequeno espaço – no qual os doentes deveriam fazer suas necessidades fisiológicas – sair do centro do próprio quarto e ser completamente aberto, dando pelas ruas, sob sol e chuva. Batizado de “Asilo de Alienados”, o prédio foi inaugurado em 24 de janeiro de 1907, passando a ser chamado de “Asilo de Alienados Areolino de Abreu”, sob a direção de Marcos Pereira de Araújo.

O que não foi esquecido foi a colocação em todos os quartos, e até no pátio, nos troncos de cajueiros, de pesadíssimas correntes destinadas às pernas dos doentes. Essas pobres criaturas, muitas andavam nuas, eram vistas como animais, até mesmo por alguns profissionais de saúde.

As famílias que internavam seus doentes – na maioria das vezes – os esqueciam, não mais visitando-os ou mantendo qualquer contato. Outras mais recomendavam seus parentes a médicos, mas isolando-os do convívio. Um dos objetivos desse isolamento era esconder essa “mancha” da família para a sociedade; já que poucos pais se aventuravam a entregar seus filhos para contrair casamento com alguém que tivesse parentes acometidos de loucura. O preconceito era imenso, safando-se dele apenas aqueles muito ricos que, aos olhos dos menos abastados, passavam como exóticos.

A situação desses doentes só viria a ser modificada a partir de 1940, quando o médico Clidenor de Freitas Santos assume a direção do asilo e tenta por em prática métodos em voga em outras instituições da época. Elabora um relatório de grande valor histórico a respeito das condições físicas do asilo que apesar das reformas já realizadas ainda eram precárias. Decidiu a mudar a vida daqueles esquecidos, faz um relatório com uma série de modificações que, a seu ver, favoreceriam hospital e doentes.

Entre as sugestões está a alteração do nome da instituição para “Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu”, novos métodos de tratamento e retirada das correntes; introduz novas práticas como convulsoterapia cardiológica, de Von Meduna, Malarioterapia, insulino-terapia e a partir de 1947 a eletroconvulsoterapia. Mas essas modificações seriam coroadas com a construção do Sanatório Meduna, inaugurado em 21 de abril de 1954, indo para lá o primeiro aparelho de eletroconvulsoterapia construído no Brasil.

Para alguns observadores, o Meduna parece uma cidadela mouro, erguida no alto de uma colina, avistando-se o rio Parnaíba 3.356 metros quadrados de área construída, oito pavilhões ligados por alas cobertas, dois imensos pátios acolhedores; um edifício com dois andares, 120 leitos.

Fonte: Acervo Privado do Jornal O Dia.

Como forma de demonstrar os resultados da pesquisa, partimos da materialidade discursiva para identificar, classificar e analisar os aspectos argumentativos. Os resultados demonstraram a existência de elementos que estão na base da relação argumentativa, como: uma asserção de partida, uma asserção de chegada e uma asserção de passagem. Assim sendo, demos ênfase, inicialmente, à tese (ponto de vista da matéria), cuja tese da reportagem é possível de ser identificada no seguinte trecho: “O Sanatório Meduna não terá suas portas fechadas”, proposta pelo orador, o repórter Marco Vilarinho. Diante de tal tese, o jornalista apresentou uma diversidade de argumentos (uma asserção de passagem) com o objetivo de conquistar adesão dos leitores do jornal e, conseqüentemente, chegar a uma conclusão (uma asserção de chegada) acerca do ponto de vista inicialmente apresentado na reportagem.

É importante destacar que a reportagem não tem como objetivo primário persuadir seus leitores no que tange à discussão da matéria, pois seu caráter primeiro é informar sobre um

determinado assunto, no entanto, observamos uma dimensão argumentativa (sem orientação argumentativa declarada)²⁵ e não uma visada argumentativa. Como exemplo de visada argumentativa, podemos mencionar a pregação na igreja e o editorial, que em sua essência se constituem como argumentativo. No entanto, a reportagem apesar de ser considerada um gênero apenas com dimensão argumentativa, foi possível identificar, em sua estrutura; a causa e a consequência, um ponto de vista defendido, dentre outros elementos que constituem a relação argumentativa.

Embora a reportagem seja considerada um gênero apenas com uma dimensão argumentativa, ou seja, sem orientação argumentativa declarada quando comparada com outros que, em sua essência, se constituem como persuasivos, identificamos nela recursos típicos da relação argumentativa e que contribuem, ainda que indiretamente, para o processo persuasivo ou para o convencimento de um determinado ponto de vista. No texto em análise, destacamos como tese “O Sanatório Meduna não terá suas portas fechadas” e a partir dessa ideia o jornalista, representado pelo repórter Marco Vilarinho, se posicionou acerca do fato noticioso. Conforme Charaudeau (2016), a relação argumentativa se constitui de uma asserção de partida (dado, premissa), uma asserção de chegada (conclusão) e uma asserção de passagem, sendo que é na asserção passagem que se encontra a inferência, os argumentos, ou seja, a prova sobre aquilo que se apresentou na asserção de partida.

Diante disso, a relação argumentativa consiste numa relação de causalidade quando se considera seu fundamento epistemológico e, para isto, enfatizamos, na sequência, sobre os modos de encadeamento, tomando como base os componentes da lógica argumentativa que foram identificados na reportagem, com vista às articulações lógicas listadas por Charaudeau (2016), visto que o enfoque deste autor foi mostrar como essas articulações podem se inscrever no modo de encadeamento. Destacamos, inicialmente, o fenômeno da *oposição*, que se constitui como a introdução de um argumento que é contrário e que materializa através de marcas linguísticas, a exemplo dos operadores argumentativos. Observamos também esse fenômeno, na reportagem, no seguinte trecho: “**Entretanto**, para se ter real compreensão da história [...]”. Dessa forma, o orador joga com a linguagem para confrontar situações distintas com o objetivo de fortalecer a tese apresentada no início da matéria.

Ainda considerando os modos de encadeamento da relação argumentativa, é importante compreender o uso das articulações lógicas da conjunção, da disjunção e da causalidade

²⁵ Conforme Amossy (2018, p. 44) “entre os discursos que portam uma dimensão e não uma visada argumentativa, estão o artigo científico, a reportagem, as informações televisivas, algumas formas de testemunhos ou de autobiografia, a narrativa de ficção, a carta ao amigo, a conversação cotidiana”.

explicativa. Esses recursos são utilizados pelo jornalista a fim de estabelecer a prova do que foi proposto na asserção de partida. Posteriormente, através de um argumento de autoridade, Marco Vilarinho, recorreu ao discurso direto do Diretor Administrativo do Meduna para justificar que o Meduna não teria suas portas fechadas. Assim, o jornalista destacou que “[...] segundo o diretor administrativo e financeiro Rodrigues dos Santos [...]”. Assim, o diretor assegurou, na época, a continuidade das atividades na instituição e ao mesmo tempo rebateu a informação de que o Meduna não teria suas portas fechadas. Conforme Charaudeau (2016), vale salientar as contribuições de elementos linguísticos que comungam para o acréscimo de informação (adição de argumentos) no que se refere ao seu processo persuasivo. Nesse sentido, encontramos o fenômeno da conjunção, que pode ser identificada no trecho destacado quando se utiliza da conjunção aditiva “e”; buscando, assim, reforçar as funções exercidas por Rodrigues dos Santos dentro da instituição e que tem autoridade para assegurar a continuidade dos trabalhos desenvolvidos pelo sanatório juntos a sociedade piauiense.

No contexto da reportagem, identificamos, também, a comparação subjetiva, que se configura como efeito metafórico²⁶ na reportagem, pois a intencionalidade do repórter é estabelecer uma analogia entre Dom Quixote e o Médico Clidenor de Freitas Santos, conforme se observa no trecho a seguir:

[...] Imponente – como que resguardado pelo Dom Quixote, em bronze, que recepciona os visitantes – o prédio parece adormecido em algum livro do passado; uma longa história que teve início com o espírito humanitário do jovem médico psiquiatra Clidenor de Freitas Santos.

O efeito metafórico, no trecho acima, consiste em uma analogia mais ou menos imagética, ou seja, o repórter Marco fez uso dessa encenação argumentativa com o objetivo de comparar os propósitos do médico Clidenor de Freitas Santos ao magistral Dom Quixote, como um profissional sonhador da área psiquiatria, destacando-se dentro da área, principalmente, pelos seus cuidados com os desvalidos, pelas suas reivindicações para que fosse adotado tratamentos mais humanísticos com os pacientes psiquiátricos, assim como ele defendia que o tratamento, desses pacientes, deveria acontecer de forma que fosse inserido em práticas socializadoras.

²⁶Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 462) “o despertar da metáfora também pode ser provocado por uma mudança do contexto habitual, pelo emprego da expressão metafórica em condições que, ao lhe dar um caráter inusitado, chamam a atenção para a metáfora que ela contém”.

Na sequência, observamos também uma comparação entre a realidade do “Asilo de Alienados” e a política assistencialista defendida pelos médicos do Meduna. Com isso, o orador da reportagem recorreu ao procedimento da *comparação* a fim de validar sua argumentação, sendo possível identificar esse argumento no seguinte trecho da matéria: “essas pobres criaturas, muitas andavam nuas, eram vistas **como animais**, até mesmo por alguns profissionais de saúde”. Assim sendo, é possível perceber que se põe em evidência uma igualdade entre os pacientes psiquiátricos, em meados dos anos 1970, a partir do momento que são equiparados a animais, devido às formas insalubres sobre as quais eram submetidos durante o tratamento.

Também identificamos, na reportagem, o procedimento discursivo encenado pelo recurso da *citação (discurso relatado)* visto como uma estratégia argumentativa possível de fortalecer o processo persuasivo da reportagem, a exemplo da *citação de um dizer*, conforme se evidencia no trecho a seguir: “[...] **segundo** o diretor administrativo e financeiro da instituição, Raimundo Rodrigues Neto”. Como forma de demonstrar esse procedimento no jogo discursivo e argumentativo, que se realçou em negrito o vocábulo “segundo” como um elemento linguístico que introduz a fala de alguém e usado pelo orador para traduzir o mais fiel possível emissões escritas e/ou orais de um outro orador.

Nessa direção, corroboramos o entendimento de que a citação de um dizer é “[...] quando se refere às declarações de alguém, simplesmente para provar a veracidade de alguma coisa, para constatar-la, ou para destacar sua exatidão” (Charaudeau, 2016, p. 240). Já na Nova Retórica, esse dizer se configura como um argumento de autoridade, pois o jornalista através de um discurso relatado, recorreu a uma autoridade instituída de um poder para reafirmar seu ponto de vista.

Por fim, destacamos a ocorrência de um procedimento discursivo denominado de *definição de um ser*. Essa encenação foi de suma importância na reportagem, tendo em vista que o objetivo da matéria foi demonstrar a importância do Meduna e de seu fundador, o médico Clidenor de Freitas Santos, para o sistema manicomial do Piauí. Nesse sentido, o orador tentou sintetizar as ações do médico através da seguinte definição: “[...] uma longa história que teve início com o espírito humanitário do jovem médico psiquiatra Clidenor de Freitas Santos”. Nesse contexto, argumenta-se, através da encenação por definição, destacando suas características positivas mediante o uso de expressões qualificadoras, como: adjetivos e/ou expressões com valor de adjetivos. Assim sendo, Charaudeau (2016, p. 236, grifo do autor) enfatiza que “a **definição** é uma atividade de linguagem que pertence à categoria da *Qualificação* e ao modo de organização *Descritivo*. Esse fenômeno argumentativo consiste em

descrever os traços semânticos que caracterizam uma palavra em situações de comunicação específicas. No âmbito de uma argumentação, a *definição* é utilizada com fins estratégicos”.

Isto posto, Fiorin (2015, p. 118) compreende que “as definições são argumentos quase lógicos fundados no princípio da identidade, porque, ao contrário do que pensa o senso comum, não há uma maneira unívoca de definir um objeto”. Também é possível compreender que essa noção pode ser estendida aos sentidos que caracterizam um ser. Nesse caso, observamos a ocorrência de atributos que foram utilizados com o objetivo de caracterizar e de definir o médico, pois o psiquiatra foi designado, na reportagem, como aquele de “espírito humanitário”, ou seja, um profissional da área psiquiatria que sempre se preocupou com a forma com que seus pacientes eram tratados desde o período em que esteve como diretor do Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu, em 1940.

Neste tópico, propomos uma análise da construção da argumentação e, para isto, partiu-se da proposição de *logos* aristotélicos, percorreu-se aos estudos argumentativos, a fim de situar essa discussão na Análise Semiolinguística do Discurso. Desse modo, realizamos uma análise em reportagens publicadas sobre o Sanatório Meduna e sobre o Clidenor de Freitas Santos. No tópico seguinte, analisaremos a construção do *ethos* de jornalistas a partir de matérias publicadas sobre esse manicômio. Para esse propósito, foi necessário considerar que o jornal é composto de gêneros com caráter informativos, como é o caso da notícia e de reportagem, e de gêneros com caráter opinativos, a exemplo do editorial e do artigo de opinião.

6.2 As armadilhas do *ethos* ao informar e argumentar

A base teórica utilizada em nossa análise se constituiu em um imbricamento dos estudos desenvolvimentos na retórica e sua retomada nos estudos da Semiolinguística, de Patrick Charaudeau. Tal escolha se deu porque na referida teoria charaudiana há pesquisas sobre o *ethos* com enfoque na análise do discurso político. Nesta pesquisa, conforme o objetivo geral, empreendemos uma observação do *corpus* voltada para o discurso midiático, especificamente, as produções referentes à mídia piauiense sobre as quais se encontram fatos relacionados ao Sanatório Meduna e/ou médico Clidenor de Freitas Santos.

Para tanto, ressaltamos que a construção da imagem de si, que ora analisamos, nesta pesquisa, não diz respeito à imagem produzida pelo médico, mas sim, um *ethos* institucional²⁷

²⁷ Ferreira (2021, p. 91 grifos do autor) destaca em sua pesquisa, considerando a discussão de *ethos* prévio e discursivo, que “[...] há autores que admitem um *ethos institucional* (a partir de uma perspectiva linguística – como é o caso de Ducrot – e outra sociológica – colhida nos estudos de Bourdieu), formado pela *articulação* de um *ethos* puramente *discursivo* e de outro, exterior ao discurso”.

do jornal ao enunciar sobre o hospital ou sobre o psiquiatra. Assim, recorreremos às matérias jornalísticas como forma de observar a imagem do orador (do jornal e do jornalista), como aquele que é digno de confiabilidade, de fé, ou seja, um especialista na área, que dispõe de crédito para enunciar, comentar e opinar acerca de fatos sociais. Desse modo, apoiamo-nos em Aristóteles (2015), Charaudeau (2015), Meyer (2007) e Ferreira (2021). Ferreira (2021, p. 90, grifos do autor) ressalta que “modernamente, o termo sofreu ampliação de sua significação e hoje se aceita como *ethos* a imagem que o orador constrói *de si e dos outros* no interior do discurso”. No entanto, discordamos da visão adotada por esse autor, visto que, entendemos que a construção da imagem de si é materializada em seu próprio discurso conforme a concepção defendida por Aristóteles.

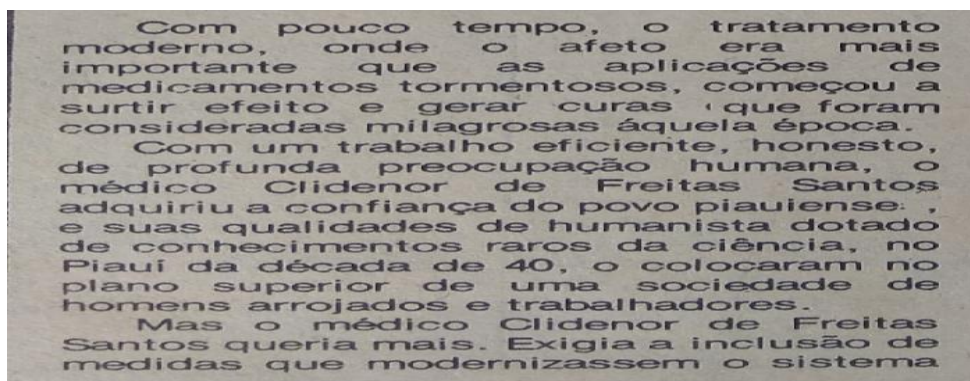
Essas informações são de suma importância para o desenvolvimento analítico desta seção, tendo em vista que nosso *corpus* se trata de textos jornalísticos com caráter opinativo, sendo possível identificar apenas o posicionamento da equipe editorial do jornal em relação a uma questão/problema amplamente partilhado socialmente. Desse modo, tomamos como ponto de partida um editorial publicado pelo jornal *O Dia*, em 21 de abril de 1979. Para consultar a matéria completa pode-se recorrer à figura 07, referente ao tópico 5.1, cujo tópico tratou-se das circunstâncias de discurso e do ato de linguagem.

Com base nisso, buscaremos compreender a construção do *ethos*, no discurso midiático, alinhada às demais provas retóricas, ou seja, ao *logos* e ao *pathos*. *A priori*, para se depreender a forma como o orador se comporta no discurso, foi necessário levantar alguns questionamentos: 1) Como a tríade retórica está organizada em um editorial publicado pelo jornal *O Dia* sobre o Sanatório Meduna? 2) Quais os *ethé* que se fazem presentes em um discurso *epidítico* como o do editorial? De que modo estão apresentadas as visadas patêmicas, e como contribuem para a identificação do *ethos*? 3) Considerando o editorial como um gênero com finalidade persuasiva, de que forma o editorialista dispõe os argumentos em defesa da tese de “cenas degradantes e desumanas” encontradas pelo médico Clidenor de Freitas Santos ao assumir a direção do Asilo de Alienados na década de 40?

Para se fazer uma análise de um discurso retórico, tornou-se imprescindível a discussão acerca dos gêneros retóricos apresentados por Aristóteles (2015), na Retórica clássica, visto que esses gêneros foram distinguidos pelo filósofo ao compará-los com os já existentes na literatura, a exemplo do romance e da poesia. Como foi mencionado no tópico anterior, os gêneros retóricos são: o *epidítico*, o *judiciário* e o *deliberativo*. Assim sendo, o editorial é um gênero que possibilita a equipe editorial se posicionar sobre um fato político, social, econômico, por exemplo. Para isto, buscamos compreender esse editorial a partir da classificação adotada na

Retórica Clássica sobre os gêneros retóricos, sendo que o texto em análise, se constitui como um gênero epidíctico, pois o editorialista aclamou o trabalho do médico Clidenor de Freitas Santos através de um discurso laudatório com o objetivo de destacar seu incansável empenho com a área da psiquiatria, conforme se observa, no trecho do editorial, a seguir.

Figura 14 – trecho editorial “Meduna”, O Dia, 21 de abril de 1979



Fonte: Acervo do jornal *O Dia*.

Nesse sentido, o texto do editorial explora, especificamente, as características do discurso epidíctico. Essa configuração se evidencia, no texto, através de uma tópica axiológica e social a fim de corroborar a tese de que “antes da chegada do médico Clidenor de Freitas Santos, os portadores de doenças mentais no Piauí eram submetidos a tratamentos degradantes e desumanos”. O editorial, como um texto de opinião, é o momento em que o jornal se posiciona sobre um determinado fato; neste caso, o teor do texto se encontra sobre um elogio ao empreendimento e à transformação ocasionada pelo projeto do psiquiatra junto à sociedade piauiense. Para isto, o editorialista chamou a atenção de como os pacientes psiquiátricos eram tratados na década de 40, em contraposição ao método inovador implementado pelo médico, em 1954, com a inauguração de seu hospital. Como forma de aclamar o trabalho do psiquiatra, o jornalista destacou que “com um trabalho eficiente, honesto, de profunda preocupação humana, o médico Clidenor de Freitas Santos adquiriu a confiança do povo piauiense[...]”.

Através do discurso epidíctico do editorial, que nos levou analisar esse texto jornalístico observando sua estrutura retórica, buscando entender tanto a clareza quanto a ênfase dada à tese (opinião defendida no texto), algo de suma importância para se compreender a distância entre o orador e o auditório. Ressaltamos, também, que o orador que conhece de fato uma determinada situação retórica, observa seu auditório, centrando sua argumentação em um plano do possível e do provável, partindo, desse modo, de bases bastantes persuasivas. Para alcançar

seu objetivo, é crucial que ele domine o assunto, que o organize adequadamente e que o defenda sobre os quatro pilares retóricos.

Nesse sentido, a *invenção* se configura, no editorial, como o momento de recrutamento das provas que sustentam o discurso laudatório. Discurso esse que teve como objetivo homenagear o médico Clidenor de Freitas Santos através de estratégias que se encontram ancoradas no plano do provável, assim como aquelas que se encontram vinculadas ao plano das emoções. Diante disso, destacamos o outro pilar do discurso, que é a disposição, cuja sua função é colocar em ordem lógica ou psicológica os argumentos a fim de estabelecer uma unidade retórica com o objetivo de atingir seu caráter persuasivo.

Feito isso, a divisão da disposição no discurso retórico é: exórdio, narração, confirmação e peroração. Antes de se discutir sobre o *ethos*, destacamos que os lugares retóricos, segundo Ferreira (2021, p. 69), são compreendidos, como: “os lugares são grandes armazéns de argumentos, utilizados para estabelecer acordos com o auditório”, pois as provas, em retóricas, têm como objetivo a persuasão. No âmbito da argumentação, torna-se importante situar os argumentos a partir dos lugares de qualidade e de quantidade. O primeiro está relacionado à imposição de algo sobre os demais de sua espécie, numa sobreposição de qualidade, se diferenciando pela raridade e pela originalidade. Quanto ao lugar de quantidade, é quando algo se diferencia de outro pelo seu aspecto quantitativo com a sobreposição de superioridade. Diante disso, destacamos os argumentos que contribuem para a identificação do *ethos* do orador do editorial (o jornalista), pois essa construção imagética, nesse texto de opinião, se materializa através de argumentos que são utilizados para a defesa de uma ideia apresentada inicialmente, assim como foi necessário considerar as contribuições das descrições possíveis de despertar efeitos patêmicos no leitor do jornal *O Dia*.

Considerando a classificação dos argumentos na Nova Retórica, que se destacou, inicialmente, **o argumento de comparação** pertence à técnica argumentativa dos argumentos quase-lógicos. De acordo Fiorin (2015, p.122), entende-se que o argumento de comparação é designado, como: “uma maneira de definir é aproximar ou diferenciar um objeto de outros. Quando se faz uma comparação, não se toma o objeto em si, expondo suas características ou suas funções, mas se escolhe outro objeto mais conhecido e se fazem aproximações entre eles”. Diante disso, o *logos* se constitui como uma prova persuasiva materializada através da demonstração do real ou de algo evidente, mas também, pode se manifestar quando se utiliza um exemplo ou silogismo. Desse modo, o orador propõe sua tese, fundamentando-se nos princípios de ordem técnicas a fim de que o auditório (o sujeito interpretante) compreenda seu ponto de vista e os argumentos sobre os quais a tese se assenta. No contexto do editorial,

destacamos como argumento de comparação o trecho em que o orador enfatizou que “os alienados eram tratados como animais, acorrentados como bichos e tratados como feras”.

Ainda no âmbito *logos*, observamos, no editorial, a presença do argumento da definição. Fiorin (2015, p. 118), apoiado nos postulados aristotélicos, compreende que “a definição consiste em declarar a essência de alguma coisa”, assim como ele entende, também, que “as definições são argumentos quase lógicos fundados no princípio da identidade, porque, ao contrário do que se pensa o senso comum, não há uma maneira unívoca de definir um objeto”. Tal argumento se verifica, no editorial, quando o autor define os pacientes psiquiátricos internados no *Asilo de Alienados* como “alienados” e através das definições descritas, classificou esses pacientes como animais irracionais. O editorialista também recorreu a esse argumento ao descrever o perfil do médico Clidenor de Freitas Santos, no período em que esteve à frente da direção do *Asilo de Alienados*, como um sujeito de qualidade humanístico. Na sequência, também se destacou a contribuição do médico Wilson de Freitas Santos, irmão de Clidenor de Freitas Santos, com a definição de “talentoso e arrojado administrador”.

Além do mais, destacamos o argumento probabilístico, que segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 292), eles compreendem que “a argumentação quase-lógica pelo provável ganha todo o seu relevo quando há avaliações baseadas, a um só tempo, na importância dos acontecimentos e na probabilidade do aparecimento deles, ou seja, na grandeza das variáveis e na frequência delas, na esperança matemática”. Corroborando o mesmo pensamento, Fiorin (2015, p. 144) destacou que “esse argumento está fundado numa lógica quantitativa, fazendo apelo à maioria, seja ela numérica, seja ela veiculada por sintagmas do tipo “clamor popular”, ou ao bom senso.

Considerando o processo argumentativo do editorial, o orador recorreu a essa estratégia persuasiva quando abordou os dados quantitativos de “foram 1.450 quilos de correntes que cercavam a liberdade de movimento dos alienados, muitas vezes provocando a ira até de familiares”. Essa informação remete a probabilidade de não recuperação dos pacientes psiquiátricos que foram submetidos a esse tipo de tratamento. Além do mais, tal dado mencionado, no editorial, é um recurso argumentativo apoiado no plano racional que possivelmente direciona os leitores, do jornal *O Dia*, para a compreensão da perversidade encontrada pelo médico Clidenor no *Asilo de Alienados* com seus internos. Esse argumento se evidencia quando o editorialista enfatizou que “com pouco tempo, o tratamento moderno, onde o afeto era mais importante que as aplicações de medicamentos tormentosos, começou a surtir efeito e gerar curas que foram consideradas milagrosas àquela época”. Ou seja, encontramos a manifestação da grandeza de um bem, implementado como um método de tratamento moderno,

que o diferenciou do método tradicionalmente adotado, na década de 40, no Asilo de Alienados. Esse argumento nos direciona para o fato de que houve melhoria no que tange à saúde mental do estado Piauí na época. Ademais, o argumento probabilístico se materializa, no editorial, quando o orador afirmou que “[...] o colocaram no plano superior de uma sociedade de homens arrojados e trabalhadores”. Nesse caso, o médico Clidenor de Freitas Santos se destacou na psiquiatria piauiense, entre um quantitativo de médicos especialistas da área, como aquele que se diferenciou pela sua ousadia.

A partir dos argumentos utilizados pelo orador do editorial, que se encontram ancorados no plano da lógica, com o objetivo de provar e comprovar sua ideia, que defendemos esse texto de opinião, como um lugar de manifestação da imagem do orador a partir do momento que se posição sobre o Meduna. Desse modo, o editorial “Meduna” se configura como um texto que traz marcas da modalidade elocutiva, pois é o momento em que o jornal manifestou sua opinião através de um discurso epidítico. É importante enfatizar, inicialmente, que o jornalista está a serviço de uma empresa, ou seja, o editorial corresponde um posicionamento não exclusivamente de um jornalista, mas sim, um posicionamento da empresa (jornal *O Dia*). Assim sendo, destacamos o *ethos* institucional (jornal *O Dia*, instituição com credibilidade para se posicionar sobre um problema de ordem social). No editorial, esse posicionamento se realizou através de um discurso empreendido pelo editor-chefe do jornal, cujo discurso levou em consideração um conjunto de valores e de crenças de seu auditório (leitores do jornal) com a finalidade de orientar o discurso desse gênero.

Levando em consideração Charaudeau (2006), é possível a identificação, no editorial, do *ethos* de solidariedade de editor-chefe do jornal *O Dia* ao escrever o texto de opinião, mas, também se identifica uma característica bastante peculiar no editorial, um discurso de manifesto do editorialista ao se posicionar sobre um tema polêmico através da categoria da “desqualificação”. Essa desqualificação se evidencia com os vários atributos negativos relativos ao Asilo de Alienados, ou seja, denúncia de maus-tratos de paciente psiquiátrico, em contraposição ao enaltecimento do Meduna com ênfase nas contribuições do médico Clidenor de Freitas Santos. Desse modo, ressaltamos que “a solidariedade se caracteriza pela vontade de estar junto, de não se distinguir dos outros membros e, sobretudo, de unir-se a eles a partir do momento em que se encontrarem ameaçados”. (Charaudeau, 2006, p. 163). Quanto a esse discurso de manifesto do editorialista, como forma de melhor visualizar essa estratégia, recorreremos ao trecho do editorial em que o orador se posicionou, utilizando-se da figura da metáfora ao afirmar que “os alienados eram tratados como animais, acorrentados como bichos e tratados como feras”.

Além do mais, identificamos também o *ethos* de enaltecimento do trabalho do médico Clidenor de Freitas Santos e da instituição Meduna através da figura do reconhecimento do trabalho do psiquiatra e da instituição no estado do Piauí. Esse enaltecimento é identificado a partir do momento que o orador se posicionou e afirmou que “com um trabalho eficiente, honesto, de profunda preocupação humana, o médico Clidenor de Freitas Santos adquiriu a confiança do povo piauiense, e suas qualidades de humanista dotado de conhecimentos raros da ciência, no Piauí da década de 40, o colocaram no plano superior de uma sociedade de homens arrojados e trabalhadores”. Nessa mesma direção, o orador segue, utilizando-se de um discurso epidítico, com o objetivo de aclamar e de louvar o trabalho desenvolvido pelo médico, algo extraordinário para a área da psiquiatria naquela época. Essa aclamação feita pelo orador se verifica no seguinte trecho: “e construiu sua própria clínica, reiniciando um processo de tratamento que revolucionaria o Nordeste e alcançaria o Brasil inteiro, tal a fama foi conquistada pelo Sanatório Meduna”.

Ressaltamos ainda que a construção *ethos* do orador do jornal se manifestou num imbricamento do uso de estratégias que estão no âmbito das emoções. Nesse sentido, o discurso presente, neste editorial, foi possível de despertar a tópica da indignação, do ódio e do amor. Conforme Meyer (2021) e Figueiredo (2020), a tópica da indignação é um sentimento de descontentamento, ou melhor, compreende um desgosto por aqueles que parecem ser felizes sem nenhum merecimento que, por sua vez, gozam de sucesso sem que haja merecimento. No contexto do editorial, essa tópica tornou possível de se manifestar a partir do momento que o editorialista argumentou acerca de cenas degradantes e desumanas, destacando as situações em que os pacientes psiquiátricos foram submetidos no *Asilo de Alienados*, na década de 40, com o argumento de que “os alienados eram tratados como animais, acorrentados como bichos e tratados como feras”.

Como forma de persuadir seu leitor, o editorialista jogou também com a tópica do ódio. Essa tópica, segundo Meyer (2021) e Figueiredo (2020), é vista como um sentimento que promove o afastamento do outro. Ou melhor, é o desejo de causar mal a alguém. O ódio está relacionado à inimizade de forma geral, e não a alguém em particular.

No contexto do gênero editorial, o editorialista ao argumentar sobre a tese de que o médico Clidenor de Freitas Santos se deparou com cenas degradantes e desumanas ao assumir a direção do Asilo de Alienados na década de 40, com a finalidade de denunciar os maus-tratos em que os pacientes psiquiátricos eram submetidos, na década de 40, buscou persuadir os leitores do jornal *O Dia* jogando com as emoções, principalmente, ao destacar, conforme o trecho a seguir, de que “os alienados eram tratados como animais, acorrentados como bichos e

tratados como feras”, mas, também, ao abordar que “foram 1.450 quilos de correntes que cercavam a liberdade de movimento dos alienados, muitas vezes provocando a ira até de familiares. Era um processo profundamente desumano, arrebatando a possibilidade de recuperação de qualquer indivíduo acometido pela loucura”. Tal situação, poderia comover ou mover o auditório (os leitores/sujeitos destinatários do jornal *O Dia*), em específico, da coluna de opinião, o despertar do ódio, tendo em vista a exposição pelo jornal da forma como os pacientes psiquiátricos eram vistos e tratados, na década de 40, no Asilo de Alienados.

Em relação à tópica do amor(amizade), o orador constrói uma imagem de aclamação do trabalho do médico através da figura do reconhecimento. Para Meyer (2021) e Figueiredo (2020), essa paixão pode se manifestar quando se deseja para o outro tudo aquilo que você considera bom, ou seja, consiste no desejo para alguém e não para si. No editorial, essa tópica tornou-se possível de ser suscitada, em especial, quando o editorialista enfatizou sobre a preocupação do médico Clidenor de Freitas Santos, período em que esteve como diretor do Asilo de Alienados e, principalmente, quando no texto é enfatizado as contribuições do projeto de construção de sua própria clínica, cujo funcionamento durou mais de 50 anos, atendendo a população piauiense e regiões vizinhas.

Essa tópica pode se manifestar ao passo que no editorial se argumentou que “com um trabalho eficiente, honesto, de profunda preocupação humana, o médico Clidenor de Freitas Santos adquiriu a confiança do povo piauiense, e suas qualidades de humanista dotado de conhecimentos raros da ciência, no Piauí da década de 40, o colocaram no plano superior de uma sociedade de homens arrojados e trabalhadores”. Desse modo, enfatizou que: “e construiu sua própria clínica, reiniciando um processo de tratamento que revolucionaria o Nordeste e alcançaria o Brasil inteiro, tal a fama conquistada pelo Sanatório Meduna”. Ressaltamos que ao passo que se observou a possibilidade de efeito de patemização, também se observou, através de um discurso epidítico do editorialista, a construção de sua imagem (o *ethos*), utilizando-se de um discurso de opinião para se posicionar de forma aclamativa ao projeto do psiquiatra no que tange à construção do Meduna e, ao mesmo tempo, chamou a atenção do leitor de que o médico implementou métodos revolucionários, naquela época, na área psiquiatria.

Além do mais, a manifestação do editorialista se encontra entrelaçado com a tópica da segurança (confiança) que, segundo Meyer (2021) e Figueiredo (2020), essa tópica se configura como o contrário de medo, sendo necessário ressaltar que esse sentimento é acompanhado da esperança, ou seja, uma antecipação das coisas que proporcionam à segurança. No contexto do editorial, houve a possibilidade dessa emoção se manifestar, no auditório, a partir do momento que o editorialista se posicionou, através de um ato de manifesto, e argumentou que: “essa

situação precisa mudar. E Clidenor de Freitas teve que retirar, sob o protesto de pessoas que temiam consequências mais graves, as correntes que prendiam ‘aqueles animais humanos’”. Ou seja, a atitude do médico se constituiu numa esperança de mudança quanto ao tratamento psiquiátrico adotado no contexto piauiense, pois o despertar da tópica da confiança pelos leitores do jornal *O Dia* se configurou no texto, a partir do momento que o jornal destacou a credibilidade e o esforço do médico enquanto especialista da área da psiquiatria e sobre o qual se encontrava o desejo de mudança, sobretudo, em relação ao tratamento psiquiátrico adotado na época.

Em síntese, no texto opinativo, o exórdio se configura logo no título (Meduna) e no primeiro parágrafo, com o objetivo de situar seu leitor em relação à temática do texto e, principalmente, deixando explícito o discurso de exaltação ao trabalho do médico para em seguida fazer uma exposição de fatos, cujo fenômeno retórico contribui para a disposição do discurso com a narração desses fatos. Na narração, o orador (jornalista) expôs seu ponto de vista e apresentou os fatos referentes ao assunto defendido e, posteriormente, se observa a confirmação de seu discurso. Essa confirmação trata-se da capacidade de sedimentação dos argumentos com o objetivo de defender sua tese exposta no início do texto. Diante dos argumentos empreendidos no texto opinativo, assim como considerando a divisão da disposição no discurso retórico, destacamos a peroração (epílogo) responsável pelo final do discurso.

Feito isso, enfatizamos também as contribuições da operação da *elocução*²⁸. Para observarmos esse fenômeno, no sistema retórico do discurso midiático, recorremos ao texto do jornalista José Fernandes Rêgo²⁹ publicado pelo jornal *O Dia*, em 18 de abril de 1954. Na ocasião, o jornalista afirmou que o “Meduna é, sem dúvida, do ponto de vista estritamente material, a maior realização, de iniciativa pública ou privada, já empreendida no Piauí, desde a chegada dos Mafrense³⁰.” Ressaltamos que o Meduna se destacou pela sua estrutura, mas também pelas técnicas terapêuticas implementadas pelo psiquiatra Clidenor de Freitas Santos.

Figura 15 – Artigo de opinião, O Dia, 18 de abril de 1954

²⁸ Ferreira (2021, p. 116) traz a seguinte definição para a elocução (elocutio): “operação retórica que consiste em atuar sobre o material da dispositivo. É a construção linguística que manifesta as virtudes e defeitos da energia retórica de construção textual”.

²⁹ RÊGO, José Fernandes do. O Vitorioso do Meduna. Teresina: O Dia, 18 de abril de 1954.

³⁰ Importante destacar que os mafrenses chegaram às terras piauienses, na década de 1670, para a criação de gado e fundação de fazenda.

Orgão Independente, Noticioso e Político

O VITORIOSO DO MEDUNA

J. Fernandes do Rêgo

LOUIS JACOLLIOT, nos conta, no seu livro "Voyage au pays des perles", interessante episódio de faquirismo, ocorrido em Cella, em que um faquir, depois de exercitar suas habilidades, que, aos olhos do ocidental, parecem sobrenaturais, respondendo a uma pergunta sobre seu poder, afirmou que todo ele era o resultado, unicamente, da conjugação de todas as suas forças intelectuais, morais e físicas, na formação da vontade.

A resposta do mago oriental explica, de modo bastante razoável, o milagre que representa, em nosso meio, a construção do Sanatório Meduna, portentoso monumento arquitetônico, erigido pelo gênio de Cildenor de Freitas Santos que, mesmo rodeado da descrença de muitos, da indiferença de tantos e da má vontade de não poucos, não cedeu um milímetro do ideal que o abraça, de servir a nossa terra, recuperando braços e inteligências para ajudarem no trabalho em prol do seu engrandecimento.

Realmente, a inauguração do Sanatório Meduna nos oferece ensejo para que reflitamos no muito que pode realizar, mesmo sozinho, um homem decidido a usar, na consecução dos seus nobres fins, as armas de sua fé e as energias do seu espírito público. O Meduna é, sem dúvida, do ponto de vista estritamente material, a maior realização, de iniciativa pública ou privada, já empreendida no Piauí, desde a chegada de Mafrense. E não o edificou uma personalidade rica, que dispusesse de recursos para afastar os impecilhos que uma tarefa desta ordem encontra a toda hora. Muito ao contrário. Estamos diante do resultado vitorioso do trabalho de um indivíduo pobre, que, na construção desse hospital, inverteu suas economias particulares, os proventos do seu árduo labor e teve que fazer uso amplo do seu crédito, dando, assim, mostra de sua confiança no futuro da nossa terra e na compreensão de todas as pessoas de boa vontade.

E' justo, pois, que nos regozijemos todos com a conclusão e inauguração do Meduna justamente quando o Piauí começa a tomar consciência de que urge superar as ridículas e irritantes lutas políticas de fundo estritamente pessoal, que, há tantos anos, dividem os seus filhos, e encarar de frente os problemas do seu porvir, que se apresenta sob os signos menos auspiciosos, no quadro de um Brasil em que o Sul se enriquece a cada passo, de recursos materiais, de técnica e de braços alienígenas, enquanto o Norte se exaure com emigração dos seus filhos melhores, com a dizimação dos seus rebanhos, com a derrocada de seus produtos extrativos, mantidos, apenas, por financiamentos passageiros e, sobretudo, por uma falsa compreensão do significado da vida pública aqui considerada como uma pugna, nem sempre incruenta, em que, para derrotar o adversário, não se hesita mesmo em aniquilar ou comprometer seriamente os destinos da comunidade.

E', pois, uma grande lição que o Meduna nos ensina: lição de esperança nas virtudes do trabalho, de confiança no sucesso dos homens de bem, de coragem no enfrentar os reveses passageiros ou os obstáculos que se opõem a todas as iniciativas verdadeiramente arrojadas e inovadoras.

Em página imortal afirmam-nos Tácito que a riqueza das nações não se avalia pelo número dos seus navios

(Continua na 3.ª página)

— Sim, doutor Hugo, meus sapatos!!...

— H'ome e onde diabo você deixou seus sapatos — perguntel-lhe, novamente, intrigado com aquela história.

— Você tem certeza que veto mesmo calçado?

— Vim, n'hou sim, mais tirei e deixei ali debaixo daquela mesinha com os outros!!...

— E foi assim, meu caro, continuou o dr. Hugo, que ele me contou, detalhadamente, os pormenores que eu ignorava desta história que pude compreender porque o Ranulfo ficou sem os seus sapatos. Vi que ele pensava que a história do Museu, agora, era moda no Rio de Janeiro. Tive, altas horas da madrugada, que despachar o meu motorista atrás dos sapatos do Ranulfo...

E terminando, soltou uma última bafada na sua pitteira dourada:

— Eis aí, meu caro jornalista, a razão por que não me animo em convidar os meus conterrâneos. Basta os apertos que passei com os sapatos do Ranulfo...

Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí.

Para discutir sobre a elocução como um passo pertencente ao sistema retórico, foi preciso compreender o gênero artigo de opinião no que diz respeito à sua estrutura e sua finalidade comunicativa na esfera jornalística. *A priori*, esse gênero é definido como aquele “que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele expõe a opinião de um articulista, que pode ou não ser uma autoridade no assunto abordado” (Boff, Köch, Marinello, 2009, p. 03).

Ainda conforme as pesquisadoras, elas compreendem que esse gênero se configura como um gênero discursivo que busca convencer o outro sobre um ponto de vista, persuadindo e transformando nossas convicções mediante uma argumentação favorável à posição defendida ou uma refutação de opiniões que se opõem à tese. Além do mais, argumentam que “esse gênero pertence à ordem do argumentar, uma vez que o sujeito enunciador assume uma posição a respeito de um assunto polêmico e a defende” (Boff, Köch, Marinello, 2009, p. 03).

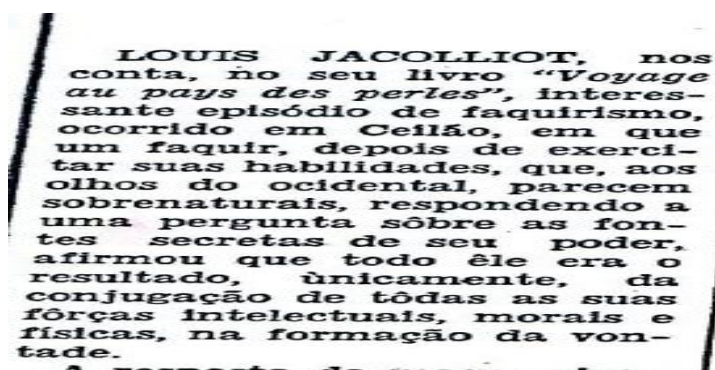
Em síntese, esse gênero se constitui em uma relação direta com as estratégias discursivas usadas com o objetivo de persuadir um determinado leitor. Essas estratégias, segundo as pesquisadoras, são utilizadas para fundamentar os argumentos, que são:

[...] acusações claras aos oponentes, insinuações, digressões, apelações à sensibilidade ou tomada de distância através das construções impessoais para dar objetividade e consenso à análise desenvolvida, uso de recursos descritivos ou a especificação das diferentes fontes da informação (Boff, Köch, Marinello, 2009, p. 04).

Essas informações são importantes, visto que a disposição representa a macroestrutura textual e a elocução conclui o processo persuasivo ao passo que demonstra os argumentos na superfície textual e, conseqüentemente, esse gênero chega ao leitor de forma global quanto aos aspectos significativos de seu ato retórico. Desse modo, a elocução, como uma operação retórica, nos possibilita compreender a escolha e o emprego das palavras pelo jornalista no artigo de opinião, pois essa etapa do sistema retórico se configura o modo como se trabalha os elementos linguísticos em um determinado discurso, ou seja, é vista com a redação do artigo de opinião enquanto um discurso retórico e sobre o qual se encontra a questão estilística, o tratamento com a língua no que tange à forma e o conteúdo. Em síntese, esse componente operacional mantém uma conexão com a disposição.

Assim sendo, foi possível verificar, na superfície textual, alguns aspectos que podem provocar a persuasão. Com isso, partiu-se da seguinte pergunta: como se pode caracterizar o estilo do autor? Diante disso, tornou-se possível verificar a construção de sua imagem (*ethos*) ao enunciar sobre o Meduna, assim como se observou o uso de apelo à sensibilidade (o *pathos*) ao seu auditório no decorrer do artigo de opinião. Para isso, tomamos, inicialmente, a introdução do artigo de opinião.

Figura 16 – trecho do artigo de opinião

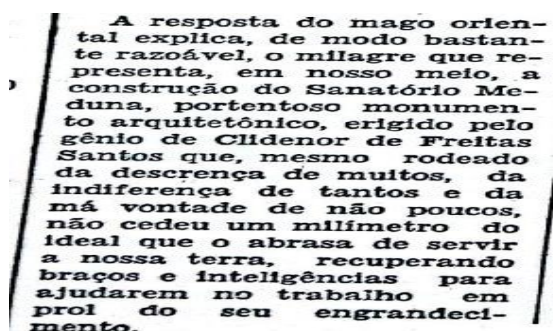


Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí

Com base nesse trecho, verificamos que o jornalista recorreu a um argumento de autoridade, cujo argumento se evidencia ao destacar, na introdução do texto, o livro de *Louis*

*Jaccolliot*³¹. Nesse sentido, demos ênfase ao episódio de faquirismo, para defender sua ideia, por sinal bastante polêmica, ao argumentar através de um discurso laudatório, a vitória do médico Clidenor de Freitas Santos com a inauguração do Meduna que, segundo José Fernandes Rêgo, foi fruto de sacrifício do médico. O texto se constitui em discurso rebuscado, utilizando-se da norma culta da língua portuguesa e, com isso, vai compondo um *ethos* de erudição, de solidariedade e de reconhecimento ao trabalho arrojado do médico. No geral, o jornalista conferiu autenticidade aquilo que disse a partir do momento que recorreu ao argumento de autoridade, a fim de demonstrar sua legitimidade e sua credibilidade ao seu discurso e, principalmente, com o objetivo de justificar seu ponto de vista. Porém, evidenciamos que a intencionalidade do jornalista foi homenagear o médico com a utilização de um discurso de louvação e de aclamação no que tange à inauguração de seu hospital.

Figura 17 – trecho do artigo de opinião



Fonte: Acervo do Arquivo Público do Piauí.

Diante disso, é possível compreender que o artigo de opinião se torna um gênero persuasivo para o público que defendia que a saúde mental deveria ser tratada em hospitais psiquiátricos, manicômios, sanatórios, entre outros. Desse modo, o articulista explorou, em seu texto, aspectos que se encontram nos imaginários sociodiscursivos do leitor e, para isto, evocou, em sua discussão, o poder do “mago”, visto como aquele ser que é capaz de transformar realidades através da magia e do milagre. Observamos, nesse trecho, um argumento de comparação, pois o médico é comparado ao “mago”³² através de um jogo metafórico, que assim como um mago, o médico também realizou o milagre da construção de seu hospital.

³¹Nasceu em 31 de outubro de 1837 em Charolles, Saône-et-Loire, e morreu em 30 de outubro de 1890 (52 anos) em Saint-Thibault-des-Vignes, Seine-et-Marne. Além de advogado, também foi escritor, juiz colonial e conferencista. De nacionalidade francesa, ele escreveu romance histórico e de aventuras.

³² De acordo o dicionário de Kury (2001, p. 481), o mago é o “antigo sacerdote das medas e persas. Bruxo, feiticeiro, mágico. Cada um dos três reis que foram a Belém, na Palestina, adorar o recém-nascido menino. Mágico, encantador, fascinante.

Destacamos também que Rego (1954), o jornalista, evocou um imaginário social que se encontra ancorado em um saber de crença largamente legitimado pela sociedade, ou seja, esse imaginário se assenta no *saber de revelação*, segundo Charaudeau (2017). Diante disso, compreendemos que esse saber se manifesta a partir do momento que o jornalista apresentou a ideia de “mago”, algo que pode ser observado pela ótica da religião, principalmente, quando é narrado, na bíblia, que os três reis magos foram a Belém adorar o menino Jesus, uma forma de festejar seu nascimento, presenteando com ouro, incenso e mirra. Tal argumento se encontra engatilhado em um dogma, ou seja, em um conhecimento fechado, mas que se manifesta pela modalidade de evidência e sobre o qual se torna possível a mobilização da fé, sobretudo, daqueles que acreditavam, na época, na doutrina cristã.

Ressaltamos, ainda, os possíveis interpretativos que podem ser acionados no texto “O vitorioso do Meduna”, a partir do momento que o autor do artigo de opinião insere na sua discussão valores semânticos e discursivos com o uso do termo “mago” para reiterar alguns aspectos, como: sabedoria e conhecimento, generosidade, perseverança, elogio e reconhecimento, motivação e inspiração e criação de uma imagem positiva. Em relação ao aspecto da sabedoria e do conhecimento, metaforicamente, o psiquiatra Clidenor de Freitas Santos foi comparado aos Reis Magos, ou seja, um ser instituído de sabedoria, a tal ponto, de construir um monumento arquitetônico para auxiliar na área da psiquiatria: o sanatório Meduna.

Quanto ao aspecto da generosidade, é possível depreender que, assim como os Reis Magos ofereceram presentes valiosos a Jesus, naquela época, como uma forma de simbolizar generosidade e oferecimento, também ao comparar com o acontecimento de construção do Meduna, o jornalista chamou atenção do leitor para o fato de que o psiquiatra foi considerado por ele como uma pessoa generosa, sobretudo, porque investiu recursos e talentos na construção seu hospital.

O médico pode ser considerado também como aquele que dispõe de perseverança, pois mesmo diante das dificuldades, não desistiu dos seus sonhos, ainda que sozinho, foi capaz de construir seu império, ou seja, um hospital que atendeu a população piauiense e regiões vizinhas por mais de meio século. Salientamos, ainda, que o texto do artigo de opinião se constitui como um gênero epidítico, cujo objetivo do texto foi elogiar o trabalho e o empenho do médico Clidenor de Freitas Santos. Desse modo, encontram-se no texto, os aspectos do elogio e do reconhecimento atribuídos pelo jornal *O Dia*, através do jornalista J. Fernandes do Rêgo. Assim sendo, comparar o Reis Magos com o psiquiatra foi uma forma, dentre outras metáforas, de elogiar e reconhecer suas qualidades e ações frente à construção do sanatório Meduna.

Também é importante salientar o destaque dado ao aspecto da motivação e da inspiração quando se compara o médico com o “mago”, uma vez que a atitude dele poderia servir para outras pessoas como fontes de inspiração na continuidade de seus objetivos e valores, principalmente, as questões relacionadas ao sistema manicomial piauiense. Por fim, o texto busca construir uma imagem positiva do médico, tendo em vista que durante a discussão do artigo de opinião, encontra-se um forte empreendimento em qualificá-lo, assim como orador buscou destacar suas ações, a fim de apresentá-lo como um modelo a ser seguido na área da psiquiatria.

Ainda no fragmento da figura 17, também se evidencia o argumento do sacrifício³³, principalmente, quando o jornalista afirmou que “não cedeu um milímetro do ideal que o abraça de servir a nossa terra”. Tal dito, pode engatilhar, no leitor, o sentimento de gratidão, visto que o orador tenta mover seu auditório pelas emoções, e através de um discurso epidíctico, ele louva a atitude do psiquiatra e busca construir uma imagem positiva do médico, sem contar que o articulista, no decorrer de seu texto, busca construir uma imagem de si e, para isso, formula um *ethos* de especialista numa tentativa de demonstrar que é conhecedor da Trajetória do médico, ressaltando, assim, o empenho e o sacrifício do psiquiatra para a construção do hospital.

Destacamos também a presença do *ethos* de defensor da construção do Meduna, conforme observamos no seguinte dito: “[...] o Meduna é, sem dúvida, do ponto de vista estritamente material, a maior realização, de iniciativa pública ou privada, já empreendida no Piauí [...]”. Esse *ethos* refere-se à imagem construída pela jornalista, como aquele que defendeu e demonstrou ser conhecedor do projeto Meduna. Desse modo, o jornalista reforça sua imagem a partir do momento que acrescenta, no texto, o argumento de sacrifício ao afirmar que “estamos diante do resultado vitorioso do trabalho de um indivíduo **pobre**, que, na construção desse hospital, **inverteu suas economias particulares, os proventos do seu árduo labor e teve que fazer uso amplo do seu crédito [...]**”. O articulista utiliza-se de um discurso laudatório com o objetivo de exaltar o empenho e o sacrifício do médico para a construção do sanatório, e ao mesmo tempo, em seu discurso, ele buscou despertar no leitor do jornal *O Dia* o sentimento de gratidão.

Além disso, acrescentamos a essa reflexão a discussão empreendida sobre a operação *a ação*, designada no discurso retórico como a última etapa. No contexto do artigo de opinião,

³³ Perelman e Olbrechts-Tyteca (2014, p. 281) afirmam que “um dos argumentos de comparação utilizados com mais frequência é o que alega o sacrifício a que se está disposto a sujeitar-se para obter certo resultado”. Fiorin (2015, p. 164) corrobora os representantes da nova retórica ao argumentar que “o sacrifício serve para provar as qualidades morais de uma pessoa ou de um ato”.

reiteramos a preocupação do articulista em construir sua imagem em defesa do Meduna como um hospital que transformaria a vida da sociedade piauiense e, ao mesmo tempo, buscou preservar um *ethos* de especialista, com a utilização de argumentos que reforçou seu posicionamento frente à ideia vitoriosa do médico Clidenor de Freitas Santos.

Por conseguinte, o jornalista chamou a atenção do leitor de que “é justo, pois, que nos regozijamos todos com a conclusão e inauguração do Meduna justamente quando o Piauí começa a tomar consciência de que urge superar as ridículas e irritantes lutas políticas de fundo estritamente pessoal[...]”. Diante desse cenário discursivo, se evidencia o *ethos* de crítico a partir de seu posicionamento com o objetivo de aclamar a atitude do psiquiatra, sobretudo, destacando que o médico transcendeu a um paradigma de lutas pessoais a partir do momento que ele demonstrou preocupação com o funcionamento do sistema manicomial, algo que se encontra em um paradigma de direito coletivo. Já na parte final do artigo de opinião, o articulista dramatizou, com o objetivo de estabelecer a persuasão e, para isto, engatilhou a tópica do favor, pois buscou despertar, no leitor do jornal, o sentimento de benevolência. Esse efeito de passionalidade é possível de ser observado no seguinte dito: “é, pois, uma grande lição que o Meduna nos ensina: lição de esperança nas virtudes do trabalho, de confiança no sucesso dos homens de bem [...]”. Além da tópica do favor ancorada no sacrifício empreendido pelo psiquiatra com a construção do Meduna), o jornalista também joga com o sentimento de esperança, uma emoção possível de ser despertada a partir do momento que o articulista se utilizou de argumentos com o objetivo exaltar o projeto ousado do médico.

Como fecho deste tópico, evocamos a pesquisa de Meyer (2007) e de Ferreira (2021), principalmente, porque eles abordaram, em suas investigações, sobre os gêneros retóricos, sobre as provas retóricas (*ethos*, *pathos* e *logo*) e sobre as operações que compõem o sistema retóricos, tais como: invenção, disposição, elocução e ação. Esses conceitos foram importantes e necessários para o empreendimento analítico desse tópico, reforçando ainda mais a articulação das provas retóricas como estratégias que se imbricam com a finalidade de persuadir o leitor do jornal *O Dia*. Nesta seção, propomos uma análise da construção de *ethos* dos jornalistas ao opinar sobre o Sanatório Meduna; no próximo tópico, analisaremos os efeitos passionais utilizados pela mídia piauiense ao informar fatos relacionados ao Meduna.

6.3 A retórica da sedução: entre informar e persuadir

A palavra é mesmo uma entidade mágica. Fugidia, ela nos faz perseguir um sentido. Às vezes, se esconde e não nos permite entendê-la em plenitude, mas, ainda assim, nos arrebatava, encanta, envolve e toma conta de nossos corações e mentes [...]. As palavras realmente encantam. E não importa a roupa que usem: se revestidas de pompa, podem esconder enorme simplicidade; outras vezes, sob a veste simples do dia a dia, trazem ensinamentos profundos (Ferreira, 2021, p. 7-8).

A análise empreendida neste tópico é fruto de uma investigação de natureza epistêmica que se encontra no campo da Retórica, da Argumentação e da Análise Semiolinguística do Discurso. A partir desse contexto, no insigne texto de Maria Flávia Figueiredo, “Ampliação e aplicabilidade analítica da ‘Trajetória das paixões’”, a pesquisadora demonstra que é possível estabelecer um percurso de observação e de investigação das emoções e, para isso, toma como ponto de partida a *Retórica das paixões* de Aristóteles e o célebre prefácio de Michel Meyer presente na obra do filósofo estagirita. Desse modo, também concordamos com a visão adotada por Ferreira (2021) ao elencar a magia das palavras nas interlocuções humanas, capazes de comover e de mover um auditório, no momento da leitura ou quando se escuta uma notícia. Ressaltamos ainda que tudo isso depende das crenças, dos valores e do estado de espírito em que se encontra um determinado auditório.

Falar de *loucura*, de *manicômio*, de *sanatório*, considerando as funções por elas exercidas no decurso da história, em sua essência, essas designações são possíveis de suscitar no outro um efeito passional. Claro que as emoções despertadas dependem das crenças e dos valores que são partilhados entre os sujeitos. Com base nisso, os sentidos atribuídos a essas palavras, levando em conta os discursos produzidos pelo jornal, estão associados aos valores e as crenças que foram empreendidas pelo jornal *O Dia*, por exemplo, ao passo que essa instância decidia noticiar fatos relacionados ao Meduna. De um lado, encontramos o jornal que ocupa a função de instância de produção, ou seja, como a instância responsável pela produção e pela divulgação de um acontecimento sobre a instituição, e, de outro lado, situamos a instância de recepção que compartilha das crenças e dos valores adotados pela instância de produção.

A análise desta seção é fruto de leituras realizadas acerca dos estudos desenvolvimentos na retórica e sua retomada nos estudos da Semiolinguísticos de Patrick Charaudeau. Tal escolha se deu porque na referida teoria charaudiana tem desenvolvido pesquisa sobre a *visada petêmica* com enfoque em analisar os discursos da mídia piauiense conforme pesquisa de Emediato

(2007) e de Charaudeau (2010). Nesta pesquisa, conforme o objetivo geral, empreendemos um percurso analítico voltado para o discurso midiático, especificamente, com vista às produções de notícias pelo jornal *O Dia* ao passo que se propôs a informar fatos relacionados ao Sanatório Meduna e/ou médico Clidenor de Freitas Santos.

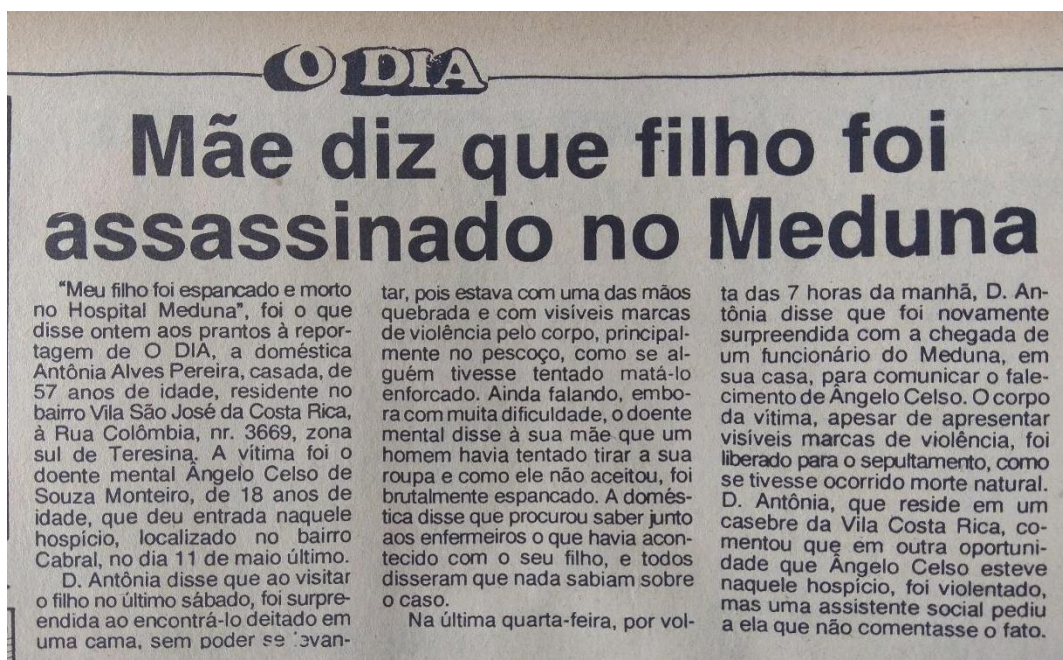
Para tanto, ressaltamos que a estratégia das emoções como um recurso persuasivo, que ora analisamos nesta pesquisa, não diz respeito a um efeito produzido, mas sim, um efeito visado (ou suposto) conforme é defendido nos estudos discursivos de abordagem Semiolinguística. Assim, recorreremos à mídia piauiense como forma de identificar e analisar as notícias que trazem em seu bojo diversas engrenagens passionais com a tentativa de despertar as paixões, com o objetivo de comover e mover os ânimos de seu auditório em relação aos fatos noticiados sobre o Meduna. Desse modo, apoiamo-nos em Aristóteles (2015), Charaudeau (2010; 2015; 2017), Emediato (2007), Ferreira (2021), e, principalmente, na pesquisa de Figueiredo (2020), além de Meyer (2007). Com base nessa última pesquisa, propomos uma ampliação da proposta desenvolvida pela pesquisadora acerca do que ela denominou de “Trajetória das paixões”. Para isto, ressaltamos que essa ampliação toma como base o olhar deste pesquisador diante do *corpus* analisado e dos efeitos passionais encontrados nas notícias que compõem esse *corpus*.

Desse modo, partimos do entendimento de que o *pathos*, numa visão aristotélica, está ligado a um auditório, e no contexto desta investigação, esse auditório é constituído pelos leitores dos jornais, sendo que o jornalista como forma de movê-lo, utiliza-se de estratégias do campo passional com a tentativa de comovê-lo, convencê-lo mediante um acordo centrado nas crenças e nos valores que se assentam as paixões suscitadas pelo seu auditório. No entanto, chamamos a atenção para o fato de que o *pathos*, na Análise Semiolinguística do Discurso, conforme Charaudeau (2010, p. 34, grifo do autor), é visto como “[...] o processo discursivo pelo qual a emoção pode ser estabelecida, ou seja, tratá-la como um *efeito visado* (ou suposto), sem nunca ter a garantia sobre o *efeito produzido*”. Compreendemos, assim como ele, que os efeitos passionais, como uma estratégia discursiva e argumentativa, são considerados fora do vivenciado, e apenas como uma provável eclosão do seu “sentido” em um sujeito específico que se encontra em uma situação particular.

Tal afirmação será de suma importância para o desenvolvimento analítico desta seção, considerando que o *corpus* deste tópico, trata-se de textos jornalísticos que tem um caráter informativo. Com base nisso, buscamos compreender a *visada patêmica*, empreendida no discurso midiático, alinhado às demais provas retóricas, ou seja, ao *logos* e ao *ethos*. Compreendemos, inicialmente, que as estratégias utilizadas pelo orador (o jornalista) se

encontram no campo passional, como uma estratégia possível de mover e de comover seu auditório (o leitor do jornal *O Dia*). Diante disso, foi necessário levantar alguns questionamentos: como o jornal construiu/reproduziu discursos sobre o Meduna como uma questão de ordem social e sobre as pessoas por ele afetadas? Como o fenômeno da patemização se desvela em notícias, como uma estratégia de persuasão em discursos sobre essa instituição, considerando a finalidade comunicativa do jornal (informar) e a captação (afetar pela emoção)? Quais imaginários sociais foram mobilizados ao informar sobre o Meduna? Desse modo, tomamos como ponto de partida para essa análise, uma notícia publicada pelo jornal *O Dia*, em 14 de agosto de 1992.

Figura 18 - notícia, *O Dia*, 14 de agosto de 1992



Fonte: Acervo particular do jornal *O Dia*.

Antes de qualquer outra interpretação, é importante refletir, que o orador [o jornalista] é um ser revestido de sentimentos, valores e crenças. Essa constelação de aspectos relacionados a ele contribui para sua constituição e, desse modo, colaboram direta ou indiretamente para o modo como esse orador apresenta o acontecimento. Em sua essência, o jornal se configura como uma instância carregada de aspectos valorativos, de uma axiologia político-social e de emoções que funcionam como combustível para o processo persuasivo da notícia, ainda que esse gênero não almeje, de forma explícita, uma visada argumentativa, mas é possível encontrar no texto, uma dimensão argumentativa, a partir do momento que o orador faz escolhas lexicais em sua enunciação com uma intencionalidade determinada, que foi noticiar um fato bastante polêmico

envolvendo uma das maiores instituições da área da psiquiatria no Piauí (o sanatório Meduna). Portanto, na notícia, evidenciamos que o jornal *O Dia* como uma mídia local, assenta-se fortemente em um componente afetivo na forma como apresentou esse acontecimento.

Para o empreendimento analítico desta seção, foi necessário considerar prioritariamente as categorias e a classificação propostas por Figueiredo (2020), porém, tornou-se imprescindível nossa retomada aos estudos aristotélicos, sobretudo, os estudos empreendidos na *Retórica* e na *Retórica das paixões*, assim como foi preciso recorrer aos estudos de Meyer (2021) e de Ferreira (2021) sobre o sistema retórico, mais especificamente, no diz respeito às engrenagens passionais com vista a classificação das tópicas patêmicas e as operações retóricas que contribuem para a observação e para a análise das emoções em notícias. Feito isso, passaremos a analisar a notícia à luz da Trajetória das paixões segundo Figueiredo (2020).

Finalmente, tendo em vista as reflexões anteriormente apresentadas sobre o *pathos*, como analisar as emoções no discurso midiático sem que a leitura se concentre apenas na descrição? Compreendemos que essa leitura pode, e talvez deva, se encaminhar a partir de trabalhos já produzidos por pesquisadores, como esses citados acima, em associação, e sem uma percepção anacrônica, com categorias da retórica clássica e moderna, de modo a realçar o que o sistema retórico, não somente a *inventio*, como também a *elocutio* e a *actio* tem a nos oferecer.

Salientamos, *a priori*, sobre os gêneros retóricos empregados pelo jornalista. O assunto tematizado na notícia é de natureza social e política, pois compreendemos que todo discurso, de alguma maneira, é político, uma vez que, de uma forma ou de outra, tem como finalidade um bem comum. Nesse sentido, por apresentar interesses ligados à coletividade, encontramos, portanto, a presença do gênero deliberativo considerando o seu caráter denunciante presente na notícia no que tange ao assassinato de Angelo Celso de Sousa Monteiro, aos 18 anos.

No âmbito do sistema retórico, entendemos que o jornalista desta notícia, utilizou-se de provas, principalmente, ao recorrer ao relato da mãe de Angelo para estabelecer a credibilidade e a veracidade daquilo que foi informado. Nesse momento, o orador buscou descobrir, achar e encontrar provas para sustentar seu discurso. Em relação à disposição do discurso, como uma etapa de organização e de distribuição dos argumentos, compreendemos como o momento da notícia, em que o jornalista juntou as provas e as colocou no texto, em uma ordem psicológica, de modo a compor uma unicidade a fim de alcançar e lograr êxito em seu processo persuasivo.

Assim sendo, compreendemos que o orador (o jornalista) buscou comover e mover seus leitores logo no título e no primeiro parágrafo (*lide*) do texto. Esse efeito passional se configura também, no sistema retórico, como o *exórdio*, ou seja, configura-se como a introdução do

discurso presente na matéria, cujo caráter é informar, mas ao mesmo tempo, é também um discurso denunciante. Nesse sentido, logo no título, o orador tentou comover o leitor, utilizando-se da palavra “assassinado” para chamar atenção do enfoque dado na notícia. Nesse contexto, o jornalista ao informar a morte do paciente Angelo Celso de Sousa Monteiro, de apenas 18 anos, internado no Meduna, naquela época, dispôs de um enunciado possível de despertar, no leitor, um sentimento de medo e de indignação, pois um jovem perdeu a vida.

Considerando que qualquer jornal se utiliza, com frequência, de efeitos passionais como um efeito visado (suposto) ao informar sobre um determinado acontecimento, não foi diferente com o jornal *O Dia* ao noticiar sobre o Meduna, pois esse dispositivo de comunicação, apoiado em crenças, dispõe-se da tensão na finalidade comunicativa entre a credibilidade (informar um fato) e a captação (afetar seu leitor pela emoção). Com base nisso, destacamos o discurso relatado de dona Antônia Alves Pereira, mãe de Ângelo, morto dentro do Meduna, a saber: “Meu filho foi **espancado** e morto no Hospital Meduna”. O discurso da mãe de Ângelo, relatado na notícia, pode suscitar no leitor o despertar da paixão pela Indignação. De um lado, recorremos ao Meyer (2021, p. XLVI), pois ele afirma que “[...] a indignação reflete a não aceitação (moral do espetáculo das paixões, de sua desordem”. Por outro lado, destacamos o entendimento de Figueiredo (2020, p. 37), tal como: “compreende um pesar pelos que parecem ser felizes sem o merecer ou que gozam de sucesso imerecidamente”.

No entanto, acrescentamos, diante de nossos dados, que a indignação abarca não somente um pesar relacionado ao que parece ser feliz sem merecer, mas também, a indignação pode ser suscitada a partir do momento em que o leitor, na leitura de um texto, identifica uma situação de injustiça e de revolta, algo possível de ser despertado pelo auditório quando se toma como base a ideia de “espancamento”. Dona Antônia Alves Pereira impulsionada pelo sentimento da indignação e da angústia, procurou o jornal para denunciar uma situação de irregularidades dentro do Meduna. Ao passo que o orador da notícia destacou essas emoções a partir das descrições empreendidas na matéria, também compreendemos que esses efeitos passionais podem ser despertados pelos leitores, inclusive aqueles leitores que tinham pessoas com problemas psiquiátricos. É possível depreender que o jornal, representada pelo jornalista que escreveu a matéria, procura incitar o leitor a determinadas emoções, que possivelmente, foram sentidas pela mãe do paciente. Desse modo, compreendemos que a partir do momento em que nos indignamos com algo, conseqüentemente, esse sentimento pode nos encaminhar para uma mudança, ou seja, uma ação.

Além da paixão da indignação, o jornalista jogou com a tentativa da paixão do temor (medo), principalmente, ao descrever a forma como Dona Antônia, mãe de Angelo, em uma

certa visita, relatou que encontrou seu filho com marcas de violência. O relato presente na notícia pode suscitar no leitor do jornal um sentimento de indignação no tocante aos maus-tratos sofridos pela vítima, mas também, pode comover e aguçar as emoções no auditório, despertando a paixão do temor (medo). Esse possível efeito passional pode ser observado no trecho selecionado a seguir:

Fragmento da notícia: “D. Antônio disse que ao visitar o filho no último sábado, foi surpreendida ao encontrá-lo deitado em uma cama, sem poder se levantar, pois estava com **uma das mãos quebradas e com visíveis marcas de violência pelo corpo, principalmente no pescoço, como se alguém tivesse tentado matá-lo enforcado**”.

Nesse trecho, salientamos que o orador deu destaque a questões bastante sensíveis, capazes de comover e de mover os leitores do jornal para que fossem acometidos pela paixão da indignação com essa situação vivenciada pela vítima que se encontrava no Meduna, visto ser um lugar que se presumia como um ambiente de acolhimento e de auxílio àqueles que necessitavam de um acompanhamento psiquiátrico. Já com a tentativa de suscitar a paixão do medo, pressupomos que o leitor, ao ler a notícia, poderia aguçar o temor em ver alguém próximo internado no Meduna, uma vez que, assim como Angelo foi espancado e morto dentro da instituição, qualquer outra pessoa que precisasse dos serviços do hospital, também poderia passar pela mesma situação de maus-tratos, culminando com a morte.

Assim, concordamos com Figueiredo (2020, p. 36) ao afirmar que o medo é “uma dor ou distúrbio decorrente da projeção de um mal iminente que tem caracterização destrutiva e penosa. É acompanhado de uma expectativa. Temem-se, assim, os maus que podem nos arruinar ou arruinar quem nos é querido”. Ou seja, o leitor ao se deparar com essa informação poderia se sensibilizar por aqueles que eventualmente viesse a precisar ser internado nesta mesma instituição. Por sua vez, identificamos também na notícia a tópica da “dor”, sobretudo, quando se leva em consideração o dito a seguir: “D. Antonia disse que foi surpreendida com a chegada de um funcionário do Meduna, em sua casa, para comunicar **o falecimento** de Ângelo Celso”.

Dessa maneira, torna-se necessário salientar a ideia de “morte” a partir dos valores e das crenças compartilhadas historicamente pelas religiões cristãs. De forma geral, a morte se configura como um transpassar, uma travessia, ou seja, uma ultrapassagem de uma fronteira, de modo que os cerimoniais fúnebres atribuem o mesmo princípio de partes integrantes de uma cerimônia de passagem. Com base nisso, recorremos a Charaudeau (2010, p. 49) ao destacar que a “dor”, dentre outras características, pode ser vista como “[...] uma sensação de mal-estar

profundo, de sofrimento [...]” e “a dor é provocada pela mobilização de uma rede de crenças que coloca o sujeito em posição de vítima moral [...]”.

Além do mais, essa tópica se assenta no imaginário social de que a morte é um fenômeno que deve acontecer naturalmente e vista com uma ultrapassagem da vida (na terra) para a morte (a vida no plano celestial). Portanto, a problemática discursiva da emoção está ligada aos saberes de crença, sendo possível situar essa tópica em um julgamento de valores coletivamente compartilhados no que tange às crenças das religiões sobre a “morte” como um imaginário social ancorado em um saber de opinião coletiva. Tal abordagem, encontra-se em Charaudeau (2017), texto em que se procede a uma reflexão sobre os imaginários sociais.

Em suma, essa tópica axiológica pode ser despertada no leitor do jornal *O Dia* a partir do momento em que o jornalista traz em seu discurso as seguintes palavras e expressões: *assassinado, brutalmente espancado, enforcado e morte*. Tais emoções podem suscitar também a tópica da angústia, visto que o sujeito poderia mobilizar, dependendo de seu estado de espírito, uma rede de crenças sobre as quais lhes fazem enfrentar as diferentes representações sociais, geralmente de valor negativo, de um determinado fato, a exemplo da informação vinculada na notícia, em que o paciente internado no Meduna e assassinado dentro da instituição. De acordo com Charaudeau (2010), a tópica da angústia pode se materializar em graus, como: a *melancolia, o medo e o terror*.

Nessa mesma direção, apresentamos uma outra notícia cuja discussão da temática da matéria pode mobilizar no leitor do jornal, efeitos passionais, a partir do momento que o jornalista se utiliza de estratégias que estão no campo das emoções, possíveis de comovê-lo e de movê-lo a persuasão. Trata-se de uma notícia publicada pelo jornal *O Dia*, em 18/19 de junho de 1981.

Figura 19 - notícia, *O Dia*, 18/19 de junho de 1981, p.01



Fonte: Acervo particular do jornal *O Dia*.

Ressaltamos, inicialmente, sobre os gêneros retóricos que foram empregados pelo jornalista. O assunto discutido na notícia é de natureza social e política, desse modo, compreendemos que todo discurso, de alguma maneira, é político, já que de uma forma ou de outra, tem como fim um bem comum. Assim sendo, por apresentar interesses que estão ligados à coletividade, localiza-se, portanto, a presença do gênero deliberativo considerando seu caráter informativo, sobretudo, quando o jornal informa sobre a morte de um paciente que havia fugido do Meduna.

Desse modo, partimos da compreensão de que esse jornal mobiliza na produção de suas notícias uma tensão na finalidade comunicativa entre informar e afetar seu público-alvo pela emoção como uma forma de persuadi-lo, utilizando-se de diversas engrenagens passionais que estão no campo afetivo de seu auditório. Essas emoções podem ser despertadas a partir do momento que se faz a leitura do título da matéria: “Louco **morre de fome** após fugir do Meduna”. Assim, podemos localizar a tópica da compaixão e sobre ela podemos encontrar a figura da tristeza, pois o sujeito (o leitor do jornal) poderia sentir a sensação de impotência diante do fato noticiado, ao saber que a morte foi causada por algo que poderia ser evitado.

Também vale considerar que o jornalista operou em seu discurso a partir da modalidade enunciativa *delocutiva*, pois a informação encontra-se desvinculada do orador e do auditório, ou seja, “o sujeito falante se apaga de seu ato de enunciação e não implica o interlocutor” (Charaudeau, 2016, p. 83). No campo dos efeitos passionais, o título da notícia pode mobilizar diferentes representações sociais que se encontram no imaginário social do leitor, como exemplo, a ideia de morte na nossa cultura, mas essa ideia de morte é representativa de despertar outras paixões, como a dor, a piedade e a misericórdia. Essas figuras podem se constituir em um efeito de compaixão, a partir do momento que o leitor se colocasse no lugar desse paciente psiquiátrico, como aquele que sofria de problemas e, além disso, morreu de fome após fugir do Meduna.

Além do mais, expressões patêmicas como “faminto”, “agonizando” e “débil mental” são carregadas de uma tópica axiológica, cujos saberes são partilhados na sociedade, ao afirmar que alguém está “faminto”, vem logo a ideia de um morador de rua, desvalido etc. Assim como ao se afirmar que uma determinada pessoa está “agonizando”, depreende-se, imediatamente, que se trata de um sujeito que está preste a morrer. E finalmente “débil mental”, que se configura como uma expressão preconceituosa e com valor estigmatizante na sociedade atual. Desse modo, Queiroz (2004, p.14) acrescenta que “é utilizada, ao lado de “debilóide”, “mongolóide”,

e outros termos, para desqualificar as pessoas a quem se atribui a falta de inteligência ou de discernimento”.

Diante de toda essa reflexão, passamos a observar e a analisar os efeitos passionais tomando como parâmetro a proposta de ampliação e de classificação adotada por Figueiredo (2020) no que tange à Trajetória das paixões. É importante salientar que a proposta da autora compreende uma ampliação dos estágios já dispostos na obra aristotélica. Aristóteles ao abordar sobre os efeitos passionais, no discurso retórico, considera um determinado discurso patêmico a partir de três estágios, a saber: *paixão, mudança de julgamento e ação*.

Para esta discussão, compreendemos ser necessário enfatizar que os “saberes de crença” e a “visada patêmica” se constituem em um efeito de consubstanciação nas situações de comunicação das notícias, tendo em vista que as estratégias discursivas presumem, preferencialmente, que são conhecimentos que se encontram ancorados em saberes partilhados entre os sujeitos protagonistas que compõem as notícias como um ato de linguagem. Assim, falar em visada patêmica nos leva também a refletir sobre os saberes partilhados socialmente acerca da assistência à saúde mental no Piauí, principalmente, quando se leva em consideração os discursos veiculados pela mídia piauiense sobre os fatos relacionados ao Meduna e ao médico Clidenor de Freitas Santos.

Uma discussão estreita entre *pathos* e imaginários sociodiscursivos nos faz considerar que, em suma, trata-se, de um lado, dos “**saberes patêmicos da linguagem**”, ou seja, esses efeitos passionais, presentes nas matérias jornalísticas, se constituem como uma recorrência de saberes de crença ancorado em situações sensíveis de uso da linguagem. Por outro lado, jogar com a linguagem em situações como a morte, em que se aciona uma sensibilidade afetiva, e, ao mesmo tempo, um saber de crença, desloca-se, também, saberes que emergem de conhecimentos de cunho religioso e cultural, possibilitando, assim, visualizar comportamentos e julgamentos através dos quais há a possibilidade do despertar das relações afetivas utilizadas como estratégias discursivas em matérias jornalísticas sobre o sanatório Meduna.

Assim sendo, Figueiredo (2020) ancorada em pesquisas precedentes, a exemplo de Figueiredo (2018, 2019), propôs uma possível Trajetória das paixões consoante com o que ela julgou acontecer em um processo persuasivo. Para essa pesquisadora, a contribuição de sua pesquisa repousa, *a priori*, sobre o acréscimo de dois primeiros estágios denominados de “disponibilidade” e “identificação” que servirão de gatilhos para os três estágios subsequentes, a saber: *despertar da paixão, mudança de julgamento e ação*.

Com base na proposta da autora, iniciamos nossa reflexão sobre o estágio “disponibilidade” pensado como uma possibilidade de observação e de análise no que diz

respeito à Trajetória das paixões. A pesquisadora mencionada compreende que a instância dos efeitos de patemização, em retórica, se reporta ao auditório e ao conjunto de emoções que se encontram presentes nele. Ou seja, se considerarmos as notícias analisadas nesta seção, compreenderiam a organização mental das emoções, sobretudo, aquelas capazes de serem despertadas e sentidas pelos sujeitos protagonistas do jornal *O Dia* ao ler as notícias.

Como forma de corroborar essa discussão, recorremos a Figueiredo (2020, p. 41) ao afirmar que “Para que possamos entender como se organiza a disponibilidade do auditório proponho que imaginemos que, em algum espaço de nossa organização mental, encontram-se as emoções que somos capazes de sentir”. Essa organização das emoções, de acordo com ela, depende de cada pessoa, do contexto familiar, e de seus hábitos. Para ela, determinadas emoções são mais fáceis de serem afloradas e não outras porque estão relacionadas ao nosso conjunto de hábitos e de nossas propensões psíquicas. No contexto da esfera jornalística, ainda que o jornalista não consiga contato direto com seu leitor, mesmo assim ele formula e divulga uma determinada notícia considerando um perfil de público sobre o qual deseja atingir com sua informação.

De um lado, Figueiredo (2020, p. 42) afirma que “o orador precisará, portanto, conhecer seu auditório, não apenas de forma superficial (a partir de informações como idade, raça, orientação sexual), mas de maneira muito mais íntima”. De outro lado, Meyer (2021, p. XLI, grifo nosso) enfatiza que “as paixões refletem, no fundo, as representações que fazemos dos outros, considerando-se o que eles são para nós, realmente ou no *domínio de nossa imaginação*”. Compreendemos que a concepção defendida por Figueiredo (202), nem sempre o orador se encontra em posição de conhecer seu auditório de forma mais íntima, pois quando se considera o *corpus* desta pesquisa, o jornalista, ao produzir uma notícia, não tem acesso à intimidade de seu auditório, quer seja seu auditório universal quer seja seu auditório particular.

Depreendemos que a disponibilidade das emoções independe do contato direto ou indireto do orador (o jornalista) com seu auditório (o leitor), visto que as emoções estão relacionadas às nossas crenças, valores, hábitos e estado de espírito sobre os quais se encontram o leitor do jornal *O Dia* no momento da leitura das notícias. Como forma de reforçar nosso posicionamento sobre a organização e a disponibilidade das paixões no discurso, recorremos a Meyer (2021, p. XLI), pois advoga: “o que Aristóteles se dispõe explicitamente a mostrar em sua Retórica é que as paixões constituem um teclado no qual o bom orador toca para convencer”. Ou seja, o despertar das paixões do medo, da indignação, da compaixão, da tristeza e da angústia, nas notícias analisadas, compreendem estratégias articuladas pelo orador com a finalidade de comover e mover seu público, mas sem nunca ter a garantia sobre o efeito

produzido. Para Meyer (2021), a capacidade de organização do discurso pelo orador tem como objetivo impactar o seu auditório, mobilizando-o à adesão de uma ideia que é aventada.

Figueiredo (2020), considerando sua proposta de ampliação acerca dos estágios passionais, apresenta os desdobramentos inseridos no estágio da “disponibilidade”. Tal detalhamento se refere à inserção da instância do *ethos*, que, no sistema retórico, é representado pelo lugar do orador na argumentação. Este, no que lhe concerne, pode operar, de maneira convincente, nas manifestações que interpelam o auditório, neste caso, os leitores. Portanto, compete a esse orador a instauração do *logos* e sua primazia implicada nesse processo de influência. Na verdade, o orador é peça central e todas as estratégias estão à sua disposição desde a disponibilidade, que é o primeiro estágio passional. O orador ganha destaque no papel desempenhado pelas narrativas e pelas figuras retóricas entendidas como argumentos.

Ao passo que ela traça uma reflexão sobre o papel das narrativas, a pesquisadora também procurou discorrer mediante detalhamento do estágio, chamando atenção para o fato de que as narrativas, no processo persuasivo, são vistas como um conjunto de eventos que podem despertar a imaginação de quem as ouve, assim como pode despertar a fantasia e mobilizar lembranças, ou seja, trazer de volta acontecimento que está na nossa memória. Diante disso, Figueiredo (2020) desdobra também o estágio da disponibilidade das emoções, inserindo a ideia de dois elementos, a saber: *senso comum* e de *doxa*. O primeiro contribui, para o processo persuasivo, porque se refere a forma de raciocinar e de pensar sobre um determinado fenômeno no qual pessoas de grupos distintos fazem da mesma maneira, a exemplo das seguintes notícias: “Mãe diz que filho foi assassinado no Meduna” e “Louco morre de fome após fugir do Meduna”. O segundo elemento, segundo ela, agrega elementos menores, como: memória, imaginação e fantasia. Para compreender melhor o papel da *doxa*, no processo argumentativo e discursivo, recorreremos à pesquisa de Amossy (2018) ao refletir sobre a importância da *doxa* e do auditório como construção do orador.

[...] a necessidade de se adaptar ao auditório [...] ou a importância concedida às opiniões do outro é uma condição *sine qua non* de eficácia discursiva. Uma das consequências principais que decorrerem disso é a centralidade, em todo discurso com visada persuasiva, da *doxa* ou opinião comum (Amossy, 2018, p. 54, grifo da autora).

A pesquisadora francesa adverte que a nova retórica persiste na defesa da adaptação ao auditório, sobretudo, porque essa abordagem confere uma forma de apostar em pontos de acordo entre orador e auditório. Ou melhor, “adaptar-se ao auditório é, antes de mais nada, levar em conta sua *doxa*” (Amossy, 2018, p. 54-55, grifo da autora). Com isso, inferimos que os

jornalistas, responsáveis pelas notícias analisadas, estão revestidos de crenças, costumes, opiniões e juízos de valor sobre os quais imaginam que seus leitores também compartilhem. Quando o orador utiliza o termo “louco”, no título da notícia, como, por exemplo, em “**Louco** morre de fome após fugir do Meduna”, depreendemos um tipo de valor que, naquela época, tinha dado sentido. Todavia, tal expressão apresenta diferentes valores que são defendidos atualmente acerca da nomenclatura dada às pessoas que precisam de assistência à saúde mental.

No âmbito da problemática discursiva da emoção e considerando o objetivo desta pesquisa, defendemos que o desdobramento proposto por Figueiredo (2020), ao trazê-lo para o campo da Análise Semiociológica do Discurso, faz-se necessário a inserção da noção de *ato de linguagem*, como ponto fulcral dos estudos das paixões, visto que esta categoria contempla, em seu fundamento, o detalhamento adotado pela pesquisadora, principalmente, no que tange ao estágio da “disponibilidade”.

O segundo estágio, proposto por Figueiredo (2020), diz respeito à “identificação”. Convocamos Meyer (2021), pois teoriza sobre as relações entre as pessoas, tomando como base a noção de distanciamento e de proximidade entre os sujeitos no discurso. Diante dessa abordagem, ele afirma: “a identidade e a diferença entre os homens exprimem-se e medem-se por suas paixões; são índices e, ao mesmo tempo, parâmetros” (Meyer, 2021, p. XLII). O estágio da identificação se constitui no compartilhamento de crenças e de valores. Tal identificação é empreendida pelo orador a partir do momento que se leva em consideração seu conjunto de hábitos e presume que seu público partilhe também de suas crenças e valores.

Na sequência, enfatizamos sobre o terceiro estágio intitulado de “despertar da paixão”, que segundo Figueiredo (2020), é defendido por ela como o ponto fulcral e de equilíbrio da Trajetória das paixões. Desse modo, argumenta-se que “esta etapa funciona, pois, como o ponto de união, o eixo entre os dois pratos de uma balança. De um lado, encontram-se a ‘disposição’ e a ‘identificação’, do outro, a ‘mudança de julgamento’ e a ‘ação’, ao meio, como ponto fulcral e de equilíbrio, o ‘despertar da paixão’” (Figueiredo, 2020, p. 44).

Ao trazer sua proposta para o campo da Análise Semiociológica do Discurso, compreendemos que o ponto fulcral e de equilíbrio da Trajetória das paixões seria o ato de linguagem (situação de comunicação) adotado em contexto discursivo específico. Ou seja, defendemos que só há a possibilidade do “despertar da paixão” porque essas emoções são suscitadas em situações específicas de interação em contexto discursivo determinado de uso da palavra, em discurso oral, escrito ou imagético capaz de despertar no auditório efeitos passionais, dependendo de suas crenças, valores e estado de espírito.

Através do ato de linguagem, considerando o processo de transação e o princípio da alteridade, depreendemos que em todo ato de linguagem se presume uma troca entre dois parceiros. No contexto das notícias, essa troca não se efetivou um diante do outro, como acontece em uma entrevista, por exemplo. Apesar disso, esse princípio compreende como um espaço de reconhecimento como semelhantes e como diferentes em uma dada encenação. Desse modo, defendemos a notícia como um ato de linguagem em que se encontra um jornalista que escreve a matéria e a direciona para um público específico que consome essas notícias.

Com base nessa discussão e tomando como base o princípio de influência presente em um ato de linguagem, corroboramos a retórica a partir do momento que ela defende que o orador é simbolizado pelo *ethos*, enquanto o auditório é atingido pelo *pathos* e, por fim, o discurso propriamente dito é representado pelo *logos*. Na Semiolinguística, essa discussão é introduzida logo no primeiro princípio porque diante de uma dada troca languageira, torna-se possível a construção da imagem de quem enuncia, e esse orador pode jogar com a linguagem a fim de mobilizar as emoções em seu público (o auditório construído pelo orador).

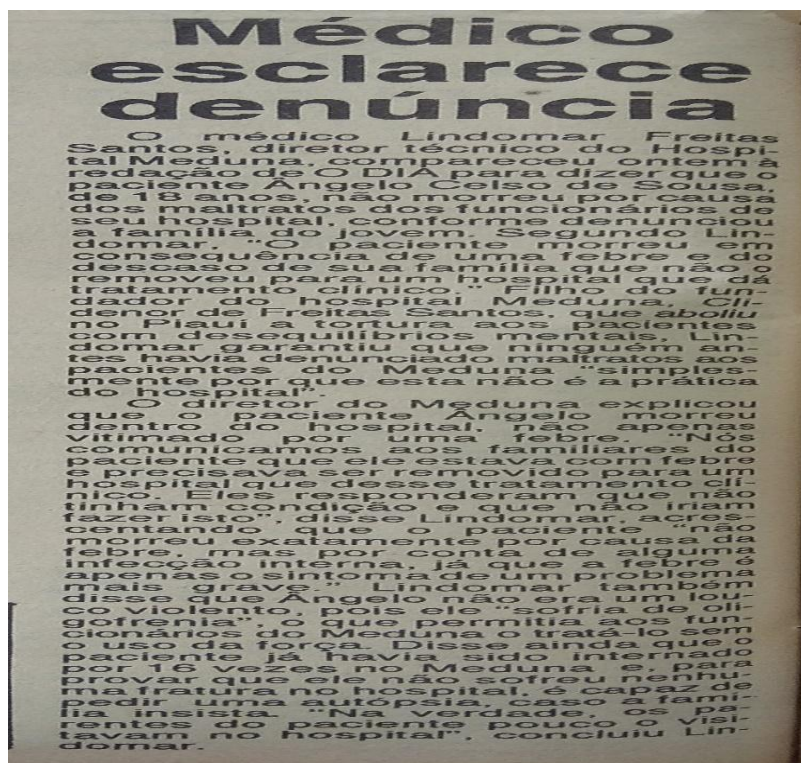
Passemos, então, para o próximo estágio da Trajetória das paixões denominado de “mudança de julgamento”. É importante ressaltar que esse estágio compõe a classificação adotada por Aristóteles na retórica das paixões. Esse estágio compreende, principalmente, os impactos nos processos cognitivos atinentes às crenças e/ou aos julgamentos do auditório do jornal *O Dia*, por exemplo, ao ler o título da seguinte notícia: “Médico **agride** mulher no Meduna”. Tal informação pode provocar no leitor a paixão da indignação, tendo em vista que não se espera agressão em ambiente como um hospital, sobretudo, uma instituição responsável em auxiliar na assistência à saúde mental de seus pacientes.

De acordo com Figueiredo (2020), essa quarta vértice da Trajetória encontra-se desdobrado em: *deliberação*, *escolha* e *disposição*. O primeiro elemento desse estágio nada mais é do que as contribuições da instância da razão, com a utilização de argumentos, a fim de estabelecer uma reflexão visualizando uma tomada de decisão para a organização de uma ação. No contexto da notícia como um ato de linguagem, observamos que a *deliberação* está centrada na imagem projetada e efetivada, considerando a forma como os discursos foram estruturados no texto. Ou seja, o jornalista constrói um *ethos* de especialista no assunto em pauta e, para isso, recruta prova com o objetivo de mostrar que seu discurso está assentado no seu caráter, na sua virtude e na confiança que lhe confere uma provável credibilidade.

Em relação à *escolha*, como um componente do estágio “mudança de julgamento”, entendemos, segundo Figueiredo (2020), que esse elemento retoma a “disposição” na qual opera como um incentivo à atitude do leitor no que diz respeito às notícias analisadas. Para isso,

ela ressalta que “razão e emoção podem andar de mãos dadas no desenlace do processo persuasivo”. (Figueiredo, 2020, p. 52). Como forma de melhor visualizar a confluência entre a razão e a emoção, tomou-se com parâmetro a notícia a seguir:

Figura 20 - notícia, *O Dia*, 15 de agosto de 1992, capa, p.08



Fonte: Acervo particular do jornal *O Dia*.

Essa notícia centralizou sua informação em um esclarecimento apresentado pelo diretor técnico do Hospital Meduna ao jornal *O Dia* acerca da denúncia de maus-tratos realizada pelos familiares de Ângelo Celso de Sousa. Desse modo, o jornalista se utilizou da modalidade enunciativa delocutiva, dando ênfase, no decorrer da matéria, ao discurso relatado do diretor em relação ao fato esclarecido. Inicialmente, destacamos o seguinte trecho: “O paciente morreu em consequência de uma febre e do descaso de sua família que não o removeu para um hospital dá tratamento clínica”. Ainda que não seja o foco desta seção, é importante frisar que o diretor buscou construir um *ethos* de sério, a partir do momento que o jornalista transcreve o discurso de Lindomar.

Retomando a discussão da operação da escolha, no estágio “mudança de julgamento”, o leitor do jornal certamente foi impactado pela paixão do desprezo, emoção essa possível de despertar, neste contexto, outras sensações passionais como raiva e revolta. Ao mesmo tempo que se foi possível o despertar das paixões, também se identifica o *Argumentum ad hominem*, que segundo Fiorin (2015, p. 171):

esse argumento, em que não se discutem os méritos intrínsecos do ponto de vista ou da dúvida do oponente, mas se desqualifica o adversário como interlocutor sério, apresentando-o com alguém incompetente, não confiável ou inconsequente, recebe o nome latino de *argumentum ad hominem* (=argumento dirigido à pessoa) (Fiorin, 2015, p. 171, grifo do autor).

Esse argumento é reforçado a partir do momento que o diretor técnico buscou desqualificar os familiares, responsabilizando-os pela morte de Ângelo Celso de Sousa ao afirmar que: ““nós comunicamos aos familiares do paciente que ele estava com febre e precisava ser removido para um hospital que desse tratamento clínico. Eles responderam que não tinham condição e que não iriam fazer isto’, disse Lindomar”. E o diretor concluiu argumentando que “na verdade, os parentes do paciente pouco o visitavam no hospital”. Ou seja, as informações que constam na notícia, ao mesmo tempo que acionam as emoções, também recorrem à razão como forma de comprovar o ponto de vista defendido pelo diretor do hospital.

Para concluir essa discussão, apresentamos o último estágio do processo persuasivo denominado de “ação”. Para isso, retomamos ao entendimento de que “persuadir é construir no terreno das emoções, é sensibilizar o outro para agir. Quando persuadimos alguém, esse alguém realiza algo que desejamos que ele realize” (Abreu, 2009, p. 25). Em nossa investigação, não foi possível mostrar a materialidade do estágio da “ação”, visto que os jornalistas, durante a narrativa dos fatos, utilizaram palavras e/ou expressões capazes de despertar a paixão no leitor como um efeito visado, mas sem a garantia sobre o *efeito produzido*. Não sabemos, de fato, quais foram as ações realizadas pelas pessoas que foram acometidas pelas paixões suscitadas através das notícias do jornal *O Dia* acerca do sanatório Meduna. O que podemos afirmar, neste caso, são as paixões e seus possíveis efeitos que foram mobilizados no fio do discurso.

Para Análise Semiolinguística do Discurso, “[...] não pode se interessar pela emoção como realidade manifesta, vivenciada por um sujeito” (Charaudeau, 2010, p. 34), mas sim, as paixões devem ser tratadas como um *efeito visado* (ou presumível) pelo orador, sem a garantia do *efeito produzido* no auditório. Portanto, não é diferente com as notícias que foram aqui analisadas à luz da Trajetória das paixões, visto que os jornalistas dessas matérias se utilizam de palavras capazes de suscitar diferentes sentidos, sensibilizar os leitores, a depender de suas crenças, de seus valores e de seu estado de espírito ao lê-las, considerando, assim, o período de divulgação e de circulações das matérias.

Finalizamos a discussão desta seção com o entendimento de que “a paixão, tornada incontornável, exige a ação. Daí a obrigatória relação ética com a paixão, pois a moral se estriba numa justa deliberação capaz de ensinar a ação” (Meyer, 2021, p. XXXIV). Por conseguinte,

essa ação se configura apenas como uma intencionalidade do orador (o jornalista), sem a certeza de que o leitor fosse comovido ou movido a uma ação. Nesta seção, propomos uma análise das emoções em notícias sobre o Sanatório Meduna, conforme a proposta de ampliação da Trajetória das paixões desenvolvida por Figueiredo (2020); no próximo tópico, apresentaremos uma sugestão de adaptação da Trajetória das paixões a partir de conceitos, como o de ato de linguagem e o de visada patêmica, adotados na Análise Semiolinguística do Discurso e, diante dessa ampliação, aplicaremos a proposta de *visada transitória das paixões* em discursos produzidos pela mídia piauiense sobre o Sanatório Meduna.

6.3.1 Da Trajetória das paixões a uma visada transitória das paixões: adaptação e aplicabilidade analítica

Para a discussão desta subseção, foi necessário considerar o empreendimento teórico e analítico apresentado anteriormente, a exemplo de Aristóteles (2015; 2021), para que pudéssemos, de forma ousada, propor uma adaptação da Trajetória das paixões, de Figueiredo (2020), aos postulados da teoria Semiolinguística. Desse modo, precisamos retomar aos conceitos de ato de linguagem, circunstâncias de discurso, sujeitos de linguagem, patemização e imaginários sociodiscursivos. Essas categorias, conforme Charaudeau (2001; 2007; 2010; 2016; 2021), são de suma importância para se compreender o fenômeno da visada patêmica numa determinada situação de comunicação.

Desse modo, o *pathos* como uma estratégia persuasiva possível de ser suscitada por um auditório, em um dado discurso, se configura como visada (algo pretendido) pelo orador, mas que se materializa dependendo do estado de espírito de seu auditório. Por isso, as paixões são vistas como transitórias porque resultam do modo como se encontra esse auditório inserido num determinado discurso. Pensar na Trajetória das paixões, implica pensar também em um projeto de fala empreendido pelo *sujeito comunicante* visando um *sujeito interpretante*, ambos *seres sociais* pertencentes ao espaço externo do ato de linguagem. No espaço interno, encontram-se o *sujeito enunciador* e o *sujeito destinatário*, ou seja, *seres de fala* que materializam o “dizer” (Charaudeau, 2016).

Retomamos essa reflexão, também empreendida na primeira seção deste texto, para que possamos compreender a relação existente entre a noção de sujeitos de linguagem, ato de linguagem e circunstâncias de discurso, assim como o fenômeno da patemização oriundo da Retórica que funciona como uma estratégia persuasiva em um dado discurso. Nesse sentido,

entendemos a necessidade de uma reflexão da Trajetória das paixões no âmbito da Análise Semiolinguística do Discurso.

Assim, destacamos alguns pontos que nos encaminham para essa reflexão e adaptação da proposta de Figueiredo (2020): primeiramente, na discussão sobre ato de linguagem, considerando os princípios que o compõe, prever uma troca linguageira (princípio de alteridade), ou seja, os parceiros são conduzidos pelo ato de fala, através de uma intencionalidade, buscando influenciar um sujeito destinatário. No caso do jornal *O Dia*, esse sujeito estaria representado pelos seus leitores na época. Como forma de alcançar esse público, por intermédio do princípio da influência, o jornal poderia recorrer ao processo de identificação, ou a construção da imagem de si (*ethos*), ao processo de dramatização, ou patemização (*pathos*) e, por fim, ao processo de racionalização, ou (*logos*) conforme aponta Corrêa-Rosado (2014).

Em segundo lugar, todo e qualquer discurso se encontra situado em uma situação de comunicação e, para isso, faz-se necessário levar em consideração as condições de produção desse discurso, ou seja, as circunstâncias de discurso. Desse modo, os sentidos se efetivam a partir do momento que situamos esse discurso em suas condições de produção. Isso não é diferente com os discursos empreendidos em notícias, reportagens, editoriais, artigos de opinião e crônicas publicados pelo jornal *O Dia* sobre o sanatório Meduna e/ou sobre o psiquiatra Clidenor de Freitas Santos. Logo, o discurso situado, nos possibilita compreender os possíveis interpretativos sugeridos pelo contexto de produção desse discurso, sendo possível observar e depreender a relação entre o sujeito enunciador (jornalista) e o sujeito destinatário (leitores do jornal) face ao propósito linguageiro.

Em terceiro lugar, destacamos as contribuições dos imaginários sociodiscursivos para os estudos da patemização. Nesse sentido, retomamos dois pontos considerados por Charaudeau (2010) quando afirma que: 1) as emoções são de ordem intencional e 2) as emoções estão ligadas aos saberes de crença.

Além disso, no campo da Retórica, “a emoção é a coloração subjetiva de valores que podem ser compartilhados. Eles geram os lugares-comuns, as ideias convencionais, as opiniões em vigor na sociedade” (Meyer, 2007, p.39). Tratar de questões relacionadas ao *pathos*, implica-se considerar os valores do auditório, assim como engloba um conjunto de juízos elaborados por uma sociedade em um determinado momento da história. Também ressaltamos que abordar sobre o fenômeno da patemização, torna-se imprescindível observar a “identidade do orador e do auditório” considerando, assim, a estrutura retórica das paixões. Logo, o orador movido por uma paixão pode influenciar seu auditório a aderir à mesma emoção. Assim sendo, recorremos a Meyer (2021):

A paixão escapa à norma proposicional de caráter apodítico. Ela exprime nosso devir, o jogo dos contrários que pode transformar todo sucesso em malogro, e vice-versa. Lugar da simetria, da reversibilidade, a paixão é o outro em nós, o humano em sua diferença, portanto sua individualidade (Meyer, 2021, p. L).

Com base nessa reflexão, é possível compreender que a paixão foge à normatização assertiva de natureza inquestionável, pois essa estratégia refere-se a um vir a ser, havendo assim, a possibilidade do insucesso quando se joga com as emoções, visto que elas se configuram como algo pretendido pelo orador, podendo se confirmar ou não em seu auditório. O autor também adverte para o fato de que a dramatização está condicionada a um lugar de simetria, isto é, situação em que o orador e o auditório se reconhecem, mutuamente; e a um direito à fala, algo que depende da identidade de ambos, tendo em comum um mínimo de saberes colocados em jogo no ato de linguagem. Portanto, a paixão é o lugar da probabilidade, da diferença, da identidade e da relação entre os sujeitos.

Diante disso, defendemos que a Trajetória das paixões se configura como uma “visada transitória das paixões” e tomando como base a noção de ato de linguagem proposto por Charaudeau (2016), encontra-se no esquema do linguista, no espaço do DIZER, ou seja, no espaço interno, lugar no qual identificamos os sujeitos protagonistas do discurso. Como forma de fundamentar nossa adaptação, recorreremos também aos postulados da Semiologia, quando nela há o destaque para a semiotização do mundo, dentro da qual atuam os processos de transformação e de transação. Para esta reflexão, daremos ênfase ao processo de transação, uma vez que esse processo dispõe de quatro princípios: princípio de alteridade, princípio de influência, princípio de regulação e princípio de relevância.

Desse modo, considera-se que o princípio de alteridade consiste quando qualquer ato de linguagem funciona como um efeito de troca, visto como interacional, com a presença de dois parceiros que se reconhecem, simultaneamente, semelhantes e/ou dispares. Para isso, tomamos como exemplo, o contexto desta pesquisa, pois, de um lado, encontra-se um sujeito comunicante representado pelo jornal *O Dia* e, por outro lado, essa mídia produz e divulga suas matérias pensando nos seus leitores (sujeito interpretante). Com base nesse princípio, é possível compreender a instauração da construção da imagem de si (*ethos*) de quem enuncia, ou seja, o jornal, em relação ao sujeito interpretante (seu público) numa dada situação de comunicação. Os parceiros representados pelos sujeitos comunicante e interpretante elaboram um projeto de fala que, possivelmente, pode envolver o *ethos*, o *pathos* e o *logos*.

Nessa mesma direção, o princípio de influência, no ato de linguagem, representa, de fato, a troca entre os parceiros através da qual o sujeito comunicante tem por objetivo produzir discursos que almejam um certo efeito sobre o sujeito interpretante. Esse princípio implica, para a teoria Semiollingüística, no mínimo três aspectos. Primeiramente, refere-se a um princípio geral que percorre toda e qualquer situação de comunicação, independentemente de sua discursividade. O princípio de influência não envolve somente a persuasão (fazer crer), mas também serve a outros propósitos, tais como: fazer-sentir (emocionar), lugar de manifestação da patemização no discurso, e o fazer-agir.

Em segundo lugar, reiteramos que o princípio de influência é composto por quatro processos que o robustecem, como: processo de regulação³⁴, processo de identificação (*ethos*), processo de dramatização (*pathos*) e processo de racionalização (*logos*). Diante disso e das reflexões apresentadas anteriormente, propomos uma adaptação, conforme figura 21, da proposta de Figueiredo (2020) acerca do que ela postula por Trajetória das paixões alinhada ao esquema elaborado, no âmbito da Análise Semiollingüística do Discurso, sobre o ato de linguagem. Ou seja, defendemos que os estágios empreendidos na Trajetória das paixões encontram-se no ato do DIZER, espaço interno, do ato de linguagem, através de um processo interacional entre os protagonistas (EUe e TUD). Ou melhor, compreendemos que é no espaço do dizer que se materializa as estratégias de persuasão projetadas pelos sujeitos parceiros.

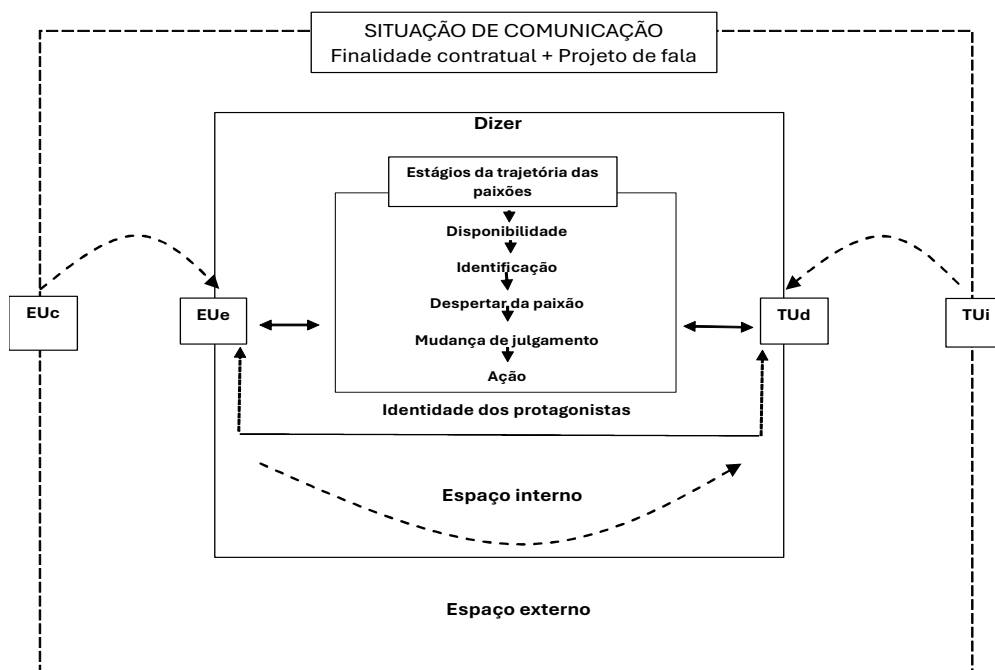
Em terceiro, segundo Corrêa-Rosado (2014), o princípio de influência não representa unicamente a argumentação, dado que esta é denominada como um dos modos de organização do discurso. Desse modo, somos capazes de influenciar através de um processo de racionalização argumentativo, associado à persuasão, ou, por exemplo, por intermédio de um processo de racionalização narrativo/descritivo, associado à sedução. Esse terceiro aspecto é de suma importância para esta pesquisa, principalmente, porque a maioria dos textos analisados referem-se a notícias e reportagens, cujos processos de racionalização desses gêneros consistem em um caráter narrativo e descritivo. Tal fenômeno é bastante representativo para a manifestação da patemização, possível de ser suscitada nos leitores do jornal *O Dia*, ao tomarem conhecimento sobre os acontecimentos relacionados ao sanatório Meduna e ao psiquiatra Clidenor de Freitas Santos.

Diante dessa contextualização, apresentamos, a seguir, uma adaptação da Trajetória das paixões de Figueiredo (2020) para o esquema proposto por Charaudeau (2016). Ressaltamos

³⁴ Conforme Corrêa-Rosado (2014, p. 07) “que diz respeito ao ato de imposição de sua presença ao outro e, por conseguinte, à instauração de posições de superioridade/inferioridade para os sujeitos inscritos no ato”.

que nossa proposta de adaptação é resultado da análise dos dados à luz da Análise Semiolinguística do Discurso numa interface com a Retórica e a Argumentação.

Figura 21 - Representação do ato de linguagem e a “visada transitória das paixões”



Fonte: Adaptação da proposta de Figueiredo (2020) para o esquema de Charaudeau (2016).

Essa proposta representa uma adaptação pensada a partir do nosso *corpus* de análise empreendido nesta pesquisa. Desse modo, refletir sobre a natureza do fenômeno da patemização, torna indispensável considerar a noção de ato de linguagem. Assim, partimos da compreensão de que as notícias, reportagens, editoriais, crônicas jornalísticas, por exemplo, são atos de linguagem. Charaudeau (2016) argumenta que todo ato de linguagem se origina de um jogo de linguagem que envolve questões implícitas e explícitas e, por esse motivo: (i) é resultado de circunstâncias de discurso próprias; (ii) efetiva-se na convergência entre os processos de produção e de interpretação; (iii) é representado por um sujeito de fala e um sujeito agente.

Assim, toda situação de comunicação é fruto de um projeto de fala e de uma intencionalidade pensados pelos sujeitos parceiros no discurso a fim de conquistar adesão do sujeito interpretante. Nesta proposta, apresentamos uma integração entre o ato de linguagem e a Trajetória das paixões, propondo a existência de uma *visada transitória das paixões*, cujo principal postulado é o de que a patemização é uma estratégia persuasiva articulada pelo orador, mas que se materializa ou não no auditório. Desse modo, trata-se de um efeito visado ou suposto

Ressaltamos que o sujeito comunicante é responsável pela idealização do ato, assim como pelo processo de produção. Em outras palavras, ele é visto como um sujeito agente, ou seja, o jornal *O Dia*, que se apresenta como o locutor e articulador da palavra para informar que um médico agrediu uma funcionária dentro do Meduna. No contexto da produção da matéria, o sujeito comunicante, representado pelo jornal, projeta dois outros sujeitos, o sujeito enunciador, que coloca em cena suas intencionalidades, através do jornalista que escreveu a matéria, e o sujeito destinatário, que se configura como uma imagem fabricada pelo enunciador.

Assim sendo, partindo da perspectiva do processo de produção da reportagem, o sujeito enunciador é uma imagem construída pelo sujeito produtor da fala, neste caso, o jornal *O Dia*, que reproduz sua intencionalidade e seu projeto de fala. Enquanto o sujeito destinatário é um interlocutor idealizado pelo sujeito enunciador compatível com seu ato de comunicação. Em vista disso, “o EUE e o TUD, sob a perspectiva do processo de produção, são seres que existem *no e pelo discurso* e que assumem certos estatutos linguageiros, independente, de certo modo, dos sujeitos psicossociais reais do ato, o EUC e o TUI” (Corrêa-Rosado, 2014, p. 10, grifo do autor). Portanto, o ato de linguagem é, da perspectiva da produção e da interpretação, assimétrico, dado que os sujeitos protagonistas (o jornalista da reportagem e o leitor do texto) não prejudicam o caráter do sujeito comunicante (jornal *O Dia*) e nem o comportamento do sujeito interpretante (leitores, em geral, do jornal).

Com base nisso, analisamos, na sequência, os estágios da Trajetória das paixões, considerando o texto da figura 22, a partir da compreensão de que o EUE e o TUD se reconhecem no discurso através de um certo grau de identidade. Para compreender melhor esse aspecto da identidade entre orador e auditório, recorremos a Aristóteles (2015, p. 116) ao afirmar que “as emoções são as causas que fazem alterar os seres humanos e introduzem mudanças nos seus juízos, na medida em que elas comportam dor e prazer”. Na mesma esteira de pensamento, destacamos que “as emoções funcionam como pontes entre orador e auditório e permitem a conexão e a proximidade dos homens por meio da identificação” (Figueiredo, 2023, p. 162-163).

Nesse sentido, as emoções podem ser apontadas como pontífices da retórica, uma vez que cumprem o papel de realização do ato persuasivo. Nessa mesma linha de pensamento, a Trajetória das paixões está ancorada na perspectiva de que as paixões se constituem como “lugar em que se aventuram a identidade e a diferença, a paixão se presta a negociar uma pela outra; ela é momento retórico por excelência” (Meyer, 2021, p. XL). Conforme defendemos nesta pesquisa, a Trajetória das paixões, cujo efeito é transitório, uma vez que depende do estado de espírito do auditório e da forma como ela é colocada em cena no fio do discurso pelo

orador, se constitui no ato de linguagem, no espaço interno, lugar de materialização deste discurso.

Ressaltamos também que a estratégia de mobilizar emoções no discurso inicia com o sujeito comunicante porque é ele quem projeta e organiza o discurso, mas de fato se realiza com o sujeito enunciatório, aquele que materializa o projeto do EUC, numa relação com o sujeito destinatário. Por isso, partimos da ideia de “identidade” entre o EUe e o TUD como um aspecto que conecta e aproxima os dois, ou seja, o jornalista enuncia o fato recorrendo à tópica da indignação e do medo, por exemplo, como uma forma de despertá-las ou não no leitor do jornal. Desse modo, compreendemos que os estágios da Trajetória das paixões se efetivam, na reportagem, a partir da existência de um orador, conforme esquema acima, representado pelo EUe, o jornalista, que se constitui como aquele que busca construir sua identidade discursiva de tal modo que os outros sejam guiados a julgá-lo como merecedor de confiança. Essa credibilidade do jornalista está relacionada com a empresa em que ele atua como profissional. O sujeito que escreve, no caso o jornalista da reportagem – deve, então, tentar responder à seguinte pergunta: como fazer para ser aceito? Assim, ele próprio deve produzir uma imagem que represente a sua qualidade: seu *ethos*. Portanto, o jornalista formula um *ethos* institucional, uma vez que seu gesto enunciativo valida o discurso do próprio jornal *O Dia* a quem representa ao informar o acontecimento sobre o Meduna ou qualquer outra informação.

Destacamos também o papel do sujeito destinatário (TUD), no ato de linguagem, para o despertar das paixões em situações de comunicação específicas. Considerando o contexto da reportagem, portanto, cabe salientar que o *pathos* como um recurso utilizado pelo sujeito enunciatório, no processo persuasivo, se efetiva ou não, no leitor. Para tanto, reiteramos que na troca entre identidade e diferença, “o campo passional ganha lugar e permite que o orador habilidoso possa angariar o convencimento e a persuasão de seu auditório” (Figueiredo, 2023, p. 162). Ora, esse orador, representado, no ato de linguagem, pelo sujeito enunciatório e, no contexto da reportagem, pelo jornalista, deve ser astucioso na elaboração de sua cena enunciativa para que possa agenciar a persuasão, ou seja, a adesão de seu auditório (leitores), utilizando-se de estratégias que estão no plano das emoções. Para efeito de análise da Trajetória das paixões, consideramos também a notícia, a seguir, intitulada “Doente mental é morto dentro do Hospital Meduna”, assim como a reportagem da figura 22.

Figura 23 – notícia, *O Dia*, 14 de agosto de 1992

Doente mental é morto dentro do Hospital Meduna

A família do doente mental Ângelo Celso de Souza Monteiro, 18 anos está acusando um funcionário do Hospital Meduna de ter provocado a sua morte, através de espancamento. A denúncia foi feita pela doméstica Antônia Alves Pereira, 57 anos, que chorou bastante ao fazer o relato. Ela disse que seu filho, doente mental Ângelo Celso de Souza deu entrada no hospital que fica no bairro Cabral, no dia 11 de maio deste ano. Ela disse que ao visitar o filho no último sábado, se surpreendeu, pois o encontrou deitado e sem condições para se levantar, uma vez que sofreu fratura numa das mãos e apresentava também marcas de violência no pescoço, como se alguém tivesse tentado matá-lo através de estrangulamento. Ele relatou que foi espancado por um funcionário ao se recusar tirar a roupa. (Página 8)

Fonte: Acervo particular do jornal *O Dia*.

Em relação aos estágios da Trajetória das paixões, conforme Figueiredo (2020), esse percurso persuasivo, parte do estágio da “disponibilidade”, envolvendo conhecimentos que estão em nossa memória, imaginação e fantasia, por exemplo. Como destacado anteriormente, é nessa etapa que podemos identificar e observar a manifestação do *ethos*, isto é, a construção da imagem de si pelo orador no seu discurso, além dos discursos que são mobilizados no processo persuasivo através de narrativas, figuras de linguagem, como metáfora, por exemplo, e outros recursos disponíveis que se configuram responsáveis pela adesão do outro. No contexto da reportagem e da notícia, chamamos a atenção para o caráter narrativo dos gêneros, uma vez que a possibilidade de um efeito passional no texto da figura 22, pode se efetivar de fato, a partir do modo como o jornalista nos apresenta a informação de que “Médico agride mulher no Meduna”.

No âmbito da notícia transposta na figura 23, destacamos a abertura passional possível de ser despertada com o compartilhamento e julgamento da informação engatilhada com o uso da palavra “morto” relacionada ao referente “doente mental”. Desse modo, o título da notícia “Doente mental é morto dentro do Hospital Meduna” pode funcionar como gatilho para suscitar paixões no auditório.

Para Figueiredo (2020), esse estágio faz parte da nossa organização mental. Ou melhor, é o espaço no qual se assentam as emoções prováveis de sentirmos, uma vez que se encontram dispostas e as utilizamos em situações específicas de comunicação. No tocante aos textos da figura 22 e da figura 23, considerando o grau de identidade e de proximidade entre o EUe e o

TUd, os jornalistas demonstraram durante os discursos presentes nas narrativas uma questão de ordem social, ou seja, ambas as matérias se referem à denúncia de agressão e morte ocorridas dentro do sanatório Meduna. Desse modo, no contexto do texto da figura 22, Dona Maria do Carmo Medeiros Rodrigues, que era funcionária da instituição, afirmou ao jornal, na época, que foi barbaramente espancada pelo psiquiatra Moacir Monteiro Luís de Sousa.

Já o texto da figura 23 refere-se à denúncia de morte dentro do hospital. Conforme essa notícia, a doméstica Antonia Alves Pereira, mãe de Ângelo Celson de Souza Monteiro, procurou o jornal *O Dia*, no dia 14 de agosto de 1992, para denunciar a morte de seu filho. Assim sendo, o jornalista destacou, no texto, o estado emocional em que se encontrava dona Antonia Alves Pereira ao fazer o relato ao jornal, ressaltando que, ao visitá-lo no Meduna, foi surpreendida com o estado no qual se encontrava seu filho, deitado e sem condições de se levantar, apresentando sinais de fratura em uma das mãos e marcas de violências no pescoço, indicando tentativa de estrangulamento. Considerando nossa organização mental, assim como a forma em que se encontrava dona Antonia Alves Pereira, em estado de choque, ao reencontrar seu filho com sinais de agressão, tanto ela quanto o leitor, possivelmente, despertaram a tópica da indignação e da tristeza. A ideia de agressão pode suscitar indignação, ódio, bem como a notícia de morte pode despertar a tristeza, principalmente, quando essa morte é consequência de uma agressão a um paciente com problemas mentais.

A partir dessa narrativa midiática, podemos observar de que modo os estágios da Trajetória das paixões estão postos no discurso narrativo/descritivo da reportagem e da notícia com a finalidade de levar o auditório, neste caso, os leitores do jornal, ao convencimento e à persuasão das proposições que são apresentadas à aprovação. Desse modo, a reportagem e a notícia, enquanto atos de linguagem, demonstram como finalidade apresentar denúncias de irregularidades dentro do sanatório Meduna. Entendemos também que os jornalistas expuseram uma abertura do campo passional, a fim de que determinadas paixões viessem a ser suscitadas pelo seu público-alvo.

Assim sendo, o estágio da *disponibilidade* pode ser revelado no momento quando os jornalistas, logo nos títulos das matérias das figuras 22 e 23, demonstraram que as informações apresentadas estão relacionadas à agressão e à morte ocorridas dentro Meduna. Compreendemos que esse estágio propicia acesso a um conjunto de elementos, como: valores, crenças e opiniões. Esse conjunto de elementos é capaz de promover uma abertura passional particularmente em cada sujeito e, certamente, sem esses elementos, possivelmente não existiria esse vínculo passional entre orador e auditório. Trazendo esse grau de identificação e proximidade entre orador e auditório para o campo da Teoria Semiolinguística, essa relação

encontra-se no ato de linguagem, principalmente quando se considera a disposição do sujeito enunciador e do sujeito destinatário numa determinada situação de comunicação. Além disso, a *disponibilidade* funciona como uma espécie de gatilho, cujo objetivo é facilitar o acesso do fenômeno da persuasão de natureza patêmica. Entendemos que os jornalistas desencadearam em seus leitores essa abertura passional e que, dependendo de seus valores, crenças e opiniões perscrutaram as variantes passionais que possivelmente estavam disponíveis na organização mental desses leitores.

Nesse sentido, observamos que os oradores e os jornalistas são interpelados pelo auditório que se encontrava em um espaço e tempo diferentes daqueles que enunciavam, ou seja, seu público-alvo foge de seus controles, havendo, desse modo, apenas uma projeção desse auditório e uma tentativa de que esse seja persuadido diante das informações apresentadas. Na narrativa da reportagem, destacamos os seguintes trechos com potencial para despertarem emoções no leitor do jornal *O Dia*, a saber: “apresentando vários hematomas no corpo[...]”, “[...]barbaramente espancada[...]”, “[...] tentou estrangulá-la, além de bater com sua cabeça na parede”, “O médico [...] e o administrador Mesquita resolveram trancá-la na rouparia”, “[...] Dona Maria do Carmo diz que tudo começou quando o médico disse que ela, a mãe dela e o pai eram todos loucos, tendo ela respondido ao médico que ele era burro”.

Em relação à notícia da figura 23, apontamos os seguintes fragmentos capazes de suscitar paixões no auditório do jornal, a saber: “[...] que chorou bastante ao fazer o relato”, “Ela disse que ao visitar o filho no último sábado, se surpreendeu, pois o encontrou deitado e sem condições para se levantar, uma vez que sofreu fratura numa das mãos e apresentava também marcas de violências no pescoço, como se alguém tivesse tentado matá-lo através de estrangulamento”, “Ele relatou que foi espancado por um funcionário ao se recusar a tirar a roupa”.

Essas informações podem provocar no leitor tristeza, raiva, angústia, medo e indignação, por exemplo. Isso posto, depreendemos que os jornalistas de ambas as matérias promoveram uma abertura passional em seus discursos a partir do momento que relataram, de forma bastante minuciosa, o ocorrido de agressão e morte dentro do Meduna. Nesse sentido, podemos identificar, conforme os fragmentos destacados acima, que os jornalistas conduziram seus discursos retoricamente, uma vez que perceberam a contemplação da *disponibilidade* que se encontrava a favor de seus discursos. Além disso, o discurso midiático em tela informa que Dona Maria do Carmo foi vítima de maus-tratos, sendo que o motivo de tal agressão, segundo ela, “[...] começou quando o médico disse que ela, a mãe dela e o pai eram todos loucos, tendo ela respondido ao médico que ele era burro”. Já em relação à notícia da figura 23, temos como

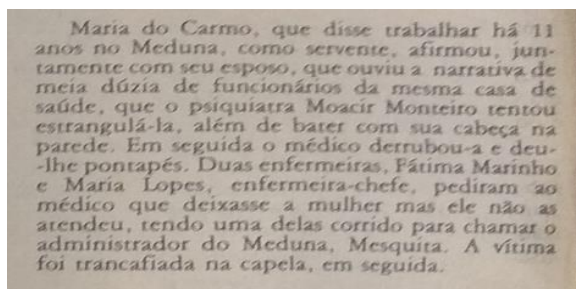
motivo do espancamento a seguinte informação: “Ele relatou que foi espancado por um funcionário ao se recusar tirar a roupa”.

Diante desses trechos, é importante ressaltar que os jornalistas convocaram os leitores, através de um grau de proximidade e identidade, para um engajamento subsidiado por um acordo retórico que se encontra estabelecido por meio de valores comuns compartilhados entre eles no mundo *dóxico*. Ou seja, considerando os valores e as crenças da época, a palavra “loucos”, “assim como doido, eram termos utilizados para insultar, de forma genérica, os portadores de deficiência mental, que não são, necessariamente, portadores de doença ou distúrbio mental” (Queiroz, 2004, p. 22). Nesse mesmo sentido, a palavra “burro” consiste em “xingamento dirigido a quem se atribui falta de inteligência” (Queiroz, 2004, p. 10). Com base nisso, encontram-se nessas palavras um conjunto de juízos elaborado pela sociedade da época e, ao mesmo tempo, julgamentos e compartilhamento de conhecimentos acerca de Dona Maria do Carmo e do psiquiatra. Além do mais, ressaltamos também que o uso da expressão “doente mental” no título da notícia, figura 23, era algo possível na época, pois considerando-se a relação contratual do discurso midiático, se constituía discursivamente no compartilhamento de conhecimentos referente a alguém desprovido de sanidade mental, sendo assim, bastante comum no discurso midiático e da psiquiatria.

Após encontrar a *disponibilidade* ou supor a existência desse estágio no campo efetivo dos leitores, alcançamos o segundo estágio, nomeado de *identificação*, pelos estudos da Trajetória das Paixões. Nessa etapa, as paixões suscitadas ganham anuência substancial para trilhar a máquina humana, a fim de estabelecer e compreender correlação emocional, sentimental e afetiva, em conformidade com o que é detectado por intermédio do discurso persuasivo, conforme Figueiredo (2020).

Em virtude disso, podemos afirmar discursivamente a existência de mais de uma paixão que pode ser inferida retoricamente na reportagem da figura 22 e na notícia da figura 23. Isso mostra que, certamente, o jornalista suscitou no auditório (leitor) a paixão do temor (medo), pois segundo Aristóteles (2015, p. 127), essa paixão “consiste numa situação aflitiva ou numa perturbação causada pela representação de um mal iminente, ruinoso ou penoso”. Para isso, tomamos como exemplo o trecho da reportagem a seguir.

Figura 24 – trecho da reportagem “Médico agride mulher no Meduna”



Maria do Carmo, que disse trabalhar há 11 anos no Meduna, como servente, afirmou, juntamente com seu esposo, que ouviu a narrativa de meia dúzia de funcionários da mesma casa de saúde, que o psiquiatra Moacir Monteiro tentou estrangulá-la, além de bater com sua cabeça na parede. Em seguida o médico derrubou-a e deu-lhe pontapés. Duas enfermeiras, Fátima Marinho e Maria Lopes, enfermeira-chefe, pediram ao médico que deixasse a mulher mas ele não as atendeu, tendo uma delas corrido para chamar o administrador do Meduna, Mesquita. A vítima foi trancafiada na capela, em seguida.

Fonte: Acervo particular do jornal *O Dia*.

Para esta análise, torna-se importante apresentar os seguintes questionamentos: quais os motivos do medo? Quem tememos e em que estado de espírito sentimos medo? No contexto da reportagem, Dona Maria do Carmo, certamente, sentiu medo (temor), sentimento característico de quando nos deparamos com situações que nos colocam em risco ou perigo iminente. Desse modo, a funcionária agredida era uma servente do Meduna o que, hierarquicamente, a coloca em um grau de inferioridade em relação ao poder do psiquiatra, visto que, em seguida, o médico ordenou que lhe fosse aplicada uma injeção. Nesse sentido, Meyer (2021, p. XLIX, grifos do autor) assevera que “há sem dúvida uma lógica da inferioridade baseada no *temor* ou na *vergonha*, assim como há a *confiança* e a *impudência*, que consagram a posição de superioridade”. Possivelmente, o mesmo medo sentido por Dona Maria, durante o ocorrido, pode ser compartilhado pelos leitores do jornal ao se imaginarem em situações nas quais precisassem dos serviços do hospital.

Nesse contexto, a ideia de “agressão”, presente na reportagem da figura 22, assim como a ideia de “espancamento” e “estrangulamento” referentes aos enfoques dados na notícia da figura 23 podem evocar medo, pois sugerem uma ameaça à integridade física. Também ressaltamos que essas palavras podem suscitar os sentimentos de empatia e compaixão, visto que sugerem solidariedade às vítimas de violência.

Reiteramos ainda que esses termos podem representar as ideias de repulsa e horror, principalmente, porque eles têm efeitos passionais intensos e podem evocar fortes emoções em quem os ouve ou lê. Já na informação da morte de Ângelo Celso de Souza Monteiro, conforme a notícia da figura 23, reiteramos que a palavra “morte” pode evocar a tópica da tristeza, luto, perda, principalmente quando se refere à morte de um ente querido.

No trecho da figura 24, observamos, conforme a narrativa, indícios da presença da paixão do ódio por parte do psiquiatra a partir do momento que se destacou que o psiquiatra “tentou estrangulá-la, além de bater com sua cabeça na parede”. Desse modo, o sentimento de ódio tem um caráter dissociador, ou seja, busca-se sempre afastar-se do outro, ao tempo em que

é despertado o desejo de vingança. É importante ressaltar que as expressões “estrangulá-la” e “bater com sua cabeça na parede” podem funcionar como um gatilho para uma série de manifestações afetivas, tais como: o ódio não mitigado pode causar rancor; o ódio pode gerar o desejo de vingança; o ódio pode gerar o sentimento de raiva e, conseqüentemente, facilitar a eclosão de atos de maldade.

Já em relação à abertura do campo passional do auditório (leitor) do jornal *O Dia*, percebe-se a possibilidade do surgimento da paixão da indignação, descrita por Aristóteles (2015, p. 138) como “uma pena sentida relativamente a quem parece gozar de uma felicidade imerecida”. Por outro lado, as pesquisas atualmente, no escopo da Retórica e da Argumentação, entre elas, Lima (2023, p. 63) compreendem que “é preciso haver indignação – individual e coletiva, sobretudo. Sem ela não há possibilidade de mudança. É preciso que haja indignação diante de uma injustiça, de uma violência, de uma traição, para que se possa reinventar”.

Desse modo, a situação de agressão relatada ao jornal *O Dia*, em que Dona Maria, como parte agredida, compareceu ao jornal com hematomas para denunciar a situação de maus-tratos pode evocar o sentimento da indignação e da raiva, pois as situações de agressão, espancamento e estrangulamento compõem as circunstâncias discursivas que fizeram surgir a reportagem e a notícia, reproduzidas, respectivamente, nas figuras 22 e 23, contribuindo para o despertar do sentimento de injustiça e a violação dos direitos humanos.

Além disso, compreendemos que, assim como Dona Maria pode se sentir indignada pelos acontecimentos dos quais foi vítima, o jornalista ao apresentar essa informação suscitou nos leitores o despertar da paixão da indignação, uma vez que essa emoção pode provocar o sentimento de horror diante da injustiça e da violência sofrida pela funcionária do hospital. Partindo da ideia de justiça, a palavra “agressão”, por exemplo, pode fazer com que as pessoas se sintam estimuladas a lutar por justiça, despertar o sentimento de solidariedade e suscitar o desejo de apoio e ajuda à vítima da violência.

Ainda sobre a emoção da indignação, Charaudeau (2010) assevera que a tópica da “antipatia” está relacionada ao estado de indignação. A reportagem da figura 22 é um excelente exemplo, principalmente para se compreender o sentimento de “antipatia” entre Dona Maria e o psiquiatra acusado de agredi-la. A partir do momento em que o jornalista destacou que “apresentando vários hematomas no corpo e dizendo estar ainda em estado de choque da surra que levou de um médico, compareceu à Redação de *O Dia* [...]”, assim como ao relatar que “o médico [...] e o administrador Mesquita resolveram trancá-la na rouparia”, entre outras informações de agressão, é possível depreender um grau de antipatia do médico em relação à Dona Maria, pois percebe-se, através da narrativa, ações que representam maldade e repulsa.

Diante de tudo isso, a vítima de agressão também pode desenvolver um estado de antipatia, pois, segundo Charaudeau (2010), essa tópica compreende, entre outras características, as seguintes:

i) deve ser considerada como uma atitude reativa dupla, em uma relação triangular: *vítima* de um mal, *responsável* pelo mal, sujeito observador-testemunha [...]; ii) o sujeito está ao mesmo tempo em estado de *indignação* frente a uma vítima perseguida [...], e em comportamento de denúncia do responsável pelo sofrimento de outro que ele exprime de forma ao mesmo tempo elocutiva e alocutiva [...]; iii) a indignação pode ser proporcional ao grau de dor da vítima [...]; iv) essa indignação pode se voltar contra o perseguidor [...]; ela pode se voltar contra a própria perseguição[...] (Charaudeau, 2010, p. 51, grifos do autor).

Com base nessas características, é possível depreender que no contexto da reportagem, essa emoção, possivelmente, foi suscitada pela vítima de agressão e pelo agressor, assim como pode proporcionar uma abertura para o despertar desse sentimento no leitor. Ou seja, tanto Dona Maria quanto o psiquiatra Moacir Monteiro Luís de Sousa talvez estivessem com o sentimento de repulsa entre eles, sendo que a atitude de denúncia ao jornal *O Dia*, através de um ato enunciativo *alocutivo*, com o agenciamento de um apelo ao jornal representa uma forma de trazer à tona para a sociedade a informação de agressão dentro do Meduna. Do ponto de vista do comportamento *delocutivo* na reportagem, observamos a presença do discurso relatado. Em suma, as possibilidades de abertura para o estado de passionalidade dos sujeitos envolvidos na informação da reportagem, assim como dos leitores do jornal *O Dia*, são efeitos supostos engendrados no processo persuasivo do texto.

Para Charaudeau (2010), um discurso como esse, abordado na reportagem, pode suscitar no auditório um sentimento de angústia, uma vez que, para o linguista, o sujeito que sente essa emoção pode mobilizar crenças que lhe permite enfrentar as diversas representações que, em sua maioria, são negativas, como: guerra, criminalidade, desemprego e, acrescentamos no contexto da reportagem, ora analisada, a violência sobre a qual foi submetida Dona Maria. Em síntese, para esse pesquisador, a tópica da angústia pode sofrer variações em grau, podendo assim, pertencer a essa emoção a figura da melancolia, do medo e do terror. Ou seja, o interlocutor, possivelmente, ao ler essa matéria poderia se sentir aterrorizado em saber que em uma instituição psiquiátrica, um médico responsável pelo tratamento de seus pacientes é acusado de agredir sua companheira de trabalho. Isso posto, compreendemos que o sujeito que se encontra suscetível ao perigo e à agressão, conseqüentemente, pode despertar o sentimento da angústia.

A partir da análise sobre os estágios da “disposição” e da “identificação” na Trajetória das paixões, passamos, a seguir, para uma compreensão, observação e análise do estágio “despertar da paixão”, considerado por Figueiredo (2020) como ponto central da Trajetória. Para essa pesquisadora, esse estágio é visto como ponto fulcral e de equilíbrio, se concentrando ao meio da Trajetória, uma vez que, de um lado, situam-se os estágios da “disposição” e da “identificação” e, do outro lado, encontram-se os estágios da “mudança de julgamento” e da “ação”.

Nesse sentido, é importante salientar que, no estágio da disposição, encontram-se um conjunto de paixões que almeja impactar um determinado auditório (*pathos*), após este vivenciar processos identitários, operacionados por ele por intermédio de elementos presentes no discurso do orador, passando, pois, a experienciar as transformações e os processos fisiológicos que lhe provocarão sensação de prazer e/ou dor.

Diante disso e tomando como base nossa pesquisa, depreendemos que esse estágio se manifesta, na reportagem, a partir do momento que se identifica na matéria a atitude de denúncia de dona Maria do Carmo Medeiros Rodrigues ao jornal *O Dia*, acusação de agressão do psiquiatra Moacir Monteiro Luís Sousa, atitude do médico em trancá-la no espaço de rouparia do Meduna e a motivação da agressão. Parece, então, que Dona Maria diante das agressões se sentiu encorajada, juntamente com seu marido, possivelmente, conduzida pelo sentimento de revolta, indignação, para denunciar seu agressor.

Desse modo, entendemos que foi a partir do despertar da paixão que Dona Maria se indignou com os hematomas e os sinais de agressão que se encontravam no seu corpo, resolvendo tornar público o ocorrido dentro do sanatório Meduna. Quanto à motivação que provocou a ofensiva, destacamos, segundo a matéria, as palavras “loucos” e “burro”, utilizadas com fins de xingamento e julgamentos depreciativos no contexto da confusão. Ou seja, no decurso da história, na conjuntura do sistema manicomial ou fora dela, esses termos costumam ser empregados como forma de manifestação de comportamentos negativos, sempre com a finalidade de ofender alguém.

O uso dessas palavras pode ser influenciado por fatores culturais, históricos e sociais, uma vez que as crenças associadas a elas são complexas e variadas, como: pode demonstrar que alguém perdeu o controle sobre suas ações, o conhecimento compartilhado de que uma pessoa “louca” age de forma irracional e/ou a crença de que alguém é incapaz de cuidar de si ou de tomar decisões. Quanto à palavra “burro”, consiste numa referência à falta de inteligência ou capacidade cognitiva de alguém. Em síntese, essas palavras são usadas frequentemente, no contexto da saúde mental, como estereótipos e preconceitos e, conseqüentemente, elas podem

ser prejudiciais e estigmatizantes. Desse modo, é importante lembrar também que a saúde mental e a inteligência não podem ser reduzidas a simples rótulos ou expressões/palavras estereotipadas.

Com base nisso, discordamos de Figueiredo (2020), ao afirmar que o despertar da paixão funciona como ponto central da Trajetória das paixões. Em contrapartida, no âmbito da Análise Semiolinguística do Discurso, acreditamos que o *ato de linguagem* é uma condição *sine qua non* para a realização dos estágios da Trajetória, isto é, defendemos que o ponto fulcral das paixões está na situação de comunicação, sobretudo, porque é nela que se encontra uma finalidade comunicativa e um projeto de fala pensado por um sujeito comunicante. Portanto, compreendemos ainda que o despertar da paixão funciona apenas como um estágio da Trajetória, assim como os demais, sendo que o contexto de realização do discurso é que determina sua natureza patêmica por meio dos elementos que compõem o ato de linguagem, como: finalidade comunicativa, projeto de fala, sujeitos, espaço interno e externo da troca linguageira.

Consideramos, portanto, a reportagem e a notícia como atos de linguagem porque englobam uma finalidade comunicativa, intermediada por um projeto de fala e planejada por um sujeito comunicante. Além do mais, é preciso levar em consideração os sujeitos possíveis de se identificar nos textos das figuras 22 e 23, ou seja, de um lado, tem-se o jornal, que funciona como sujeito comunicante, que pensa num projeto de fala almejando seu interlocutor e os leitores de forma geral, estes representados pelo sujeito interpretante e, por outro lado, encontram-se, os sujeitos do espaço do dizer, representados pelos jornalistas (sujeito enunciador) que escreveram a matérias, e os leitores específicos, simbolizados pelo sujeito destinatário, aqueles que se identificam com as temáticas abordadas nos textos.

Após experienciar a dor e/ou o prazer oriundos da paixão, é possível observar um impacto nos estados ou nos processos cognitivos que se encontram relacionados às crenças ou aos julgamentos do auditório. Tomando como base nosso *corpus* de análise, depreendemos que a paixão, além de ser engendrada no auditório, através de um processo identitário, produz uma abertura passional no discurso relatado de Maria do Carmo Medeiros Rodrigues, por exemplo, no texto da figura 22. Ou seja, compreendemos que as emoções se encontram no orador, mas também nos atores envolvidos em seu discurso e, tudo isso, implicará na forma como o público-alvo receberá esse discurso por intermédio da mobilização das paixões organizadas na nossa mente.

Em relação à atitude de dona Maria do Carmo Medeiros Rodrigues em procurar o jornal *O Dia* para denunciar a situação de agressão oferecida pelo psiquiatra Moacir Monteiro Luís

Sousa, assim como a denúncia de morte de Ângelo Celso de Souza Monteiro, realizada pela sua mãe, dona Antonia Alves Pereira, observamos, neste contexto, a demonstração da “mudança de julgamento”, sobretudo, porque se percebe a tomada de decisão de ambas, intermediada pela experiência de dor, impactando, assim, suas emoções influenciadas por crenças e julgamentos.

Pensar a “mudança de julgamento”, no âmbito do auditório, considerando os dois textos analisados nesta seção, significa que esse estágio não é possível de se atestar diante de nosso *corpus*, uma vez que através dos textos não se consegue identificar a recepção dos leitores do jornal com a leitura das informações referentes à reportagem e à notícia. Desse modo, torna-se inviável identificar o detalhamento dessa vértice, engendrado pelo auditório, como: deliberação, escolha e disposição.

Essas características são viáveis para os agentes responsáveis pelas denúncias ao jornal, visto que elas deliberaram junto à mídia questões importantes, buscando ajuda a fim de discernir o que era necessário fazer naquele contexto em que se encontravam. No contexto dos textos da figura 22 e 23, dona Maria do Carmo Medeiros Rodrigues e Antonia Alves Pereira, se encontravam numa situação de escolha, tendo optado por procurar o jornal *O Dia* com a finalidade de tornar pública a acusação de agressão e de morte dentro do sanatório Meduna. Por fim, a disposição corresponde ao nosso comportamento e que “funciona como a mola propulsora da atitude [...]” (Figueiredo, 2020, p. 52). Em síntese, o estágio “mudança de julgamento”, considerando nossa pesquisa, funciona como um efeito visado no auditório desse jornal.

Por fim, apresentamos o último estágio da Trajetória das paixões que é a ação. Esse estágio assim como o estágio anterior, não foi possível atestarmos nos textos da reportagem e da notícia, pois não sabemos qual foi o comportamento do auditório com a leitura desses textos. No entanto, ressaltamos que essas matérias, em sua essência, tratam de questões bastante sensíveis – agressão e morte, que são capazes de suscitar nos leitores do jornal uma abertura passional variada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, objetivamos, de modo geral, analisar a construção discursiva acerca da saúde mental no Piauí a partir de publicações do jornal *O Dia* sobre as quais se destacou o protagonismo do sanatório Meduna, o mais conhecido na sociedade piauiense e, de forma mais específica, compreender as notícias como atos de linguagem situados em circunstâncias discursivas próprias que possibilitam a apreensão do sanatório Meduna como uma referência para o sistema manicomial do estado do Piauí; descrever o contrato de informação midiático existente entre a mídia e a sociedade piauiense, identificando as restrições e as estratégias, bem como, as identidades, os propósitos, as intencionalidades e as circunstâncias materiais através das quais os discursos são produzidos; verificar a classificação dos saberes nos quais se assentam os imaginários sociodiscursivos mobilizados nas matérias jornalísticas; desvelar o fenômeno da patemização, enquanto estratégia discursiva, na construção da finalidade comunicativa do jornal *O Dia* no que tange à credibilidade (informar) e à captação (afetar pela emoção).

Para isso, analisamos notícias, reportagens, editorial e artigo de opinião publicados pelo jornal *O Dia* sobre o sanatório Meduna e/ou psiquiatra Clidenor de Freitas Santos à luz da Teoria Semiolinguística numa interface com a Retórica e a Argumentação. Ademais, exploramos na fundamentação teórica e na análise as seguintes categorias: o ato de linguagem, o contrato de comunicação midiático, o *logos*, o *ethos* e o fenômeno da patemização numa relação aos imaginários sociodiscursivos.

Esse olhar nos permitiu constatar que o jornal enunciou sobre a instituição e/ou sobre o médico a partir de um discurso epidítico, com o objetivo de divulgar e elogiar o trabalho do médico ou demonstrar a função desempenhada pelo hospital junto a sociedade piauiense e, ao mesmo tempo, encontramos nos cadernos do jornal, matérias que tiveram como finalidade denunciar agressões e mortes dentro do Meduna, por exemplo.

Apresentamos como hipótese, na introdução desta pesquisa, que as notícias veiculadas nos jornais impressos do Piauí, ao enunciar sobre essa instituição psiquiátrica, se utilizaram do fenômeno da patemização. Como resultado, destacamos que, de um lado, o jornal *O Dia* recorreu a essa estratégia para sensibilizar seus leitores utilizando-se de um discurso de exaltação para elogiar o hospital e o médico Clidenor de Freitas Santos. Esse discurso epidítico se faz presente no gênero reportagem, no editorial e no artigo de opinião. Por outro lado, o jornal enunciou através de um discurso deliberativo, principalmente, quando aborda questões de ordem social, a exemplo da acusação de agressão e morte dentro do Meduna presente no

gênero reportagem e notícia. Desse modo, *O Dia* oscila entre divulgar textos com o propósito de elogiar o psiquiatra e, *pari passu*, de denunciar irregularidades relacionadas à instituição.

Quanto à hipótese de que o sanatório Meduna foi utilizado pelo Estado, sobretudo, com a tentativa de produzir uma ação higienista, destacamos indícios desse fenômeno, principalmente, quando tomamos como base a reportagem analisada na subseção 6.1, figura 12, de que trata da ilegalidade de prisão de doentes mentais na Penitenciária Major César de Oliveira. Além dessa matéria que demonstra um possível processo de higienização, destacamos também a notícia de acusação de agressão, conforme figura 22. Nessa notícia, encontra-se a informação de que o psiquiatra Moacir Monteiro Luiz de Sousa mandou aplicar uma injeção em Maria do Carmo Medeiros e, com auxílio do administrador do hospital, tranco-a na roupa. Esses relatos presentes em reportagens e notícias publicadas e divulgadas pelo jornal *O Dia* demonstram que o sanatório Meduna não serviu somente para o tratamento psiquiátrico, mas também para outros fins.

Ressaltamos ainda que nos capítulos precedentes, construímos uma reflexão sobre a teoria Semiolinguística, a argumentação como discurso, os discursos sobre a loucura e, por fim, investigamos de que maneira as categorias de ato de linguagem, contrato de comunicação midiático, assim como o *logos*, *ethos* e *pathos* podem ser observados e analisados em gêneros que foram produzidos e divulgados pelo jornal *O Dia* sobre o sanatório Meduna.

Esse percurso nos levou à análise do fenômeno da patemização, em específico, presentes em notícias que versaram sobre o sanatório Meduna e/ou psiquiatra Clidenor de Freitas Santos. Nesses capítulos analíticos, como forma de aprofundar a inter-relação entre a Teoria Semiolinguística e a Retórica e a Argumentação, identificamos conceitos comuns entre essas teorias e aplicamos esses conceitos no nosso *corpus* para compreender de que modo o fenômeno da persuasão, com ênfase na construção da imagem de si pelo orador, a articulação dos argumentos e a retórica da sedução, se fazem presentes em textos com uma visada argumentativa ou com uma dimensão argumentativa. Diante disso, propomos, com base no nosso objeto de análise, uma adaptação da Teoria da Trajetória das paixões proposta por Figueiredo (2020).

Endossamos que esta pesquisa jamais se apresenta como a única possibilidade disponível para se aventurar numa análise dos diversos discursos possíveis de se encontrar nas mais diversas esferas de comunicação humana. Aqui trata-se de uma expedição e de uma aventura teórico-analítica pensada no âmbito do discurso midiático, especificamente, os discursos que versaram sobre o sanatório Meduna e/ou psiquiatra Clidenor de Freitas Santos. Desse modo, compreendemos que, diante de um material tão valioso em recursos linguísticos

e discursivos, inúmeros outros aspectos de natureza semiolinguística, retórica e argumentativa seriam capazes de ser utilizadas com o objetivo de contribuir com uma investigação de cunho retórica-discursiva a partir de textos extraídos do campo jornalístico-midiático.

Da mesma maneira, alguém que lê este texto pode se questionar: a Teoria Semiolinguística não daria conta de analisar o *corpus* investigado nesta pesquisa? Ou, por que se adotou nesta pesquisa uma interface entre a Semiolinguística, a Retórica e a Argumentação? Para responder o primeiro questionamento, a resposta é sim, pois acreditamos que, dependendo da proposta de pesquisa, a Semiolinguística se constitui como um instrumental teórico capaz de subsidiar a análise dos mais diversos textos e discursos, desde que sejam empregados procedimentos metodológicos e categorias analíticas coerentes com os objetivos definidos. Para o segundo questionamento, a resposta talvez seja um pouco mais enfática: a partir das leituras realizadas durante a pesquisa, observamos que a Semiolinguística, em constituição, dialoga e muito com as demais áreas do conhecimento. Assim sendo, considerando nosso objeto de investigação, sentimos a necessidade de uma retomada à Retórica e à Argumentação, uma vez que o *ethos*, o *pathos* e o *logos* são categorias adotadas nos estudos discursivos, no entanto, se constituem como herança dos estudos retórico-discursivos de natureza filosófica. A partir da interface adotada neste texto, observamos, analisamos e propomos adaptação de propostas consolidadas na Análise Semiolinguística e na Retórica, a fim de contemplar nossos objetivos previamente estabelecidos.

Isto posto, fundado nas questões motivadoras desta pesquisa e no instrumental teórico-metodológico da Análise Semiolinguística do Discurso aliada à Retórica e à Argumentação, explicitamos como principais resultados desta investigação as seguintes reflexões:

- 1) Compreendemos que as notícias, as reportagens, o editorial, a crônica e o artigo de opinião analisados neste texto se configuram como ato de linguagem, situados em condições específicas de comunicação.

De acordo com os textos analisados, partimos de uma análise situada na noção de ato de linguagem para posteriormente se compreender como que o fenômeno da visada patêmica se fez presente em textos, cuja intenção se constituiu entre mobilizar o leitor do jornal *O Dia* através da finalidade comunicativa informativa, mas ao mesmo tempo, buscou atingir esse público pela captação. Para esta reflexão, tomamos como base uma crônica, figura 06, que trata sobre a inauguração do Sanatório Meduna. Através desse texto, foi possível depreender principalmente dois aspectos relacionados às condições de produção e de interpretação de uma

crônica como um ato de linguagem: a) a interatividade entre sujeito enunciador e sujeito interpretante com ênfase no propósito linguageiro e b) a relação existente entre esses dois sujeitos, um diante do outro. Diante disso, foi possível compreender, em parte, o cenário social e político da época que, certamente, autorizou o jornalista partir do título “doido”, presente na crônica, através de um jogo metafórico, refere-se ao médico Clidenor de Freitas Santos, por intermédio desse referente, a fim de promovê-lo uma homenagem mediante um discurso epidítico. Na sequência identificamos que:

- 2) O discurso midiático do jornal *O Dia* se constitui como um espaço de estratégias e de restrições ao informar e argumentar. Além disso, os textos produzidos e divulgados sobre o sanatório Meduna e o psiquiatra se configuram no âmago de suas finalidades comunicativas entre a credibilidade e a captação.

Com análise dos textos, em específico, o texto da figura 10, compreendemos a existência das identidades dos parceiros, suas finalidades e as funções que lhes são atribuídos. Desse modo, tanto a notícia da figura 10 quanto a crônica da figura 06, em seus títulos trazem, respectivamente, palavra/expressão “doido” e “débil mental”. Tais designações, na época, eram aceitas, mas atualmente é algo que desautoriza qualquer jornalista a se referir a pacientes psiquiátricos utilizando-se desses referentes.

Conforme assevera Charaudeau (2012b), identificamos que a produção midiática do jornal *O Dia* oscila entre informar o leitor e seduzi-lo pela emoção. Assim sendo, esse jornal prima pela apresentação dos fatos a fim de contemplar os critérios de credibilidade e de confiabilidade, no entanto, observamos também que o orador (jornalista) desse jornal se utiliza na encenação informativa como um espaço de *fazer-sentir*, utilizando-se de escolhas linguísticas a fim de atender o princípio de influência, sendo que a emoção pode ser apresentada com leveza ou não, a exemplo da notícia analisada, conforme figura 11, intitulada “Louca dorme fumando e morre em incêndio”. Portanto, o título dessa notícia, em sua essência, se apresenta com uma abertura passional muito forte, uma vez que nos sensibilizamos com a informação de morte, ainda mais, quando essa morte se refere a alguém com problemas psiquiátricos e vítima de incêndio. A seguir, apresentamos o seguinte resultado:

- 3) No discurso empreendido pelo jornal *O Dia* sobre o sanatório Meduna, identificamos, nos textos analisados, as provas de persuasão fornecidas pelo discurso, conforme asseveram Aristóteles (2015) e Figueiredo (2020) e, no discurso, retomadas por Charaudeau (2005; 2016), principalmente, quando ele discute sobre

o duplo processo de semiotização do mundo, em específico, o processo de transação, com vista no princípio da influência. Finalmente, apresentamos a proposta de adaptação do ato de linguagem com a inserção dos estágios da Trajetória das paixões no espaço interno do ato.

As categorias teóricas da Retórica, com base nos procedimentos envolvidos no processo de construção discursiva, bem como do material linguístico registrado nos textos, oferecem uma observação e uma compreensão dos aspectos relacionados às estratégias que residem no próprio discurso, a exemplo dos seguintes argumentos: argumento de autoridade, argumento por ilustração, argumento de comparação, argumento probabilístico, argumento do sacrifício e a figura da metáfora. Todos esses argumentos foram identificados nos textos analisados, em específico, no editorial e no artigo de opinião.

Quanto à construção da imagem de si, destacamos, em especial, o *ethos* institucional, na medida em que o jornal demonstra através de seus textos como um espaço de credibilidade, pois enaltece o trabalho do psiquiatra Clidenor de Freitas Santos, a exemplo do discurso epidítico presente no editorial e no artigo de opinião, mas também, denuncia situação de irregularidades dentro da instituição. Além do mais, no decorrer da análise, foi possível depreender a recorrência nesses gêneros da construção do *ethos* de enaltecimento com o objetivo de revelar as qualidades do médico.

Por fim, apresentamos as estratégias que se encontram no modo como se dispõe o ouvinte, ou seja, aquelas que estão relacionados ao *pathos*. Nesse sentido, identificamos no decorrer da análise da seção 6, sobretudo, na subseção 6.3 e 6.3.1, as seguintes paixões: amor (amizade), ódio, segurança (confiança), indignação, temor (medo), angústia, tristeza. Ressaltamos que essas paixões se configuram com aberturas passionais deixadas pelo discurso presentes nos textos ora analisados, no entanto, sem a garantia se de fato essas tópicas foram despertadas nos leitores do jornal *O Dia*.

Com base nas análises empreendidas nas seções 5 e 6, apontamos como contribuição teórica, na subseção 6.3.1, a adaptação do esquema de Charaudeau (2016) acerca do ato de linguagem com a inserção dos estágios da Trajetória das paixões no espaço interno do ato. Com isso, reforçamos que as análises e a proposta de adaptação desenvolvidas nesta pesquisa, considerando os textos analisados, obviamente, não esgotam as possibilidades de investigação, podendo diante de outro *corpus*, surgir novas categorias, reformulação de conceitos e/ou novas propostas de adaptação relacionadas à Análise Semi linguística do Discurso, à Retórica ou à Argumentação.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**: gerenciando razão e emoção. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- Amarante, Paulo. **Saúde mental e atenção psicossocial**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2007.
- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. Tradução de Rosalice Botelho e Walkin Souza Pinto [et al.]. São Paulo: Contexto, 2017.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Tradução de Angela M.S. Corrêa [et al.]. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírío Possenti. São Paulo: Contexto, 2019.
- ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Folha de S. Paulo, 2015.
- ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2021.
- ARBEX, Daniela. **Holocausto Brasileiro**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**: palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, J. “Hétérogénéité montrée e hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche de l’« autredans le discours »”. In: *DRLAV – Revue de Linguistique*, n.26, 1982.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Calidoscópio**, V. 6, n. 2, 2008. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/5252>. Acesso em: 26 maio de 2025.
- BASAGLIA, Franco. **A psiquiatria alternativa**: contra o pessimismo da razão, o otimismo da prática: conferências no Brasil. São Paulo: Brasil Debates, 1982.
- BASAGLIA, F. As instituições da violência. In: AMARANTE, P. (org.). **Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BATISTA, Micheline Dayse Gomes. Breve história da loucura, movimentos de contestação e reforma psiquiátrica na Itália, na França e no Brasil. **Revista de Ciências Sociais**, n. 40, p. 391-404, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/politicaetrabalho/article/view/16690>. Acesso em: 28 fev. 2024.
- BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. **ReVEL**, vol. 7, n. 13, 2009. Disponível em: https://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_o_genero_textual_artigo_de_opinioao.pdf. Acesso em: 27 jun. 2024.

CAFÉ, Laércio de Jesus. **Da higienização à Loucura – uma perspectiva do processo higienizador “disciplinador”**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. Une Analyse sémiotique du discours. **Revue Langages**, nº 117, Larousse, Paris, mars, 1995. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Une-analyse-semiologique-du.html>. Acesso em: 24 abr. 2022.

CHARAUDEAU, Patrick. **Para uma Nova Análise do Discurso**. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. O Discurso da Mídia. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida; MELLO, Renato de (org.). **Análise do Discurso: fundamentos e práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (org.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiologique-du.html> Acesso em: 20 jul. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Pathos e discurso Político. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília. **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

CHARAUDEAU, Patrick. A Patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia. **As emoções no discurso**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010^a.

CHARAUDEAU, Patrick. O contrato de comunicação na sala de aula. **Revista Interação**. V. 37, n.1. 2012a. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/audeico/article/view/18861/11231> >. Acesso em: 10 ago. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Tradução de Angela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2012b.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa; DE PAULA, Luciane (org.) **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**, Edufu, Uberlândia, 2010b. Disponível em: < <https://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html> >. Acesso em: 18 dez. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Tradução Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006. P. 113-166.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. Traduzido por André Luiz Silva e Rafael Magalhães Angrisano. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017. Disponível em: <<http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/857>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CORRÊA-ROSADO, Leonardo Coelho. Teoria Semiolinguística: alguns pressupostos. **Revista memento**, Belo Horizonte, v. 05, n. 2, 2014, p. 01-18. Disponível em: <<http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1826>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

DANTAS, Douglas Araújo de Medeiros. **“Progresso Que Na Terra Levanta”**: o Sanatório Meduna e a modernização do espaço urbano em Teresina (1954-1958). Dissertação (Mestrado) – Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/f2db918a-d732-4e6e-9637-c8edca839a89> Acesso em: 10 ago. 2024.

DELEUZE, Gilles. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Ed. 34, 2010.

EMEDIATO, Wander. As emoções da notícia. In: MACHADO, Ida Lucia; MENEZES, William; MENDES, Emília. **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

EMEDIATO, Wander. **Análise do Discurso**: numa perspectiva Enunciativa e Pragmática. Campinas, SP Pontes Editores, 2022.

FERREIRA, Luiz Antonio. **Leitura e persuasão**: princípios de análise retórica. São Paulo: Contexto, 2021.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A retórica das paixões revisitada. In: MANFRIM, A. P.; LUDOVICE, C. B. A.; FIGUEIREDO, M. F. **O texto**: corpo, voz e linguagem. Franca: Unifran, 2018. (Coleção Mestrado, 13). p. 141-148.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. A Trajetória das paixões: Aristóteles, a Retórica das Paixões e suas implicações no contexto discursivo/argumentativo. **Sinergia** (Revista Científica do Instituto Federal de São Paulo), v. 20: Edição Especial – Comunicação Científica, Cognição e Persuasão, p. 6-17, set. 2019.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. Ampliação e aplicabilidade analítica da “Trajetória das paixões”. In: FIGUEIREDO, Maria Flávia (org.). **Trajetória das paixões**: uma retórica da alma. Franca, SP: Unifran, 2020.

FIGUEIREDO, Maria Flávia. “Emoções importam”: será que estou disponível a me identificar? In: LIMA, Helcira Maria Rodrigues de; ABREU-AOKI, Raquel; MAZZOLA, Renan (org.). **Retórica, Argumentação e emoções**: itinerários convergentes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

FONTE, Eliane Maria Monteiro. As sete vidas da agenda pública em saúde mental no Brasil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO LATINO-AMERICANA DE SOCIOLOGIA, XXVIII., **Anais...**, Recife, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France: 1970-1982**. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**. 8ª. Edição. São Paulo: Perspectiva, 2019.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Introdução e revisão técnica de Roberto Machado. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRANKLIN, Camila Fortes Monte; RÊGO, Ana Regina Barros. O sanatório Meduna e a invisibilidade do louco nas matérias do jornal *O Dia*. V **Encontro Nordeste de História da Mídia**, Recife, 2018.

FRANKLIN, Camila Fortes Monte. **A Construção da Figura do Louco no Piauí no Jornal O Dia: Um Panorama de 1970 A 2019**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

FRANKLIN, Camila Fortes Monte; TEIXEIRA, Juliana Fernandes. A construção da figura do louco no Piauí no jornal *O Dia*: um panorama de 1970 a 2019. **Revista Brasileira de História da Mídia**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 177-197, jan./jul. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GALINARI, Melliandro M. As emoções no processo argumentativo. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

GONDRA, José Gonçalves. Homo Hygienicus: Educação, Higiene e a Reinvenção do Homem. CAD. **CEDES**, Campinas, v.23, n.59, p.25-38, abr., 2003. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/rLx5HWw8CdbkLhZ3v5Rvcbf/?lang=pt>>. Acesso: 06 jul. 2023.

GUIMARÃES, Humberto. **Para uma psiquiatria piauiense**. Teresina: Comepi, 1994.

HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

JODELET, Denise. **Loucura e representações sociais**. Tradução de Lucy Magalhães. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

KURY, Adriano da Gama. **Minidicionário Gama Kury da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 2001.

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LIMA, Helcira. Patemização: emoções e linguagem. In: MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, William; MENDES, Emília (org.). **As emoções no discurso**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

LIMA, Helcira Maria Rodrigues de. A propósito das emoções: a indignação “nos tempos de cólera” para uma política do cuidado. In: Helcira Maria Rodrigues de; ABREU-AOKI, Raquel; MAZZOLA, Renan (org.). **Retórica, Argumentação e emoções**: itinerários convergentes. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

MACEDO, João Paulo; DIMENSTEIN, Magda. A reforma psiquiátrica em contextos periféricos: o Piauí em análise. **Memorandum**, Belo Horizonte, 22, p. 138-164, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6595/4171> Acesso em: 12 dez. 2022.

MACHADO, Ida Lucia; MENDES, Emília. A análise semiolinguística: seu percurso e sua efetiva tropicalização. **Revista Latinoamericana De Estudios Del Discurso**. Vol. 13, n.2, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/raled/article/view/33381> Acesso em: 22 abr. 2022.

MACHADO, Ida Lucia. O ato de linguagem segundo a Semiologia: implicações, explicações e aplicações práticas. **Gragoatá**, Niterói, v.24, n. 50, p. 760-772, set.-dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/34125>. Acesso em: 10 ago. 2021.

MACHADO, Roberto. **Introdução**: Por uma Genealogia do Poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

MELO, Walter. Nise da Silveira e o campo da Saúde Mental (1944-1952): contribuições, embates e transformações. **Mnemosine**, Vol.5, nº2, p. 30-52, 2009. Disponível em: < https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/41432/pdf_158 >. Acesso em: 28 set. 2023.

MEYER, Michel. **A retórica**. Tradução de Marly N. Peres. São Paulo: Ática, 2007.

MEYER, Michel. Aristóteles ou a retórica das paixões. (Prefácio). In: ARISTÓTELES. **Retórica das paixões**. Tradução de Isis Borges B. da Fonseca. São Paulo: Martins Fontes, 2021. P. XVII-L1.

MOURA, João Benvindo de. “Piauí: é feliz quem vive aqui” – efeitos de patemização na mídia. In: **Anais do II Fórum Internacional de Análise do Discurso**. Rio de Janeiro, 2010. p. 1008-1015.

MOURA, João Benvindo de; TEIXEIRA, Virna Pereira. A opção pelos pobres: a persuasão através de recursos argumentativos nos discursos do Papa Francisco. In: MOURA, João

Benvindo de; BATISTA JÚNIOR, José Ribamar Lopes; LOPES, Maraisa (org.). **Discurso, memória e inclusão social**. Recife: Pipa Comunicação, 2015.

MOURA, João Benvindo de. **Análise discursiva de editoriais do jornal Meio Norte: um retrato do Piauí**. Teresina: Editora Pathos, 2020. Disponível em: <http://editorapathos.com.br/analise-discursiva-de-editoriais-do-jornal-meio-norte-um-retrato-do-piaui/> Acesso em: 30 jan. 2023.

MOURA, João Benvindo de. João Benvindo de Moura. In: GOUVÊA, Lúcia Helena (org.). **O que é e o que faz a Semiologia**? 1.ed. Natal: EDUFRRN, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/54872>. Acesso em: 20 nov. 2023.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. O olhar do outro sobre os pobres urbanos de Teresina na década de 1970. **X Encontro Nacional de História Oral, Testemunhos: história e política**, Recife, 2010.

OLÍMPIO-FERREIRA, Moisés. Razão, Retórica e Argumentação: a racionalidade argumentativa em Chaïm Perelman. In: PIRIS, Eduardo Lopes; Grácio, Rui Alexandre (org.). **Introdução às teorias da argumentação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

OLIVEIRA, Carlos Francisco Almeida de; REGO, Samuel Robson Moreira; NUNES, Caio Moraes. **Psiquiatria on line Brasil**, v. 17, n. 09 set. 2012. Disponível em: <<https://www.polbr.med.br/ano12/wal0912.php>>. Acesso em: 29 maio 2024.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

OLIVEIRA, Edmar. **A incrível história de von Meduna e a filha do sol do equador**. Teresina: Edição do autor, 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**. In: ORLANDI, Eni P; RODRIGUES, Suzy Lagazzi (Orgs.). **Discurso e textualidade**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Texto como discurso: uma visão semiológica. **Revista Desenredo**, volume 8, número 1, 2012. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2638>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PELBART, Peter. **A Nau do Tempo Rei: 7 ensaios sobre o Tempo da Loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

PELBART, Peter. **Da Clausura do Fora ao fora da Clausura: Loucura e Desrazão**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: a nova retórica**. Tradução Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PIRIS, Eduardo Lopes. Ruth Amossy e sua abordagem sociodiscursiva da argumentação. In: PIRIS, Eduardo Lopes; Grácio, Rui Alexandre (org.). **Introdução às teorias da argumentação**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

PLANTIN, Christian. As razões das emoções. In: MENDES, Emília; MACHADO, Ida Lúcia (org.). **As emoções no discurso**. Campinas, SP: Mercados de Letras, 2010.

QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente correto e direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004.

REZENDE, Graciele Silva. **Estratégias discursivas em publicidades brasileiras de cerveja**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Minas Gerais, p.134. 2006.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 50**. 2000. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio da Loucura**. Tradução de Paulo M. Oliveira. Ponta Grossa-PR: Atena Editora, 2002.

SANDES-FREITAS, Vítor Eduardo Veras de. Herança e história política no Piauí: das origens à redemocratização. **Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História da Uece** -Vol. VII, Nº 13 – janeiro – julho, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revistahistoriaculturas/article/view/3014>. Acesso em: 21 nov. 2023.

SANTANA, Márcia Castelo Branco. **Asilo de Alienados de Teresina**: história da assistência e da institucionalização dos loucos[as] no Piauí (1880 a 1920). 2017. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

SANTOS, Maria Francisca Oliveira. **As marcas retórico-críticas no gênero editorial**. Curitiba: Appris, 2018.

SERRANO, F.P. **Pesquisar**: a tese, um desafio possível no labirinto. São Paulo: Parábola, 2011.

SILVEIRA, Luana. Fazer falar a loucura. **Mnemosine**, v.5, n. 2, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/viewFile/41431/28700>. Acesso em: 29 jul. 2023.

SILVA NETO, Ábdon Eres da Silva. **Aedos**, Porto Alegre, v. 10, n. 23, p. 132-151, Dez., 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/87429/52141> Acesso em: 30 maio 2024.

TORRE, Eduardo Henrique Guimarães; AMARANTE, Paulo. Michel Foucault e a “história da loucura”: 50 anos transformando a história da psiquiatria. **Cadernos Brasileiros de Saúde Menta**, Florianópolis, V. 3, n. 6, p. 41-64, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/issue/view/2975>. Acesso em: 28 fev. 2024.

TOULMIN, Stephen. **Os usos do argumento**. Tradução de Reinaldo Guarany. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

TRINGALI, Dante. **Introdução à Retórica**: a retórica como crítica literária. São Paulo: Duas Cidades, 1988.

VASCONCELOS, E. M. Desafios políticos no campo da saúde mental na atual conjuntura: uma contribuição ao debate da IV Conferência Nacional. Em E. M. Vasconcelos. (Org.). **Desafios políticos da reforma psiquiátrica brasileira** (pp.17-74). São Paulo: Hucitec, 2010. Disponível em: https://conselho.saude.gov.br/images/4_CNSM.pdf. Acesso em: 4 mar. 2024.

VECHI, Luís Gustavo. Iatrogenia e exclusão social: a loucura como objeto do discurso científico no Brasil. **Estudos de Psicologia**, v. 9, n. 3, sept./dec. 2004, p. 489-495. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n3/a11v09n3.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2024.

VIEIRA, José Magno de Sousa. **Cidade entre Rios, Cidade inter Pontes**: O Discurso Sobre as Formações Imaginárias de Teresina. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu* (Doutorado) Linguística, Faculdade de Educação e Linguagem, Campus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2022.

YASUI, S.; COSTA-ROSA, A. (2008). A estratégia atenção psicossocial: desafio na prática dos novos dispositivos de saúde mental. **Saúde em Debate**, v. 32, n. 78/79/80, p. 27-37. Jan./dez. 2008. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-514309>. Acesso em: 04 mar. 2024.

ODYLO COSTA, filho

(Do "Diário de Notícias", de 21/4/54)

Do Rio — Peço ju-
aplausos festivas r-
ções regosijo povo
inauguração, hoje

drista.
Achamos q
relatar para a A
lavadas como e
dia do funcional
tado, o Pedro P
noção de respo

De São
lo-me
grande
lizado
sincero
sas ale
malore
seus
espero
abraço

Achamos que ao envez relatar para a Assembléia me lavadas como essa de pagar a dita do funcionalismo e das cotado, o Pedro Piroca devia enoção de responsabilidade e

SERRANO & CIA.
TERESINA — PIAUI
End. Teleg. — SERRANO
CAIXA POSTAL, 39
Rua Alvaro Mendes,
— 924 —

Digitalizado com CamScanner

Anexo 2

Teresina, 21/22/23 de Abril de 1.979

Meduna

Quando chegou a Teresina, na década de 40, formado em psiquiatria e ávido por aplicar conhecimentos adquiridos, o médico Clidenor de Freitas Santos deparou-se, já na direção do Asilo de Alienados (hoje Hospital Psiquiátrico Areolino de Abreu) com cenas degradantes e marcadamente desumanas.

Os alienados eram tratados como animais, acorrentados como bichos, tratados como feras.

Esse tratamento, longe de curar, aumentava a lesão e provocava reações ainda mais agressivas no comportamento do homem louco ou a caminho da loucura.

A situação precisava mudar.

E Clidenor de Freitas teve que retirar, sob o protesto de pessoas que temiam consequências mais graves, as correntes que prendiam "aqueles animais humanos".

Foram 1.450 quilos de correntes que cercavam a liberdade de movimento dos alienados, muitas vezes provocando a ira até de familiares. Era um processo profundamente desumano, arrebatando a possibilidade de recuperação de qualquer indivíduo acometido pela loucura.

Com pouco tempo, o tratamento moderno, onde o afeto era mais importante que as aplicações de medicamentos tormentosos, começou a surtir efeito e gerar curas que foram consideradas milagrosas àquela época.

Com um trabalho eficiente, honesto, de profunda preocupação humana, o médico Clidenor de Freitas Santos adquiriu a confiança do povo piauiense, e suas qualidades de humanista dotado de conhecimentos raros da ciência, no Piauí da década de 40, o colocaram no plano superior de uma sociedade de homens arrojados e trabalhadores.

Mas o médico Clidenor de Freitas Santos queria mais. Exigia a inclusão de medidas que modernizassem o sistema

psiquiátrico, substituindo os padrões obsoletos que ainda tripudiavam sobre a desgraça de pessoas que tiveram a infelicidade de se comportar diferentemente dos padrões convencionais de uma sociedade considerada "equilibrada".

O Estado, entretanto, não dispunha de recursos para as mudanças pretendidas. E houve até quem considerasse os projetos, arrojados demais para o Piauí daquela época.

Frustrado nos projetos, Clidenor de Freitas Santos entendeu que só poderia aplicar tudo o que pretendia numa clínica que não dependesse de decisões de terceiros.

E construiu sua própria clínica, reiniciando um processo de tratamento que revolucionaria o nordeste e alcançaria o Brasil inteiro, tal a fama conquistada pelo Sanatório Meduna.

Hoje, 25 anos depois, Clidenor de Freitas Santos olha para trás a apalpa o passado, sentindo um certo orgulho pelo que pôde construir para o seu povo.

Mas não esquece de lembrar que o grande comandante, o grande "motor de frequência de constante e extraordinária eficiência", de todos os momentos do Meduna, foi e é o médico Wilson de Freitas Santos, que além de grande psiquiatra, demonstrou ser, ao mesmo tempo, um talentoso e arrojado administrador.

Vinte e cinco anos são passados. A semente germinou como num sonho.

E hoje, quando todo o Piauí aplaude a iniciativa do Meduna e agradece a Clidenor a dádiva de sua palavra, de sua aura humanista e de sua força emocional, os filhos do médico, reunidos na grande mesa que mandou construir no salão de recepções, certamente lembrarão, cada um, os primeiros acordes de uma sonata dos clássicos mais puros da música universal, que sentiram muito antes de ouvir o mundo cantar lá fora. Porque a vontade de todos nestes 25 anos do Meduna é valsar, é romper a emoção, é fazer explodir a alegria.

Anexo 3

**Partido dos
Trabalhadores
em convenção**

O BERNARDO DO CAMPO
analisar ontem o
das convenções municipais
dos Trabalhadores,
das em 14 Estados, o
do período, Lula indicou
a, afirmou que é plenamente
a colar em prática uma
para acabar com os currais
isto conhecidos
antes e patrocinados pela
do país".

o Lula, a participação dos
sua convenções
afirma a velha tese de que o
não está preparado
a: "A participação maciça
que o povo estava
sobre motivado, de alto
se desperdiçasse o seu
e".

no de agora - disse Lula - PT
estar em sua reta final de
nao definição um programa
e dando
número a campanha de
1. Nosso objetivo é nos
na, de fato e de direito, o
partido desse País.

**juízo do
centro dia
na Justiça**

O JPM que apura as explosões
entre será remetido a 3º
do Exército, incumbida
abap de inquérito
não crimes capitulados no
PnaI Militar, no dia 30
da.

informação foi prestada ontem
na Juiz Militar,
ando na oportunidade, que,
do com o parágrafo segundo
do 2º do código de Processo
Militar, poderá ser considerada
tempo do JPM, nova
vão, "na hipótese de
do inquerível, a julgo do
de Estado".

no o JPM chegar àquele
Pa, a sua distribuição ficará a
Juiz Militar Francisco de
A, porque o titular daquele
do Vice-Marcos dos
tendrá em Brasília,
Núcleo em colega Celso de
Lula no cargo de corregedor
da Militar. Os autos serão
idos a uma das três
bras do Exército.

**Pro Simon
rega guerra
vil no País**



Cama pega fogo e débil mental morre queimada

A débil mental Joana Maria Teodoro de Sousa morreu tragicamente por ter sofrido queimaduras graves quando estava internada no Hospital Meduna. Ela tinha tomado uma dose de tranquilizante e dormiu fumando cachimbo. O lençol da sua cama pegou fogo e ela acabou em chamas, e foi ela faleceu. A denúncia é do Sr. Marcos Raquel, primo da vítima.

Página 9.

**Menor morto
com facada
na garganta**

Nesta das fins de semana mais violentos deste mês em Teresina, três prontos socorros e algumas ficaram feridas à facadas e alvejadas de tiros.

O menor Antônio Fernandes dos Santos, de 12 anos, que vive de casa para casa, morreu com uma facada na garganta. O crime está sendo considerado um mistério para a Polícia deverendar e não tem pistas.

Página 9



Milton Tavares, ex. 1977, recebendo título de cidadão piauiense

**Bani Sadr
destituído**

Ataque cardíaco mata o general



O general Campello com o governador Lucídio Portella

General chega para fazer inspeção aqui

Precedente do Recife, desbarbaram ontem em Teresina o general Flaminio Campello, levando a morte de seu colega Milton Tavares, comandante do II Exército. Ele observou que o desequilíbrio do ex-comandante "é um episódio que traumatiza a todos nós, principalmente a mim, que fui muito amigo do general Milton. Na Assembleia Legislativa, a

Página 3

**Homem ou mulher,
a escolha é sua**

Página 8

Anexo 4

A

• morto
cada
ganta

do menor Antonio
dos Santos, de 12
anos, encontrado em
pânico ao rir
as 18 horas, com
uma facada na
perna mais um
a Polícia desven-
tar foi encontrado
do do Bptan,
diques de Abreu.

vez que Antonio
foi visto com vida
de sua residência,
a 4, nº 31, bairro
Cacar Passarinhos,
e assassinado na
de de Castelo
seu corpo foi
e assassinado até a
foi jogado. Nas
do local havia
A garganta do
verdade com um
pe de faca, num
as sádicos e cruéis
as.

TERIO

mais um mistério
cu apurar. As
estão sob respon-
delegado do 2º
al, Luis Evange-
zo que tomou
do encontro do
istiu pericia no
loco até lá para
tamento. Rastros
ou sem dúvida o
m vistos no local.
rista foi encon-
tificar o autor
pais do menor,
to dos Santos e
mandes dos San-
taram ao local.
Antonio Fernan-
da pericia, foi
o necrotério do
co Legal.

e casa, Antonio

Teresina, 23 de Junho de 1981

PAGINA 9

Louca dorme fumando e morre em incêndio



Domingos: livre na segunda tentativa

Lavrador absolvido pelo tribunal do Juri

Julgado pela segunda vez pelo Tribunal Popular do Juri, o lavrador João Domingos de Almeida, que matou à paulada Valmir Alves, crime ocorrido em 1974, na Usina Santana, foi condenado a pena de 3 anos, com direito a liberdade condicional. Para os advogados de defesa, Gerardo Ribeiro dos Santos e Lúcio Ribeiro dos Santos, este estreado pela primeira vez em júri, consideram uma vitória, pois o réu poderá ficar em liberdade.

O conselho de sentença

condenado a 18 anos de prisão e estava cumprindo a pena na Penitenciária Agrícola Major Cesar Oliveira. Os seus advogados Gerardo Ribeiro dos Santos e Lúcio Ribeiro dos Santos apelaram para novo julgamento, conseguindo no segundo júri a diminuição da pena para três anos. João Domingos já tinha passado cinco anos na Penitenciária e por isso ganhou liberdade imediatamente.

O promotor Waldir Guimarães, na tese de homicídio qualificado, disse que o crime foi praticado por vingança, pois

A débil mental Joana Maria Trosdoro de Sousa teve morte trágica, por ter sofrido queimaduras graves quando estava internada no Hospital Meduna. Ela tomou uma excessiva dose de tranquilizantes e ao se deitar, acendeu um cachimbo, porém dormiu e o lençol da cama pegou fogo.

A denúncia foi feita pelo Sr. Marcos Raquel de Sousa, primo da vítima, residente na rua Sísifo Correia, 367, bairro Monte Castelo, que enviou carta à redação de um jornal, pelo correio.

A morte de Joana Maria ocorreu no dia 14, domingo, no Pronto Socorro do Hospital Getúlio Vargas, mas somente ontem a imprensa tomou conhecimento. Marcos Raquel, numa carta dramática, disse que nenhuma providência foi tomada no sentido de se apurar o caso e a família de Joana Maria está revoltada.

Segundo o denunciante, a débil mental Joana Maria estava internada no Hospital Meduna há dias. No dia de sua morte, antes de se deitar, ela havia tomado uma dose de tranquilizante. Mesmo fumando cachimbo, ela terminou dormindo.

O cachimbo aceso caiu sobre o lençol da cama, provocando um incêndio. Joana Maria acordou com o corpo em chamas, gritando por socorro. Somente depois que estava quase desmaiada e o fogo tinha tomado conta de quase todo o seu corpo, apareceram funcionários do hospital e apagaram as chamas.

Com queimaduras graves, a vítima foi levada para o Pronto Socorro do Hospital Getúlio Vargas, mas ali morreu minutos depois. A família da vítima pede providências no sentido de apurar o fato.

Garrafa de cachaça provoca assassinato

Por causa de uma garrafa de cachaça, o estudante Marcos Luciano Ferreira, de 18 anos, foi assassinado pelo comerciante Apolônio Pereira da Cruz. O crime aconteceu na manhã do último domingo, na residência da senhora Antônia Leão de Sousa, na rua Alto Longá, zona norte.

Não passava de 7 horas da manhã quando o estudante procurou o comerciante Apolônio Pereira para comprar uma garrafa de cachaça Piu. O comerciante disse que não vendia a bebida porque era muito cedo, o que deixou o estudante revoltado, chegando ao ponto de sacar uma pequena faca e investir contra o comerciante para agredi-lo.



Incêndio criminoso acaba com galpão

Um incêndio criminoso interrompeu num galpão situado na rua Henrique Dias, 710, de propriedade do Sr. Osório Ferreira do Valle. A mulher Francisca Ferreira de Oliveira, residente ao lado do local, do incêndio, foi presa por policiais do 3º Distrito como sendo a autora do crime. Os prejuízos foram grandes, mas o proprietário ainda não avaliou o total.

Vários objetos foram queimados pelas chamas, que se alastraram rapidamente, atingindo inclusive as residências vizinhas. O Corpo de Bombeiros foi chamado ao local, para debelar o incêndio, caso contrário tudo seria destruído.

Elias Eshbão da Costa Valle, filho do proprietário, compareceu à Central de Polícia e registrou queixa durante o plantão da Delegacia do 7º Distrito Policial.

O delegado Francisco Luz interrogou a mulher Francisca Ferreira de Oliveira, que foi presa por policiais do 3º DP como acusada de ter jogado fogo no galpão, provocando o incêndio. Vários materiais foram destruídos e uma grande parte da construção. O caso está sendo apurado pelo delegado do 3º Distrito Policial, Luis Evangelista.

Também foi preso antecorrem o estudante José Vieira da Silva Filho, 17 anos, co-autor de um crime contra Antonio Ferreira da Silva, de 20 anos, fato ocorrido nas proximidades do Albertão. O suspeito do crime conseguiu fugir antes que a Polícia chegasse ao local. As vísceras da vítima ficaram expostas, em consequência da violenta facada que sofreu.

PODER JUDICIÁRIO DO PIAUÍ

JUIZ DE DIREITO DA SEGUNDA VARA CIVIL DE TERESINA

Edital de Leilão com prazo de 15 (quinze) dias, dos bens penhorados nos autos do processo de execução nº. 5768, movido pelo Banco do Brasil S.A., Agência de Teresina, contra Gilson Portela Vale, na forma abaixo:

O DOUTOR BERILO PEREIRA DA MOTA, Juiz de Direito da Segunda Vara Civil desta cidade, e Comarca de Teresina, Capital do Estado do Piauí, teor título e nomeação legal, etc.

FAZ SABER aos que o presente Edital vierem ou dele conhecimento tiverem, que no décimo sexto (16º) dia a contar da primeira publicação deste em jornal de ampla circulação local, será levado a hasta pública para venda a quem maior lance oferecer a cima de avaliação Judicial dos seguintes bens: I. Um (01) Cicloergômetro, a corrente elétrica, 110/220 volts, construído de bicicleta e orgômetro, marca "FUNBEC", avaliado em Cr\$ 19.000,00 (dezenove mil cruzeiros); II. Um (01) Desfibrilador Cardíaco, marca "Cambridge", a corrente elétrica, 220 volts, avaliado em Cr\$

Digitizado com CamScanner

Anexo 5

8. TERESINA/SEXTA/17/06/94

Detentos são internados

O Setor de Plantão do Hospital Psiquiátrico Arrolino de Abreu informou que os detentos da Penitenciária Major César de Oliveira com problemas mentais têm atendimento normal quando são internados. Os presos chegam no hospital acompanhados de agentes, são examinados pelos médicos e podem ser liberados. Se for o caso de internação, o preso é encaminhado para o setor de internação, onde recebe alta. A alta é dada pelo médico quando o paciente está recuperado de um episódio e não quando está curado, informa o Setor de Plantão. O período médio da internação dos detentos é de 30 dias. Após a recuperação da crise, os médicos fazem uma reunião com os enfermeiros que devem avaliar o estado dos detentos e encaminhá-los para o Setor de Plantão do Hospital, que telefona para o preso, que retorna à prisão.

TTN Cursos Preparatório - CONTABILIDADE
15 Vagas - Fone: 212-3089 - Início: 20/06/94

GERALDO CRUZ E SILVA



MISSA 02 MESES

Os familiares de GERALDO CRUZ E SILVA convidam parentes e amigos para a missa do 2º mês de seu falecimento a ser celebrada hoje dia 17.06.94 às 19:00hs na Igreja de Santa Gemma Galgani no bairro Macaíba. De já agradecem a todos que comparecerem a este ato de fé e piedade cristã.

MISSA - CONVITE

EURÍPEDES DE ARAÚJO LEAL e família convidam a parentes e amigos para participarem da MISSA do 1º Ano de falecimento de sua inesquecível ALMIZA DE OLIVEIRA LEAL, que se realizará às 19:00 horas, do dia 17.06.94, na Igreja de São Raimundo, bairro Piçarra desta Capital. De logo, agradecem a todos que comparecerem a este ato de fé e piedade cristã.

CONVITE MISSA

O prefeito Pedro Henrique de Araújo Leão Costa, que está profundamente conternado com o falecimento de sua esposa Valmíria Campos Saraiya Costa, primeira-dama do município de Alto Longá, juntamente com a família, filhas, genros, noras e netos, convidam parentes e amigos para a missa de 7º Dia que mandarão celebrar em sufrá-

JUSTIÇA/SEGURANÇA

Prisão de doentes mentais é ilegal em penitenciária

São 16 deficientes que permanecem confinados na Major César ilegalmente

A permanência ilegal de 16 doentes mentais presos na Penitenciária Major César de Oliveira, em Mossoró (RN), está provocando transtornos na instituição. Os doentes mentais, em sua maioria não-somáticos, estão querendo colchões, querendo calças, parafusos, calçados e abrindo brechas nos banheiros da prisão para tentarem fugir. Eles tomaram conta de quatro alojamentos e ocupam a cela para 20 detentos, cada, abandonados na penitenciária.

O diretor interno da Penitenciária Major César de Oliveira, Edmar Sales de Oliveira, disse que os doentes mentais colocam sua vida e dos agentes penitenciários em risco. Ele falou que os doentes mentais são manipulados pelos detentos comuns para que simulem tentativa de fuga para subornar os presos que realmente querem fugir. "O doente mental corre o risco de ser atingido por uma bala disparada pela segurança porque pode ser confundido com um detento comum em fuga", declarou.

A permanência dos presos na Penitenciária Major César de Oliveira é totalmente ilegal tendo em vista que é uma colônia agrícola penal destinada a abrigar presidiários com penas leves e condenados a regime semi-aberto, o que não é o caso. Inclusive, esses detentos que têm problemas psicológicos sequer foram julgados. Eles nunca deveriam ter ido para a penitenciária. Deveriam estar no Hospital Arrolino de Abreu ou no Sanatório Mediano para receber o tratamento adequado", diz o presidente do Sindicato dos Policiais Civis Penitenciários e Servidores da Justiça.

Segundo ele, em decorrência do comportamento dos internos doentes mentais foram queimados colchões, danificadas paredes, portas, cadeiras, que devem ser "reparados o quanto antes".

A situação da Penitenciária Major César de Oliveira é dramática. Há grades de cota calças, parafusos, parafusos rachaduras, o pavilão para atendimento está abandonado, os banheiros



Doente mental ocupa alojamento com capacidade para 20 presos

quebrados e as lâmpadas dos corredores estão sendo furadas pelos próprios detentos. A Penitenciária tem capacidade para 280 detentos, mas só tem 123 presos. A Major César de Oliveira tem em sua quadra 200 funcionários, a maioria cedida para Prefeituras Municipais e outros órgãos públicos.

Os prejudicados mentalmente dormem em camas de cimento sem colchões e alguns ficam isolados. A penitenciária não possui ambulatório, enfermeiro e psiquiatra para o tratamento dos detentos com problemas mentais. "A Secretaria de Justiça tenta que colocar um psiquiatra de plantão aqui, diretamente, todos os dias. Aqui o chefe de grupo é chefe de segurança, enfermeiro, médico, cozinheiro, é tudo. Todos são correntes e não de ser atingidos por uma pedreira, um caco de porcelana, que além de trabalharmos com detentos de alta personalidade, ainda convivemos com 16 loucos", afirma o chefe da Segurança da Penitenciária Major César de Oliveira, Deuclê Soares Araújo.

Há caso na penitenciária como o de Expedito José Gomes que está no local há seis anos acusado de ter assassinado o palatine, mas nunca foi processado. O detento José Maria da Costa Araújo, 31 anos, disse que foi transferido para a Penitenciária de Parnaíba para a Major César para tratamento psiquiátrico no Hospital Arrolino de Abreu, recebeu alta e agora permanece na prisão sem nenhuma previsão para voltar à sua cidade. Ele está preso há três anos acusado de ter assassinado um homem em Parnaíba.

Edson Ferreira da Silva estava ontem apinhado e preso sozinho em um alojamento com capacidade para 20 pessoas. Ele já tinha queimado colchões e tentado derrubar uma parede. Ele está preso acusado de agressão contra a família.

"Quando eles (doentes mentais) estão com problemas mais graves a gente procura internar no Hospital Arrolino de Abreu. Eles passam dias internados e voltam duplados com medicamentos até acabar o efeito.

PF pre-traffic de mar

Agentes da Polícia Federal preparam a prisão de um traficante de drogas, acusado de ser o chefe de uma quadrilha que atua no litoral pernambuco. O agente da Polícia Federal, Carlos Augusto de Almeida, disse que o traficante, conhecido como "Zé Gato", é um homem de 35 anos, solteiro, branco, com altura média, olhos castanhos e cabelos escuros. Ele é acusado de ser o chefe de uma quadrilha que atua no litoral pernambuco, com base em informações de fontes confiáveis. O agente da Polícia Federal, Carlos Augusto de Almeida, disse que o traficante, conhecido como "Zé Gato", é um homem de 35 anos, solteiro, branco, com altura média, olhos castanhos e cabelos escuros. Ele é acusado de ser o chefe de uma quadrilha que atua no litoral pernambuco, com base em informações de fontes confiáveis.

Gangue de...
...no RJ

Digitalizado com CamScanner

Anexo 6

JORNAL O DIA
Domingo, 23/maio/2010

GERAL

3

HISTÓRIA

Sanatório Meduna: o sonho de um "Dom Quixote"

O sonho do psiquiatra Clidenor de Freitas Santos é um marco na história da saúde mental no Piauí

Marco Vilarinho
REPORTER

Encravado numa área criticamente arborizada de 20 hectares, o Sanatório Meduna não terá suas portas fechadas, como muitos assequearam - segundo o diretor administrativo e financeiro da instituição, Raimundo Rodrigues dos Santos Neto. Localizado no bairro Bonferrando, zona Norte da cidade, o hospital psiquiátrico passa por uma situação difícil, em razão das dívidas com o fisco. Para tentar sanar o problema, a direção da casa colocou à venda metade da propriedade. Hoje, o número de pacientes chega a 36, 20 internos pelo SUS - Sistema Único de Saúde - e 16 por outros convênios.

Em decorrência da iniciativa do Ministério da Saúde de desospitalizar os doentes mentais, o Meduna passará a receber apenas pacientes particulares ou com outros convênios, já que o SUS, a partir deste domingo, 23, põe fim ao contrato de internações. Impenitente - como que resguardado pelo Dom Quixote, em bronze, que representa os visitantes - o prédio parece adormecido em algum livro do passado, uma bela história que teve início com o espírito humanitário do primeiro médico psiquiatra Clidenor de Freitas Santos.

Imenito, para se ter real



IMPONENTE O casarão remete ao passado; o ar de tranquilidade esconde o sofrimento de quem viveu e morreu lá

compreensão dessa história, é necessário retroceder no tempo, para a primeira metade do século XX, com seus encantos e mazelas ao assumir o mandato de Governador do Estado, em 5 de dezembro de 1907, em razão do falecimento de Álvaro Mendes, o médico e jornalista Arcelino Antonio de Abreu - que era vice - tem como principal meta a construção de um asilo para doentes mentais, como um gesto de caridade para acolher esses desvalidos, muitos vezes abandonados pelas famílias - que os deixavam va-

gando pelas ruas, sob sol e chuva. Batizado de "Asilo de Alienados", o prédio foi inaugurado em 24 de janeiro de 1907, passando a ser chamado de "Asilo de Alienados Arcelino de Abreu", sob a direção de Marcos Pereira de Araújo.

Com o passar dos anos, as condições higiênicas dos cômodos do asilo foram se agravando, notadamente, em virtude do pequeno espaço - no qual os doentes deveriam fazer suas necessidades fisiológicas - sair do centro do próprio quarto e ser completamente aberto.

O que não foi esquecido foi a colocação em todos os quartos, e até no pátio, nos troncos de cajueiros, de pesadíssimas correntes destinadas às pernas dos doentes. Essas pobres criaturas, muitas andavam nuas, eram vistas como animais, até mesmo por alguns profissionais de saúde.

As famílias que internavam seus doentes - na maioria das vezes - os espantavam, não mais visitando-os ou mantendo qualquer contato. Outras mais recomendavam seus parentes a médicos, mas isolando-os do

convívio. Um dos objetivos desse isolamento era esconder essa "mancha" da família para a sociedade, já que poucos pais se acenturavam a entregar seus filhos para contrair casamento com alguém que tivesse parentes acometidos de loucura. O preconceito era intenso, sufocando-se dele apenas aqueles poucos ricos que, aos olhos dos muitos abastados, passavam como célebres.

A situação desses doentes só viria a ser modificada a partir de 1940, quando o médico Clidenor de Freitas Santos as-

sume a direção do asilo e tenta por em prática métodos em voga em outras instituições da época. Elabora um relatório de grande valor histórico a respeito das condições físicas do asilo que apesar das reformas já realizadas ainda eram precárias. Decidiu a mudar a vida daqueles esquecidos, faz um relatório com uma série de modificações que, a seu ver, favoreceriam hospital e doentes.

Entre as sugestões está a alteração do nome da instituição para "Hospital Psiquiátrico Arcelino de Abreu", novos métodos de tratamento e retirada das correntes; introduz novas práticas como convulsoterapia cardiorrética, de Von Meduna, Malaroterapia, insulino-terapia e a partir de 1947 a eletroconvulsoterapia. Mas essas modificações seriam coronadas com a construção do Sanatório Meduna, inaugurado em 21 de abril de 1954, indo para lá o primeiro aparelho de eletroconvulsoterapia construído no Brasil.

Para alguns observadores, o Meduna parece uma cidade montada, erguida no alto de uma colina, afastando-se o rio Poti. São 1.356 metros quadrados de área construída, oito pavilhões ligados por alas cobertas; dois internos, pátios, um colchão; um edifício com dois andares, 120 leitos.

Um visionário marcado pela

Livros: a grande paixão do médico

Digitalizado com CamScanner

Anexo 7

particular interesse. Declarou, entretanto, tendo de sua candidatura ao governo do

que as oposições só marcarão conveniência a chapa do governo.

...
desequilibrado dep. Maria Corrêa comp N. Declarou ter lançado a candidatura Fernand e Lustosa para vice. Disse mais estava com ele e que tinha coordenado

nos certificamos que este Maria Corrêa to. Quer lançar candidaturas! O dep. restigio, só visa um objetivo — obter os ustosa para com eles poder se reeleger. Maria Corrêa que as oposições façam o que lhe interessa é a sua reeleição e

Maria Corrêa — o Gal. Ademar, não na 3.ª página)

REDESTE DO BRASIL S. A.

DITAL N.º 2

NDIDATOS AO CONCURSO PARA R DE ESCRITÓRIO

sara conhecimento dos interessados, para AUXILIAR DE ESCRITÓRIO fide, no edifício da Escola Normal al Deodoro, nos dias e horas se-

bril corrente, sábado:

14 às 15 horas;
3.ª FASE — Das 15,30 às 17 horas.

il corrente, domingo:

ERICIAL — Das 8 às 9 horas;
ANCARIA — Das 9,30 às 10,30

Das 11 horas em diante.

o comparecer com a antecedência minutos ao horário acima fixado, das de inscrição e de caneta-tintardatários não será permitido ada.

los candidatos para o que presdo Edital n.º 1, a respeito das realização das provas.

bril de 1954.

ESTE DO BRASIL S. A.

fácio de Sousa tendente.

O VITORIOSO DO MEDUNA

Órgão Independente, Noticioso e Político

J. Fernandes do Rêgo

LOUIS JACOLLIOT, nos conta, no seu livro "Voyage au pays des perles", interessante episódio de faquirismo, ocorrido em Celão, em que um faquir, depois de exercitar suas habilidades, que, aos olhos do ocidental, parecem sobrenaturais, respondendo a uma pergunta sobre os poderes secretos de seu poder, afirmou que todo ele era o resultado, unicamente, da conjugação de todas as suas forças intelectuais, morais e físicas, na formação da vontade.

A resposta do mago oriental explica, de modo bastante razoável, o milagre que representa, em nosso meio, a construção do Sanatório Meduna, portentoso monumento arquitetônico, erigido pelo gênio de Cildenor de Freitas Santos que, mesmo rodeado da descrença de muitos, da indiferença de tantos e da má vontade de não poucos, não cedeu um milímetro do ideal que o abraça de servir a nossa terra, recuperando braços e inteligências para ajudarem no trabalho em prol do seu engrandecimento.

Realmente, a inauguração do Sanatório Meduna nos oferece ensaio para que reflitamos no muito que pode realizar, mesmo sozinho, um homem decidido a usar, na consecução dos seus nobres fins, as armas de sua fé e as energias do seu espírito público. O Meduna é, sem dúvida, do ponto de vista estritamente material, a maior realização, de iniciativa pública ou privada, já empreendida no Piauí, desde a chegada de Mafrense. E não o edificou uma personalidade rica, que dispusesse de recursos para afastar os impecilhos que uma tarefa desta ordem encontra a toda hora. Muito ao contrário. Estamos diante do resultado vitorioso do trabalho de um indivíduo pobre, que, na construção desse hospital, inverteu suas economias particulares, os proventos do seu árduo labor e teve que fazer uso amplo do seu crédito, dando, assim, mostra de sua confiança no futuro da nossa terra e na compreensão de todas as pessoas de boa vontade.

E' justo, pois, que nos re-

gozemos todos com a conclusão e inauguração do Meduna. Justamente quando o Piauí começa a tomar consciência de que urge superar as ridículas e irritantes lutas políticas de fundo estritamente pessoal, que, há tantos anos, dividem os seus filhos, e encarar de frente os problemas do seu porvir, que se apresenta sob os signos menos auspiciosos, no quadro de um Brasil em que o Sul se enriquece a cada passo, de recursos materiais, de técnica e de braços alienígenas, enquanto o Norte se exaure com emigração dos seus filhos melhores, com a dizimação dos seus rebanhos, com a derrocada de seus produtos extrativos, mantidos, apenas, por financiamentos passageiros e, sobretudo, por uma falsa compreensão do significado da vida pública aqui considerada como uma pugna, nem sempre incruenta, em que, para derrotar o adversário, não se hesita mesmo em aniquilar ou comprometer seriamente os destinos da comunidade.

E', pois, uma grande lição

— Sim, doutor Hugo, meus sapatos!!...

— H'ome e onde diabo você deixou seus sapatos — perguntel-lhe, novamente, intrigado com aquela história. — Você tem certeza que veio mesmo calçado?

— Vtm, nhou sim, mais ti rei e deixei ali debaixo daquela mesinha cum os outros!!...

— E foi assim, meu caro, continuou o dr. Hugo, que ele me contou, detalhadamente, os pormenores que eu ignorava desta história que pude compreender porque o Ranulfo ficou sem os seus sapatos. Vi que ele pensava que a história do Museu, agora, era moda no Rio de Janeiro. Tive, altas horas da madrugada, que despachar o meu motorista atrás dos sapatos do Ranulfo...

E terminando, soltou uma última bafarada na suaadeira dourada:

— Eis aí, meu caro jornalista, a razão por que não me animo em convidar os meus conterrâneos. Basta os apertos que passei com os sapatos do Ranulfo...

que o Meduna nos ensina: lição de esperança nas virtudes do trabalho, de confiança no sucesso dos homens de bem, de coragem no enfrentar os revezes passageiros ou os obstáculos que se opõem a todas as iniciativas verdadeiramente arrojadas e inovadoras.

Em página imortal afirma-nos Tácito que a riqueza das nações não se avalla pelo número dos seus navios (Continua na 3.ª página)

Anexo 8

O DIA

Mãe diz que filho foi assassinado no Meduna

antes

coltei o e
ascimen-
ngel Fei-
28 anos.
es infor-
residem
são ven-
Simões.
tem em
os e au-
e se en-
da Justi-

"Meu filho foi espancado e morto no Hospital Meduna", foi o que disse ontem aos prantos à reportagem de O DIA, a doméstica Antônia Alves Pereira, casada, de 57 anos de idade, residente no bairro Vila São José da Costa Rica, à Rua Colômbia, nr. 3669, zona sul de Teresina. A vítima foi o doente mental Ângelo Celso de Souza Monteiro, de 18 anos de idade, que deu entrada naquele hospício, localizado no bairro Cabral, no dia 11 de maio último.

D. Antônia disse que ao visitar o filho no último sábado, foi surpreendida ao encontrá-lo deitado em uma cama, sem poder se avan-

tar, pois estava com uma das mãos quebrada e com visíveis marcas de violência pelo corpo, principalmente no pescoço, como se alguém tivesse tentado matá-lo enforcado. Ainda falando, embora com muita dificuldade, o doente mental disse à sua mãe que um homem havia tentado tirar a sua roupa e como ele não aceitou, foi brutalmente espancado. A doméstica disse que procurou saber junto aos enfermeiros o que havia acontecido com o seu filho, e todos disseram que nada sabiam sobre o caso.

Na última quarta-feira, por volta das 7 horas da manhã, D. Antônia disse que foi novamente surpreendida com a chegada de um funcionário do Meduna, em sua casa, para comunicar o falecimento de Ângelo Celso. O corpo da vítima, apesar de apresentar visíveis marcas de violência, foi liberado para o sepultamento, como se tivesse ocorrido morte natural. D. Antônia, que reside em um casebre da Vila Costa Rica, comentou que em outra oportunidade que Ângelo Celso esteve naquele hospício, foi violentado, mas uma assistente social pediu a ela que não comentasse o fato.

Briga de lavradores deixa saldo

Pol
Est
do
der
ser
cor
a o
dal
da,
11
dos
ser
de
che
os
rata
do,
ter
Pia
Car
se e
Pa

Anexo 9

Louco morre de fome após fugir do Meduna

Faminto e agonizando, o débil mental Francisco Aguiar de Oliveira, foi encontrado por seus parentes já quase morto no centro de Teresina, depois de ter fugido do Hospital Meduna. Ele ainda foi encaminhado para o Serviço de Pronto Socorro do Hospital Getúlio Vargas, onde chegou a morrer antes de receber os primeiros socorros. O caso foi comunicado ontem ao plantão do 3º Distrito Policial, na Central de Polícia, pelo cunhado de Francisco Aguiar, Francisco Alves de Oliveira. O débil mental havia fugido do Meduna há vários dias. Quando souberam que o deficiente havia fugido, seus familiares saíram a sua procura, só chegando a alcançá-lo quando ele estava prestes a morrer.

Página 9

Menor raptado depois de briga com os vizinhos

O menor Hermílio da Costa, residente no Centro Alvaro de Graça, localidade que fica na Zona Leste de Teresina, foi raptado ontem, segundo denúncia feita por seu tio Mariano Ferreira da Costa.

Informou que o menor desapareceu de casa as 15 horas, depois de uma briga com vizinhos. "O menino foi levado por dois homens que se diziam policiais", disse, angustiado, Mariano Ferrei-

o garoto para o Juizado de Menores, porque tinha brigado". O denunciante disse que procurou Hermílio no Juizado de Menores, mas não o encontrou. "Fui também em todos os Distritos Policiais da cidade procurar o menino, mas não encontrei". Ontem mesmo a Polícia iniciou as investigações para saber o seu paradeiro. Mariano Ferreira informou que o pai de Hermílio, conhecido por "José Manoel", até ontem a noite ainda não

ODIA

ANO XXX Teresina (PI), Quinta/Sexta-feira 18/19 de Junho de 1.981 * Nº 7.577 * Cr\$ 20,00
Brasília Cr\$ 25,00



Anexo 10

Médico esclarece denúncia

O médico Lindomar Freitas Santos, diretor técnico do Hospital Meduna, compareceu ontem à redação de O DIA para dizer que o paciente Ângelo Celso de Sousa, de 18 anos, não morreu por causa dos maltratos dos funcionários de seu hospital, conforme denunciou a família do jovem. Segundo Lindomar, "O paciente morreu em consequência de uma febre e do descaso de sua família que não o removeu para um hospital que dá tratamento clínico." Filho do fundador do hospital Meduna, Clidenor de Freitas Santos, que *aboliu* no Piauí a tortura aos pacientes com desequilíbrios mentais, Lindomar garantiu que ninguém antes havia denunciado maltratos aos pacientes do Meduna "simplesmente por que esta não é a prática do hospital".

O diretor do Meduna explicou que o paciente Ângelo morreu dentro do hospital, não apenas vitimado por uma febre. "Nós comunicamos aos familiares do paciente que ele estava com febre e precisava ser removido para um hospital que desse tratamento clínico. Eles responderam que não tinham condição e que não iriam fazer isto", disse Lindomar, acrescentando que o paciente "não morreu exatamente por causa da febre, mas por conta de alguma infecção interna, já que a febre é apenas o sintoma de um problema mais grave." Lindomar também disse que Ângelo não era um louco violento, pois ele "sofia de oligofrenia", o que permitia aos funcionários do Meduna o tratá-lo sem o uso da força. Disse ainda que o paciente já havia sido internado por 16 vezes no Meduna e, para provar que ele não sofreu nenhuma fratura no hospital, é capaz de pedir uma autópsia, caso a família insista. "Na verdade, os parentes do paciente pouco o visitavam no hospital", concluiu Lindomar.

Anexo 11

Médico agride mulher no Meduna

Não fez o almoço na hora e ganhou umas pauladas do filho

Ante de 18 anos é agredida a pauladas pelo próprio filho e se encontra em estado desesperado no Hospital Getúlio Vargas.

Por atrair o preparo do almoço, a Sra. Maria Rodrigues do Nascimento, quase ecstática, recebeu tremenda surra de porrete de seu filho Geraldo Dias da Silva, 16 anos, idoso pela própria mãe) fato este ocorrido no interior de um casebre situado à Rua da Recatada 150 no bairro do Pau Ferraz.

Geraldo Dias da Silva é anormal, com várias entradas no "Meduna", casa de tratamento de doenças mentais sem ter encontrado o menor sinal de lucidez. Ao chegar em casa, por volta das 12 horas, sentou-se num casebre que substitui a mesa de refeições no misero casebre onde reside com sua velha mãe, e aos gritos proclamava fome e exigia urgência do almoço. Frustrado e sardinha que trouxera, Maria ultimando a lavagem de umas roupas de sua frequência, demorou-se, o que o irritou, passando dos gritos e xingamentos à agressão.

QUASE MATRICIDA

Munido de um pedaço de madeira, Geraldo investiu contra sua velha mãe e desferiu-lhe pancadas na cabeça, costas, braços e pernas, deixando-a inconsciente já no quintal da palhaça.

Aleatados pelos gritos da mãe, vários vizinhos foram ao local, onde chegaram a tentar pegar o "filho maldito" não logrando êxito, pois o mesmo saiu em desabalada carreira, reencontrando-se até o momento forçado. Sendo que a mãe vive sozinha com o filho, tendo como meio de vida a lavagem de roupas. A Sra. Cláudia de Souza levava-a de taxi para o Hospital Getúlio Vargas, onde, na indigência, recebeu os primeiros socorros e ficou internada em uma enfermaria que inspira cuidados, sendo ainda a dona Cláudia que providencia os medicamentos.



Maria do Carmo: os hematomas da agressão

Agosto tem início com três viradas de onibus no Piauí

Confundindo a sua tradição de três viradas, sempre cheio de ocorrências desastrosas, o mês de agosto Piauí e no Maranhão, um deles com um ônibus da Lader e de grandes proporções, em Luís Correia, ocorrido às 17 horas e 30 minutos de ontem, deixando 11 feridos, alguns passando muito mal no hospital de Parnaíba, para onde foram conduzidos.

O caso da Empresa Líder, de número 7 e placa AB 1268, dirigido pelo motorista Alfredo Ferreira Lima, no Km 6 da BR 349 provocou o acidente por abalouamento, paticamente confirmado, todavia, a relação dos passageiros feridos, em número de 11.

Saíram feridos, Maria Francisca de Sousa, Antônio Gomes

da Miranda Rito, Francisco Carvalho, Francisco Nogueira, honeste Maria dos Santos, Rita de Cássia Nascimento e Odílio Soares de Souza.

MAIS DOIS

Dois ônibus que haviam saído desta Capital, vilado passado, com destino a diferentes cidades do interior local, no município de Presidente Dutra, onde outros desastres já foram registrados. Até o momento, a Polícia Rodoviária Federal ainda não fornece o número oficial de vítimas.

Os coletivos pertencentes às empresas de transportes Tavares e Florentino, respectivamente, saíram de ontem dia do mês passado, em horários desconhecidos.

Apresentando várias hematomas no corpo, dizendo estar ainda em estado de choque da que levou de um médico compareceu à Rua de O Dia, ontem, acompanhado do marido, um irmão a senhora Maria do Carmo Meduna Rodrigues, 28 anos, funcionária do Maf residente à Av. Jacob Almeida, 206, do Porequante, declarando que foi barbaramente espancada pelo psiquiatra Moacir Monteiro de Sousa.

Maria do Carmo, que disse trabalhar há anos no Meduna, como servente, afirmou, também com seu esposo, que ouviu a narração da história de funcionários da mesma casa, que o psiquiatra Moacir Monteiro se estrangulou, além de bater com sua cabeça na parede. Em seguida o médico derrubou e o filho pontapé. Duas enfermeiras, Fátima Maria e Maria Lopes, enfermeira-chefe, pediram que deixasse a mulher mas ele não obedeceu, tendo uma delas corrido para chamar o administrador do Meduna. Mesquita. A vi foi trancafiada na cela, em seguida.

ALARIDO

Com a chegada do administrador o médico largou, em razão também, diz supor a vítima grande alarido que o fato provocou no Hospital. O médico mandou então que lhe aplicassem injeção, o que foi feito, e com o administrador Mesquita resolveram tranca-la na sua própria enfermaria. Nele Maria dos Santos começou chorar, então eles desistiram dessa ideia. Chegou uma médica, Miriam Rêgo, qual ficou por muitos minutos sem reação, nada com o fato.

Diz Maria do Carmo que queriam por ela levá-la para a casa da mãe do médico, a primeira principalmente desta, que disse que o filho enlouquecido, mas diz a vítima que preferiu que não se escondesse os fatos.

Mostrando-se completamente lúcida, trazendo nomes e detalhes, dona Maria do Carmo diz que tudo começou quando o médico disse a ela, a mãe dela e o pai eram todos loucos, e ela respondeu ao médico que ele era louco. Foi quando ele a agrediu, continuou, e que a casa da mãe do médico não conseguiram levá-la, tampouco, terminaram por tranca-la em quarto da cela.

Ali ela ficou presa das 9h00m aproximadamente, até às 18 horas, quando o marido, Batista Carlos Rodrigues, foi buscá-la, como costume.

Anexo 12

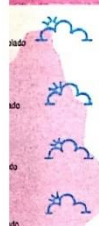
onça abertas nos dias 29, 30
coração das cadentes de
versão no dia 11
25,007621%
25,102504%

4.576,45
4.578,30
5.000,00
5.049,00
4.940,00
4.940,00
dólar para selamento a Cr\$
%

BM&F a Cr\$ 53.610,00 com
no de outo para dezembro na
13 337,20 e onça troy, baixa

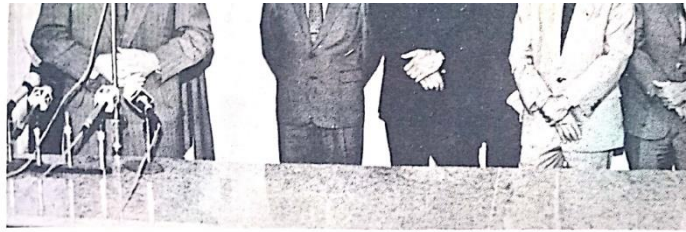
35.283,00

tipo pi na hoje



TEMPERATURA
Máxima: 36°
Mínima: 22°

rio de Meteorologia da
vira a liberação do
ano hora de ontem e 24



O ministro Antonio Cabrera durante a solenidade no Palácio Pirajá

oportunidade, afirmou que estes recursos servirão para resolver alguns problemas, "mas ainda não são suficientes." O ministro Cabrera, por sua vez, disse que "o atendimento ao Nordeste com investimentos em projetos que incrementem a produção de alimentos e consolidem a infra-estrutura da atividade agrícola fazem parte das ações prioritárias do Governo Federal." O ministro também anunciou o repasse de 55 mil cestas de alimentos mensais.

(Página 3)

Doente mental é morto dentro do Hospital Meduna

A família do doente mental Ângelo Celso de Souza Monteiro, 18 anos, está acusando um funcionário do Hospital Meduna de ter provocado a sua morte, através de espancamento. A denúncia foi feita pela doméstica Antônia Alves Pereira, 57 anos, que chorou bastante ao fazer o relato. Ela disse que seu filho, doente mental Ângelo Celso de Souza deu entrada no hospital que fica no bairro Cabral, no dia 11 de maio deste ano. Ela disse que ao visitar o filho no último sábado, se surpreendeu, pois o encontrou deitado e sem condições para se levantar, uma vez que sofreu fratura numa das mãos e apresentava também marcas de violência no pescoço, como se alguém tivesse tentado matá-lo através de estrangulamento. Ele relatou que foi espancado por um funcionário ao se recusar tirar a roupa.

(Página 8)

Prevenção contra a cólera é feita pela prefeitura

Para prevenir contra os riscos de cólera na capital, a Prefeitura de Teresina, através da Fundação Municipal de Saúde, está realizando trabalho de coleta de material em 13 áreas consideradas de alto risco, entre elas, nas proximidades das pontes dos rios Paranaíba e Poty. A informação foi prestada ontem pela coordenadora da Comissão Municipal de Combate à Cólera, Marília Futino. Também serão coletadas amostras no final da galeria do bairro São Pedro, no bairro Cabral em frente a OAB, no bairro Promorar, no Parque Rodoviário e na localidade Areias. Marília Futino afirmou que toda a população precisa ficar atenta aos riscos de contaminação, com os cuidados básicos de higiene que são de fundamental importância, principalmente na periferia da cidade.

(Página 2)

Posto Gas Val faz promoções aos clientes

Quem foi o campeão mundial de Fórmula 1 de 1991? A resposta vale um mini-fórmula 1 com motor de verdade. Para participar desta promoção basta que os proprietários de veículos abasteçam no posto Shell-Sabbá Gás Val, na avenida João XXIII, a alguns metros depois da Potycabana. A cada 20 litros de combustível, o dono do veículo tem direito a uma das quatro figurinhas que formam o poster Shell & McLaren - A Fórmula da Vitória. Após a formação do poster, este pode ser entregue no posto Gás Val, com o cupom devidamente preenchido com a resposta. As pessoas concorrem a 20 vídeo-games e ao mini-fórmula 1. O concurso vai vigorar até o dia três de outubro. A apuração será feita no Castelo da Fantasia, às 17 horas do dia quatro de outubro.

(Página 7)



O concurso da Shell tem aceitação

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE - FONE: 223-7665